



De Wall Street a Tóquio



SUBIDA DO DÓLAR E BAIXA DAS TAXAS DE JURO PROVOCA «RECORDES» BOLSISTAS

As Bolsas de Tóquio e Hong-Kong acompanharam, até ao fecho, esta manhã, a «explosão» registada ontem nos preços das acções em Wall Street, consequência do fortalecimento do dólar e da baixa das taxas de juro nos Estados Unidos. Trata-se, no caso das Bolsas do Oriente, das maiores subidas verificadas depois do «crash» de 19 de Outubro. Em Portugal, entretanto, e apesar de alguns sinais animadores, o mercado não acompanhou esta tendência altista.

Pág. 11

Em «Política de A a Z»:

Presidência aberta e intervenções presidenciais

Pág.3

Diário de Lisboa

ANO 67

N.º 22 632

Quinta-feira, 7 de Abril de 1988

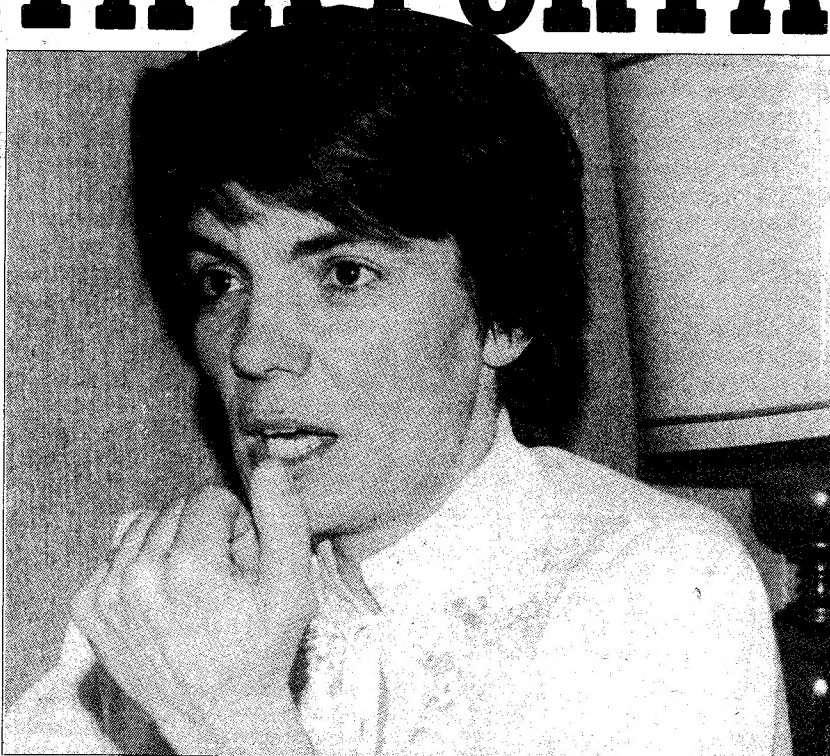
Preço 50\$00

CASO ZITA SEABRA

"ESCLARECIMENTO" DOS COMUNISTAS EM PORTA A PORTA

A direcção do PCP desencadeou uma espécie de «porta a porta» sobre Zita Seabra junto da generalidade dos militantes comunistas, soube o «DL» junto de membros do partido já abrangidos por esta nova acção informativa, que tem igualmente âmbito nacional. Mais extensa que a nota lida em fins de Março aos funcionários e quadros do partido, a nova circular sublinha, a dado passo, que o caso daquele membro da Comissão Política do PCP «continua em exame para ulterior esclarecimento».

Continua na pág 5



1921 - 1988

Um aniversário que se vive com confiança, com esperança

Nesta longa caminhada, e não ignorando o peso dos anos, o «Diário de Lisboa», orgulha-se de comemorar o aniversário da sua fundação fiel a si próprio: como jornal livre e independente. Dizíamos há um ano, que o jornal e os leitores formavam um corpo, que constituíam uma corrente cultural com projecção cívica. Queríamos dizer que o «Diário de Lisboa» era, com isenção e grande abertura, uma visão de opinião. Aberto à pluralidade das opiniões.

A informação, em si, sofre a concorrência de outros meios de Comunicação Social. O jornal é insubstituível como veículo da opinião (das opiniões) e da crítica (das críticas). Só a mensagem escrita permitindo, ou melhor, exigindo, a leitura atenta e a reflexão sobre o texto, tem um verdadeiro alcance cultural.

A concorrência dos outros meios de Comunicação Social é poderosa. A Imprensa é o parente pobre. E, na Imprensa, regista-se a vaga e a voga das publicações hebdomadárias. Para um jornal, como o «Diário de Lisboa» — o mais velho dos vespertinos lisboetas, esta viragem — no gosto da leitura do público e mesmo na tecnologia da produção do jornal — não é a primeira experiência renovadora que se repercute na sua vida.

Vida longa, repetimos. Por nós passaram revoluções e regimes, a paz e as guerras, períodos de autoritarismo e períodos de liberdade, a opressão da Censura e o direito à verdade.

Experiência com altos e baixos, mas pautada por critérios de responsabilidade, de pluralismo, de isenção, e pelo escrúpulo de sempre respeitar a diferença, de ver no outro não o adversário, mas, sim, o interlocutor. Ao diálogo compreensivo, embora crítico, se tem dedicado o «Diário de Lisboa».

Não há razão para não dar continuidade, no novo ano de publicação que se inicia, à orientação que, por mais de meio século, caracterizou o «Diário de Lisboa».

E é aos leitores que são seus amigos e para os amigos que são seus leitores, que, ao dobrar a esquina deste aniversário, preparado para as dificuldades da jornada, se dá esta garantia. Com confiança, com esperança.

DL

AFEGANISTÃO ACORDO DE PAZ ESTÁ IMINENTE

depois de Washington e Moscovo terem concordado em continuar a fornecer armas às duas partes

Pág. 77

Gorbachev

Najibullah

Os parabéns do Presidente



Do Presidente da República, Mário Soares, dirigido ao nosso Director, recebemos o seguinte telegrama: «Na passagem do 67º aniversário do seu jornal quero apresentar-lhe, bem como a todos os jornalistas e demais trabalhadores, as minhas calorosas felicitações e desejar ao «Diário de Lisboa» as maiores felicidades ao serviço de uma Informação independente, pluralista e isenta»

HOJE: 96 PÁGINAS



Da troca desigual à ilusão jurídica

Mario Mesquita

O desequilíbrio norte-americano em matéria de comunicação social não se limita ao fluxo noticioso veiculado pelas agências, nem à comunicação escrita que, «não obstante o papel de referência que desempenha em muitos países, não representa hoje mais do que cerca de 10 por cento dos fluxos de informação no mundo». Tão-pouco se confina à informação mediatizada. Esse desnível abarca — além dos dados económicos e financeiros e da informação científica e técnica — toda a vasta área dos produtos das indústrias da cultura e dos programas da difusão cultural.

A Comissão MacBride considerou que «os países desenvolvidos absorvem o melhor da cultura (música e dança, especialmente) dos países em vias de desenvolvimento; estes últimos recebem em troca aquilo que, segundo qualquer critério objectivo, se pode considerar como o pior que produzem os primeiros». Deste modo, a teoria da «troca desigual» — para usar a expressão de Samir Amin — aplica-se, também, à área cultural.

É o debate da «cultura de massas» e da sua função niveladora e empobrecedora que se transfere para o âmbito das relações internacionais. Transposta para essa dimensão, a problemática da «industrialização» dos produtos culturais, converte-se no tema da «invasão cultural», para recorrer-mos à terminologia de Paulo Freire, que começa na escolha e na utilização do idioma e se prolonga através do consumo dos media.

Esta dimensão do debate assume elevado conteúdo emocional, na medida em que se liga, directamente, à afirmação de uma «identidade cultural» pelas recém-formadas nações africanas e asiáticas, que se queixam de um efeito aniquilador dos produtos de exportação ocidental em relação às expressões características da sua cultura tradicional, bem como da insensibilidade dos agentes dos países industrializados face aos seus valores próprios.

O comércio da comunicação

«Uma nova ordem internacional no domínio da informação e das comunicações de massas é tão importante como uma nova ordem económica internacional» — afirma-

vam, a meados dos anos 70, os porta-vozes dos países não-alinhados. Economia e informação são encaradas, nesta óptica, como verso e reverso da mesma medalha do subdesenvolvimento.

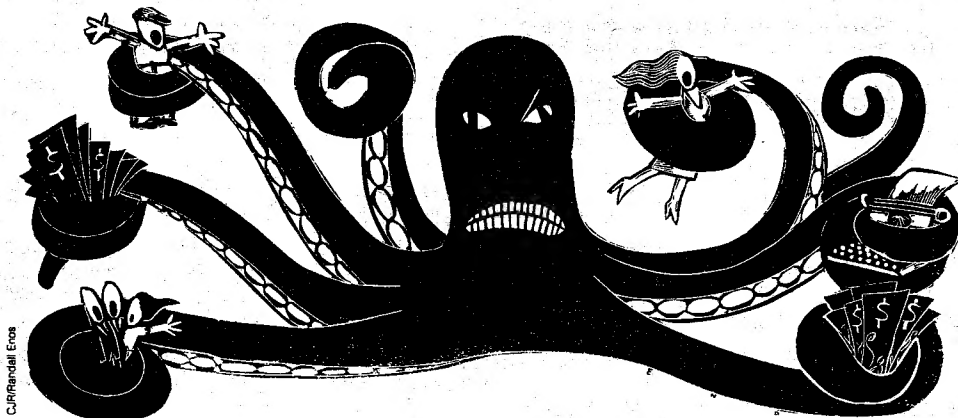
As agências noticiosas e a indústria cultural dos países ocidentais eram perspectivas como instrumento de uma política de expansão económica, desbravando novos «mercados para os produtos provenientes dos países desenvolvidos», através da difusão de padrões de vida e modelos de consumo inadequados à situação do Terceiro Mundo.

Nesse sentido, o relatório MacBride refere que, «no plano internacional, surgem novas estruturas de comunicação que reflectem os estilos de vida, os valores e os modelos de um pequeno número de sociedades e que tendem a generalizar a nível mundial certos tipos de consumo e modelos de desenvolvimento de preferência a outros».

As visões ideológicas mais radicais chegam a negar o sentido da distinção entre a informação jornalística e não-jornalística. Deste ponto de vista, «a função informativa das agências noticiosas é uma cortina de fumo destinada a esconder a sua verdadeira função, a qual consiste em popularizar no mundo subdesenvolvido o estilo de vida dos países capitalistas e, desse modo, despertar o desejo de comprar e consumir os produtos desse mundo capitalista; em resumo, elas são a vanguarda dos anunciantes». (formulação de J. Herbert Altschull in «Agents of Power», New York, Longman, 1984, p.228)

Colocando-se embora numa posição mais moderada, o relatório MacBride combate a «comercialização da comunicação», por considerar que «as preocupações e os interesses comerciais na informação, nos tempos livres e na cultura, tal como são hoje organizados em diversas regiões do mundo, criam relações na área da produção com o público, cujos gostos e necessidades interpretam».

Alguns dos comentários e declarações de voto do especialista norte-americano Elie Abel, contidas no relatório MacBride, prendem-se com as críticas à natureza comercial dos media ou à publicidade como forma de financiamento. «A Comissão nunca dispôs de provas que apoiem a ideia de que as preocupações de natureza comercial exerçam necessariamente um efeito negati-



A concentração das empresas jornalísticas, segundo a Columbia Journalism Review

vo sobre as correntes de comunicação — sustentou Elie Abel. Pelo contrário, ela prestou homenagem à coragem do jornalismo investigativo, o qual só pode ser apoiado por órgãos de informação independentes que têm necessidade, para sobreviverem, de conquistar um lugar no mercado, e não de estarem nas boas graças dos dirigentes políticos.»

A visão do papel económico dos media contida no relatório MacBride é, pois, inconciliável com a perspectiva liberal.

A legislação inexequível

A mera alusão a uma «Nova Ordem» parece conter, implícito, um convite à criação de instrumentos jurídicos que possibilitem a respectiva aplicação. No entanto, as realizações no domínio legislativo estão longe de corresponder à solenidade da designação e à ambição do projecto. As concepções ideológicas divergentes entre os Estados tornam particularmente complexo qualquer avanço neste domínio. Isso explica que seja muito reduzida a tradução em medidas jurídicas da «Nova Ordem».

Anotar-se, a título exemplificativo, que a Comissão MacBride, a propósito do direito de resposta e do direito de rectificação, considerou que não era «oportuno nem realista propor a adopção de uma regulamentação internacional» nesse domínio, atendendo às «sérias divergências» existentes quanto às modalidades de exercício desses direitos nos diferentes países.

A hipótese de criação de um código deontológico internacional para os jornalistas não se revela exequível. Isso explica-se, não só pela dificuldade de consenso quanto à sua definição, mas também porque a exis-

tência desse diploma seria contrária à tradição dos países onde o funcionamento dos media se rege apenas pelo critério do mercado, não sendo aceitável conferir força jurídica a normas definidas por associações profissionais ou sindicais (Estados Unidos, Reino Unido). Tão-pouco se tem afigurado susceptível de concretização o estabelecimento de formas eficazes de acreditação internacional dos jornalistas.

A proposta soviética, formulada nos anos 70, com vista a responsabilizar os Estados «pelas actividades no plano internacional de todos os media sob a respectiva jurisdição» suscitou o repúdio, não só de meios oficiais e diplomáticos, mas também da comunidade jornalística dos países ocidentais. Na prática, apontava-se para o estabelecimento de uma ordem censória interestatal...

O jurista francês Fernand Terrou, especialista em direito da informação, sintetizou o problema, ao sustentar, que «num mundo dividido entre Estados e blocos de Estados, o direito internacional da informação revela a dificuldade, talvez insuperável, de conciliar as concepções muito diferentes do papel político da informação e das práticas jornalísticas, mas também mantém a esperança de ver triunfar os princípios da liberdade e da cooperação».

A análise da «troca desigual», a nível informativo, cultural e económico, correspondeu ao mérito do projecto da NOMIC, enquanto a sua principal fragilidade residia na ilusão voluntarista, hoje praticamente destruída, de transformar, por via jurídica, a desordem internacional da comunicação.

Próximo texto:

«A perspectiva ideológica: Bem de Estado ou mercadoria?»

Parlamento ontem e hoje

Começou o debate do "Pacote Agrícola"

A Assembleia da República está hoje a discutir um dos polémicos pacotes legislativos enviados pelo Governo ao Parlamento, o Pacote Agrícola.

Com o início da discussão das propostas governamentais sobre arrendamento rural e sobre emparcelamento e fraccionamento de prédios rústicos e de exploração agrícola, o Parlamento culmina uma semana de trabalhos dedicada predominantemente a questões da agricultura.

As duas propostas de lei, primeiras peças do Pacote Agrícola, serão apresentadas pelo Governo, não estando ainda confirmada a presença do ministro da Agricultura, que se poderá fazer substituir por um dos secretários de Estado.

A coincidir com o início da discussão do Pacote Agrícola foi anunciada uma concentração de agricultores junto do Palácio de São Bento, promovida pela CNA.

de carreiras aéreas entre o continente e o arquipélago.

Vitor Crespo, alegando inconstitucionalidade, decidiu não admitir esta proposta da Assembleia Regional da Madeira, o que levou os grupos parlamentares do PS e do PCP, e os deputados sociais-democratas eleitos pela Região Autónoma, a apresentar recurso à decisão do presidente.

O recurso foi rejeitado pela maioria PSD, embora estes cinco deputados tivessem votado contra e outros deputados da bancada social-democrata estivessem ausentes do plenário no momento da votação.

Também as outras impugnações a decisões do presidente de admitir outras propostas de lei foram apreciadas pelo plenário e todas rejeitadas, como era de prever.

Assim, as impugnações apresentadas pelo PCP às propostas

governamentais da Lei de Bases da Reforma Agrária, Arrendamento Rural, Emparcelamento e Cessão do Contrato Individual de Trabalho foram todas rejeitadas.

A impugnação ao pedido de autorização legislativa do Governo relativa à Lei de Bases da Reforma Agrária foi rejeitada pelo PSD e pelo CDS, embora contasse com a concordância dos restantes grupos e agrupamentos parlamentares.

As impugnações às propostas governamentais sobre arrendamento rural e emparcelamento foram rejeitadas pelo PSD e CDS, tiveram a abstenção do PS e do PRD e a concordância dos restantes.

A impugnação ao pedido de autorização legislativa do Governo para a revisão do regime jurídico da cessação do contrato individual de trabalho foi rejeitada pelo PSD e pelo CDS e te-

ve a concordância de todas as outras forças parlamentares.

A Assembleia da República aprovou por unanimidade o projecto de resolução apresentado pelo PS para a criação de uma comissão eventual para a análise das contas públicas entre 1972 e 1985.

Futebol para trabalhos

«Que dirá o senhor Primeiro-Ministro?», interrogava, divertido, um deputado da oposição que passeava ontem à tarde pelos corredores vazios da Assembleia da República «paralisada» pelo jogo de futebol transmitido em directo pela RTP.

O plenário foi suspenso até ao final do jogo, as comissões parlamentares praticamente não funcionaram, a própria conferência de líderes foi atrasada «por razões que todos podem inferir», como disse o presidente da Assembleia ao anunciar, no

plenário, o adiamento.

Deputados menos adeptos do desporto-rei comentavam, indignados, o facto de a Assembleia parar para ver o jogo, tendo em atenção as críticas de obstrução que o Governo lhe tem dirigido e, especialmente, tendo em conta que o plenário fora marcado a título extraordinário (quarta-feira não é dia de reunião), para «dar vazão» a uma série de propostas impugnadas.

Alguns diziam mesmo que, se os deputados podem suspender os trabalhos para ver o futebol, o mesmo privilégio deveria ter sido concedido a todos os funcionários públicos.

Pouco depois das 17 horas, o Palácio de São Bento voltou a registar a habitual animação, com o plenário a encher, os deputados a correrem para as comissões adiadas e o salão nobre, onde funciona o bar, a ficar vazio

Presidência aberta e intervenções presidenciais

①

DE Nafarros, Janeiro de 1988, data Mário Soares, o prefácio do segundo tomo das suas «Intervenções» no exercício do cargo de Presidente da República. Prosas elaboradas para serem ditas em ocasiões diversas, do cunho oficial se ressentem e, no estilo, de algum modo se distinguem do prefácio expressamente escrito para as apresentar e explicar.

Considera o Presidente «um bom hábito», este de publicar as suas «intervenções públicas», as que mais significativas se lhe afiguram. Por 12 capítulos foram distribuídos os textos das 61 «intervenções». E esses capítulos têm os seguintes títulos: «Os grandes desígnios de Portugal»; «Dignificar o Estado democrático e prestigiar as instituições»; «A Presidência aberta nas regiões mais esquecidas»; «Investir na modernidade»; «Aprofundar a descentralização e a autonomia para fortalecer a unidade nacional»; «Assegurar a solidariedade social»; «Os Descobrimentos Portugueses: uma lição de actualidade»; «Uma cultura de vocação universal»; «Portugal na Comunidade Europeia: um desafio que se está a cumprir»; «A pátria da língua: cooperar e estreitar laços»; «Portugal e Espanha: uma amiga vizinhança, um novo relacionamento»; «Uma voz respeitada no mundo ao serviço do entendimento». Completam o volume 7 entrevistas concedidas a 5 jornais portugueses e 2 estrangeiros.

A releitura destes textos, ou nalguns casos a leitura integral de orações de que tinham sido divulgados extractos mais ou menos extensos, propõe-nos um discurso político que, na diversidade temática, visa um propósito de pedagogia democrática. Mário Soares tem uma concepção pessoal do exercício do cargo de Presidente da República e uma «leitura» do nosso regime semipresidencialista. Procede em conformidade. Recordemos o seu pensamento: «Sempre defendi — proclamei-o, aliás, logo no momento em que fui eleito — que, para efeitos da condução política do Estado, a maioria presidencial se esgota no acto da eleição do Presidente da República. Porquê? Porque é a maioria legislativa que determina o Governo, o qual, sendo embora responsável perante o Chefe do Estado, depende politicamente da confiança da Assembleia da República. Assim, aceitar a persistência de uma maioria presidencial, no caso de não ser coincidente com a legislativa, criaria ao nível político e administrativo uma grande ambiguidade, se não mesmo o risco de uma oposição aberta — podendo fazer do Presidente da República uma espécie de **contrapoder** relativamente ao Governo.»

Clara a posição do Presidente da República. Mas... ele é o eleito, não o esqueçam (e que ele o não esqueça) de uma **maioria presidencial** diferente na composição política (e até quanto à estrutura social) desta **maioria legislativa**. Daí que, quando esta ameaça exorbitar na imposição da sua **vontade maioritária**, os que temem que a **ditadura da maioria**, juridicamente legítima, degenerem em **autoritarismo**, apelam ao Presidente da República como **contrapoder**.

Não poderá Mário Soares ignorar esses apelos. Não poderá eximir-se a ser **contrapoder**. A «coabitação institucional» é desejável, mas não é tudo. A «unidade do Estado-Nação» exige o respeito do pluralismo democrático, a procura de consensos, o diálogo.

②

NÃO querendo prevalecer-se da maioria que o elegeu, considerando que a maioria presidencial «se esgota no acto da eleição», defendendo a solidariedade institucional e propondo-se ser «o Presidente de todos os Portugueses», nem por isso, no entendimento de Mário Soares, se deverá concluir que «o

Presidente da República, no actual regime político constitucional, não deva intervir na vida política». Estas «Intervenções» dadas à estampa exemplificam **formas de intervenção**. Ilustram, paradigmaticamente, o que Mário Soares pensa do seu papel. Oijamo-lo: «Tenho, como disse aos portugueses na campanha eleitoral, uma ideia **de e para** Portugal que procuro fazer avançar, persistentemente. Penso, todavia, que a intervenção presidencial, fora dos momentos de crise política, se situa a outro nível, que não o executivo ou o político-administrativo directo, devendo processar-se com todas as cautelas, para não criar dificuldades ao Governo, na orientação das políticas e na condução da administração e em ordem sobretudo a promover a realização do que tenho chamado **os grandes desígnios nacionais**.»

Agora, nem tudo é claro. Essa «ideia **de e para** Portugal», exposta por Mário Soares, ou pelo menos anunciada aos portugueses na campanha eleitoral, conquistou uma significativa adesão que veio a concretizar-se na **maioria presidencial**. Dessa «ideia **de e para** Portugal» discordavam os que se opunham ao candidato Mário Soares. Parece legítimo concluir que entre os cidadãos portugueses que constituíram a **maioria presidencial** e os cidadãos portugueses que apoiaram a candidatura adversa, se verificavam diferentes critérios relativos à fixação de «os grandes desígnios nacionais». A solidariedade institucional não pode iludir estas diferenças de valores e de objectivos. Mário Soares foi eleito por uma maioria que privilegia os «valores de Abril». Dificilmente se concebe que aceite políticas sectoriais que se propõem destruir esses valores, que, no fundo, visam a restaurar a «ordem» anterior: no estilo do governar, no procedimento concreto, na recusa do diálogo, no autoritarismo imperativo.

No largo movimento de contestação do chamado «pacote laboral», as duas centrais sindicais têm-se dirigido ao Presidente da República como suprema autoridade. Interpretam mal os poderes que lhe ficaram da revisão constitucional de 1982? É possível. Mas as diligências sindicais são prestigiantes para o Presidente. Mostram que ele é considerado o **contrapoder**.

③

TENDO-SE, até hoje, escusado a assumir o **contrapoder** que o equilíbrio democrático poderá exigir, Mário Soares reconhece que «o Presidente, pela posição que lhe é conferida no ordenamento constitucional, está particularmente bem colocado para exercer uma influência profunda na sociedade e no Estado, apaziguante de tensões e de divisões e geradora dos necessários consensos nacionais. É uma influência que não precisa de ser espectacular para se revelar eficaz». Sim. Mas, também, não deverá ser tão discreta que o País dela se não aperceba. O «triângulo político constitucional» — Presidente da República, Assembleia da República, Governo — deverá funcionar com transparência. Só a transparência democrática garante o melhor relacionamento institucional. Numa sociedade democrática e pluralista, o relacionamento institucional não poderá sujeitar-se a uma vontade política parcial, terá que situar-se acima das divergências partidárias e das divergências entre maioria e minorias. Não pode concretizar-se num apoio aquiescente à actuação governativa.

Cabe ao Presidente da República, segundo opinião expressa por Mário Soares: «o acompanhamento permanente e a apreciação crítica da vida nacional». Adiantemos que esse «acompanhamento permanente» e essa «apreciação crítica», com discreta expressão mas com nitidez suficiente, têm advertido o Governo para omissões e para excessos. Não faltará quem quisesse ver maior «intervenção» do Presidente; haverá quem considere que ele tem ido longe nas suas «intervenções».

A palavra «intervenção» — consulte-se o prestimoso Moraes — contempla o discurso de mediação e a acção de intervir, não excluindo, também, o significado de interferência. Mário Soares não se propõe interferir na acção governativa, mas não se priva de uma acção de mediação e de uma positiva intervenção utilizando um discurso declarativo. Quando afirma que «não há desculpas nem alibis», previne os portugueses e adverte o Governo.

Não é ao Governo que o Presidente directamente se dirige quando afirma que não pode «aceitar-se como padrão de comportamento o improvisado e o sistema de navegação à vista»?

Não são as muito infelizes palavras do Primeiro-Ministro que levam o Presidente a censurar os que denigrem a Assembleia da República?

④

A pedagogia democrática das «Intervenções» e a prática da «Presidência Aberta» integram-se, aquelas na diversidade dos temas abordados, esta no reafirmado propósito de conviver com as populações «em profundidade», num mesmo entendimento da função presidencial. Diz Mário Soares: «Sinto que tenho o dever de ajudar, no melhor sentido, as transformações em curso — que são, aliás, muito mais vastas e profundas do que geralmente se pensa. Para isso preciso **conhecer** bem, e nos seus múltiplos aspectos, a realidade portuguesa. E que melhor forma de o conseguir do que conviver, intimamente, com as populações, ter entrada nos diversos meios sociais, profissionais e etários? Tenho a consciência de que não é fácil. Daí o ter procurado contactar com as pessoas, ouvir, suscitar o diálogo. Esse tem sido um dos objectivos principais do que chamei «**Presidência Aberta**».

Mas as populações não se satisfazem com ser conhecidas do Presidente, esperam a acção do Presidente, a sua «intervenção» e não apenas discursiva. É nítido o equívoco quanto à «**Presidência Aberta**»: as populações dialogam, informam, queixam-se, pedem, reclamam. O diálogo com o Presidente tem espontaneidade e cordialidade, mas é reivindicativo.

Não se limitam os contactos e convívios das jornadas de «**Presidência Aberta**» ao reencontro de Mário Soares com os seus eleitores, com a «maioria presidencial» que o elegeu. Com todos os Portugueses ele convive e dialoga, com os apoiantes do Governo, com os que militam na Oposição. «Numa democracia pluralista como a nossa, Governo e Oposição são os pólos que dialecticamente representam o País» — afirma o Presidente no prefácio do segundo tomo das suas «Intervenções».

Ele parece convicto de que são «dados adquiridos»: «a democracia, o pluralismo, o respeito pelos direitos de todos, e designadamente pelos das minorias... As experiências recentes e as «modernizações» anunciadas não confirmam o respeito pelas minorias. Que «não se voltará atrás» — afirma o Presidente da República. Mas o «restauracionismo» é, sem dúvida, «voltar atrás». As reformas de «modernização» — pelo menos algumas — configuram regressos. Não é esse o sentimento dos trabalhadores relativamente ao «pacote laboral»? Não foi isso que lhe foram dizer as duas centrais sindicais? Não terá o Presidente que intervir para garantir os «dados adquiridos»? Não lhe pedirão as populações que vá além da intervenção discursiva?

Exprimem os textos boas intenções de pedagogia democrática. Mas a democracia não se esgota na pedagogia democrática. Vive da prática democrática, da participação cívica, da liberdade, dos direitos das minorias, do direito à diferença. A «maioria legislativa» pode converter-se em «ditadura parlamentar». Em ditadura do partido que, por meios democráticos, é certo, exerce um poder absoluto. Sem limites efectivos, sem efectiva fiscalização.

CONVOCATÓRIA

ELEIÇÕES PARA OS CORPOS GERENTES

Nos termos dos Estatutos, convoco todos os sócios para as eleições dos Corpos Gerentes deste Sindicato que se realizam no próximo dia 6 de Junho de 1988.

São eleitores todos os sócios que à data da subscrição desta convocatória estejam em pleno gozo dos seus direitos sindicais, sejam sócios do Sindicato há mais de 6 meses e não tenham mais de 3 meses de quotas em atraso (excluídos os sócios abrangidos pelo artigo 16.º), sendo para este efeito considerada a quotização para outros sindicatos pelos trabalhadores abrangidos por medidas de reestruturação sindical.

Os cadernos eleitorais, onde constam os nomes de todos os sócios eleitores ilegíveis, serão afixados na sede do Sindicato e na Delegação de Ovar até ao dia 5 de Maio de 1988, podendo qualquer eleitor reclamar irregularidades constantes nos cadernos durante os dez dias seguintes ao da afixação para a Mesa da Assembleia Geral.

A recepção da lista de candidaturas é feita pela Mesa da Assembleia Geral na sede do Sindicato até às 24 horas do dia 21 de Abril de 1988.

Note: Artigo 16.º — Estão isentos do pagamento de quotas os sócios que deixarem de receber as respectivas retribuições por motivo de doença, o cumprimento do serviço militar, desemprego sem subsídio ou reforma.

Parágrafo Único.

Estão ainda isentos, embora mantendo a qualidade de sócios os trabalhadores que continuando a trabalhar não recebem os seus vencimentos todavia, logo que lhes sejam pagos terão de liquidar a quotização em atraso

Coimbra — sede do Sindicato das Indústrias Eléctricas do Centro

Coimbra, 31 de Março de 1988

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

Adriano Ramos Simões Tião

Em Lisboa desde segunda-feira

REPRESENTANTE DA POLISÁRIO CRITICA NEUTRALIDADE PORTUGUESA

Mohamed Sidati, responsável para a Europa do Bureau Político da Frente Polisário, que se encontra em desde segunda-feira em Lisboa para contactos com forças políticas portuguesas, afirmou que Portugal tem de ter relações equilibradas com todos os povos do Magreb se quiser desempenhar um papel positivo no conflito do Saará Ocidental.

Este dirigente da RASD disse que vinha «pedir a solidariedade ou pelo menos a compreensão de Portugal para a luta do povo saaraui pela autodeterminação e independência», e sublinhou que a posição oficial portuguesa de neutralidade no conflito «não serve a causa da paz no Norte de África».

«O consenso internacional apoia o plano de paz das Nações Unidas que recomenda a realização de negociações directas entre a Polisário e Marrocos para a realização de um referendo no Saará Ocidental», lembrou Mohamed Sidati.

O responsável da Polisário para a Europa criticou a neutralidade portuguesa no conflito, afirmando que a Frente Polisário respeita as relações entre Portugal e Marrocos, mas não aceita que estas

possam «servir de caução à ocupação ilegal do Saará Ocidental pelas forças marroquinas».

Referiu-se à recente visita de Mário Soares a Marrocos, comentando que «se o Presidente português é amigo do Rei Hassan II, deve tentar convencê-lo a aceitar negociações directas com a Frente Polisário, o que é de resto uma exigência internacional».

Na opinião de Mohamed Sidati, o relacionamento preferencial com Marrocos não serve os interesses de Portugal, já que este país não é a única porta para o Magreb, além de que Portugal «tem toda a vantagem num futuro relacionamento com a República Árabe Saaraui Democrática».

O representante saaraui focou os incidentes registados entre forças da Frente Polisário e pescadores portugueses em águas do Saará Ocidental, sublinhando que nada têm contra os pescadores portugueses, mas não podem admitir que pesquem nas suas águas sob a bandeira marroquina e com soldados marroquinos a bordo.

«Pedimos aos pescadores portugueses e espanhóis que

limitem a sua faina aos termos do acordo entre a CEE e Marrocos, onde não se reconhece expressa ou implicitamente o direito deste país sobre as águas do Saará Ocidental», afirmou Sadati, que sublinhou tratar-se de «uma zona de conflito que os pesqueiros devem evitar».

Estes problemas deverão aliás ser abordados pelo representante da Polisário nos previstos encontros que terá com todos os partidos com assento parlamentar, com as comissões parlamentares das pescas e das relações exteriores e com representantes das duas centrais sindicais.

Sidati mostrou-se optimista sobre a actual situação do conflito que há 15 anos opõe a Frente Polisário a Marrocos, e sublinhou que a República Árabe Saaraui Democrática, proclamada em 1976 pelo movimento independentista, foi já reconhecida por 71 países e que a Frente Polisário tem de momento relações «com todas as forças democráticas da Europa».

Do ponto de vista militar, Sidati referiu que, desde 1984, após um profundo estudo sobre a «estratégia dos muros» adoptada por

Marrocos em 1981, a Frente Polisário faz uma guerra de desgaste contra Marrocos adentro dos seus muros, tendo capturado só em 1987 mais de 430 militares marroquinos, num total de mais de 2 000 prisioneiros desde o início da guerra.

A Frente Polisário considera que Marrocos não poderá resolver militarmente o conflito no Saará Ocidental, pelo que a única alternativa será «sentar-se à mesa das negociações com a Frente, discutir os pormenores do referendo e preparar os espíritos para a paz».

Na impossibilidade de negociações directas, a Frente Polisário propõe a retirada da administração marroquina do Saará Ocidental como condição necessária à realização de um referendo a promover pelas Nações Unidas.

Mohamed Sidati lamentou «a intransigência de Marrocos quanto à recusa em negociar com a Frente Polisário», mas manifestou esperança numa mudança da atitude marroquina, já que, segundo disse, «Marrocos já negociou secretamente com a Polisário, nomeadamente em Lisboa, em Janeiro de 1986».

Fundo Bibliográfico de Língua Portuguesa em Moçambique

Portugal e Moçambique vão assinar amanhã, em Lisboa, um acordo de cooperação para a criação de um fundo bibliográfico, revelou o ministro moçambicano da Cultura, Luís Bernardo Howana, no final de uma reunião com o titular dos Negócios Estrangeiros, João de Deus Pinheiro.

Sem adiantar pormenores, Howana classificou o projecto de «muito ambicioso» nos seus «objectivos e valores» e em termos da «formação, da assistência técnica e do financiamento» que envolve.

Na reunião com o ministro português, o responsável de Moçambique debateu ainda a questão de Cabora-Bassa e

assuntos relativos à situação na África Austral.

«Existem muitas condições para a resolução do problema de Cabora-Bassa que tem a ver com a posição de África do Sul. Esse é o ângulo mais difícil do triângulo que estamos a tentar construir», sublinhou Luís Howana, relativamente ao trabalho da comissão tripartida que reuniu recentemente no Songo, vila vizinha da barragem.

O ministro moçambicano indicou estar prevista para breve outra reunião em Lisboa, destinada a «fixar os passos a dar» em cumprimento dos procedimentos já adoptados em encontros an-

teriores e adiantou ter-se chegado, no Songo, a um «ponto de entendimento satisfatório» no tocante às posições de Lisboa e Maputo.

A próxima visita a Lisboa do ministro dos Negócios Estrangeiros de Moçambique, Pascoal Mocumbi, a Lisboa no âmbito da coordenação dos cinco países africanos de expressão portuguesa que este ano cabe a Maputo, foi também anunciada por Luís Howana.

Livros para Moçambique

O acordo para o estabelecimento de um Fundo Bibliográfico de Língua Portuguesa

será assinado amanhã, no palácio das Necessidades, por Howana e por Teresa Patrício Gouveia, secretária de Estado da Cultura do Governo português.

Oferta de livros portugueses, reorganização do sector editorial estatal e formação e reciclagem de pessoal das bibliotecas provinciais e escolares de Moçambique, são algumas das acções previstas no acordo.

Segundo nota do gabinete de Teresa Patrício Gouveia, a assinatura do referido acordo representa para Portugal «a assumpção do papel fundamental e prioritário que lhe cabe na preservação do património linguístico comum».

Mário Deitado

DECORAÇÕES EM CORTIÇA

PAVIMENTOS * TECTOS * ARTESANATO
MATERIAIS DIVERSOS PARA DECORAÇÃO

deseja aos seus clientes e amigos BOAS FESTAS e FELIZ ANO NOVO

ORÇAMENTOS GRÁTIS
EXPOSIÇÃO E VENDA

R. 5 de Outubro, 1 • ☎ 221 05 32 • SEIXAL

TALHO ZÉ LUIZ

— DE —

JOSÉ LUIZ CAMPOS CARVALHO

DIRECTAMENTE DO PRODUTOR:
CARNES DE: BORREGO, PORCO
NOVILHO, FRANGO, PERU, CODORNIZES
ENCHIDOS, ETC.

CASAL DO MARCO
R. do Desembargador, Lt. 3, r/c. • 221 1923 2840 SEIXAL

PC: CASO ZITA SEABRA MOTIVA UM (QUASE) PORTA A PORTA

Continuação da pág. 1

Dividida em dez pontos, a nota refere, nomeadamente, o «abandono» por Zita Seabra da última reunião do CC, em Fevereiro passado, acentua a sua ausência das sessões seguintes da reunião («sem dar explicações») e considera que as tentativas de contacto feitas na altura para a sua participação numa reunião da Comissão Política se revelaram «infrutíferas».

Noutro ponto da nota, lida desde segunda-feira em todos os organismos do PCP, caso das células, das comissões de freguesia e das comissões concelhias, afirma-se ter a dirigente comunista abandonado «todas as tarefas» que lhe estavam confiadas sem dar explicações e ter recusado qualquer contacto. Relativamente às tarefas, é referido concretamente o caso da Conferência da Saúde e o facto de Zita Seabra ter recebido um documento preparatório e não ter dado resposta.

«Enquanto isto — acrescenta a nota — Zita Seabra realizava encontros com outros camaradas com os quais não tem tarefas partidárias».

O documento, recebido com estranheza e cepticismo em algumas das reuniões (interrogado por um militante numa das comissões de freguesia, o funcionário não soube esclarecer das razões que terão levado Zita Seabra a sair da reunião do CC e a não regressar aos trabalhos), reza ainda que a ex-deputada comunista por Aveiro «mantém há bastante tempo liga-

ções com os «seis» e com outros camaradas» e acusa-a de «frequentar ambientes hostis ao partido». Este último ponto suscitou generalizado espanto, com militantes a pretender, em vão, esclarecimentos sobre o alcance exacto da expressão «ambientes hostis».

Sensível à perplexidade suscitada nos militantes comunistas pelas revelações vindas a público sobre a nota de idêntico teor, lida há duas semanas aos funcionários e quadros do PCP, a direcção do partido pretende dar conta desta nova circular a todos os membros da organização. «Se fôr preciso vai-se à casa dos camaradas», sublinhou um funcionário numa das reuniões realizadas em Lisboa.

A direcção do PCP procura, por outro lado, criar a ideia de que Zita Seabra se «auto-suspendeu» das suas funções. Diferente será, todavia, a posição daquela dirigente comunista. Segundo apurou o «DL» junto de fonte do CC, Zita Seabra está com «baixa médica» e aguarda resposta a algumas das questões que colocou aos seus camaradas de direcção e que se prendem, em parte, com a nota lida a todos os funcionários e quadros do partido.

Festa do Avante será em Loures

Prevista para os dias 9, 10 e 11 de Setembro próximo, a Festa do Avante vai realizar-



—se, desta vez, junto à vila de Loures, em terrenos da zona da antiga quinta do Infante, a seis quilómetros de Lisboa.

A notícia é dada a toda a largura da primeira página da edição de hoje do órgão central do PCP. Interrompida o

ano passado por recusa da câmara de Lisboa de cedência dos terrenos do Alto da Ajuda, a Festa do Avante realiza-se anualmente desde 1975 e tem sido, desde o início, um acontecimento de grande projecção político-cultural no país.

Promovidos ontem

Novos generais e vice-almirantes

O Conselho Superior de Defesa Nacional confirmou ontem um conjunto de promoções no Exército e na Marinha.

Reunido sob a presidência do Chefe do Estado, Mário Soares, o Conselho promoveu a generais os brigadeiros Fausto Pereira Marques, João Manuel Soares de Almeida e João Ramiro Alves Ribeiro, a vice-almirante os contra-almirantes António José Malheiro Garcia e José Miguel Gomes de Sousa Cerejeiro e a contra-almirante os capitães-de-mar-e-guerra Jo Manuel Espadinha Galo e Fausto Morais de Brito e Abreu.

Exercício «Trade Dagger 88»

Portugal participa, com mais doze países, no exercício aeronaval bienal «Trade Dagger 88», que decorre de 11 a 22 de Abril.

Cerca de 1000 navios mercantes, com mais de 2 000 marinheiros, na sua maioria reservistas, bem como aproximadamente 500 civis, além de armadores, comandantes, oficiais e tripulantes participam no exercício, orientado pela NATO.

O exercício visa proporcionar treino realístico e integrado para uma cooperação entre as autoridades militares e civis, envolvidas no controlo da marinha mercante aliada, durante períodos de aumento de tensão.

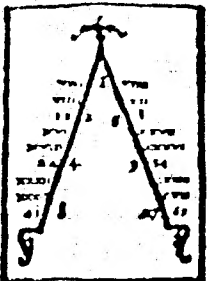
Segundo o gabinete do Estado Maior General das Forças Armadas, nenhum navio mercante será desviado ou retardado como consequência do exercício, mas os seus oficiais serão instruídos sobre as acções que deverão tomar durante a travessia de águas potencial ou realmente hostis, nomeadamente sobre os preparativos para alteração de rotas e velocidades, mudanças de destino ou formas de concentração com vista à protecção militar.

Deputados visitam Quartel General

Os deputados que constituem a Comissão de Defesa Nacional da Assembleia da República, visitaram ontem o quartel da Região Militar de Lisboa.

Foram recebidos pelo general Sousa Lucena, governador militar de Lisboa, tendo assistido a uma exposição sobre a região militar de Lisboa, que terminou com um período de respostas a pedidos de esclarecimentos por parte dos deputados.

Do programa fez parte ainda uma visita às instalações do Quartel General.



Arquitectura reflexa

Os prémios de arquitectura e a cidade

Pedro Vieira de Almeida

A recente exposição realizada no CAM sobre arquitectura premiada em Lisboa, integrada nas comemorações do 50.º aniversário da criação do Prémio Municipal de Arquitectura, e os colóquios que a acompanharam, vieram oportunamente trazer à tona alguns aspectos particulares da evolução da nossa arquitectura, nomeadamente sobre o aspecto crítico, já que aquela premiação hoje pode ser por nós reavaliada, de aí necessariamente se concluindo da maior ou menor justeza de critérios utilizados pelos júris de então, da maior ou menor capacidade de diluição crítica das posições na altura tomadas.

Um dos maiores interesses da persistência de um prémio como o Valmor, iniciado no princípio do século, ou mesmo do Prémio Municipal, iniciado já na década de trinta, é precisamente o poderem constituir-se como um repositório fiel da evolução desses critérios de apreciação crítica dos sucessivos júris, de certa maneira constituindo o único corte longitudinal minimamente coerente, disponível para uma avaliação actual.

A exposição em si pareceu-me adequadamente organizada não valorizando a documentação exposta como peças em si mesmas, mas conferindo-lhes um tratamento de normalizadas e ampliadas fichas de trabalho. Por sua vez o catálogo constitui documentado relato da exposição, embora algumas falhas gráficas possam tornar mais difícil a sua leitura, pela variabilidade de critérios de dimensionamento e tratamento das reproduções fotográficas ou mesmo da organização da própria página.

No entanto as maiores reticências, que à exposição e ao catálogo se podem levantar, residem precisamente nos erros e faltas de informação no que se refere, quer à constituição dos júris quer quanto às actas das suas reuniões, e não só nos anos em que os prémios foram atribuídos mas também nos anos em que se considerou não se dever atribuir qualquer prémio. Para já, e

da documentação agora disponível é possível interrogarmo-nos sobre alguns aspectos dos prémios atribuídos.

Por exemplo será de sublinhar que a Casa Elisa Vaz de Raul Lino, datada de 1912 e constituindo um esplêndido exemplar urbano, nunca foi premiada tendo sido atribuído o prémio e menção desse mesmo ano a dois projectos, aliás não muito felizes de Norte Júnior, que depois viria a ser justamente premiada, mas apenas em 1915.

Outra nota a sublinhar será o facto de o primeiro projecto de linguagem claramente modernista a ser premiado, o prédio de Jacobety Rosa e Reis Camelo de 1931, ter tido o voto desfavorável de Vasques Cardoso, e os votos favoráveis de Tertuliano Marques e o de Raul Lino, o que talvez perturbe algumas convicções mais maciçamente arraigadas nos fantasmas do colectivo profissional.

Ainda um terceiro ponto sobre que numa primeira aproximação importaria reflectir, é o da justificação do júri de 1939, que se recusa esclarecer quais os critérios de atribuição do prémio mas que expressamente declara tê-lo feito «em plena consciência, com espírito de justiça, assumindo por inteiro a responsabilidade da decisão» esquecendo que o problema que se põe não é o da seriedade do júri, mas sim o da correcção e rigor dos seus critérios, e que ao fazer aquela declaração, ele se estava, afinal, a eximir à única responsabilidade que lhe cabia assumir, que era uma responsabilidade crítica.

Esta confusão sobre o sentido da crítica e sobre o papel e responsabilidade dos júris tem permanecido ao longo do século, sendo um dos vectores que justificam a debilidade não só da nossa crítica mas da nossa teoria e também da nossa prática profissional.

Ainda recentemente num júri de que fiz parte, no Prémio Nacional de Arquitectura, que internamente foi muito mais agitado do que aquilo que foi referido na imprensa por quem dele teve apenas um conhecimento exterior, um dos seus membros componentes afirmava com alguma exaltação com que

pretendia pôr cobro ao esclarecimento de divergências fundamentais, que não estava ali para fazer crítica, que isso era para os críticos, mas que estava ali para dar prémios.

Efectivamente tive de reconhecer na altura que nesta base era impossível continuar a discussão, dado que o seu esclarecimento tinha de começar tão do princípio que não dava tempo para tanto.

E a premiação foi depois o que pôde ser, reflectindo necessariamente o grau de lucidez média colectivamente disponível.

Esta atitude de rejeição da formalização teórica e crítica ainda permanece portanto viva entre nós, o que não será inteiramente novidade bastando para tanto verificar como a recente introdução de tendências arquitectónicas se tem feito da mesma maneira superficial, como décadas atrás outras tendências se adoptaram.

Pouco se terá aprendido entretanto, e é curioso observar como aquilo que a que se tem chamado o pós-modernismo português constitui afinal uma manifestação contraditória com uma noção de pós-modernidade, sendo seguramente apenas mais uma, e não das mais felizes, manifestações de uma modernidade de que se supõe ingenuamente ter ultrapassado.

É para um futuro estudo e correcto historiar destas e outras questões, que importa conhecer a composição dos júris desde que o Prémio Valmor foi constituído e o teor das actas das decisões tomadas.

De aqui duas sugestões importa fazer:

1.º — que esses elementos sejam acessíveis sem excessivas normas burocráticas que criam outros tantos obstáculos à investigação;

2.º — que em futuros prémios fique sempre registado o número de todos os processos passíveis de serem presentes em cada ano e que de todas as triagens feitas seja tomada nota, mesmo antes da reunião final do júri.

Entretanto outros comentários a exposição permite, que ficarão para artigo seguinte.

9º Salão de Velharias da Costa do Estoril

Pavilhão
dos
Congressos do Estoril
INAUGURA-SE AMANHÃ
8 a 17 Abril

Semana: 18-24h
Sáb. e Dom.: 16-24h



Organização:
Junta de Turismo da Costa do Estoril

COMUNA
TEATRO DE PESQUISA
T 726 08 18

HOJE AS 21.30
DOMINGO
AS 16 H

2.º MÊS

O DESTINO MORREU DE REPENTE!

TEXTO - ALVES REDOL ★ ENC. - JOAO MOTA
MUSICA - CARLOS MENDES

SUB S.E.C. "Um projecto sem paralelo no nosso
teatro independente". C. Porto - «DL» M. 12

EFEITOS ESPECIAIS A CARGO DE TECNILASER
APOIOS: ANTÓNIO REDOL • F. GULBENKIAN • SAMSUNG
• ANTENA UM • RÁDIO COMERCIAL • DIÁRIO POPULAR
• IBA-HONDA • CORREIO DA MANHÃ • EUROPRESS •

VENDEDORES PUBLICIDADE ADMITE-SE

Empresa editora, admite vendedores/as
c/s experiência, para exercício na área de
venda de espaço publicitário em jornal de
grande expansão nacional.

OFERECE-SE

- Ordenado base
- Subsídio de transportes
- Comissão.

Resposta a este jornal ao n.º 2401

Desemprego de longa duração e precariedade de emprego

"PACOTE LABORAL": DIPLOMAS REGULAMENTARES NA MESA DO CONSELHO DE MINISTROS

Os diplomas sobre desemprego de longa duração e de combate à precariedade de emprego foram hoje apreciados na reunião do Conselho de Ministros. Trata-se de dois dos quatro diplomas que o Governo, pela voz do ministro do Emprego, Silva Peneda, se comprometeu a aprovar, após a apreciação pela Assembleia da República do pacote laboral. No entanto não são aqueles diplomas complementares da proposta de alteração da lei laboral que farão o PS calar-se, segundo Vítor Constâncio afirmou ontem, depois de uma reunião com sindicalistas socialistas: «o Partido Socialista não deixará nenhuma desculpa ao Governo para que o pacote laboral não seja melhorado».

Um dos quatro diplomas, o que regulamenta o funcionamento das agências privadas de colocação, foi aprovado logo na semana a seguir à aprovação pelo Governo do pacote laboral.

O quarto diploma, que segundo uma fonte oficial se encontra em fase final de elaboração, altera a regime de subsídio de desemprego.

O diploma que estabelece medidas de combate à precariedade de emprego, um dos que hoje foi apreciado, já esteve agendado para uma das últimas reuniões do Conselho de Ministros.

Para o efeito, as entidades empregadoras que convertam contratos a prazo em contratos por tempo indeterminado são dispensadas, relativamente a esses contratos, do pagamento das contribuições patronais para a Segurança Social por períodos que variam consoante a idade dos trabalhadores. Estes períodos

podem atingir 30 meses, se a idade do trabalhador ultrapassar os 40 anos.

O outro diploma que hoje foi analisado pelo Governo regula a criação de incentivos à contratação de desempregados de longa duração. Pretende-se com este decreto-lei, segundo fonte oficial, «conceder incentivos à contratação por tempo indeterminado de trabalhadores que se encontrem desempregados há mais de 12 meses, bem como os jovens que se encontrem à procura do primeiro emprego e inscritos nos Centros de Emprego há mais de um ano».

Entre os incentivos a conceder, contam-se apoios financeiros não reembolsáveis de montante igual a 12 vezes o valor do salário mínimo garantido aos trabalhadores admitidos. «Isto desde que haja lugar a aumento do volume efectivo de emprego e de acordo com programas do

Instituto de Emprego e Formação Profissional», explicou a mesma fonte.

O diploma prevê ainda a dispensa de pagamento das contribuições patronais para a Segurança Social relativas aos trabalhadores contratados. Os períodos de dispensa de pagamento variam conforme a idade do trabalhador, podendo atingir os 30 meses se o mesmo tiver mais de 40 anos.

PS irá «fazer força» para alterações no pacote laboral

Entretanto, o secretário-geral do PS anunciou que irá «fazer força» na Assembleia da República para que algumas propostas de alteração ao pacote laboral sejam aceites durante o debate parlamentar.

«O Partido Socialista não deixará nenhuma desculpa ao Governo para que o pacote laboral não seja melhorado», afirmou Vítor Constâncio no final de um encontro com a tendência sindical do seu partido, chefiada por Torres Couto.

O líder do PS insistiu em encontrar nos resultados da greve geral «motivo de regozijo» pelo que considera urgente, em sua opinião, daí extrair as consequências políticas evidentes.

Constâncio preconizou deste modo que a Assembleia da República realize alterações a uma lei que o PS considera não servir, por ser uma legislação de ruptura.

Os socialistas irão «fazer força» no Parlamento para que algumas propostas de alteração sejam aceites durante o debate do pacote laboral. O PS não concordará, segundo Vítor Constâncio, com «meras alterações sem significado».

«É provável que Cavaco Silva tente levar os TSD's a apostarem numa actuação de cosmética, mas o PS vai estar atento», sublinhou.

Por sua vez, Torres Couto afirmou que a posição assumida pelos TSD's no decorrer da greve geral leva a que a relação de forças no interior da UGT seja repensada. «Nada ficou como dantes no seio da UGT e a posição dos Trabalhadores Social-Democratas vai originar alterações e reajustamentos nos órgãos da central», afirmou.

O secretário-geral daquela central sindical acrescentou que os actos praticados por Arménio Santos face à greve geral «só pode ter um nome: traição».

No entanto, Torres Couto recusou-se a admitir «para já, a expulsão da UGT, dos deputados sindicalistas do PSD que, por acaso, alinhem numa eventual aprovação do pacote laboral tal como ele está».

Apesar desta hipótese ter sido referida pelo próprio Torres Couto, por ocasião da greve de 28 de Março, o líder da UGT disse agora estar «mais preocupado com questões sindicais do que com questões de ordem penal».

Contra a "glorificação dos egoísmos nacionais"

Diálogo Norte-Sul junta intelectuais e políticos

Contra a «glorificação dos egoísmos nacionais e regionais», que assenta numa «espécie de cansaço e desconfiança face às relações Norte-Sul, às ajudas multilaterais e ao auxílio ao desenvolvimento», para usar as palavras de Francis Rosenstiel, director-adjunto dos Assuntos Políticos do Conselho da Europa, começou esta manhã em Lisboa um colóquio sobre interdependência e desenvolvimento cultural, com vista à sensibilização pública para o diálogo entre os países mais ricos do globo e os mais pobres, situados geograficamente a Norte e a Sul.

Participarão no debate mais de cem universitários, escritores e políticos, debruçando-se sobre questões controversas como o papel da soberania nacional num mundo interdependente, o desequilíbrio na comunicação Norte-Sul, a solidariedade. «Nós, europeus, dependemos em termos de futuro de uma relação mais equilibrada com os países do Sul», afirmou Rosenstiel a propósito da iniciativa do Conselho da Europa, citando como exemplo que 15 milhões de empregos nos países do Norte dependem de ex-

portações para os países do Sul.

Mário Soares, que presidiu à sessão de abertura do colóquio que reúne comunicantes dos mais diversos países, referiu no seu discurso que «Portugal tem uma aguda consciência da importância do diálogo Norte-Sul» e «tem da Europa uma concepção interveniente e activa relativamente à solidariedade devida aos povos menos desenvolvidos».

O Presidente da República salientou os «esforços muito consideráveis» de Portugal na ajuda aos países do Terceiro

Mundo, nomeadamente em relação aos países africanos de expressão oficial portuguesa. Segundo referiu o Chefe do Estado aos participantes do colóquio, o nosso país tem hoje a consciência de que «o mundo é cada vez mais um só», e argumentou: «As nações dependem umas das outras num tecido complexo de inter-relações económicas, políticas, sociais, ecológicas e culturais.»

Sendo assim, defendeu Soares que para a busca de um equilíbrio no desenvolvimento (solução considerada amplamente como a indispensável) é necessária a «definição em comum dos problemas» e a «procura de soluções ajustadas às diferentes realidades». Ainda de acordo com o Presidente da República, a cooperação internacional, para ser eficaz, não pode deixar de se basear num conhecimento tanto quanto

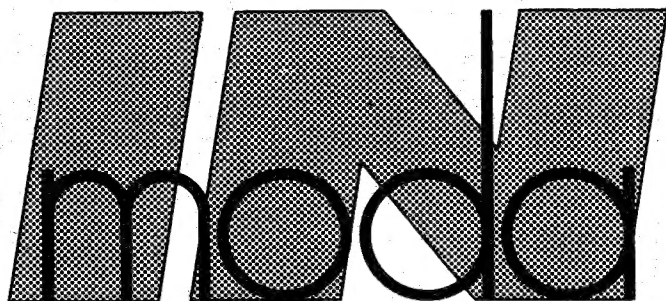
possível completo da identidade nacional de cada povo e nenhum aspecto que inevitável dimensão mundial pode ter um sentido unilateral.

Presente também na abertura do colóquio, que até amanhã se realizará no Forum Picoas, esteve o director-geral da Unesco, Frederico Mayor, que à sua chegada ao aeroporto da Portela salientou mesmo que «é o Norte que deve modificar mais substancialmente as suas atitudes em relação ao Sul».

Outra personalidade que está a participar no colóquio é o secretário-geral do Conselho da Europa, Marcelino Oreja.

Marcelino Oreja considerou que o tema da interdependência deve ser encarado como «uma valorização da pessoa humana expressa na exigência de dotá-la de um desenvolvimento integral».

UM FUTURO CERTO
PARA OS JOVENS



UMA NOVA MANEIRA
DE ENSINAR MODA

ESCOLA DE ALTA TECNOLOGIA

CURSO DE FOTOGRAFIA DE MODA

ARTÍSTICA • PUBLICITÁRIA • INDUSTRIAL

Programa

PRIMEIRA PARTE (Três meses)

Técnica

1. Conhecimento dos princípios fundamentais da técnica fotográfica.
2. Meios de trabalho. Máquinas fotográficas de todos os tipos.
3. Acessórios.
4. Técnica e meios de trabalhos para revelação.

Extra: Tecnologia do produto de Moda

Teoria Básica

5. Contactos com a imagem de todo o tipo. Leitura crítica.
6. Desenvolvimento da capacidade crítica.
7. Atelier e pesquisas.
8. História da fotografia. Autores célebres e suas técnicas.

SEGUNDA PARTE (Três meses)

Técnica

9. Operar com máquinas diferentes, preto-branco e cores.
10. Técnica e prática de revelação.
11. Efeitos especiais. Fotografia a cor.

Extra: Estética do produto de Moda

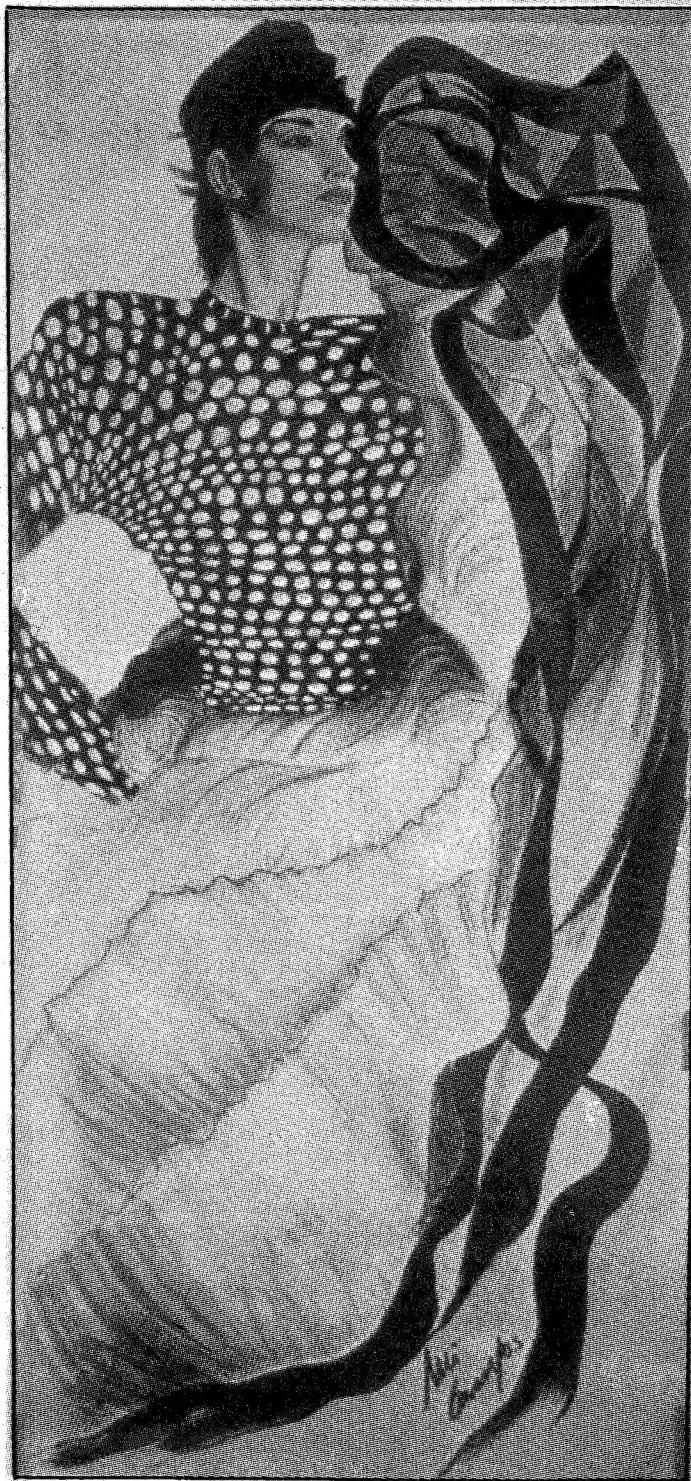
Teoria Básica

12. Psicologia da fotografia generalizada.
13. Psicologia da foto de Moda.
14. Foto artística — Linguagem da Cor.
15. Foto Publicitária.
16. Foto Industrial.
17. Pesquisa e Atelier.

TERCEIRA PARTE (Dois meses):

Técnica

18. Efeitos cénicos.
19. Dinâmica e Estática.
20. Efeitos especiais.
21. Atelier — Prática ao ar livre — Desfile e Estúdio.
22. Definição de estilo próprio.
23. Elaboração de portfolio.
24. Prova final com avaliação.



CURSO DE ESTILISMO NOCTURNO

Programa

Parte I — VESTUÁRIO

1. História da moda. Épocas mais representativas.
2. Noções de sociologia.
3. Noções de estética.
4. Estilismo.
- 4.1. Tendências da moda.
- 4.2. Ilustração.
5. As figuras humanas para o desenho, da moda.
6. Desenho de moda.
- 6.1. Desenho técnico.
7. Tecnologia de pintura.
- 7.1. Matérias.
- 7.2. Técnicas.
8. Tecnologia têxtil.
- 8.1. Fibras naturais e químicas.
- 8.2. Nomenclatura têxtil.
9. Criatividade — Processo de criação.
- 9.1. Pesquisas.
10. Noções de dinâmica de produção.
- 10.1. Noções de organização das linhas: tempos, ritmo.
11. Criação de modelos.

Parte II — CHAPEÚS

12. História
13. Estética.
14. Tecnologia — Design.
15. Matérias-primas.

Parte III — CALÇADO

16. História
17. Estética.
18. Tecnologia — Design
19. Matérias-primas.

Parte IV — ACESSÓRIOS

20. História.
21. Tecnologia.
22. Matérias-primas.

GRANDES FACILIDADES DE PAGAMENTO PARA OS JOVENS

ANSELMO BALZOLA, LDA.

RUA DO SALITRE, 195 - 3.º D^{TO} — 1200 LISBOA PORTUGAL — TELEF. 69 01 22

Muro é "ratoeira" na zona da Palhavã



Um dos muros do Instituto de Oncologia, na Rua Prof. Lima Basto, em Lisboa, desmoronou-se parcialmente afectando o trânsito na zona e colocando em sério risco a integridade física dos transeuntes, já que impedidos de utilizarem o passeio.

A queda do muro aconteceu há duas semanas e até à data ainda não foi detectada qualquer movimentação que indicasse que as obras de reparo estão para breve. A atenção de quem de direito, antes que algum grave acidente ocorra, sendo de notar que nas proximidades funciona um colégio frequentado por um número elevado de alunos.

Mas voltando ao estudo da Direcção-Geral dos Cuidados Primários, a que já ontem fizemos referência, interessa destacar que o mesmo estabelece comparação entre as taxas de mortalidade nas estradas portuguesas, surgindo o distrito de Leiria à cabeça com um valor duas vezes superior ao de Portalegre que, no Continente, apresenta o índice menos elevado. Depois de Leiria seguem-se, Beja, Guarda, Santarém, Faro, Castelo Branco, Aveiro, Viseu, Viana do Castelo e Setúbal. Segundo os autores do estudo, o facto dos distritos de Lisboa e Porto apresentarem valores inferiores à taxa de mortalidade no País, ficará a dever-se a uma maior facilidade de acesso das populações aos serviços de urgência hospitalar.

Nevoeiros bastante carregados, levantaram, esta madrugada e manhã, problemas aos automobilistas nas regiões de Beja, Évora, Viseu e Avis. Na serra da Estrela a neve voltou a cair com intensidade, mas a acção dos serviços de limpeza evitou a interdição das estradas, sendo a zona mais afectada a compreendida entre a Nave de Santo António e o Sabugueiro.

Informa a Divisão de Trânsito da PSP, pela voz do seu graduado de dia, chefe Correia, que, nas últimas 24 horas, ocorreram nas zonas urbanas 108 acidentes de que resultaram um morto e 52 feridos. Quanto à Brigada de Trânsito da GNR registou, em idêntico período 82 acidentes causadores de cinco vítimas mortais e 59 feridos.

Alterações ao trânsito em Oeiras e Fogueteiro

No sentido de melhorar a circulação rodoviária, a Câmara Municipal de Oeiras decidiu proibir a paragem ou estacionamento de veículos na Avenida Salvador Allende, junto ao «triângulo» existente entre aquela artéria e a Alameda Conde de Oeiras, interditando ainda o trânsito na Travessa Salvavidas, em Porto Salvo, excepto para cargas e descargas.

Por sua vez, a Câmara Municipal do Seixal anunciou o condicionamento do trânsito por uma semana na Estrada Nacional N.º 10, junto ao Fogueteiro, para a abertura de valas e instalação de semáforos.

**GALP
DINAMIC
Gasóleo**

O incidente teve lugar na Base Naval do Alfeite

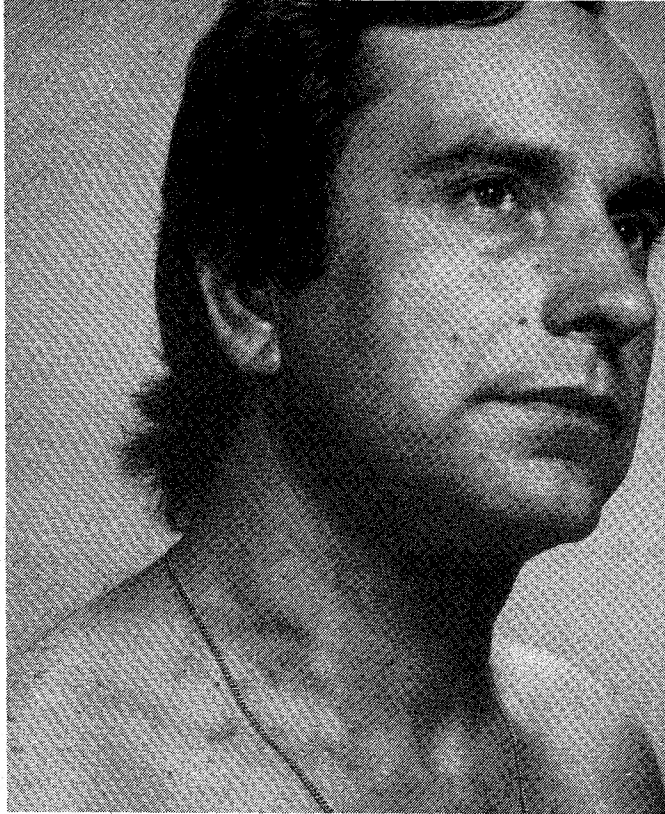
OFICIAL DA ARMADA CONDENADO POR AGRESSÃO A TÉCNICO DA IBM

Manuel Geraldo

Um oficial da Armada, Guilherme Eduardo Trigo Allen, capitão-tenente, foi condenado em dois meses de prisão num processo que lhe foi movido pelo técnico de informática da IBM, Júlio António de Jesus Branco. De acordo com elementos retirados do libelo acusatório, a que tivemos acesso, Guilherme Trigo Allen, que estava de oficial de serviço na Base Naval do Alfeite, agrediu violentamente Jesus Branco, provocando-lhe equimoses no pescoço, no nariz e na nuca, cometendo assim um delito punível pelo Artigo 144 do Código Penal (ofensas corporais com dolo de perigo).

O incidente teve lugar quando o queixoso, à semelhança do que já fazia há meses, se deslocou no seu automóvel em serviço àquela unidade, onde já era sobejamente conhecido pelo pessoal ali destacado, Trigo Allen incluído. Jesus Branco era acompanhado na sua missão por um outro funcionário da IBM, Darlindo de Oliveira Barreto.

Refere o libelo que após terem passado o habitual controlo de segurança da Base do Alfeite, Jesus Branco e Darlindo Barreto, escoltados pelo sargento de dia Rufino Alves, aproximaram-se do local onde estava o equipamento a reparar, tendo estacionado o veículo junto do parque reservado à Direcção de Abastecimentos com a finalidade de descarregar os utensílios necessários à operação. Só que ainda não tinham sequer começado a fazê-lo quando chegou o capitão-tenente Trigo Allen que, com «maus modos», afirmou



O técnico de informática da IBM, Júlio António de Jesus Branco, sendo visíveis os sinais da agressão de que foi vítima

dirigindo-se a Jesus Branco: «Está multado!».

O queixoso respondeu que pagaria a multa, pedindo-lhe «com educação» que lhe permitisse continuar a descarregar o equipamento e prontificando-se a retirar o automóvel logo que tivesse concluído a operação. Mas Trigo Allen «não acatou a sugestão e agarrou Jesus Branco

pelo casaco, rasgando-lhe a camisa e arrastando-o até ao carro».

Perante uma tal atitude Jesus Branco disse a Trigo Allen que o seu comportamento o estava a «enojar», preparando-se para entrar para o veículo, mas Trigo

Allen perseguiu-o e desafiou-o para repetir o que afirmara ante-

riormente. Jesus Branco recusou-se, no entanto, a satisfazer o pedido de Trigo Allen ao aperceber-se da sua «violência reprimida». Mas ao preparar-se para entrar no automóvel de forma a abandonar o parque, Jesus Branco (magro e de baixa estatura) foi agarrado por Trigo Allen (corpulento e de estatura elevada), acabando por ser agredido perante a passividade do sargento Rufino e apesar dos esforços de auxílio por parte de Darlindo Barreto.

Em resultado da violência exercida sobre ele, Jesus Branco esteve um mês com baixa médica dado ter sofrido fractura dos ossos do nariz, traumatismo craniano e da região cervical e depressão psíquica, conforme refere o relatório clínico da Companhia de Seguros Império, assinado pelo dr. Fernando Cavaca.

Ainda de acordo com o libelo acusatório, Trigo Allen «agiu voluntária e intencionalmente, não existindo circunstâncias algumas que possam justificar o seu comportamento, tanto mais que se trata de um oficial superior da Armada, em serviço numa unidade militar onde está colocado, devendo especialmente por isso manter a serenidade e o domínio, fontes de elementares condições de comando e disciplina».

Mas para além de ter movido o processo-crime que levou à punição de Trigo Allen, Jesus Branco, face aos danos patrimoniais e físicos sofridos, intentou contra ele uma acção no Tribunal Administrativo do Círculo Judicial de Lisboa, com julgamento já marcado para o próximo dia 28.

Inglês corre maratona para combater droga em Portugal

Bruce Dawson, um homem de negócios inglês de 46 anos radicado no nosso país, vai correr uma maratona em Londres para auxiliar o combate à droga em Portugal. A prova realizar-se-á no próximo dia 17, com a participação de 30 mil atletas, competindo Bruce Dawson com uma camisola com as cores da bandeira portuguesa e os dizeres «Drug Prevention-Portugal».

Os fundos angariados por Bruce Dawson, que administra uma empresa de navegação e transitários em Lisboa, totalizam já 1600 contos e destinam-se a auxiliar a Fundação Portuguesa para o Estudo, Prevenção e Tratamento da Toxicodependência, com sede na Santa Casa da Misericórdia de Cascais.

A vítima era dono de restaurante na Feira de Santarém

Quatro "seguranças" envolvidos no assassinio de comerciante

Manuel de Jesus Maia, de 49 anos, 1.º sargento do Exército na reserva e proprietário de vários restaurantes, um dos quais no Largo da Feira, em Santarém, foi assassinado anteontem à noite com um tiro de pistola na cabeça, à entrada da sua vivenda, em Chocharro, a 15 quilómetros de Salvaterra de Magos. Na

origem do crime, praticado na presença da esposa da vítima, por quatro indivíduos, dois dos quais já se encontram detidos, terá estado um ajuste de contas, devido a «negócios pouco claros».

Os presumíveis homicidas já detidos são um funcionário da empresa de segurança ETV, de

25 anos, e um mestre-de-obras, de 32 anos, ambos residentes em Alenquer. Quanto aos implicados em fuga são um «segurança» da embaixada dos EUA, em Lisboa, e um camionista de longo curso. Manuel Maia vendera recentemente o restaurante «Os Maias», na Costa de Caparica, por 32 500 contos.

Autorizada a admissão de 750 funcionários judiciais

A admissão de 750 funcionários de Justiça — 400 para os quadros e 350 eventuais — foi descongelada pelo Governo, conforme um despacho conjunto do Primeiro-Ministro e do ministro das Finanças, o hoje publicado na folha oficial.

Considera o documento ser «imprescindível o preenchimen-

to integral dos quadros de pessoal dos tribunais» e que «a única forma de viabilizar o recrutamento do pessoal necessário com a indispensável celeridade consiste no descongelamento da admissão» do pessoal para esses quadros.

O despacho adianta que, «no que respeita às carreiras dos ofi-

ciais de justiça, a admissão de pessoal não vinculado à administração é mesmo a única via para o preenchimento dos lugares de ingresso» e justifica a publicação desta decisão por ser «inviável aguardar a publicação de um despacho global de descongelamento».

Reabilitação urbana beneficiará de financiamentos a fundo perdido

As acções de reabilitação urbana promovidas pelas câmaras municipais vão beneficiar de financiamentos a fundo perdido até 20 por cento das verbas despendidas — anunciou ontem o secretário de Estado da Administração Local, Nunes Liberto, quando falava na abertura de um seminário sobre renovação urbana na Europa. O responsável governamental disse que as câmaras municipais podem começar a candidatar-se aos referidos financiamentos previstos num despacho recentemente emitido e que cria o programa de recuperação das áreas urbanas degradadas.

O secretário de Estado apontou a reabilitação das áreas urbanas degradadas como a componente essencial de uma política de ordenamento do território e considerou essencial confinar o crescimento aos perímetros urbanos, evitando a gradual ocupação do solo rural por urbanizações.

O governante justificou a necessidade da presente medida com o facto de o programa de reabilitação urbano conduzido nos dois últimos anos, apesar de ter um balanço que considerou

«positivo», ter conferido «importância diminuta» às áreas degradadas em zonas não históricas.

Acrescentou que o Governo tem vindo a desenvolver trabalho com o «Fonds de Retablissement» do Conselho da Europa, tendente ao financiamento a juízo baixo de obras que as câmaras municipais queiram realizar neste domínio.

Câmaras municipais que, segundo Maria Clara Mendes, professora da Faculdade de Arquitectura e membro da comissão organizadora do seminário, não se têm preocupado com a renovação urbana, dada a «deficiente legislação» existente e ao facto de as acções renovadoras mobilizarem elevados custos financeiros.

Dirigindo-se aos 150 técnicos portugueses e estrangeiros presentes, Maria Clara Mendes recordou que a renovação urbana está na ordem do dia na Europa, onde se passou da reabilitação dos edifícios para a renovação integral de modo a que os tecidos antigos se ajustem às novas funções económicas e sociais que os aglomerados urbanos desempenham.

Em Portugal, disse, «os tecidos urbanos estão seriamente degradados e as forças contra a conservação, reabilitação e renovação têm sido mais evidentes».

Praticamente inexistentes são, afirmou, os estudos locais que avaliem a importância patrimonial, económica e social dos tecidos antigos, «nem tão pouco se pensou sobre os custos-benefícios da sua revitalização».

De acordo com Maria Clara Mendes, preside em Portugal a ideia de que as acções sobre as áreas antigas «inibem o progresso, dificultam as alterações funcionais, impõem distorções ao mercado fundiário, conduzem a injustiças porque apenas beneficiam uma minoria».

Para a especialista, que caracterizou a actual fase que Portugal atravessa neste domínio como sendo de reabilitação e não ainda de renovação, será útil aos técnicos portugueses ligados às autarquias tomarem conhecimento das experiências dos outros países europeus a fim de aproveitarem o que têm de positivo e não repetir erros cometidos.

Não haverá eleição de órgãos dirigentes

QUESTÕES DE DINHEIRO DOMINAM

QUARTO CONGRESSO DA ANMP

O quarto congresso da Associação Nacional de Municípios Portugueses (ANMP) inicia-se amanhã, no Porto, no Palácio de Cristal, e será encerrado no domingo pelo Presidente da República. Este congresso, que contará com representantes de cerca de 300 municípios, não elegerá novos corpos gerentes. Segundo declarações do presidente da ANMP, Torres Pereira, as questões magnas são as finanças locais e as verbas do Feder.

Contudo, os grandes temas agendados são a regionalização, o desenvolvimento sócio-económico, as estruturas e finanças locais, o urbanismo e ambiente e os assuntos sociais e culturais, serão discutidos durante todo o dia de sábado em comissões especializadas, cujas conclusões serão apresentadas no domingo.

Quanto à questão das es-

truturas e finanças locais, Torres Pereira referiu o principal problema em discussão será o da incidência nas autarquias da reforma do sistema fiscal (criação de três impostos: IVA, rendimentos sobre pessoas singulares e rendimentos sobre pessoas colectivas), fazendo desaparecer todos os outros impostos que são receitas municipais, «o que é uma preocupação, até porque não se conhece a forma como irá ser feita a substituição dessa fonte de receitas».

Os dinheiros do Fundo de Desenvolvimento Regional (Feder), que serão substancialmente aumentados, na sequência das decisões de primeira da CEE de Bruxelas, criam, segundo Torres Pereira, a necessidade de aumentar a capacidade financeira das autarquias, «através da provável concessão de uma linha de crédito bonificada e

eventualmente do aumento do limite de endividamento para aquele efeito exclusivo», para manter as percentagens de cobertura nacional estabelecida para cada um dos programas.

O congresso da ANMP fará «uma reflexão muito séria sobre o ordenamento do território, gestão urbanística e gestão de solos, na perspectiva de definição de uma política de ordenamento do território verdadeiramente eficaz, em que todos os níveis da administração sejam co-responsabilizados», o que revelará uma leitura crítica da actividade do Ministério do Planeamento e Administração do Território.

Mas os municípios tomarão também uma posição sobre «o caso da EDP», continuando a guerra municípios-EDP, reclamando o pagamento pelo património que transitou das câmaras para aquela empresa.

TRIBUNAL DE FAMÍLIA DE LISBOA 3.º JUÍZO

ANÚNCIO

Pelo Tribunal de Família — 3.º Juízo — 2.ª Secção, da Comarca de Lisboa, no processo de Divórcio n.º 6468, em que é Autora — MARIA CRISTINA TEIXEIRA SAUDE PALHINHAS SILVA COELHO, residente na Rua José Mergulhão, lote B, 6.º-G, Reboleira Sul, Amadora e Réu — CARLOS ALBERTO DA SILVA COELHO, com a última residência conhecida no lote 13, r/c-C, Reboleira Sul, Amadora, ora em parte incerta, correm editos de TRINTA DIAS, contados da data da 2.ª e última publicação deste anúncio, citando o referido réu para, no prazo de **trinta dias**, decorrido o dos editos, contestar, querendo, o pedido de divórcio que lhe move a sua mencionada mulher, assim como o pedido de assistência judiciária, pelos motivos constantes da petição inicial e cujo duplicado se encontra à sua disposição neste Juízo e Secção.

A Autora baseia o seu pedido de divórcio com fundamento nos arts.ºs 1672.º e 1779.º n.º 1 do Código Civil.

Lisboa, 23 de Março de 1988.

O Juiz de Direito, (assi. ilegível)

O Escrivão Adjunto, Lourdes Direitinho

«DL» 7/4/88 — 2.ª pub.

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA CÓPIA DO EDITAL

O Dr. FRANCISCO ALVES DE ALMEIDA, Juiz do 2.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa: — Faz saber que pelo 2.º Juízo, 2.ª Secção do Tribunal de Lisboa, correm seus termos uns autos de execução de sentença, registados sob o n.º 17/86-Ex. em que é exequente MARIA ROSA FERREIRA DE FIGUEIREDO SOARES e executado CENTROGESTE — Administração de Centros Comerciais, Lda, com sede na Av. Júlio Dinis, 6-A — 1000 LISBOA, e neles correm editos de vinte dias, citando os credores desconhecidos para, no prazo de dez dias, findo o dos editos, ou a contar da segunda e última publicação do respectivo anúncio, deduzirem os seus direitos, nos termos dos artigos 864.º e seguintes do Código de Processo Civil.

Para constar se passou o presente que será devidamente afixado.

Está conforme ao original.

Lisboa, 7 de Outubro de 1987

O JUIZ DE DIREITO, Dr. Francisco Alves de Almeida

O ESCRIVÃO, Antero Branco Binha

O ESCRIVÃO ADJUNTO, Ass. ilegível

«DL» 7/4/88 — 2.ª pub.

8.º JUÍZO DO TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA ANÚNCIO

O Dr. Abílio Lopes Cardoso, Juiz de Direito do Oitavo Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa.

Faz saber que pela Segunda Secção deste Juízo, correm seus termos uns autos de acção com processo comum — sumária — emergente de contrato individual de trabalho, registados sob o n.º 80/85 em que é autora, Rosa da Conceição Santos, residente na Av. General Humberto Delgado, lote 1-9.º andar-esq.º, na Amadora e réus, MARIA MANUELA BASTO CARDOSO e OUTROS, esta com última residência conhecida na Avenida General Humberto Delgado, lote 1-2.º andar F, na Amadora e neles correm editos de TRINTA DIAS, citando a ré para no prazo de OITO DIAS, findo o dos editos e este a contar da segunda e última publicação dos anúncios, contestar, querendo, a acção que lhe move a autora, sob pena de, não o fazendo, ser imediatamente condenada no pedido formulado, que consiste na reintegração no posto de trabalho, o pagamento de diferenças salariais e pagamento da quantia de esc. 136 261\$00 (cento e trinta e seis mil, duzentos e sessenta e um escudos).

Mais é a Ré citada para, no mesmo prazo, contestar, querendo, o pedido do benefício da assistência judiciária formulado na petição inicial cujo duplicado se encontra à disposição da citada nesta Secção de processos.

Lisboa, 15 de Março de 1988

O JUIZ DE DIREITO, Ass. ilegível

O ESCRIVÃO ADJUNTO, Ass. ilegível

«DL» 6/4/88 — 1.ª pub.

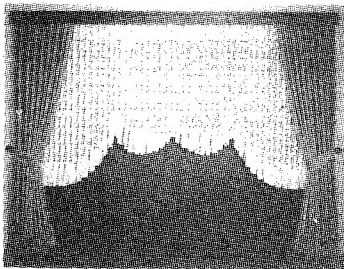
QUER DECORAR A SUA CASA VISITE-NOS, SOMOS

DECORAÇÕES OLIVEIRA & CRUZ, LDA

Representantes de papéis Colowall UMA CASA ao seu dispor com os mais modernos tecidos para

Cortinados e colchas
ALCATIFAS — CARPETES — VARÕES
E tudo para a decoração do seu lar
Temos confecção própria
Orçamentos grátis

Avenida Elias Garcia, Lote 28 Loja B (Casal das Quintelas) 2745 Queluz — Tel. 964487



CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA
Divisão de Informação e Relações Públicas

EXPOSIÇÕES

PASSEIOS

FOTOGRAFIA

COLÓQUIOS DEBATES

MÚSICA

TEATRO

CINEMA VIDEO

Semana da Juventude

ATÉ 16 de ABRIL

CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA
ASSOCIAÇÕES E ENTIDADES JUVENIS DO CONCELHO

Exigem diálogo. menos desemprego e melhores condições

MÉDICOS AMANHÃ EM GREVE CONTRA POLÍTICA DE BELEZA

Mais de vinte mil médicos começaram esta manhã a preparar a greve nacional de amanhã, durante a qual assegurarão os serviços essenciais das unidades hospitalares, nomeadamente as urgências, que funcionarão em pleno. A adesão à primeira das várias jornadas de luta da classe entre amanhã e 6 de Maio, com paralisações rotativas distritais, tem vindo a crescer nos últimos dias, prometendo constituir um êxito sem precedentes — reafirmou um dirigente sindical esta manhã ao «DL».

O Sindicato dos Médicos do Norte (SMZN) criticou entretanto, no Porto, os coordenadores de alguns Centros de Saúde da região por «intimidarem clínicos gerais que eventualmente aderiam à greve geral da classe, marcada

para amanhã. Os médicos do Porto voltarão a paralisar, com os de Castelo Branco, no próximo dia 15, um dia depois dos de Lisboa e Viana do Castelo, estes no quadro das greves rotativas.

Os médicos exigem a sus-

pensão do desemprego médico, da aplicação da legislação relativa à gestão hospitalar até negociações com as estruturas sindicais, melhoria das condições de trabalho e de remuneração e discutir com o Ministério toda a legislação concernente às carreiras médicas. Desde Setembro — quando entregaram aos ministros da Saúde e das Finanças e aos Grupos Parlamentares — que reclamam ser recebidos por Leonor Beleza, mas em vão. Tem vindo a contactar o gabinete do Primeiro-Ministro, que encaminha os assuntos para o Ministério da Saúde.

«Pelo emprego /pela gestão democrática /pelo enquadra-

mento salarial /pelas carreiras médicas» são, em resumo, as quatro razões de fundo desta luta. É o futuro das carreiras que está em jogo, o desmembramento e alienação das instituições, a secundarização dos médicos nos órgãos de gestão e de decisão, a caixificação da clínica geral, o desemprego maciço que se avizinha e as remunerações inadéquadas que se perpetuam», acrescentam os sindicatos médicos.

Estruturas médicas unem esforços

Os médicos portugueses iniciam amanhã um período de

greves que se prolonga até 6 de Maio e que prevê doze paralisações, num processo de luta que faz convergir, pela primeira vez na história desta classe, depois do 25 de Abril, todas as estruturas médicas.

Participam nestas acções, além dos médicos do Sul, os sindicatos do Norte, do Centro e o Sindicato Independente dos Médicos, para além do apoio já explícito da Ordem dos Médicos.

A primeira greve estende-se a todo o País, assim como a paralisação prevista para 6 de Maio, dia em que fecha o ciclo.

Entre uma e outra, 10 paralisações distritais estão marcadas de norte a sul do País como forma de protesto contra a política governamental no sector da saúde.

Concretamente, os clínicos protestam contra a política do Governo no que toca às carreiras médicas, à manutenção das actuais condições remuneratórias e ao que definem como total ausência de diálogo por parte do Ministério da Saúde.

Os médicos insistem na alegada falta de diálogo da ministra, e consideram que sem abertura não vai ser possível resolver os problemas da saúde em Portugal, problemas e carências que, aliás, dizem só estar a ser agravados pela política do actual Governo.

Por tudo isto, os médicos estarão amanhã em greve, assegurando, no entanto, todos os serviços de urgência, que funcionam normalmente durante todos os dias de paralisações, previstos até dia 8 de Maio.

Totalmente paralisados vão ficar, garantem os sindicatos, todos os Centros de Saúde e serviços de rotina.

A Ordem dos Médicos tomou posição sobre esta luta considerando-a «amplamente justificada», dadas as «permanentes agressões de que tem sido alvo a classe médica e a degradação das condições, quer materiais quer psicológicas, do exercício da profissão».

Dirigentes sindicais convocantes da greve criticam a degradação da situação dos cuidados de saúde, as baixas verbas destinadas ao sector, que em Portugal em percentagem do PIB são entre duas a três vezes menores do que as dos restantes países da CEE, e o desemprego de cerca de dois mil médicos.

Durante o período de greves os médicos desenvolverão uma «acção zelosa» que consistirá em pedirem todos os meios complementares de diagnóstico e consultas de especialidade que normalmente são utilizadas noutros países europeus.

A primeira paralisação nacional de médicos, que foi também a mais prolongada (20 dias no Norte, 18 no Sul e seis no Centro) foi convocada pela ordem e visava pressionar

a publicação do estatuto do médico dos serviços oficiais de saúde.

A segunda greve nacional, convocada pelos três sindicatos médicos agrupados numa Coordenadora Nacional, decorreu em 17 de Outubro de 1986, no anterior Governo, para protestar contra a política de saúde de Leonor Beleza.

Para além destas paralisações, os médicos realizaram já várias greves parciais, por zonas ou especialidades, sendo de destacar as lutas que travaram os médicos policlínicos, algumas vezes com recurso à greve, pela garantia de emprego nos serviços públicos de saúde.

Intimidações no norte

O Sindicato dos Médicos do Norte (SMN) criticou os coordenadores de alguns Centros de Saúde nortenhos por «intimidarem clínicos gerais que eventualmente aderiram à greve geral» marcada para amanhã.

Em conferência de Imprensa, dirigentes do SMN precisaram que os clínicos gerais, que trabalham nos Centros de Saúde, «vêm a revogação dos seus contratos de tempo completo prolongado ameaçada, caso decidam aderir à paralisação do dia 8».

Merlinda Madureira referiu que o contrato de tempo completo prolongado é revalidado anualmente, se não houver rescisão de nenhuma das partes, entre a Administração Regional de Saúde e os clínicos gerais.

Aquela dirigente explicou as razões da greve, que abrangerá os médicos de todas as carreiras, especificando ainda que o pré-aviso englobaria os médicos dos serviços de saúde dependentes dos Ministérios da Educação, Emprego e Segurança Social, Saúde, Justiça, Secretarias Regionais dos Assuntos Sociais das Regiões Autónomas e quaisquer outras entidades públicas que tenham médicos ao seu serviço, com exclusão dos escalados ou colocados a prestar serviços mínimos.

Salientou que a «degradação das condições de trabalho dos profissionais médicos, a manutenção das actuais condições remuneratórias, as ameaças de ataque às carreiras médicas e a completa ausência de diálogo por parte do Ministério da Saúde levaram os Sindicatos a decretar um calendário de greve para as próximas semanas».

Consideram-se serviços mínimos indispensáveis — notou — aqueles que são prestados por médicos aos domingos e feriados.

A seguir à greve de sexta-feira, estão marcadas paralisações distritais, a partir do dia 13 de Abril, terminando com uma greve nacional dos médicos prevista para o dia 6 de Maio.

GRANDE CAMPANHA ESPECIAL DA PÁSCOA

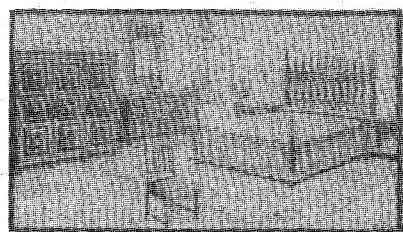
O SEU ESCUDO É MAIS FORTE COMPRANDO NOS
ARMAZÉNS DE MÓVEIS DO NORTE
o primeiro «CASH AND CARRY» de mobiliário de todos os estilos e preços



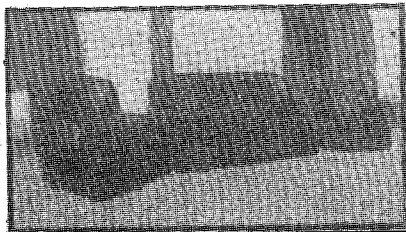
Até 30 de Abril de 1988 mesmo que só lhe interesse receber mobílias mais tarde, compre já, segurando estes preços, e sinalize apenas com 20%, pois os preços podem sofrer alterações durante a promoção, se houver razão que o justifique.

COMPRAMOS A PRONTO
VENDEMOS A PRONTO
A PREÇOS IMBATÍVEIS

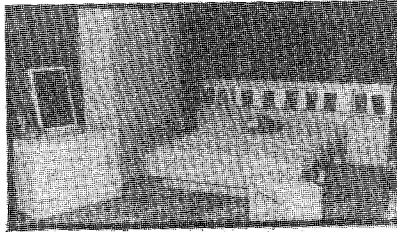
FIRMA REGISTADA
QUALQUER NOME PARECIDO
PODE SER PURA ESPECULAÇÃO



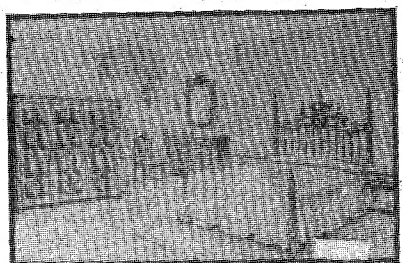
QUARTO SÉCULO XVII



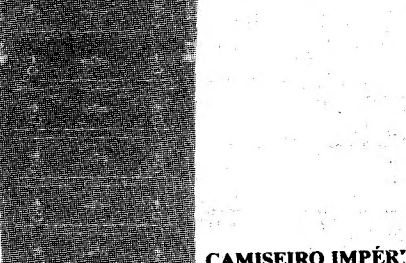
TERNO DE PELE
c/ cama francesa



QUARTO LINHAS DIREITAS
ELECTRIFICADAS



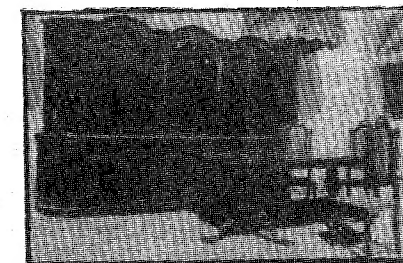
QUARTO SÉCULO XVII



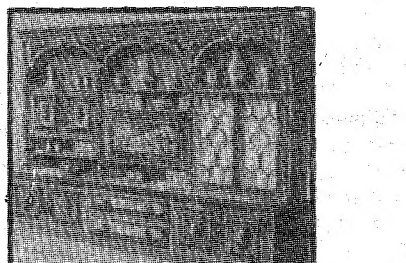
CAMISEIRO IMPÉRIO
c/ 6 gavetas



SALA SÉCULO XVII
(rico móvel de colunas vazadas) com
8 cadeiras, capela, fundo e costas em couro



SALA LUÍS XVI
em raiz de noqueira
c/ mesa e oito cadeiras em couro



SÉCULO XVII
ESTANTE



QUARTO ESTÚDIO

EM LISBOA: Avenida Marechal Teixeira Rebelo (seguimento da Av. do Uruguai, junto à Maconde), Benfica. Telefone 71 16 60

NA PORTELA DE SINTRA: Rua Dr. Félix Alves Pereira, 10-3

EM FIGUEIRÓ DOS VINHOS: Rua Dr. Manuel Simões Barreiros (junto aos CTT) — Telefone 5 24 03

NO PORTO: Rua do Bonjardim, 747, Telefone 38 05 61 • Rua do Almada, 649, Telefone 31 13 25

Horário de LISBOA e FIGUEIRÓ — das 9 às 13 e das 15 às 20 horas, MESMO AOS SABADOS

Horário de SINTRA — o mesmo, mas encerrando aos sábados às 13 horas.

NOTA: Para que não fiquem dúvidas, esclarecemos que os Armazéns de Móveis do Norte, Lda., em Lisboa, não têm qualquer filial ou agência no Algarve.

MAIOR EQUILÍBRIO NA BOLSA

Uma ligeira sensação de maior equilíbrio e de abrandamento da tendência descendente em que tem vivido o mercado, é a nota que resulta da sessão de hoje da Bolsa de Lisboa. No entanto, essa muito relativa melhoria só foi possível devido ao acentuar duma outra característica que vem marcando o mercado: um forte clima de estagnação, directamente resultante da pequena dimensão em que o mercado caiu.

No mercado oficial de acções, registou-se hoje um menor desfazamento entre subidas e descidas das cotações. Os títulos que melhoraram as respectivas cotações foram hoje em número de 23, apenas menos nove que os 32 que se cotaram em queda. A situação dominante no mercado - confirmando a ideia de que se aprofunda a sua estagnação - voltou a ser a dos títulos que passaram a jornada sem serem transaccionados, que hoje foram nem mais nem menos que

Subidas

G. A. P. - 1.800\$ (transaccionadas 3.350 unidades; cotação anterior: 1.710\$); VIDAGO - 3.080\$ (172; 3.000\$); F. N. MARGARINAS - 5.500\$ (150; 5.300\$); COFACO - 5.000\$ (60; 4.040\$); MABOR - 5.000\$ (350; 4.900\$); SONAE - 12.700\$ (110; 12.600\$); I-SAR-RAKOLL - 4.600\$ (140; 4.500\$); INDASA - 5.200\$ (168; 5.100\$); EFACEC - 5.100\$ (1.487; 5.050\$); SOLIDAL - 6.900\$ (70; 6.000\$); ERG - 1.900\$ (30; 1.620\$); SOMEK - 2.900\$ (10; 1.800\$); D. PEDRO - 2.640\$ (150; 2.500\$); TRANSINSULAR (nom.) - 3.460\$ (50; 3.000\$); MARCONI (port.) - 15.650\$ (580; 15.600\$); MARCONI (nom.) - 11.700\$ (22; 10.500\$); B. P. I. (port.) - 12.050\$ (348; 10.500\$); B. P. I. (nom.) - 10.000\$ (251; 9.250\$); CISF - 69.000\$ (189; 68.000\$); B. C. P. (port.) - 127.000\$ (30; 125.000\$); B. C. P. (nom.) - 96.500\$ (10; 96.000\$); HELLER - 10.000\$ (80; 9.950\$); SOPETE (port.) - 5.000\$ (200; 4.900\$).

Descidas

SICEL - 2.540\$ (transaccionadas 40 unidades; cotação an-

terior: 3.500\$); TRIUNFO - 1.410\$ (100; 1.480\$); SOJA - 6.350\$ (80; 6.500\$); MADEIRENSE TABACOS - 5.000\$ (870; 5.050\$); PROADEK - 3.400\$ (150; 3.500\$); CIRES - 7.900\$ (200; 8.000\$); CIPAN - 4.200\$ (85; 4.300\$); LISNAVE - 2.900\$ (120; 3.100\$); S. CAETANO - 7.400\$ (20; 7.450\$); MAGUE - 3.520\$ (100; 3.600\$); MOTA E C^a - 7.500\$ (50; 7.600\$); SUMOLIS - 8.800\$ (50; 8.950\$); TORRES NOVAS - 3.600\$ (150; 3.640\$); AMIEIROS VERDES - 2.500\$ (200; 2.540\$); FIACO - 4.020\$ (10; 4.600\$); NOVOPAN - 4.000\$ (250; 4.600\$); A. GAUDÊNCIO - 1.650\$ (120; 1.900\$); PAP. FERNANDES - 2.400\$ (232; 2.700\$); INFORGAL - 4.500\$ (65; 5.000\$); CAIMA - 27.000\$ (294; 27.150\$); TRANSMOTOR - 3.500\$ (20; 4.000\$); CONTENTORES - 3.000\$ (100; 3.500\$); IMO-LEASING - 7.200\$ (200; 7.250\$); MANUFACTURERS HANOVER (port.) - 7.000\$ (1.810; 7.100\$); GARANTIA - 8.500\$ (10; 10.000\$); O TRABALHO - 18.700\$ (40; 19.000\$); COTAP - 1.300\$ (90; 1.500\$); GRÃO-PARÁ - 2.800\$ (64;

62. De realçar também o grande número de títulos a repetirem os preços anteriores: 31 papéis viveram hoje essa situação.

Os fracos sinais positivos dados hoje pelo mercado tornam-se mais prometedores ao repararmos que entre as empresas em subida se contam algumas tradicionais «blue-chips», e que o sector das financeiras («barómetro» do mercado) foi dos que mais resistiu à queda.

A apatia dos negócios bolsistas reflete-se também nos montantes movimentados, indicador de que só dispomos para a sessão de ontem. Foram então movimentados um total de 384 mil contos, dos quais apenas cerca de 142,6 no mercado oficial accionista. No entanto, há que ter em conta o facto de se aproximarem OPV's (já amanhã, realiza-se a do Citibank), o que pode contribuir para a fraqueza da procura e mesmo para alguma oferta, por parte de investidores à procura de liquidez.

3.000\$); REDITUS - 2.200\$ (20; 2.500\$); LUSOTUR - 5.000\$ (950; 5.150\$); SOPE-TE (nom.) - 4.200\$ (50; 4.760\$); ESTORIL SOL (port.) - 2.300\$ (330; 2.360\$).

Preços repetidos

PROALIMENTAR - 3.100\$ (transaccionadas 100 unidades); MACEDO COELHO - 2.600\$ (50); RAÇÕES VALOURO - 5.000\$ (30); CARNES NOBRE - 2.700\$ (50); FISIFE - 6.500\$ (50); CRISAL - 4.000\$ (200); LUZOSTELA - 2.800\$ (70); VISTA ALEGRE - 5.900\$ (10); C. P. COBRE - 14.500\$ (250); CABELTE - 7.950\$ (50); CEL-CAT - 3.100\$ (460); FITOR - 2.500\$ (40); LUÍS CORREIA - 4.500\$ (100); TÂMEGA - 5.900\$ (20); SOMAGUE - 6.300\$ (150); SOARES COSTA - 2.000\$ (760); EMPOR - 2.440\$ (62); INAPA - 18.000\$ (220); PENINA - 2.400\$ (60); ORBITUR - 2.600\$ (80); HOTELAGOS - 1.900\$ (130); TRANSBEL - 1.700\$ (110); OREY ANTUNES - 1.900\$ (260); SOFINLOC - 15.000\$ (70); LUSOLEASING - 18.000\$ (90); EUROLEASING - 11.650\$ (110); ESPÍRITO SANTO - 9.000\$ (444); S. P.

SEGUROS - 16.000\$ (96); SONAGI - 3.000\$ (50); I. T. I. (port.) - 2.000\$ (2.240); TELE-CINE-MORO - 3.760\$ (100).

Não transaccionadas

FINAGRA, CURIA, H. SERRANO, REFRIGE, SO-PRAGOL, VASCO DA GAMA, HIGIENE, POLIMAIA, CINCA, CEREXPORT, F. RAMADA, FERREIRINHAS, P. M. ALFA, S. T. E., ARISTON, SOPOL, EMASA, PER-SUÍÑOS, PRAZOL, ALCO, AV. MOAGENS, VILA FRANCA, COPAM, FEPSA, VELDEC, GREGÓRIO, MOURA MATOS, BORDALIMA, ARBORFIL, E. IMPÉRIO, LAMEIRINHO, ENGL, SABEL, S. G. O., SIAF, NOVEMBAL, COPIDATA, LITHO FORMAS, PROEMBA, P. CAVALEIROS, J. S. CORREIA, MUNDINTER, SOMIL, A. C. SANTOS, INÓ, JÚPITER, TUROPA, TERNOR, TERTIR, TRANSINSULAR (port.), MANUFACTURERS HANOVER (nom.), B. C. I. (port.), B. C. I. (nom.), LEASINVEST, MUNDICENTER, FENALU, TIME SHARING, ESTORIL SOL (nom.), LUSOMUNDO, I. T. I. (nom.), FIGUEIRA PRAIA, SOLVER-DE.

EMPRESAS

Corticeira Amorim: 2,1 milhões de contos de lucro

A Corticeira Amorim, SA, apresentou, em 1987, um resultado líquido de 2,124 milhões de contos contra 119 mil contos em 1986. A sociedade vai efectuar, na próxima segunda-feira, na Bolsa de Valores do Porto, uma Oferta Pública de Venda de 300 mil acções ao portador, no valor nominal de mil escudos cada, ao preço mínimo 4 mil escudos. O volume de negócios, de acordo com o documento, foi no ano passado de 4,471 milhões de contos, um acréscimo de 14,1 por cento relativamente a 1986.

Lusoleasing: 482 mil contos de lucro

A Lusoleasing, Sociedade de Locação Financeira Mobiliária, SA, encerrou o exercício de 1987 com um resultado líquido de 482,8 mil contos, contra 203,7 mil contos em 1986. A administração da Lusoleasing propôs a distribuição de 120 mil contos de dividendos, o que corresponde a um dividendo unitário ilíquido de 300 escudos por acção. O volume de negócios cifrou-se, no ano passado, em 7,1 milhões de contos, contra 3 milhões de contos em 1986. O volume de proveitos (rendas de locação financeira) situou-se nos 3,8 milhões de contos, o que corresponde a um acréscimo de 83 por cento relativamente ao ano anterior.

Celcat vai investir cerca de um milhão

A Celcat, Fábrica Nacional de Condutores Eléctricos, SA, vai investir este ano 950 mil contos na modernização de equipamento e tecnologia e na racionalização de produtos. A empresa, que se dedica à fabricação de cabos e condutores de energia e telecomunicações, prevê, para este ano, um volume de vendas de cerca de 5,5 milhões de contos.

Salvador Caetano: lucros mais do que duplicaram

Os lucros do grupo Salvador Caetano (IMVT), SA, mais do que duplicaram, em 1987, totalizando 2.006.847 contos, contra 958.486 contos no ano anterior. O grupo, que inclui nove empresas da indústria metalúrgica e de veículos de transporte, tem previstos investimentos superiores a 1 milhão de contos em 1988, principalmente na área produtiva. O volume de negócios do grupo aumentou de 20.016.904 contos em 1986 para 32.931.757 contos em 1987, com 19.070 unidades vendidas, contra 13.694. O cash flow registou, também, uma subida significativa, para 3.404.390 contos em 1987, contra 1.494.492 contos no ano precedente.

Recordes nas maiores Bolsas mundiais

Os preços das acções na Bolsa de Nova Iorque registaram ontem uma forte subida devido ao fortalecimento do dólar e à baixa das taxas de juro nos Estados Unidos.

O índice Dow Jones, que na terça-feira ganhara 19,91 pontos, avançou 64,16 pontos, para se fixar em 2061,67.

Esta subida é a mais ampla do indicador das 30 principais empresas industriais desde a subida de 76,42 registada na primeira sessão deste ano.

No Oriente, a Bolsa de Tóquio tornou-se hoje a primeira grande praça financeira a superar o «crash» de 1987,

registrando um recorde de 19 de Outubro do ano passado.

O índice Nikkei progrediu 258,05 ienes, contra 195,82 na quarta-feira, fechando a 26.769,22 ienes.

O movimento da Bolsa foi enorme, tendo 1.600 milhões de títulos sido trans-

acionados.

Também o índice Hang Seng, principal indicador da Bolsa de Hong-Kong, regis-

tou hoje o seu mais alto nível desde o «crash» de Outubro, estabelecendo-se a 2.623,08 pontos, ou seja, uma progressão de 66,52 pontos.

Obras Públicas: evolução favorável mas com algumas reticências

O valor dos concursos de obras públicas abertos no primeiro trimestre deste ano situou-se em 27 milhões de contos, um acréscimo de 43 por cento relativamente a igual período do ano anterior, revelou a Associação de Empresas de Construção e Obras Públicas do Sul, AECO-PS.

Por outro lado, os concursos adjudicados do primeiro trimestre do ano situaram-se nos 28,8 milhões de contos, o que corresponde a uma redução de 6 por cento quando comparado com o valor de igual período de 1987.

O número de concursos abertos registou, no período, um acréscimo de 77 por cento, passando de 264 para 467.

Quanto aos concursos adjudicados, o seu número foi de 285, no primeiro trimestre deste ano, contra 315 em igual período do ano anterior, o que cor-

responde a uma redução de 9 por cento.

Verificou-se, no primeiro trimestre, uma forte incidência dos concursos na região centro, na ordem dos 40 por cento, quando em igual período do ano anterior a maior componente correspondeu à região norte.

COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS



CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por Unidade)	
	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	53\$10	59\$10
ALEMANHA FED. (marco)	80\$75	81\$95
ÁUSTRIA (xelim)	10\$50	11\$70
BÉLGICA (franco)	3\$664	3\$914
BRASIL (cruzado)	731	1\$331
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	108\$25	110\$75
(notas de 5 a 1000)	108\$75	111\$25
DINAMARCA (coroa)	21\$10	21\$50
ESPAÑA (peseta)	1\$178	1\$298
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	134\$45	137\$95
(notas de 5 a 1000)	134\$95	138\$45
FINLÂNDIA (marka)	33\$60	34\$20
FRANÇA (franco)	23\$80	24\$50
HOLANDA (florim)	72\$00	73\$10
IRLÂNDIA (libra)	217\$10	221\$10
ITÁLIA (lira)	\$099	\$114
JAPÃO (iene)	1\$034	1\$089
NORUEGA (coroa)	21\$50	22\$00
REINO UNIDO (libra)	254\$50	259\$00
SUÉCIA (coroa)	22\$85	23\$35
SUÍÇA (franco)	97\$95	99\$45
VENEZUELA (bolívar)	3\$965	4\$965

OBSERVAÇÕES:

- 1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

NOTARIADO PORTUGUÊS QUARTO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

Certifico narrativamente que por escritura de 3 de Dezembro de 1987, lavrada de folhas 23 a folhas 24 do livro de notas para escrituras diversas número 155-F do Quarto Cartório Notarial de Lisboa, a cargo do Notário licenciado JOSÉ MARIA MARTINS SOARES, foi alterado na totalidade o contrato de sociedade da sociedade anónima "ESTABELECIMENTOS RODRIGUES & RODRIGUES, SA", com sede em Lisboa, na Rua Nova do Carvalho, número sessenta e seis, pessoa colectiva número 500100330, matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa sob o número sete mil e oitenta e sete, do livro C - dezanove com o capital de cinquenta milhões de escudos, que passou a reger-se pelo seguinte contrato:

Denominação, sede, objectivo e duração Art.º 1.º

1. A sociedade tem a denominação social de Estabelecimentos Rodrigues & Rodrigues, SA, e a sua duração é por tempo indeterminado.
2. A sociedade resulta da transformação, por escritura de dezanove de Fevereiro de mil novecentos e sessenta e quatro, lavrada de folhas dezanove verso a folhas vinte e oito verso do livro número treze-B das notas do Sétimo Cartório Notarial de Lisboa, a cargo do notário Luciano Correia, da sociedade em nome colectivo Rodrigues & Rodrigues, constituída por escritura de seis de Março de mil novecentos e dezanove, a folhas cento e sete e seguintes do livro mil e cinquenta e um do Cartório Notarial de Lisboa a cargo do notário Emídio José da Silva.
3. A sede social é na Rua Nova do Carvalho, número sessenta e seis, em Lisboa, podendo ser transferida para outro local dentro do mesmo concelho, por deliberação da Direcção.
4. A Direcção poderá criar, onde entender, quaisquer formas de representação social.

Art.º 2.º

1. A sociedade tem por objecto a confecção e comercialização, quer para o mercado interno quer para o mercado externo, de vestuário civil ou militar e seus acessórios e material de aquartelamento, bem como a actividade de armazenista, agente, vendedor, importador e exportador de tecidos e outros artigos, incluindo os de sapataria, material de protecção individual e revestimento de chão e paredes.
2. A sociedade está autorizada a adquirir livremente participações como como sócio de responsabilidade limitada ou de participar em sociedades com objecto diferente do indicado no número um, em sociedades reguladas por Leis especiais e em agrupamentos complementares de Empresas, competindo à Direcção tais decisões.

CAPÍTULO II Capital social, acções e obrigações Art.º 3.º

1. O capital social é de cinquenta milhões de escudos, representado por cinquenta mil acções do valor nominal de mil escudos cada uma, e encontra-se integralmente realizado.
2. As acções são nominativas ou ao portador, nos termos das disposições legais aplicáveis, e reciprocamente convertíveis, por deliberação da Direcção, mediante requerimento a apresentar pelos interessados, a quem cabe suportar as respectivas despesas.
3. Os títulos são representativos de uma, cinco, dez, vinte, cinquenta e cem acções.

Art.º 4.º

1. A sociedade pode adquirir, alienar e realizar quaisquer operações com acções próprias, nos termos da lei.
2. As acções próprias da sociedade não dão direito a dividendos nem a representação na Assembleia Geral.

Art.º 5.º

1. A transmissão das acções nominativas só é possível, nos termos da lei, com o consentimento do Conselho Geral.
2. O Conselho Geral deverá pronunciar-se sobre o pedido de consentimento dentro do prazo de sessenta dias.
3. Se o Conselho Geral não se pronunciar dentro do prazo referido no número anterior, é livre a transmissão das acções.
4. O Conselho Geral é obrigado no caso de recusar licitamente o consentimento, fazer adquirir as acções por outra pessoa nas condições de preço e pagamento do negócio para que foi solicitada o consentimento; tratando-se de transmissão a título gratuito, ou provando o Conselho Geral que naquele negócio houve simulação de preço, a aquisição far-se-á pelo valor real, determinado nos termos previstos na lei.

Art.º 6.º

A sociedade, se assim o deliberar a Assembleia Geral, pode proceder à emissão de obrigações.

CAPÍTULO III Assembleia Geral Art.º 7.º

1. A Assembleia Geral, que representa a totalidade dos accionistas, é constituída por todos os accionistas com direito a voto.
2. A mesa da Assembleia Geral é constituída pelo presidente e por dois secretários, eleitos por um período de três anos.
3. A cada acção corresponde um voto.
4. Os accionistas poderão fazer-se representar nas Assembleias Gerais nos termos da lei, mediante simples carta dirigida ao presidente da mesa.
5. O Revisor Oficial de Contas pode tomar parte nas reuniões da Assembleia Geral e intervir na discussão, independentemente de ser ou não accionista.

CAPÍTULO IV Administração e fiscalização Art.º 8.º

São órgãos de administração e fiscalização da sociedade a Direcção, o Conselho Geral e o Revisor Oficial de Contas.

Art.º 9.º

1. A Direcção é composta por três directores, designados pelo Conselho Geral por períodos de três anos, renováveis.
2. A Direcção competem todos os poderes necessários à gestão da sociedade, nos termos definidos pela lei.
3. A remuneração dos directores é estabelecida pelo Conselho Geral, tendo em conta as funções desempenhadas e a situação económica da sociedade.
4. O Conselho Geral pode decidir acrescentar à remuneração fixa dos directores uma percentagem dos lucros do exercício até ao limite de vinte por cento.
5. A percentagem referida no número anterior não incide sobre distribuição de reservas nem sobre qualquer parte dos lucros do exercício que não pudessem, por lei, ser distribuída aos accionistas.

Art.º 10.º

1. A sociedade fica obrigada:
 - a) Pela assinatura de dois directores ou de um director e de um mandatário, dentro dos poderes a este atribuídos por procuração;
 - b) Pela assinatura de um só director, quando para um fim específico, tal poder tenha sido conferido em acta da Direcção;
 - c) Pela assinatura de um mandatário, nos termos da procuração.
2. Em actos de mero expediente é suficiente a assinatura de um director ou mandatário.

Art.º 11.º

1. O Conselho Geral é composto por cinco membros efectivos e três suplentes eleitos pela Assembleia Geral por períodos de três anos, renováveis, com a competência definida na lei.
2. As funções dos membros do Conselho Geral podem ser remuneradas, em termos a definir pela Assembleia Geral.

Art.º 12.º

1. Os accionistas da sociedade que seja, simultaneamente, seus trabalhadores, e que sejam designados ou eleitos para a Direcção ou o Conselho Geral, não perdem, por tal facto, qualquer direito ou regalia como trabalhadores.
2. Sempre que essas funções sejam exercidas os accionistas referidos no número anterior regressarão, após o termo do seu mandato, ao serviço onde provieram, para o desempenho das antigas funções, ou equivalentes, desde que compatíveis com a sua categoria profissional, com todos os direitos, como se se tivessem mantido durante aquele período na situação anterior, considerando-se, por consequência, como nulas e de nenhum efeito, todas as cláusulas dos contratos que com os mesmos tenham sido efectuados para o exercício daquelas funções.

Art.º 13.º

1. A fiscalização da sociedade compete a um Revisor Oficial de Contas, designado pela Assembleia Geral por períodos de três anos, renováveis.
2. Ao Revisor Oficial de Contas cabem os poderes e os deveres que a lei lhe confere.

CAPÍTULO V Ano Social e Aplicação de Resultados Art.º 14.º

O ano social é o civil.

Art.º 15.º

1. Os lucros líquidos apurados em cada exercício, depois de deduzida a percentagem que a lei fixar para a integração ou a reintegração do fundo de reserva legal, terão a aplicação que a Assembleia Geral determinar.
2. Não é obrigatória a distribuição aos accionistas de qualquer parte dos lucros do exercício.

Art.º 16.º

1. Todo o trabalhador interno com mais de vinte anos de serviço na Empresa terá direito ao complemento de salário, para efeitos de reforma, nos termos da legislação aplicável.
2. O princípio constante do número anterior fica sujeito aos termos previstos pelas contratações colectivas que venham a ser subscritas pelos Sindicatos que abranjem a Empresa, desde que tais contratações beneficiem o direito aqui consagrado.
3. A atribuição do direito previsto neste artigo poderá ser suspensa no ano imediatamente a seguir ao de um exercício que apresente resultado negativo.
4. A concretização desta suspensão poderá efectuar-se no mês seguinte ao da aprovação das contas.

CAPÍTULO VI Dissolução e liquidação Art.º 17.º

A dissolução e a liquidação da sociedade far-se-ão nos termos da lei e, quanto à liquidação, nas condições, que a Assembleia Geral decidir.

Está conforme o original.

Lisboa, aos dez de Dezembro de mil novecentos e oitenta e sete

O Escriturário Superior,
(Illegível)

"D.L." 7/4/1988

ECONOMIA



200 MIL CONTOS DE CAPITAL PRÓPRIO VAI SER MÍNIMO PARA IR À BOLSA

O «pacote» legislativo referente ao mercado de títulos (em preparação) prevê, num dos diplomas que o integram, a estipulação de um valor mínimo de 200 mil contos de capitais próprios para as empresas cotadas em Bolsa. A actual legislação apenas estabelece um limite mínimo para o capital social das empresas, que é de 20 mil contos. A fixação de um mínimo para os capitais próprios (capital social mais reservas) integra-se no objectivo de harmonizar a legislação portuguesa sobre o mercado de títulos com a dos restantes países comunitários.

O «pacote» legislativo em causa voltou ontem a ser alvo de apreciação pelo Conselho

Nacional das Bolsas de Valores, pela última vez antes da sua aprovação em Conselho de ministros. Segundo um membro do Conselho das Bolsas citado pela agência Lusa, está previsto um período de adaptação àquele limite mínimo dos capitais próprios. Para além de fixar novas condições de admissão à cotação, o mesmo «pacote» irá também legislar sobre sociedades de corretagem, obrigações com «warrant», fundos fechados, ofertas públicas de venda, ofertas públicas de aquisição e ainda sociedades de gestão de fortunas.

Para Ferraz da Costa, presidente da Confederação da In-

dústria Portuguesa, «os problemas essenciais não são cobertos por este pacote, embora contenha diplomas úteis». Na opinião de Omar Karim, da Associação Industrial Portuguesa, este «pacote» é «um bom trabalho e vai contribuir para a organização e aperfeiçoamento do mercado de títulos, gerando frutos no desenvolvimento da economia portuguesa». Por seu turno, Crespo de Carvalho, da Confederação do Comércio Português, considerou que, «dada a complexidade do pacote, o Conselho das Bolsas deverá ainda reunir mais uma vez antes dos diplomas serem tornados públicos».

NOTARIADO PORTUGUÊS QUARTO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

CERTIDÃO DE NARRATIVA PARCIAL

Certifico narrativamente que se encontra arquivada neste Cartório, a instrução a escritura lavrada no dia três de Dezembro de mil novecentos e oitenta e sete, no competente livro número cento e cinquenta e cinco — F folhas vinte e três, uma fotocópia autenticada da acta número setenta da assembleia geral da sociedade Estabelecimentos Rodrigues & Rodrigues, SA, realizada no dia dezanove do mês de Novembro de mil novecentos e oitenta e sete.

Mais certifico que da referida acta consta:

- a) haverem estado presentes cento e vinte e seis accionistas representando três mil duzentas e catorze acções;
- b) ter sido designado como Revisor Oficial de Contas a firma com a designação social Patricio, Mimoso e Mendes Jorge — Sociedade de Revisores Oficiais de Contas representado pelo dr. Augusto Brites Mimoso.

Está conforme com o original.
Lisboa, aos dezoito de Março de mil novecentos e oitenta e oito.

O Escriturário Superior
Assinatura ilegível

«DL» 7/4/1988

NOTARIADO PORTUGUÊS QUARTO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

CERTIDÃO DE NARRATIVA PARCIAL

Certifico para efeitos de publicação, que foi registada neste Cartório, a pedido dos interessados em dezanove de Março de mil novecentos e oitenta e oito, a folhas dezoito verso do competente livro número R-catorze, sob o número noventa e cinco, uma fotocópia autenticada da acta número dois do Conselho Geral da sociedade Estabelecimentos Rodrigues & Rodrigues, SA, realizada aos dez dias do mês de Fevereiro de mil novecentos e oitenta e oito.

Mais certifico que da referida acta consta:

- a) haverem estado presentes os senhores António da Conceição Monteiro, Carlos Luís Carapinha Severo, José Barata de Almeida Ribeiro, Maria Irene Mendes Martins e Maria José Casaca Mouzinho.
- b) ter sido nomeado para terceiro membro da Direcção o Dr. Manuel Rodrigues Tabau.

Está conforme com o original.
Lisboa, aos dezanove de Março de mil novecentos e oitenta e oito.

O Escriturário Superior
Maria Manuela Magro Jôia de Brito

«DL» 7/4/1988

NOTARIADO PORTUGUÊS QUARTO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

CERTIDÃO DE NARRATIVA PARCIAL

Certifico para efeitos de publicação, que foi registada neste Cartório, a pedido dos interessados em dezanove de Março de mil novecentos e oitenta e oito, a folhas dezoito verso do livro número R-catorze, sob o número noventa e quatro, uma fotocópia autenticada da acta número um do Conselho Geral da sociedade Estabelecimentos Rodrigues & Rodrigues, SA, realizada aos quinze de Dezembro de mil novecentos e oitenta e sete.

Mais certifico que da referida acta consta:

- a) haverem estado presentes os senhores António da Conceição Monteiro, Carlos Luís Carapinha Severo, José Barata de Almeida Ribeiro, Maria Irene Mendes Martins e Maria José Casaca Mouzinho.
- b) terem sido escolhidos para membros da Direcção os accionistas: Alfredo Farreira Gonçalves — Presidente e Vítor Manuel Pimenta Gaspar — vogal.

Está conforme com o original.
Lisboa, aos dezanove de Março de mil novecentos e oitenta e sete.

O Escriturário Superior
Maria Manuela Magro Jôia de Brito

«DL» 7/4/1988

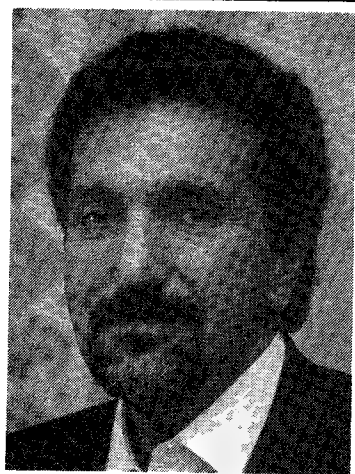
ENSINE O SEU FILHO

Se o seu Filho for para
a Escola ou regressar, já
de noite, vista-lhe roupas
claras e se possível com
placas reflectoras



PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA





UMA HERANÇA CULTURAL E MORAL

Artur Portela

O «Diário de Lisboa» já o vivia eu antes de entrar para a sua redacção. Através de meu pai. Habitávamos o prédio onde nasci, à beira da Rua da Academia das Ciências. A dois passos do jornal, que parecia invadir toda a casa. Ele era a ponte cultural e era a própria temperatura emocional. O «Diário de Lisboa», o seu dia-a-dia, as suas vitórias, os seus embates com a censura salazarista, as suas esperanças, vivia-as intensamente meu pai, seu redactor desde o primeiro dia. E, com ele, todos nós. A casa. Feita de jornais, de livros e de quadros.

A escola primária foi fazê-la no edifício colado ao «Diário de Lisboa». Era da Câmara, e ainda lá está. Quantas vezes galguei a escada do jornal, azulejada com desenhos do Stuart, para ir esperar meu pai. Ou, simplesmente, para ir ver, e ouvir, e sentir, o jornal. Quantas horas passei, miúdo, pendurado num banco alto, a desenhar, a escrever, feito jornalista pela minha imaginação e o meu espanto, esperando o meu pai, ele no fundo do seu gabinete dourado de fumo, de papel de parede esfacelado e de luz baixa, a acabar, interminavelmente a acabar, sempre torrencial, uma reportagem, uma crónica, um artigo. Eu espreitava, seguia, o movimento da redacção, as vozes e os gestos, o fervilhar de todo o jornal, o estalar das linotypes, o rumor da rotativa. E aquele assombroso companheirismo de jornalistas

de tantas lutas: o Norberto de Araújo, o velho Espirito Santo, Norberto Lopes, Mário Neves, o enorme Bizarro, a festa que era o Tavares da Silva e os seus charutos, o velho menino cor de rosa que era o Félix Correia, tantos outros! Por vezes, subindo do seu gabinete, trémulo mas firme, e sempre ao lado da sua redacção, o Joaquim Manso.

O liceu, fi-lo também ali, a meia dúzia de ruas, atrás do edifício de «O Seculo», no Passos Manuel, do primeiro ao quinto ano. Sempre paredes meias com o jornal, para onde corria mal podia, minha meia escola, meu meio liceu. Meu futuro, que já queria inteiro. E foi por essa altura que meu pai dividiu comigo algumas críticas de cinema. Fui o Visor 13. Tinha 13 anos. Após dois anos num liceu estranhamente distante, voltei ao bairro.

Fui admitido na redacção

do «Diário de Lisboa» no ano em que entrei para a Faculdade de Letras, a velha, a da Academia das Ciências. Comecei como repórter informador, claro. Ganhava, então, 800 ou 900 escudos por mês. O chefe de redacção era Norberto Lopes. Foi ele que, exigente por mim, me quis na secretária à direita da sua. Eu escrevia à mão, na ponta de dedos sempre sujos de tinta, a devorar, de nervosismo, a gravata. Recordo que a minha primeira reportagem foi um fogo no Bairro Alto. Mandaram-me ir a correr e voltar a correr. Fui. Subi a telhados a arder. Afinal, regressado ao jornal, verifiquei, a redacção inteira a rir, que a reportagem já estava feita. Tinha sido uma prova!

E por aí fora, ao longo de anos, e de tudo quanto era jornalismo: tribunais e hospitais, aeroportos e entrevistas, a Academia das Ciências, em intermináveis diálogos saca-rolhas com um ine-

narrável Júlio Dantas, a coordenação de páginas de espectáculos e de páginas literárias, críticas de cinema e de teatro, reportagens e crónicas, e reportagens crónicas, e locais, e «três linhas», e títulos e subtítulos, e revisão, mais lá para diante, de prosas principiantes, e paginação na velha tipografia, na calorosa camaradagem com alguns homens admiráveis, gráficos de cultíssima memória, viagens dentro e fora do País, centenas e centenas de saídas com o velho Salgado fotógrafo e com um desconcertante António que, um dia, ia o presidente Eisenhower a desaparecer no avião, gritou, de pista, «O Eisenhower, ó pá!», para escândalo de ministros e de pides, e Eisenhower voltou-se e o António «záz» — boneco! Ou seja, foi a tarimba toda, no duro e no puro, de repórter informador a repórter, e de repórter a redactor, que isto de jornalistas de luxo que, mal entram num jor-

nal, já estão a escrever os artigos de fundo, então, não se usava!

Foi no «Diário de Lisboa», justamente na secretária à direita da secretária de Norberto Lopes, que recebi a notícia da morte de meu pai. Ia ainda alta a vaga que foi Humberto Delgado. Pela qual lutámos, também aí juntos, meu pai e eu.

Anos depois, um conflito entre um grupo de jornalistas, por um lado, e a administração e pelo menos uma parte da hierarquia da redacção, por outro, acabou por me levar a pedir a demissão por um princípio de solidariedade. Conflito que envolvia um problema de horas extraordinárias, mas também um juízo das hierarquias que considerei injusto quanto a dois camaradas e amigos, o José Estêvão Saspores e o Carlos Veiga Pereira. Solidários com eles, e por isso demissionários, estávamos o Urbano Tavares

Continua na pág. 14

The collage features several newspaper clippings from the 'Diário de Lisboa'. The main clipping is a large headline: 'A decisão de Johnson foi incondicional — declarou Xuan Thuy', with a sub-headline 'O fim dos bombardeamentos'. Below this, there are smaller articles including 'Washington continuará as negociações mesmo sem Saigão — admite Clark Clifford', 'Checoslováquia não de Bruxelas', 'Primeira grande ameaça às reformas de Faure que abrangem os liceus', and 'A nova Comissão Académica de Coimbra recebeu instruções para normalizar a vida associativa'. The clippings are arranged in a layered, overlapping fashion, showing the masthead of the newspaper and various photographs and text columns.

Uma herança cultural e moral

Continuação da pág. 13

Rodrigues, o Renato Boaventura, já desaparecido, um Vasco Pulido Valente, novíssimo, e eu. Saída profundamente dolorosa. Para quantos saíram. E, estou certo, para muitos que ficaram. Talvez sobretudo para Norberto Lopes, grande amigo de meu pai, meu amigo gran-

de, hoje meu companheiro no Conselho de Comunicação Social.

Decerto, o jornalismo não acabou, para mim, com esta saída do «Diário de Lisboa». Estive ligado, em funções de responsabilidade vária, a outros jornais. Antes e depois da Revolução. Mas, reconheço, e faço-o gostosamente, o «Diário de Lisboa» marcou-me de uma forma indelével. Porque foi o jornal de meu pai, do grande repórter e cronista que, permito-me crê-lo, era meu pai. Porque foi no âmbito, no respiro, depois na redacção deste jornal, que se fez grande parte da minha formação. Como jornalista. Como cidadão. Escola de liberdade em responsabilidade, este jornal. Tal como escola de cidadania cultural. E de estilo. No «Diário de Lisboa» aprendi, com alguns dos maiores jornalistas da época, não apenas as técnicas do jornalismo, mas o que era, o que tinha de ser, a luta quotidiana do jornalismo contra uma ditadura insidiosamente ronceira, falsamente branda, no fundo implacável. No «Diário de Lisboa», aprendi a lutar contra a censura, por entre as suas malhas. E recordo, a propósito, que um dos porventura mais sérios conflitos entre este jornal e o poder salazarista teve por motivo uma série de parábolas minhas, de que era protagonista um autocrático e sibilino Mandarin Whu. No qual, não sei quem, e talvez não sem alguma razão, via uma sombra chinesa do ditador de Santa Comba. Coisa que acabou por levar Pedro Theotónio Pereira, então ministro de Estado a ameaçar o jornal, no mínimo com a suspensão. E Norberto Lopes a responder-lhe, tão à letra quanto era, então, possível. As parábolas, essas, já agora direi que as integrei no meu primeiro livro. Resultado: apreensão pela PIDE do que, um ou dois meses depois, restava da edição.

De tudo isto, do que foi para mim, nos seus claros e

nos seus escuros, esta passagem e esta escola, há talvez algumas imagens num romance que publiquei e que Ruella Ramos, hoje director deste jornal, me diz ter todo anotado. Bem como uma peçazinha de teatro que o Sindicato dos Jornalistas me deu a honra de pôr, outro dia, em cena, no termo do último Congresso dos Jornalistas. Crónicas ambas, afinal, de um doloroso amor. Que não se nega. E que, hoje, neste espaço, amigavelmente se evoca.

O «Diário de Lisboa» não é o jornal dos anos 50 e 60. Tal como o jornal dos anos 50 e 60 não era o jornal dos anos 30 e 40. Naturalmente. Mas há, neste «Diário de Lisboa», quer se queira verdadeiramente quer não, uma herança cultural e moral, uma tradição de coragem e de diálogo, de combate e de generosidade, que nada pode apagar. Hoje dirigido por Ruella Ramos, um homem que entende, como muito poucos neste País, no plano empresarial moderno, no plano cultural, o que é um jornal, o que é a Comunicação Social e quais as suas perspectivas, e por Fernando Piteira Santos, meu professor num seminário terminal da Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa, seminário que tinha como designação «Origem e evolução do Regime Fascista em Portugal», o «Diário de Lisboa» terá, permito-me crê-lo, e solidariamente afirmá-lo, toda a vantagem em articular a sua modernização com o reencontro e aprofundamento do que há de essencial, e específico na sua tradição. Aquilo que eu definiria como seu mandato cultural e moral. Que é, afinal, o seu papel singular na História do Jornalismo Português. Esse reforço e esse reencontro de um espaço de efectivo diálogo, de aberta democraticidade, permitem-nos esperar que o «Diário de Lisboa» seja, cada vez mais, uma voz livre, independente, crítica. O tempo urge. Os tempos reclamam.



TOPÁZIO

Vinho Branco Especial
Especialmente Seco



Colheita 1986

CAVES
DOM TEODÓSIO

Vinho Branco Seco
Dry White Wine
Bottled & shipped by
Dom Teodósio
RIO MAIOR PORTUGAL

A CAMINHO DE MONTELENO



Urbano Tavares Rodrigues

Quilómetros e quilómetros vão ficando para trás. Hélio estranha a paisagem, não poderia dizer concretamente porquê, talvez mais acidentada, mas não menos nua de casas, de gente. É verdade que é muito cedo. Ainda subsistem as lentas barras cor de laranja, cor de salmão, de onde o sol vai emergir e ascender no horizonte.

Da beira do azinhal sai um grito modulado, de uma rapariga talvez a chamar o gado, o gado inexistente, não se vê ninguém.

Aí está: o BMW devora a estrada, curvas e curvas de mau piso, onde deveria haver uma recta sofrível para os pneus.

As pernas das azinheiras têm contorções de serpentes e, a espaços, no ventre do montado, surgem cevadas luzidas e tabuleiros de silêncio a perder de vista. Aparece um grande charco, devassado pelo sol nascente, onde há sangue e todas as cores da cauda do pavão.

Muito mais adiante, rochas e rochas e águas entre as azinheiras e muros brancos sem cancelas nem casas. Hélio tem sede e fome e precisa sobretudo de uma chávena grande de café bem forte. Eis enfim um edifício perto da estrada, deve ser uma estalagem, uma pousada manhosa, vai-se até lá com o carro por uma alameda empedrada, entre renques de laranjeiras bravas. A rapariga que lhe abre a porta é insolitamente linda, que parecença!, que raio de parecença!, mas não, não é possível, ainda por cima tem sotaque alentejano. E um sinal na face esquerda. O nariz é ligeiramente mais arrebitado que o de Cinda, o queixo decidido cavale um pouco mais o rosto. Mas tem o mesmo porte ativo e aquele mesmo sorriso de quem mofa perpetuamente dos desconcertos do mundo e das ridículas arrelhas e sobressaltos dos pobres humanos.

Traz-lhe um generoso café, com pão mole aquecido, uma fatura de manteiga, queijinhos de ovelha e duas magníficas fatias de presunto.

Enquanto Hélio come, a moça permanece ali por perto, junto à cantareira, sem dele tirar os olhos. Os cobres esplendem

quando um raio de sol ainda baixo os aquece. A lenha crepita na lareira. Dir-se-ia que tudo estava a postos para a chegada dele.

Pela janela, quase toda aberta, avistam-se uma palmeira, duas figueiras anãs, galinhas debicando num pátio. A rapariga, sempre a sorrir (é nela como um tique), aproxima-se devagar e, curvando-se, apoia as mãos num dos cadeirões brancos com florinhas pintadas de azul e amarelo: «Que mais é que quer? Há requeijão, marmelada, doce de amoras. E tenho um paio especial...»

«Esta estrada onde é que vai dar?»

Ela limita-se a rir, como se ele tivesse pronunciado um verdadeiro disparate.

«Vai dar à Vidigueira, a Beja?»

«Creio bem que sim», responde ela, com o olhar divertido de quem pensa exactamente o contrário.

«Mas não vi pelo caminho nem placas, nem marcos quilométricos...»

«Isso deve ter sido por causa do nevoeiro, ou distração sua, sei lá. Não quer mesmo mais nada? Se lhe apetecer deitar-se um bocado (deve vir cansado), não precisa de pagar o quarto. Venha, eu mostro-lhe o caminho.»

«Mas...»

«Tem medo de mim?», pergunta ela, já da penumbra do corredor, com o sorriso sardónico.

«Não tenho é tempo», contrapõe Hélio, levantando-se, sensível ao desafio.

Pendurada num «mancebo», há uma candeia velha quase no cotovelo do corredor. A jovem pega-lhe na mão e puxa-o para a noite da casa, mas não tarda em introduzi-lo num quarto menos obscuro, que cheira a laranjas e a mel. Larga-o, para entreabrir a janela, que é de mosquiteiro, e fica a contemplá-lo, com a mesma expressão.

Hélio observa a arca de castanho, a cómoda antiga, com toucador, o chão de tijoleira, as peles de borrego dos dois lados da cama, que é alta, com a cabeceira pintada (vacas alentejanas, vermelhas, bebendo num lago

cor de cobalto), e torna a enfrentá-la. Vê-a então subitamente séria, logo tirando pela cabeça o vestido de malha e prosseguindo o ritual, até conservar apenas o exíguo «slip» de seda, que imita pele de leopardo.

Como ele continua quieto, à porta, de braços cruzados, ela diz:

«Não quero nada de si, nem um tostão, a não ser a despesa do pequeno-almoço, porque eu não sou a dona disto.»

«Não há cá mais ninguém?»

«Não interessa.»

Hélio hesita, a sua natureza hamletiana, carregada de séculos de cultura, cede à provocação e é como um Julien Sorel (e tem plena consciência dessa semelhança) que avança para uma batalha. Mas o corpo da moça está morno, a pele das suas coxas é levemente áspera, o que excita. O «slip» foi parar a um canto do quarto. A boca dela, ávida, os seios pequenos e redondos, iguais aos de Cinda, a cintura fina, o ventre liso, o amplo monte de Vénus, saliente como o de Cinda e igualmente coberto por pelos cerrados e escuros, rapados nas virilhas, mas ainda a conhecerem-se até ao interior doce e frágil das pernas, todo esse corpo de bronze pálido o perturba, e o desejo nele entumescce até à angústia. Beijá-lhe os lábios, os mamilos, o seio, mas é ela própria, pouco depois, a chamá-lo, a juntar a boca à dele, que a penetra sem violência, e a acompanha e a vai ultrapassar, no ritmo que ela imprime àquele abraço, em que parece que todas as células de um e de outro se unem até ao longo espasmo em que ambos se encontram e se abismam, quentes, suados, perdido o fôlego e a razão.

Hélio torna a beijar-lhe os lábios agora frios, os ombros quase dourados.

Nunca, de facto, aquilo aconteceu com Cinda.

A rapariga fechou os olhos, mas só no final, a instantes do orgasmo, como se quisesse preservar uma derradeira, ciosa intimidade.

(Excerto do romance inédito Filipa Nesse Dia)



O tesouro

Maria Judite de Carvalho

Os pais e os avós e também os avós dos avós todos haviam olhado para aquele lugar com maior ou menor curiosidade e alguns, dizia-se, tinham mesmo procurado, tinham-se mesmo matado a procurar nos metros quadrados, cúbicos, de terra, entre a árvore e a parede da casa que ficava voltada para leste. A terra, porém, era madrastra naquele local, uma terrazinha impermeável, tão acinzentada e ressequida como se a própria chuva nunca a tivesse atravessado. Uma terra tão desconsoladora que um dia alguém — o pai, o avô? — havia mandado empedrá-la «para acabar com aquilo», e era agora um largozinho branco, com bonitos desenhos num basalto já meio esbranquiçado. Anjinhos gorduchos esvoaçavam por entre flores e nuvens, tudo de pedra pequenina, coisas daquele tempo em que os homens bordavam o chão. Mas as pessoas ainda se lembravam. Porque em criança lhes tinham dito. Às vezes havia falta de conversa, falar para quê se havia falantes pagos na televisão? Mas uma ou outra criança exigente queria saber coisas, uma maçã. Então as pessoas procuravam com esforço no fundo das suas memórias, e uma das lembranças que encontravam era o tesouro, ali, naqueles metros de terra junto à parede leste da casa. De que um tesouro se tratava, ninguém sabia, por isso mesmo era possível largar a imaginação e deixá-la navegar. Jóias fabulosas, moedas de ouro, centenas de moedas de ouro, o mapa de uma ilha ainda desconhecida porque brotara de um fundo vulcânico de mar havia só algumas gerações, e que trouxera consigo coisas inimagináveis em pérolas e outras preciosidades, quem sabe?

O empedrado do pequeno largo fora sendo, com o tempo, considerado obra valiosa. O homem que o desenhara era um pintor célebre cujo nome vinha em letra mais negra do que as outras letras, nos manuais de arte. Depois, como um incêndio destruíra o museu onde estavam quase todos os seus quadros e murais, aquele desenho, que outros homens homens tinham executado, era muito considerado e até se falava em fazer dele património nacional. O que nunca viria a acontecer. Em todo o caso, alguém da família disse um dia: «Seria este o tesouro? Ter-se-ia tratado de premonição?

Mas a pergunta não teve grande eco entre os presentes. Para tesouro parecia-lhes fraco, nem sequer fora o artista a executá-lo.

Preferiam pensar que não havia tesouro algum e se tratava de uma lenda como havia tantas no passado. Mas ao mesmo tempo a História estava cheia de invasões e de guerras e de pessoas que tinham haveres e então os enterravam ou emparedavam. Talvez alguém tivesse escondido algo naquele terreno ou lho tivessem depois roubado, era possível. Isto pensavam, ali, na casa, os que a habitavam. Pensavam-no às vezes, raramente, quando havia crianças que exi-

giam um pouco de conversa porque a máquina falante se avariara.

O último homem da família era um homem só, a quem o mundo lá de fora fatigava. Raramente lia ou via televisão ou vídeo nas suas horas de ócio, porque o médico todas as semanas lhe recomendava pelo telefone — ele ou a sua voz e o seu rosto gravados? — que não se preocupasse e fosse tomando aqueles comprimidozinhos azuis que lhe coloriam a vida, o faziam esquecer que começava a faltar tudo, até a água. «Porque, meu caro, dizia a voz do médico, esse é um problema de todos nós e você toma-o como um caso pessoal. É preciso encarar o futuro com coragem. Claro que os outros gastaram sem conta, poluíram sem cuidado. Que fazer? Vamos vivendo!»

Era isso, ir vivendo, mas como? Nos dias de semana era mais fácil, mas ao sábado e ao domingo? Mas nos dois meses de férias? Às vezes ia até lá fora porque possuía — o que poucas pessoas possuíam — uma árvore e um largozinho lindamente empedrado, dava alguns passos, suspirava. Era um homem só, e também ignorante, por isso nada sabia do pintor que desenhara os anjinhos gorduchos que ele diariamente pisava. Ou talvez o nome do pintor se tivesse esvaído com o tempo por ele não ser, afinal de contas, tão talentoso como isso.

Em todo o caso o homem não pensava que aquilo ali, aos seus pés, pudesse ser um tesouro e ignorava o que fosse premonição. Por isso num sábado de grande seca e solidão resolveu remover o empedrado e foi amontoando as pedrinhas junto da árvore. Depois sentiu-se melancólico e arrependido porque também ele viu aquela terra acinzentada e sem húmus, decerto incapaz de produzir — apesar da árvore que havia séculos só tinha tronco — uma só erva que fosse. E o homem sentou-se, de joelhos à boca, a pensar. E recordou, sentiu-se recordar, porque a recordação tinha acordado mesmo antes de ele resolver tirar as pedras, tão certinhas, nos seus lugares — aquilo do tesouro. Resolveu então procurá-lo.

As ferramentas tinham-se tornado muito perfeitas, velozes e autónomas. Aquela era um tubo que se ligava à corrente e agitava, depois sorvia, a terra. O homem deitou — se assim se podia dizer — mãos ao trabalho. Enfim, sentou-se numa cadeira de repouso a ver a terra mover-se em curtas e rápidas, depois grandes e vagarosas ondas.

De vez em quando desligava aquele aparelho e olhava, depois voltava a ligá-lo. Sobre as pedras junto à árvore havia agora grandes montes de terra, e a cova, ampla e já bastante profunda, mostrava uma terra mais escura, mais macia. De resto, a que saía era mais grossa, como que mais rica e quase molhada. Até que por fim a água foi aparecendo, apareceu, a água quase gasta e praticamente desaparecida, a maravilhosa água pura, brotando pequenina, mas constante, da sua fonte secreta.

TANGAROA

O exotismo do Pacífico no centro de Lisboa!

TANGAROA

hawaiian bar

hawaiian bar

Av. Almirante Reis, 194-A - Tel.: 88 07 98 - LISBOA

SOMBRAS NO CÉU AZUL

Jose Rodrigues Migueis

O escritor José Rodrigues Migueis, o romancista de «Páscoa Feliz» e de «Leah», foi um brilhante orador e um extraordinário cronista. O «Diário de Lisboa» orgulha-se de ter contado José Rodrigues Migueis entre os seus colaboradores. A página de Jornalismo que reproduzimos retrata a situação vivida nos Estados Unidos há vinte anos. Era, então, a guerra do Vietname e as suas consequências.

Nova Iorque, Janeiro — «Ora veja!» — diz-me este amigo, veterano do jornalismo. — «Quarenta e sete membros do mundo do crime foram assassinados em Boston desde 1964. A Mafia anda à solta e a guerra das facções subterrâneas prossegue, impune. Impotentes para liquidar a criminalidade, que aumenta assustadoramente, ou os escândalos da corrupção política, como o que há pouco abalou Nova Iorque, e a braços com sérios problemas de saúde, como o uso e abuso das drogas — pretendemos impor o nosso ideário político ou estilo de vida aos vietnamitas! E que sucede? Meio milhão de homens providos do

mais fabuloso equipamento técnico-militar da história, não conseguem subjugar um povo que se bate em pijama e descalço. De que diabo nos orgulhamos nós?».

Opiniões autorizadas

O lúcido comentador Walter Lippmann afirma há muito que os Estados Unidos não podem ganhar a guerra do Vietname*. Nem sequer se visiona como ela acabará. O inimigo não dá sinais, mesmo longínquos, de vir a depor as armas. Não é que não possamos vencê-lo em batalhas campais: estas já não decidem da guerra. Não devemos

contar com o triunfo. A máquina militar que bateu o Japão não consegue reduzir os vietcong. Uma horda de elefantes não pode vencer uma nuvem de mosquitos, como nenhum exército moderno conseguirá impor a sua vontade a legiões de povos descontentes. Nem mesmo ditando a paz em Hanói poderíamos aguentar em Saigão um governo pró-americano ou anticomunista.

Tal é, segundo o sr. Walter Lippmann, a maior novidade desta era pós-imperial.

Por outro lado, a indecisão agrava a inaudita crueldade da luta. Atolado na guerra mais impopular da sua história, e vexado com o espectáculo desumano que vem dando, o povo americano sofre de um sentimento de culpa e revulsão moral. Ainda não compreendemos que a era imperial findou, e só frouxamente podemos entrever os contornos da ordem mundial futura: mas a tarefa por ora a mais urgente é a de fazermos a

paz com a nossa própria consciência.

Entretanto, a nação está dividida, e muitos democratas discordam do seu presidente, que envolveu a nação numa guerra de que prometera livrá-la, alienando sem remédio a «intelligentia» e o jovem eleitorado, sem os quais (embora sejam só uma minoria) o seu partido não pode ganhar uma eleição, nem possui miolos ou as energias necessárias às tarefas do presente e do futuro. É por acidente que o sr. Lyndon Johnson dispõe de um rebotalho de ideias herdadas da era de Roosevelt.

Mas a coalisão rooseveltiana, constituída após a Grande Depressão de 1929, pelas organizações trabalhistas, a lavoura, as minorias étnicas, a comunidade intelectual e os jovens eleitores, está hoje exausta e já não corresponde à realidade.

Os tempos são outros. As classes trabalhadoras não precisam de se bater, como dantes, pelos mais elementares direitos e privilégios; a abundância, devi-

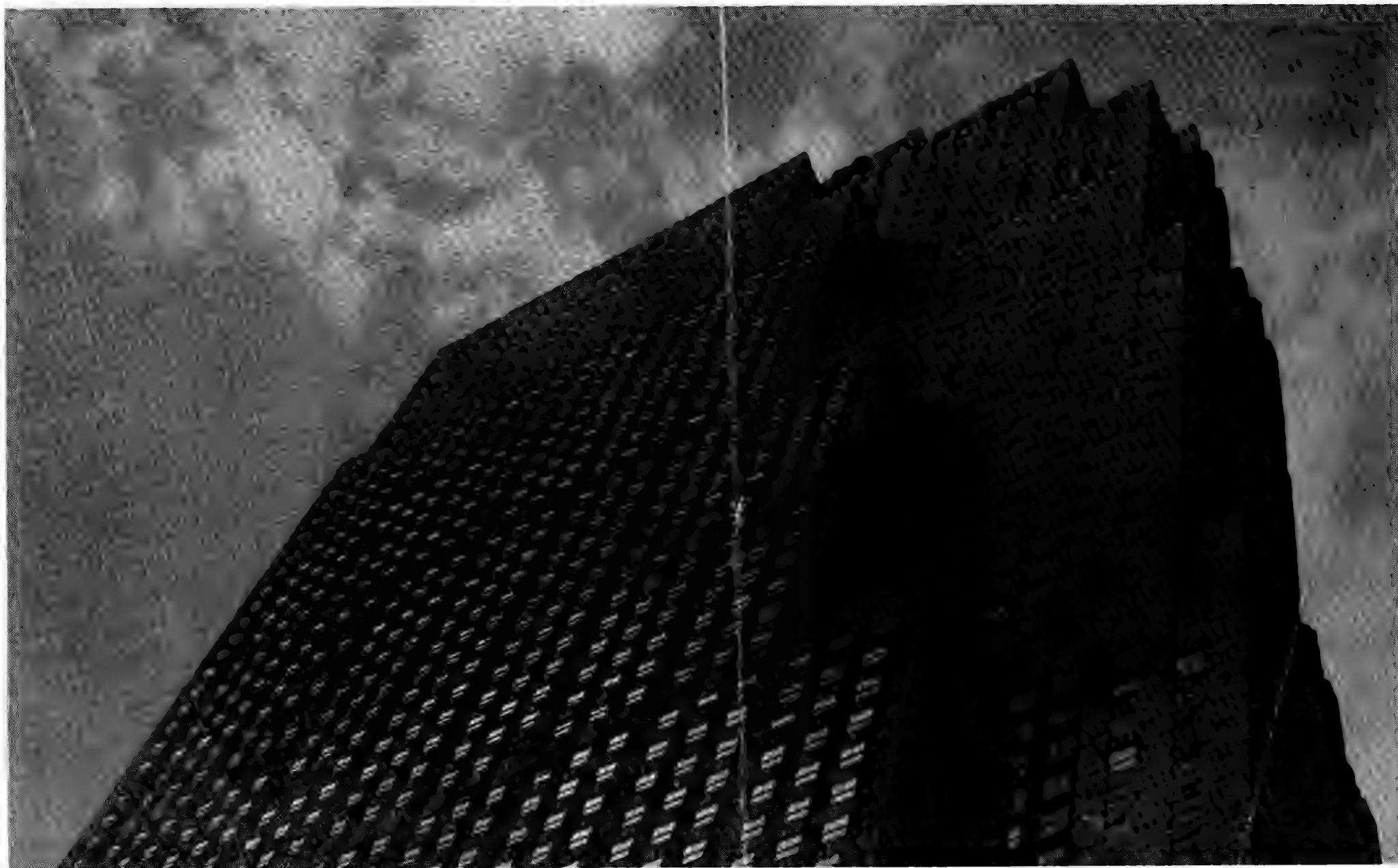
da à expansão indefinida da economia nacional, elevou grande parte dessas classes ao nível das classes médias, com a agravante de que o segmento proletário que ficou para trás, os negros, sobretudo, se desolidarizou delas e se lhes torna hostil.

Produziu-se, paralelamente, uma verdadeira revolução entre os detentores do dinheiro e do poder: à era dos «robber-barons» e dos «sweat-shops» sucedeu a dos industriais e gerentes que (embora fiéis ao sistema do Lucro) têm um novo senso das responsabilidades sociais e do bem público. Vivemos, assim, numa era pós-capitalista e pós-marxista, que se iniciou, como quase sempre sucede, sem nos darmos conta disso.

De tal sorte que os dois grandes partidos, o Republicano e o Democrático**, deixaram de reflectir a metamorfose das forças dominantes na sociedade americana. E, para representar a nova realidade, e sobreviver

institucionalmente, a Democracia terá de produzir um novo partido ou uma nova coalisão de grupos e forças, que espera o ensejo de se formar e assumir o poder.

Se os Republicanos não tiveram uma opção atraente que oferecer à nação em 1968, recusa o sr. Lippmann que se produza «um vasto êxodo da arena política para alguma forma de niilismo — desespero, drogas, abstencionismo, violência esporádica, recusa a tomar parte no «jogo», ou mesmo tentativas de o perturbar e desorganizar». A tarefa capital dos Democratas, ainda que não ganhem a próxima eleição presidencial, será, além de salvar o partido de Jefferson, evitar que a nação perca a sua fé tradicional nos remédios políticos para os agravos políticos, e que a política passe a ser considerada uma fraude, em que os presidentes não cumprem as suas promessas e o Congresso deixou de ter voz nas decisões relativas à guerra. A



A MOBILADORA SILVENSE

DE

José dos Santos Mourinho & Filhos, Lda.

MOBÍLIAS • COLCHÕES DE MOLAS E DE ESPUMA • ESPUMA • ESTOFOS • TAPEÇARIAS • ELECTRODOMÉSTICOS • RÁDIOS • TV • AGENTES AUTORIZADOS DAS MARCAS AEG • TELEFUNKEN • SIEMENS ESO GÁS • AGÊNCIA FUNERÁRIA

☎ 4 25 68 (móveis) — ☎ 4 22 38 (electrodomésticos) — ☎ 4 28 52 (agência funerária)
Rua Miguel Bombarda, 4-14

8300 SILVES

DE INVERNO

tarifa, enfim, de conseguir que as grandes questões públicas sejam decididas, não nas ruas, mas por via de debate ordeiro e racional.

Assim se exprime, com a devida vénia, o sr. Lippmann.

Fala um tecnocrata

Bem mais pessimista (além de confusa) é a visão que nos dá da «América em Transição» o sr. Zbigniew Brzezinski, professor da Universidade de Columbia, e, até há pouco, conselheiro do Departamento de Estado. Segundo ele, essa «transição» é um tumulto desconcertante, que já não cabe nas categorias clássicas, quer marxistas, quer anti-marxistas. ***

A sociedade americana (diz ele) sai agora da fase da «espontaneidade» e optimismo correspondente à era industrial, em que todos os problemas prometiam resolver-se «per si», para dar entrada na era da «autoconsciência» e do que este professor chama a «tecnocrática».

Supunha-se dantes que a abundância e a riqueza trariam, automaticamente, a justiça, a felicidade e o bem-estar para todos. O desengano está patente.

A transição originou as violências e tensões actuais. A alfabetização aumentou, é certo, e 40 por cento dos jovens americanos frequentam escolas superiores e universidades; mas a «Intelligentzia» saiu do seu isolamento para rasgar os antolhos e ver, enfim, a realidade.

Constatar o problema é, porém, mais fácil do que achar-lhe soluções. A ciência e a tecnologia são avessas às fórmulas simplistas e absolutas, e a «Nova Esquerda», não sabendo formular programas, renuncia a aplicar à nova situação as doutrinas aceites ou experimentadas. As ameaças aos direitos humanos, os males da despersonalização, os perigos do governo forte, tudo a leva a proclamar a santidade do «individual» na sociedade. Como os seus maiores do século XIX, que debalde se esforçavam por aplicar os princípios do século XVIII aos males da era industrial nascente, os intelectuais de hoje acham-se «desafectados», e essa desafecção vem somar-se à violência montante das massas negras subprivilegiadas.

Como Walter Lippmann, mas de um ponto de vista que contrasta flagrantemente com a visão política daquele, o prof. Brzezinski antecipa mais fundas divisões e amargos conflitos ideológicos: uma fase de lutas civis e raciais de destrutiva intolerância. O que hoje nos falta, diz ele, é «uma doutrina unificadora da acção política»: o idealismo pode mostrar-se impaciente, mas já não lugar para as utopias doutrinárias. (E se ele próprio as repudia, onde iremos buscar essa «doutrina unificadora»?)

É, pois, dentro de um vácuo ideológico que urge solucionar os problemas remanescentes da era industrial, entre eles a alienação dos negros, que ela não soube integrar socialmente, e que a era «tecnocrática» terá ainda maior dificuldade em assimilar dado o atraso técnico e cultural do Negro, «único lega-

do feudal dos Estados Unidos». (Parece não ver outros).

Poderá o indivíduo coexistir com a ciência?, pergunta. Poderão as instituições democráticas e a liberdade pessoal adaptar-se às novas condições e crises sem nada perder do seu carácter?

Não no-lo diz o professor, e é pena.

Confronta-nos hoje a dupla ameaça da pulverização de funções e serviços, e a do excesso de «contrôle». Já se registam sinais de alienação e despersonalização: há quem se sinta menos livre, e, até, privado de objectivos ou finalidade. A próxima fase poderá ser de sombrio ensinamento político e social, de «imigração para o interior», agravada pela crescente instabilidade mental e pela dificuldade de absorver e internalizar as rápidas mutações do ambiente. (O tecnicismo e abstracção da terminologia catedrática dão, aqui, ressonâncias apocalípticas ao que, na prosa do jornalista, é claro e simples.)

O indivíduo vê-se ameaçado pelo reforço do poder central (do poder das grandes empresas não fala o professor): a vida pessoal, a actividade mental, a saúde, o próprio pensamento, ficarão sujeitos ao «contrôle» político; o aparelho da Informação agiganta-se, e quem diz Informação diz Poderio. As crises, previstas pelos calculadores-coordenadores, serão antecipadamente resolvidas pela Programação. O indivíduo ver-se-á envolto numa incoercível rede de prevenções e inibições. É a Ditadura Tecnocrática a cercar ainda mais as liberdades do cidadão. Mas há pior: a bioquímica virá controlar as funções mentais, e o homem será geneticamente afeiçoado. Os «robots» (como na «Metrópolis» de Fritz Lang) poderão pensar, agir e criar como os homens, ou melhor do que eles, para os subordinar.

Que esperança nos resta?

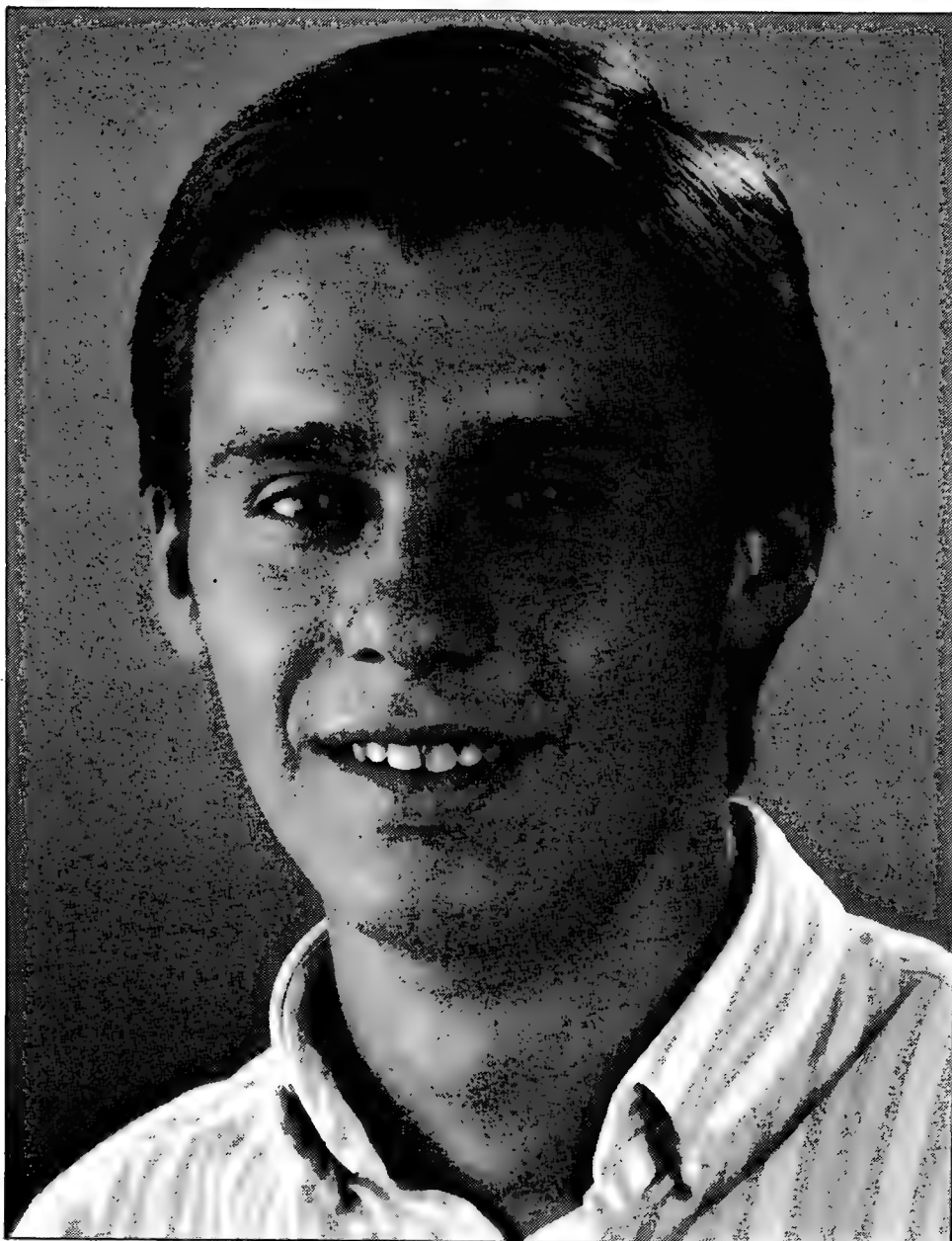
A este quadro de negro pessimismo, que nos faz recordar Zamiátin e Orwell — e em que o leitor, aterrado, já vê os seus mais secretos pensamentos detectados pelo sistema de escuta mental de um monstruoso supergoverno — apõe o autor alguns leves toques atenuantes: maior divisão da autoridade e da responsabilidade e melhor coordenação das funções; descentralização progressiva, com mais iniciativa e liberdade ao nível regional; intervenção crescente do «estabelecimento intelectual» nos negócios e técnicas de governo (com maior número de «intelectuais-políticos»), e os altos funcionários (incluindo o presidente) obrigados a um retreino periódico; vasta expansão educacional, que permitirá à sociedade absorver o choque das mutações sociopolíticas (que não nos diz quais sejam); e, em geral, maior mobilização de talentos e aptidões, em regime de autêntica «Mèritocracia». Para tanto (acrescenta com modestia o professor) só nos falta tornar o ensino acessível aos pobres e aos subprivilegiados. *O Sancta Simplicitas!*

Como que repeso dos horrores cibernéticos que nos prome-

te, o ilustre planeador diz, ainda, rezear que a tradição clássica do Saber pelo Saber sofra com a tecnificação das funções intelectuais (mas não nos diz como evitá-lo): que a Universidade se transforme numa «indústria», e que a obsessão do poder, do prestígio e da boa vida ponha termo ao ideal «aristocrático» da busca desinteressada da verdade.

Mas logo reincide no seu anti-intelectualismo, para decretar que «o intelectual dissidente,

Continua na pág. 18



Algumas pessoas consideram
que nós, os jovens, somos
um pouco inconscientes e egoístas.
Mas enganam-se: de uma maneira geral
somos generosos.
Por isso nos sensibilizamos
com gestos de solidariedade.
Só esta semana me explicaram
que as receitas da Lotaria
se destinam a obras sociais importantes!
Já fui comprar uma cautela!



LOTARIA NACIONAL

OS TELEFONEMAS SUSPEITOS

Manuel de Azevedo

Lembrança de Manuel de Azevedo, companheiro de trabalho que nos deixou lá quatro anos, e exemplo flagrante de um problema que permanece — é esta crónica. O problema dos «telefonemas suspeitos»? Não só. O dos casos que se arrastam anos e anos, já há vinte anos dava para telefonemas, para falar, a situação na Escola de Belas-Artes de Lisboa.

Um telefonema introduz-se na Redacção, ganha corpo, tem vida, dialoga, argumenta, convence. É um perigo! Uma carta é outra coisa. Analisa-se a letra, a assinatura, a lógica. E se sou a falsa, deita-se fora. Um telefonema, mesmo de um desconhecido, é sempre,

pelo menos na aparência, autêntico. A pessoa que diz que é está ali ao pé de nós, fala-nos com a maior intimidade, embora se encontre a quilómetros de distância. — É da Redacção? Confirma-se que morreu fulano? Em que data foi o ciclone? No ano

de tal, quem ganhou o campeonato?

Perguntas inocentes estas, simples problemas de arquivo. O «leitor assíduo» transforma o jornal em enciclopédia, ou apela para o jornal quando percebeu mal ou percebeu bem de mais uma notícia da Rádio. Quando teve conhecimento de um boato ou duvidou de uma informação. O jornal é, assim, também, um amigo de confiança, um confidente. Mas um telefonema é sempre um perigo.

É preciso «olho vivo», que é como quem diz ouvido atento e resposta pronta e cautelosa. Um jornalista experiente não se pode deixar enganar facilmente. Tem de entrar no jogo de brincalhões mais ou menos suspeitos.

— Está lá? É da Redacção — Daqui fala um leitor. Por que não vão fazer uma reportagem às Belas-Artes?

Ali estava outro aspecto dos telefonemas. Sugestões e pedidos de notícias, de reportagens...

— Mas nós sempre acompanhamos com o maior interesse as actividades da Sociedade.

— Não me refiro à Sociedade, mas à Escola de Belas-Artes. Motivo especial? Nem fazem ideia! Os motivos são aos montes. Não. Não sou professor, nem aluno. Apenas um amigo do ensino das Artes. Aquilo é um pavor!

— Ai sim? — Então não sabem? Por exemplo, o ano tal de pintura não tem luz eléctrica na sala. Como as aulas começam às 8 horas, não é possível traba-

lhar. E os anos tal e tal de Arquitectura não têm assistente da cadeira mais importante do curso. E em vez de uma aula por dia têm apenas uma aula teórica por semana.

E mais isto e mais aquilo e nós...

— Pois, pois... E há aulas onde os alunos, estão de guarda-chuva — quando chove, é claro — e salas sem telhado. E não há água para fazer aguarelas, nem barro para escultura...

Dizíamos coisas ao acaso, com aplauso entusiástico do «amigo do ensino das Artes». Era um brincalhão. E nós:

— Pois, pois... Aí andava aos pontapés aos trabalhos dos alunos? Sim? Faziam embrulhos com desenhos do Columbano? Essa é boa! Claro, claro, que rendimento pode dar o ensino nesse clima. Essa é extraordinária! Não me diga! Sim, fica combinado. Havemos de lá ir. Esteja descansado.

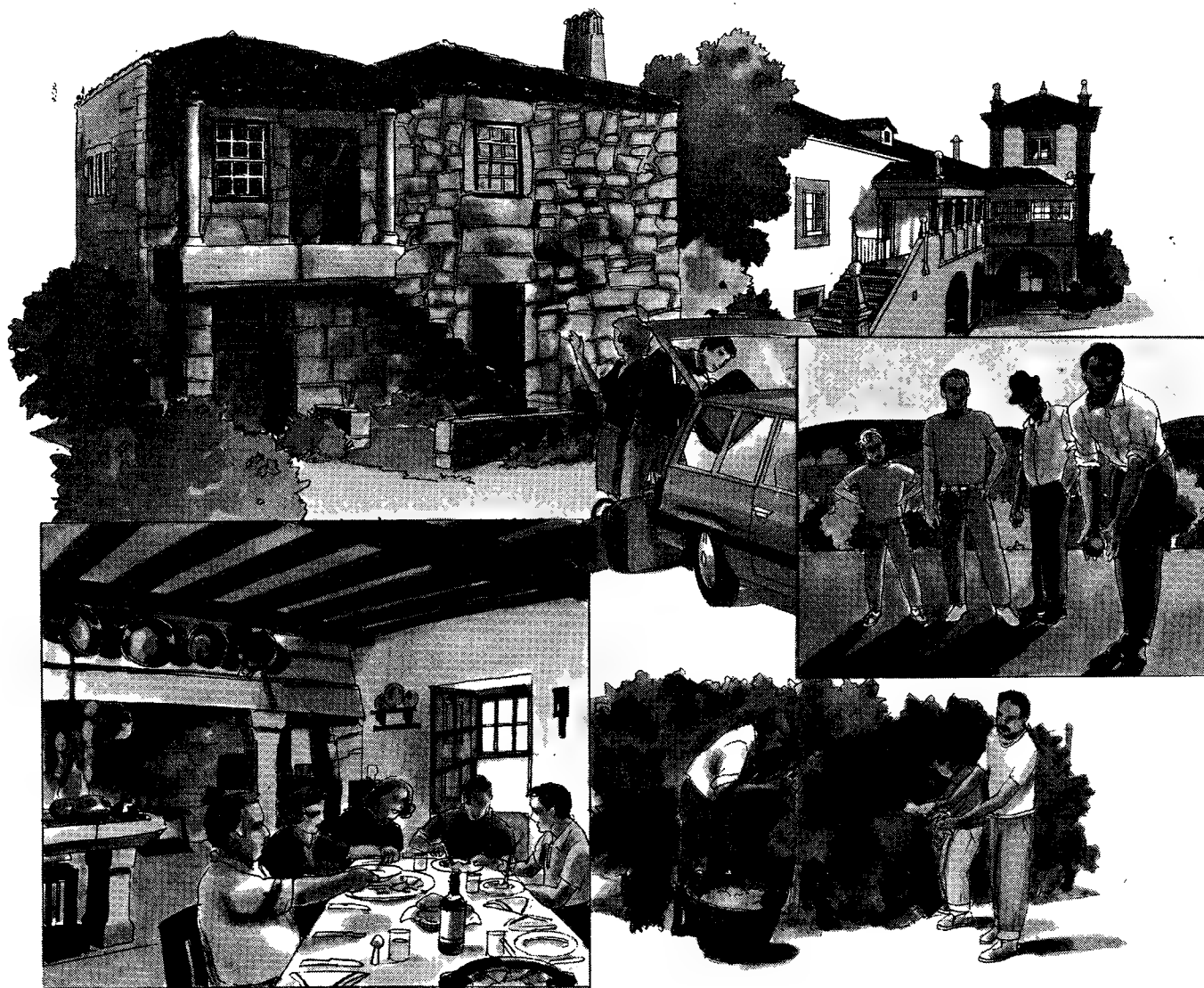
Desligámos. Que alívio! O tal «amigo das Artes» deve ter ficado convencido de que nos pregara uma grande partida! Ou então tratava-se de um daqueles espíritos doentes e verrinosos que tantas vezes nos telefonam a queixar-se de tudo e de nada.

Um telefonema é um perigo permanente numa Redacção. É por isso que um jornalista experiente atende o telefone o menos que pode...

— Alguma novidade? — quer saber o chefe da Redacção.

— Não. Apenas um tipo com a mania de que a Escola de Belas-Artes de Lisboa funciona nas ruínas de um manicóquio bombardeado... Até logo.

E vamos almoçar, tranquilamente.



Ofereça um Portugal diferente os seus clientes vão agradecer

Dê-lhes um serão de alegre convívio junto à lareira. A oportunidade de viverem páginas de história e de arte num solar rodeado de jardins. De apreciarem os prazeres simples da vida da aldeia. De participarem numa vindima, numa desfolhada. E, também, de saborearem velhas receitas tradicionais acompanhadas por um vinho fresco

e capitoso acabado de tirar da pipa. Turismo de habitação. Turismo rural. Agro-turismo. Três novas facetas do produto turístico Português, que respondem a tendências do mercado nacional e internacional. Satisfazem uma clientela que procura o genuíno, o diferente. Para conhecerem o nosso Portugal.

portugal

INSTITUTO DE PROMOÇÃO TURÍSTICA

Turismo de habitação. Turismo rural. Agro-turismo. Três novas maneiras de promover Portugal.

Sombras no céu azul de Inverno

Continuação da pág. 17

humanista e crítico social» terá de ser substituído pelos peritos e especialistas encarregados de unificar a acção dispersa do Governo. Em que princípios se respaldarão eles, quem os elegirá e os há-se corrigir nos excessos, tão-pouco no-lo diz o sábio tecnocrata.

Conclusão (nossa!): é muito mais fácil arquitectar paraísos (ou infernos?) tecnocráticos do que ser um claro crítico de ideias.

Para este e outros ideólogos e utopistas (que o são, sem o saber) em câmara fechada, o mundo dos homens é um laboratório de processos mecânicos redutíveis a fórmulas abstractas e passíveis de «contrôle» automático.

Mas não nos apoquentemos demasiado: vão longe os tempos de *O Discípulo*, de Paul Bourget, e da *República dos Professores*, de Albert Thibaudet, e, como o prova o sr. Walter Lippmann, há ainda, na América e no resto do mundo (mesmo subprivilegiado), suficientes reservas de vitalidade política e de bom senso para opor os seus antidótos e correctivos às visões calamitosas dos promotores da «robotização» da sociedade.

É bem verdade que todos os regimes e sistemas triunfantes, da direita, do centro e da esquerda, se enamoram de certo construtivismo: mas todos, cedo ou tarde, acabam revertendo ao espírito humanístico, que, para além de esquemas e sistemas, nos restitui, são e salvos, à nossa própria natureza. E isto, sem prejuízo do muito que devemos às técnicas, e continuemos a dever-lhes no futuro. Porque não há, nem houve nunca, oposição entre Técnica e Cultura, faces complementares e mutuamente dependentes do penoso esforço de emancipação dos homens.

JOSÉ RODRIGUES MIGUEIS

* Citações e resumo de dois artigos no *New York Post*.

** Na realidade, há quatro ou mais partidos: a ala progressista do Republicano não é menos liberal que a ala esquerda do Democrático; e os Democratas do Sul votam frequentemente com os conservadores republicanos. Os dois partidos têm, ainda, os seus «blocos» urbanos e rurais.

*** Resumo e extractos do seu artigo na *New Republic* de 23 de Dezembro último, mais desenvolvido em *Encounter* de Janeiro corrente.

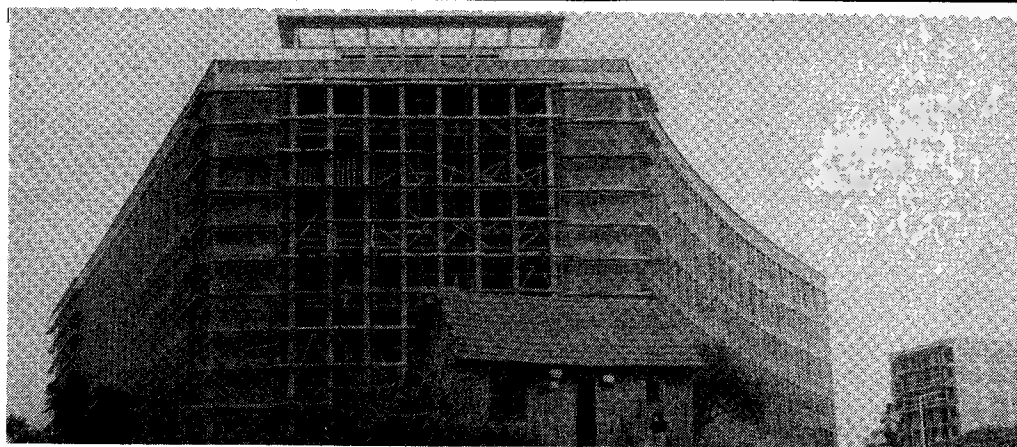
Clandestino... à luz do dia

Mário Castrim

Hoje - bairros clandestinos e urbanismo selvagem - abraçam Lisboa pelo Norte e pelo Sul - e aquém e além Tejo, nas duas margens, as barracas resistem às ameaças e promessas. O problema da habitação é grave e angustiante. Há vinte anos a reportagem de Mário Castrim denunciava uma situação de flagelo duplo: urbanístico e social.

dito isto em voz alta. E os intermediários possuem os mais belos e funcionais ouvidos do mundo. Os desejos de uns encontram eco nos desejos dos outros.

Continua na pág. 21



Tenho a honra de me apresentar: sou o «Bairro clandestino».

Esta apresentação, devo avisar, constitui uma regra de mera cortesia. Boas maneiras não fazem mal a ninguém e muito menos a um Bairro clandestino, que só existe graças às boas... maneiras e às boas... moedas. Até posso acrescentar que estou inscrito, para todos os efeitos tributários, nas repartições de Finanças. Sou um clandestino à vista de todos. Vivo num mundo de paradoxos. Quem repara em mais um?

A principiar a minha curta biografia, peço-lhes que não me confundam com os vulgares «bairros de construções precárias». Esses são uns pobres filhos das ervas, erguidos por aí aos deus-dará com todos os materiais que os seus habitantes encontram à mão (ou que a sua mão encontra...). Eu, não. Já sou feito de cimento e ferro (pouco, pouco, que o material custa dinheiro!) ou, quando mais não seja, de pedra e cal. Estou aqui para durar algum tempo. Quanto? Não sei. Depende de um terramotozito aí do grau 6 (ou mesmo 5...) da escala internacional. Nesse caso, vai ser uma complicação, pois lá tenho de me levantar... noutro lado.

Esta maneira de falar, desataviada e descontraída, não deve ser tomada como própria da minha fraqueza, aquele falar ronco e subreptício das gentes sem qualidade, que por cima da palavra humilde estão a piscar o olho malandro e irreverente. Ele é antes o típico falar condescendente dos ricos, dos bem instalados. *Instalação* vai aqui no sentido não funcional, não arquitectural - porque nesse aspecto estamos conversados...

Sou forte, portanto. Sou poderoso. Os meus tentáculos são vários e cheios de ventosas. Numa pequena referência de ordem familiar que tenho aqui, com data de 1961, apontam-se nada menos de 19, distribuídos por vários concelhos, como segue:

Galinheiras, Lisboa: Prior Velho, S. João da Talha, Vale da Figueira, Quinta da Horta, Campo do Rio (Camarate), Quinta do Grilo e Apeleção. Loures: Carenque e S. Marcos. Sintra: Quinta da Brandosa e Casal dos Paulos. Oeiras: Quinta do Rato, Quinta do Laranjeiro, Quebra-Joelhos e Raposo. Almada: Santa Maria e Corroios. Seixal: Baixa da Banheira, Moita.

Como se pode verificar, alarguei-me pelos concelhos em volta de Lisboa. Não tive outro remédio. É claro que me convinha à doida ficar na capital. Mas aqui são uns aborrecidos. Exi-

gem planta, exigem urbanização, os fiscais não largam uma pessoa. Acontece ainda que em Lisboa as casas são pura e simplesmente demolidas, enquanto noutros concelhos paga-se multa, mas as casas continuam de pé... Tive de dar às de vila-diogo, procurar terrenos pouco rentáveis de proprietários com mais espírito de ganância do que de raiz feita para a terra.

A respeito desta minha tendência suburbana (é mais do que tendência: é vício, é a necessidadezinha e também - porque não? - o desejo de bons ares!) já falava o Relatório da Proposta de Lei referente ao Plano Director do desenvolvimento urbanístico da região de Lisboa. Dizia isto, se bem me lembro:

«Os subúrbios de Lisboa têm sido invadidos por uma intensa actividade de construção, que tão depressa destrói a expressão tradicional e a beleza peculiar das povoações arrabaldinas, como faz nascer múltiplos povoados amorfos e incarácterísticos, que tendem a rodear a cidade por uma cintura asfáltica - cada vez mais profunda, à medida que aumentam as facilidades de transporte que eles próprios reclamam - de meros amontoados de construções inestéticas, desprovidas de personalidade e de vida própria, verdadeiros dormitórios de massas populacionais muito importantes que diariamente afluem à capital para exercerem nela a sua actividade.»

Estas palavras reflectem uma intensa má vontade e antipatia pela minha pessoa. Mas eu não tenho culpa. Sou aquilo que posso ser, no sítio onde me deixam estar. Sou o que sou e mais não posso ser.

**Como nasci, como vivo
... E como viverei?**

É impossível que muitos dos meus leitores estejam interessados em saber como nasce um bairro clandestino. Vou satisfazer-lhes a vontade, e para isso nada melhor do que contar a minha própria história.

O local onde nasci era uma bela quinta habitada por pacíficas árvores e coberta de ervas maninhas. Seus donos primeiros dedicaram-lhe grande amor, notório ainda, quando principiei a dar os primeiros passos, nos torções da entrada, no portão de ferro forjadíssimo, todos aos ss e rr, na casa de muita comodidade até para os bois e cavalos, na horta ao pé do fogo e na capelinha (segundo a moda, eu diria: minicapela) à ilharga do pátio.

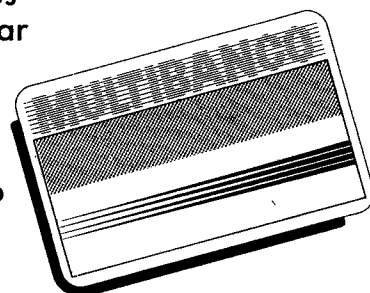
Mas o dono actual não apreciava azeite e acha que a agricultura só dá maçadas. Terá um dia

Como utilizar o Pagamento Automático Multibanco no seu posto SHELL

Agora, já pode utilizar o seu Cartão Multibanco em Postos de Abastecimento Shell, com a vantagem de não necessitar de utilizar dinheiro para pagar o combustível ou outros serviços.

Com o seu Cartão Multibanco, pode pagar todos os Serviços Shell, incluindo compras nas Shell Shop e todo o tipo de assistência ao seu veículo.

Como?
É simples!



No momento de pagar, entregue o seu Cartão Multibanco ao atendedor. Este, depois de o introduzir no terminal Multibanco, marcará o valor da sua compra.

Quando este valor aparecer no visor do teclado que lhe foi entregue, pressione a TECLA OK (ou verde) para o confirmar. Se o valor estiver incorrecto, carregue na TECLA CLR (ou encarnada), para anular a operação.

Após a confirmação, marque o seu código secreto (o que costuma usar nas Caixas Automáticas) e pressione a TECLA OK.

Aguarde um momento pela resposta do computador central.

O Terminal emitirá o recibo, logo que a operação esteja realizada.

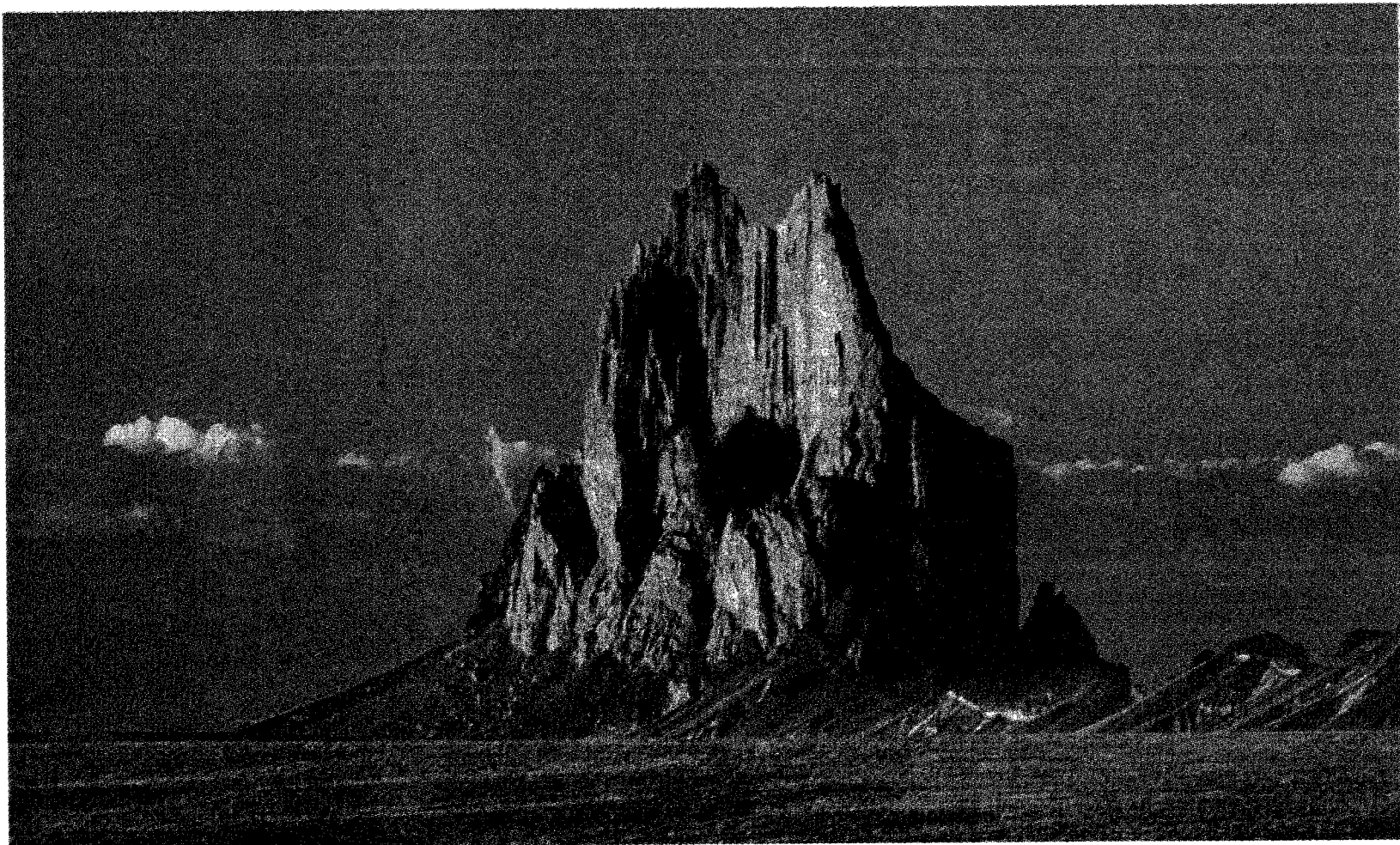
Simple, como vê!

Pague fácil. Pague Multibanco.

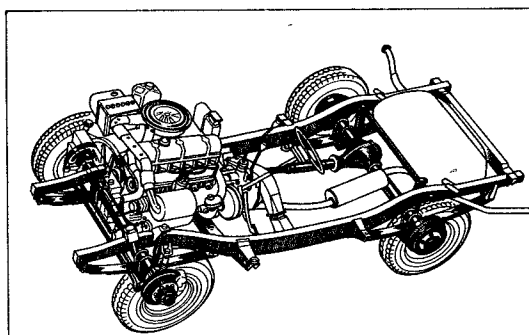


Shell

Quilómetros de qualidade



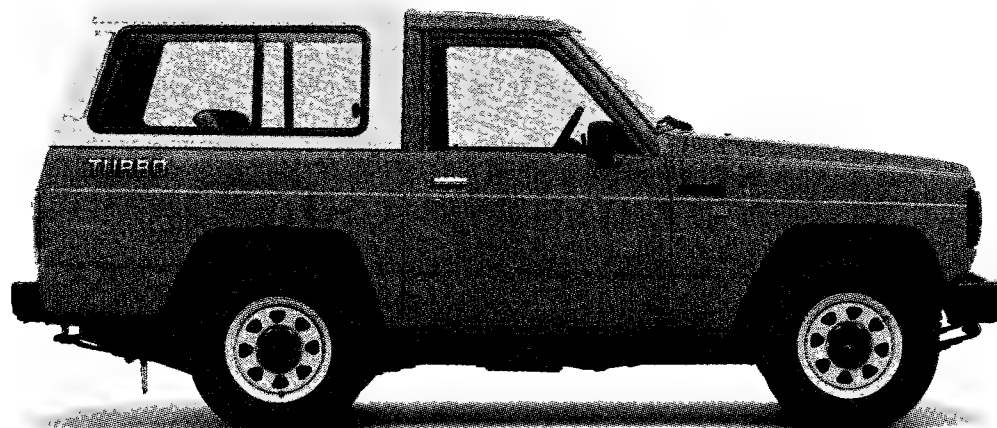
Para a maioria dos automóveis, o fim da estrada marca o limite das suas capacidades. Para o Nissan Patrol significa o começo da aventura. Com tracção às quatro rodas e inultrapassável durabilidade, esta versátil e resistente viatura é mais do que um desafio para os terrenos difíceis. Através do calor e da poeira. Da chuva e da lama. Do frio e do gelo. O Nissan Patrol leva-o onde você quer ir. A tempo e horas...e com estilo! Pode descobrir novos lugares, cobrir novas distâncias...mesmo depois de chegar ao fim da estrada. E tudo isto por uma razão muito simples. Ao fim de tantos anos a produzir automóveis chegamos sempre à mesma conclusão: quanto mais um veículo conhece a natureza, melhor ele pode enfrentar os seus desafios.



A avançada tracção às 4 rodas do Nissan Patrol.

NISSAN...naturalmente.

Especificações e equipamento variam de acordo com o mercado.



NISSAN PATROL

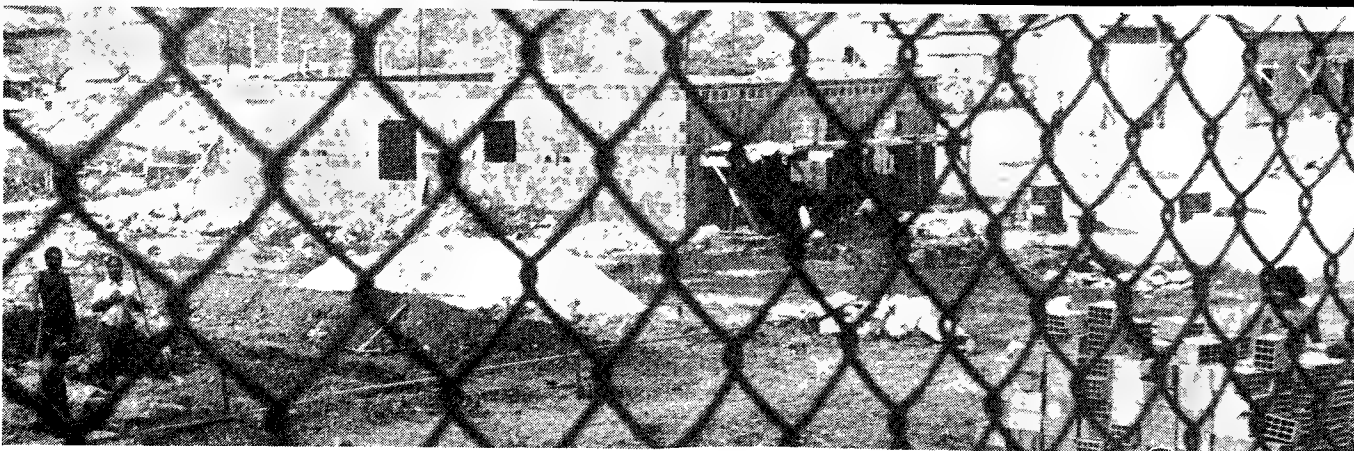
O QUE A *TERRA* NOS ENSINOU SOBRE A CONSTRUÇÃO DE AUTOMÓVEIS

e ENTREPÓSITO COMERCIAL
veículos e máquinas, sa

Praça José Queirós, 1 Olivais Sul 1801 LISBOA CODEX



CLANDESTINO



Continuação da pág. 19

A pobre quinta é retalhada. Dividem-se os lotes. Pouco espaço para as «ruas». É preciso poupar, no poupar é que está o ganho. Cravam-se tabuletas. Publicam-se anúncios.

Aí estão os primeiros compradores de lotes. Também especuladores, em geral (o sítio é bom, com mil diabos, o terreno há-de valorizar-se...). É a vez de entrarem em cena os «construtores civis». Lançam mãos (e pés...) à obra. Sem regra, sem vigilância, material pouco e do pior. Seja o que Deus quiser! O prédio lá vai subindo, cai agora, levanta-se depois... Às vezes, cai mesmo. Coisas que só acontecem a quem «lá» anda...

Mais tarde pode vir a verificar-se que prédio, de um só piso, pode suportar nova carga. Então acrescentam-se-lhes duas

novas séries de habitações, género «ilhas suspensas», não de Babilónia, mas do Prior Velho... O acesso a cada uma das habitações encavalitadas faz-se por meio de galerias. Para o construtorzinho mexilhão, a imaginação não tem limites...

Se me perguntarem se a construção dos «bairros clandestinos» iguais a mim resolve o problema da habitação, honestamente devo dizer que me permito duvidar. Como tudo é feito a fugir, de um momento para o outro, porque para mim o tempo é mais do que dinheiro, porque é tudo, sucede que não se pensou em água, em luz, em esgotos, em reabastecimento, em escola, em assistência, em lugar para o culto. Tudo falta. As «ruas» são canais estreitíssimos e infectos onde o sol não entra.

O povo paga alugueres altíssimos e tem de «inventar» os processos mais incríveis para ocupar a totalidade do espaço ao ar livre disponível. A habilidade alastra, assim, da casa para o exterior em busca daquilo que se pode verdadeiramente chamar «espaço vital». Encontram-se, por exemplo, autênticas oficinas em plena via pública, cobertas pelo zinco azul do céu, e que, como é lógico, só funcionam de Verão ou nos dias de sol. Os mercados também se reúnem cá fora, nos passeios, ou em alguma clareira escapada, por enquanto, à ganância dos construtores.

«Que acontece à população que passa a servir-se, dia após dia, daquela 'máquina para habitar' incompleta e viciada?» — pergunta o arquitecto António Freitas, no lúcido estudo publi-

cado na revista «Arquitectura». E responde: «Aos tormentos quotidianos dum aglomerado, abrigando centenas de famílias, mas a que faltam as mais elementares peças de equipamento urbano, somam-se os traumatismos sociológicos, causados por habitações tremendamente defeituosas na sua concepção e na qualidade de construção. Precauções mínimas quanto a estruturas, enchimentos e vedações, isolamentos e equipamento, são negligenciados com a maior inconsciência da gravidade da situação.»

Aqui termina a primeira fase da minha vida aventureira de «bairro clandestino». Construindo como sou numa zona sísmica, o meu futuro não se apresenta nada brilhante. Olho para diante — e tremo.

PRODUTOS
GRÁFICOS
E
REPROGRÁFICOS

Agfa

AGFA

Agfa

EQUIPAMENTOS • REPRODUTORES
PAPÉIS • TRANSPARENTES

O utiliza
materiais
AGFA-GEVAERT
nos sectores
de FOTOCOMPOSIÇÃO
e
FOTOGRAFIA



Já não era o seu...

Dias de Melo

Nesta manhã bonançosa, de claro sol, limpa de nuvens, lá vai o barco do Carlos. Largou, saiu à boca do porto, entrou na amplidão do grande mar, atravessa a Baía, proa rasgando firme a epiderme fina e leve das águas mansas. Lá vai e, disse-me depois um dos tripulantes amigos que o acompanham, lá vai o Carlos encolhido, um farrapo, à popa, olhos rasos de lágrimas, soluços a estrangularem-lhe a garganta, punhais de dor cravados no peito —, esta é a última viagem do Carlos ao leme do seu barco. Lá vai, e ali, no balcão da casa, que é a casa deles, a companheira, a Alvarina, e a filha, a Cármén. Lá vai o Carlos, o barco do Carlos, delas também, não tarda a dobrar, desaparecer além da ponta da Feiteira, vai para longe, muito longe, nunca mais voltarão a ver o barco do Carlos, o barco delas, que já não é delas, que já não é do Carlos.

Há muitos anos? Vinte? Por aí.

Casados de pouco, o Carlos e a Alvarina. Um par perfeito de juventude, alegria, beleza. Ele, a juventude, a alegria, a beleza da força viril, desempenhada, generosa, olhos azuis, cabelos ruivos, vontade decidida. Ela, a juventude, a alegria, a beleza da graça feminina, amorosa, fresca, gentil, olhos negros bonitos, negros e bonitos cabelos, vontade serena. Não os atemorizava o trabalho, qualquer trabalho, e trabalhavam, unidos, os dois na terra, ela na terra e em casa, ele na terra e sobretudo no mar.

A Alvarina, filha de marinho, o velho e falecido amigo Antonico Freitas, mas com a mãe, a boa senhora Angelina, filha de lavrador e vaqueiro, o Ferreiro do Portal do Cabeço, apegava-se mais à terra: a solidez da terra era, para ela, a segurança, o equilíbrio, a confiança na vida. O Carlos no mar e para o mar se criara, no mar e para o mar se fizera homem, o mar corria-lhe nas veias, pulsava-lhe no coração, era, nele, a alma na própria alma, o sonho no próprio sonho, e todo se queria no mar.

Esperavam, meses adiante lhes chegaria, a herança de um tio falecido, solteiro, na América. Tio, ou tia, não me lembro, da Alvarina. Herança... Parte da herança. Uns quantos herdeiros, não caberiam mundos e fundos a cada um, mas sempre alguma coisa havia de caber. Até, quando a foram levantar, em dinheiro, do banco, no Cais do Pico, lhes andou o vento com as notas pelo ar, levou-lhas, derramou-lhas por todos os cantos, acudiu povo, não houve quem não ajudasse, todas as notas se juntaram sem que uma só faltasse.

Segue-se que, naquela noite de Agosto, de veludo macio e tépido, estrelas no céu, o mar ronronando, calmo, suave, na costa a uns cinquenta metros, nós, a Alvarina e o Carlos, a minha companheira e eu, os nossos filhos andariam por aí, e nós, neste Alto da Rocha do Canto da Baía, sentados neste pátio desta nossa Cabana do Pai Tomaz, fora desta porta desta loja grande, a adega, então com vinho, ainda trabalhávamos a vinha, colhíamos, pisávamos, espremiávamos as uvas no lagar —, viemos a falar na herança.

Longas, arrastadas, pausadas, saborosas, eram, e são, as conversas por estas redondezas descuidadas de obrigações e horários rigorosos, e deste jeito nos corria a conversa, animada, de quando em quando, com a teladeira (1) que emborcávamos sem pressas, nesta velha mó feita mesa de basalto escuro, neste recanto deste pátio, o cânjero de barro de Santa Maria sempre à mão, mal o vazávamos ali estava, na adega, a barrica encanteirada, era só abrir a torneira, e o Carlos, e a Alvarina, que fariam, que não fariam, da herança. O Carlos, o apelo do mar —, um barco, «pelo meu voto, comprávamos um barco». A Alvarina, o chamamento da terra —, uns pedaços dela, «cerrados que nos dêem milho e batatas que nos cheguem». Ou uma casa, que, feita de pedra arrancada à

terra e com os alicerces na terra firmados, uma casa é terra também, «uma casa, um buraco em que a gente se meta». Uma casa que os abrigasse e aos filhos que viriam, algum, ou alguns, gerariam, foi uma filha, uma só, que deitaram ao mundo, a Cármén, hoje uma jovem linda.

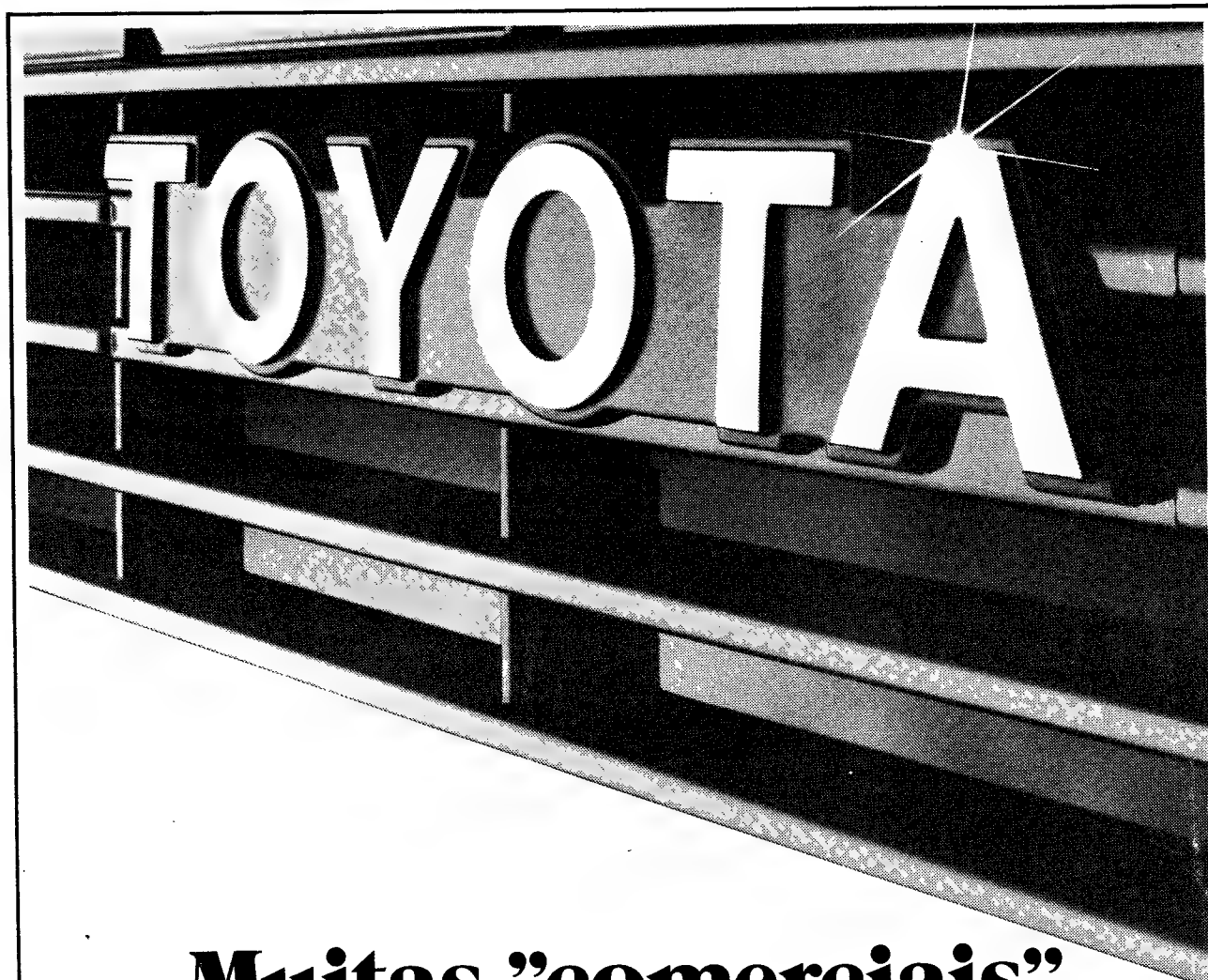
Desse por onde desse, não deixaria o Carlos de ter, um dia, o seu barco. Com a herança, porém, acabaram por comprar a casa. Aquela casa boa, grande, vistosa, ao cimo da Ladeira, lá está a Alvarina e lá está a Cármén no balcão, passou, há longos momentos, o barco do Carlos, o barco delas, a ponta da Feiteira, elas, olhos pregados no mar deserto, não arredam pé...

Anos decorridos abalaram, com a sua menina já, na rota do Canadá.

Na terra estranha, uma pessoa agarra-se aquilo que lhe aparece, e, no Canadá, o Carlos, que jamais pintara coisa nenhuma, nem sequer a manta (2), aí anda a trabalhar de pintor na construção civil, afogado em mares de tintas, com o mar a latejar-lhe nas veias, no coração, alma na alma, sonho no sonho, pintando paredes, portas, janelas. E aí anda a Alvarina a labutar, de dia na fábrica, de noite, no verão, na apanha da minhoca, e a menina, a Cármén, na escola. O Carlos, olho na conta do banco, a cabeça a deitar contas à vida, ainda não chega para o barco que há-de, aqui, nesta terra que é a sua, comprar, ou mandar fazer, de qualquer maneira um barco novinho em folha terá que ser. Dois, três anos mais, olhadelas mais olhadas na conta do banco, e a cabeça sem paranças a deitar contas à vida, «isto já chega», pensa, fala à Alvarina, «tá-me lembrando d'irmos de passeio ao Pico», não queria a Alvarina, tantas as saudades, ouvir outra coisa...

Vieram, a festança da chegada, observa e cumpre o Carlos, nas tabernas, escrupulosamente, as leis impostas a canadianos e americanos, conhece-as, não foi há séculos que daqui partiu, logo se mete na saga do seu barco, isso é que o trouxe, informam-no, «em Santo Amaro está mestre Manuel Joaquim, grande barco, pouco, se os não tem, lhe faltará para os trinta pés, tão grande não há nenhum no nosso porto, paleio e mais paleio, o negócio com paleio se quer, e o Carlos vendo, estudando o barco, «quanto custa, mestre», e mestre Joaquim, arrastando as palavras, «o barco vai por tanto». Boa proa, bom fundo, boas saídas d'água, barco bom para o mar, o Carlos não hesita, «o barco é meu».

Passados quinze dias, com tudo atimado, aí vem o Carlos, pela primeira vez senhor e mestre, sente-se até um deus, ao leme do seu barco, o motor, de vinte e cinco cavalos, matraqueia forte, a proa rasga, segura, as águas. Chega, encosta ao cais, salta em terra, com a alegria dele, alegria assim nunca na vida viveu, se enlaça a alegria da Alvarina e a alegria da Cármén. Falta o baptismo, «que nome daremos ao nosso barco», interroga-se o Carlos, a Alvarina sugere, «se fosse 'Calhetense', eu gosto», a Cármén, «tam-



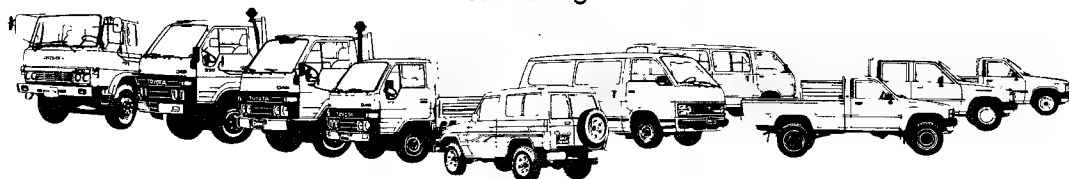
sonarte

Muitas "comerciais" gostariam de ter este nome

Pois é ... mas como apenas TOYOTA pode ser TOYOTA há quem procure, por todos os meios, valorizar a QUANTIDADE.

Que pode, naturalmente, ser importante mas não fundamental para assegurar a QUALIDADE. Esta, sim, tem sido e continua a ser a nossa principal preocupação.

Quanto à QUANTIDADE interessa-nos, fundamentalmente, poder continuar a afirmar que as "comerciais" TOYOTA são as que mais se vendem em Portugal.



TOYOTA

uma questão de QUALIDADE

IMPORTADORES E DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS PARA PORTUGAL CONTINENTAL E INSULAR SALVADOR CAETANO I.M.V.T., S.A.
CONCESSIONÁRIOS EM TODO O PAÍS COM SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA E PEÇAS

o seu barco

bém eu», e o Carlos, contente, «pois que seja 'Calhetense', o nosso barco, que é da nossa Calheta».

Voltaram ao Canadá, regressaram de vez, o Carlos, o apelo do mar, do nosso mar, o mar, o nosso mar, a correr-lhe nas veias, a pulsar-lhe no coração, alma da própria alma, sonho do próprio sonho, e no mar, no nosso mar, a própria alma, o próprio sonho, rasgando o mar, o nosso mar, na quilha do seu barco, o «Calhetense».

Pescarias do alto, no Canal, poita ao fundo no Mar de fora, Mar de Dentro, Pedra Baixa, Pedra Aguda, Cabeças, chernes, congros, abróteas, rocazes, gorazes, moreias, bagues, bocas-negras. Borrascas, temporais, o barco do Carlos, o «Calhetense», um leão, amigo fiel, salva-lhe a vida e aos companheiros naquela noite, há dois anos, no Canal, com o motor avariado no meio da tempestade negra e feia.

Pescarias aqui de longo, das cavalas, do chicharro, nas marcas, baía da Feiteira, ponta Furada, dos bonitos no beiril (3), para um lado, para o outro, na quadra deles, no fim do Verão, — e, há um ano, naquele dia cinzento, chuvoso, de mar encafelado, corre na costa, o barco do Carlos entra no porto em cima de uma vaga de espumas brancas, a filha quisera ir, deixara, e a filha, a Cármen, cai-lhe pelo rosto lindo a claridade loira dos lindos cabelos loiros, no corpo dá-lhe pelas cochas o impermeável vermelho do pai, senhor absoluto, mestre incontestado, um deus quase, à popa, ao leme do seu barco, o seu «Calhetense», envolvendo a fi-

lha, deusa mitológica safda do seio do mar e ali, de pé, no banco do meio, pela vante da tina.

Há um ano, e, hoje, o pai, o Carlos, um deus vencido. Doença. Vencido para o mar. Apenas para o mar.

É o seu barco? Vendê-lo?

Um barco é um ser humano. Varado em cima da madeira, a imobilidade mata-o. Como ao ser humano, em casa, deitado numa cama ou sentado numa cadeira.

Mas um barco também é um ser humano pela vida que vive em comunhão com o ser humano. Entra na família de quem o adquire, o leva com a mão no leme, de quem o tripula. É mais um filho, um irmão, um amigo, um companheiro. Quantas vezes, para salvarmos a pessoa que amamos, nos sacrificamos, nos arriscamos, somos mesmo capazes de nos perdermos, de darmos a vida por ela...

Para o salvar, para que, varado em cima da madeira, o não perdesse, destruísse, matasse a imobilidade, o Carlos, de acordo com a Alvarina, com a Cármen, decidiu-se pela venda do barco. O seu barco. O «Calhetense». A um marítimo de S. Miguel. Com que custo, sacrifícios, sofrimento, sabe-o ele e, com ele nos momentos bons, com ele nos momentos maus, sabe-o a Alvarina, que me conta, «deixou de comer, dormir, chora...».

A Alvarina, e a filha, a Cármen, — as duas, de olhos tristes, muito tristes, ainda no balcão da sua casa...

E lá vai o Carlos, aos tempos que passou à ponta da Fei-

teira, lá vai, encolhido, um farrapo, e, um dos tripulantes amigos que o acompanham depois me disse, lá vai, olhos rasos de lágrimas, soluços a estrangularem-lhe a garganta, punhais de dor cravados no peito... Lá vai, e quando se aparta do seu barco, no Cais do Pico, no Cais do Pico o foi

pôr, do Cais do Pico um navio o leva ao seu novo porto, longe, em S. Miguel, — e quando se aparta do seu barco, o seu «Calhetense», disse-me ainda aquele tripulante amigo...

Quando o Carlos para sempre se aparta do seu «Calhetense»... do seu barco que já não é seu...

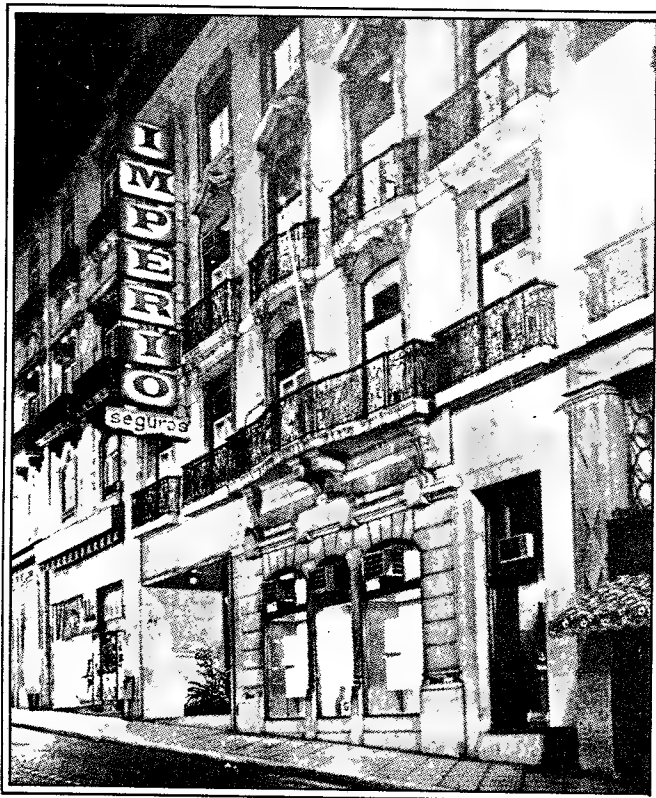
Não. Eu não digo. Não digo. Não posso dizer.

Diga-o, se puder, a Alvarina que, sofrendo também, com todo o seu amor, na ternura imensa dos seus braços acolhe a imensa dor do Carlos.

Alto da Rocha do Canto da Baía, Setembro de 1987

(1) Teladeira: pequena tijela de barro usada na adega.

(2) Pintar a manta: meter-se habitualmente em sarilhos de desordens ou negócios aventureiros e complicados. (3) Beiril: ao longo da costa.



EM LISBOA. NO CHIADO.
NO CORAÇÃO DA CULTURA.

Líder da Segurança em Portugal

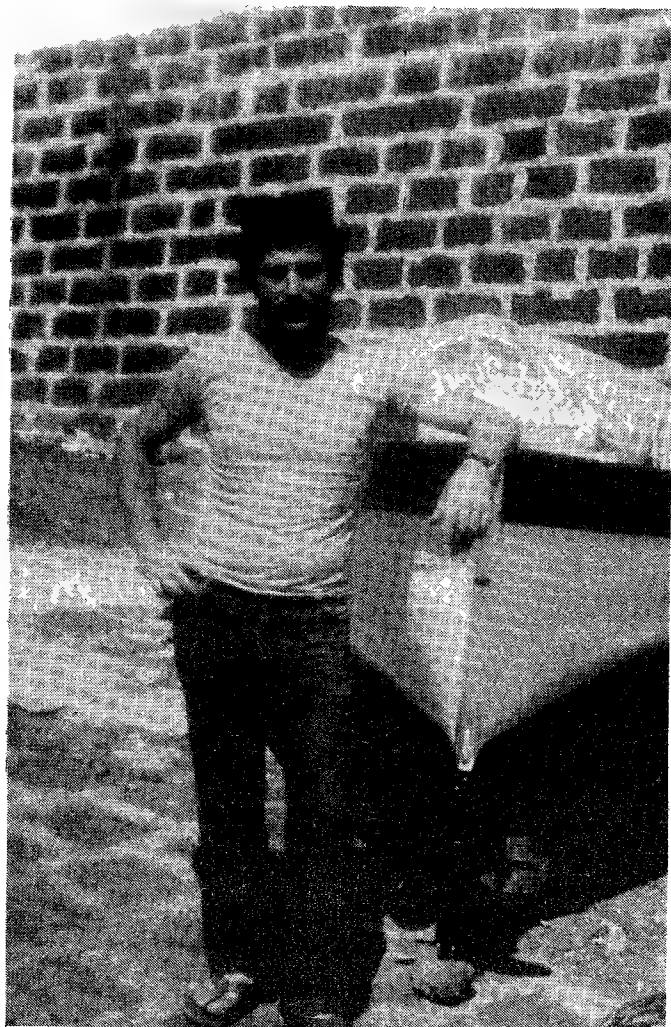
HIPER

Rua Garrett, 62 · 1200 LISBOA
77 Dependências no País

AO SEU SERVIÇO



IMPÉRIO
a sua seguradora



IMAGENS DA II GUERRA MUNDIAL

A trilha — ou «carreiro», como era chamada na Guerra Mundial — Kokoda é uma velha rota comercial que liga aldeias da selva, desde Kokoda a Owers Corner, perto de Port Moresby, na Nova Guiné Papuária. Eleva-se, submerge-se e serpenteia através das Owen Stanley Ranges, tentando seguir uma linha geográfica de resistência mínima quando tal linha não existe.

Geralmente, a trilha não é mais do que um carreiro com apenas a largura suficiente para caminhar, se colocarmos um pé imediatamente à frente do outro, como um manequim numa «passerelle». Trepa para lá das nuvens e afunda-se através de escuros e tenebrosos barrancos, onde a luz solar quase não consegue penetrar.

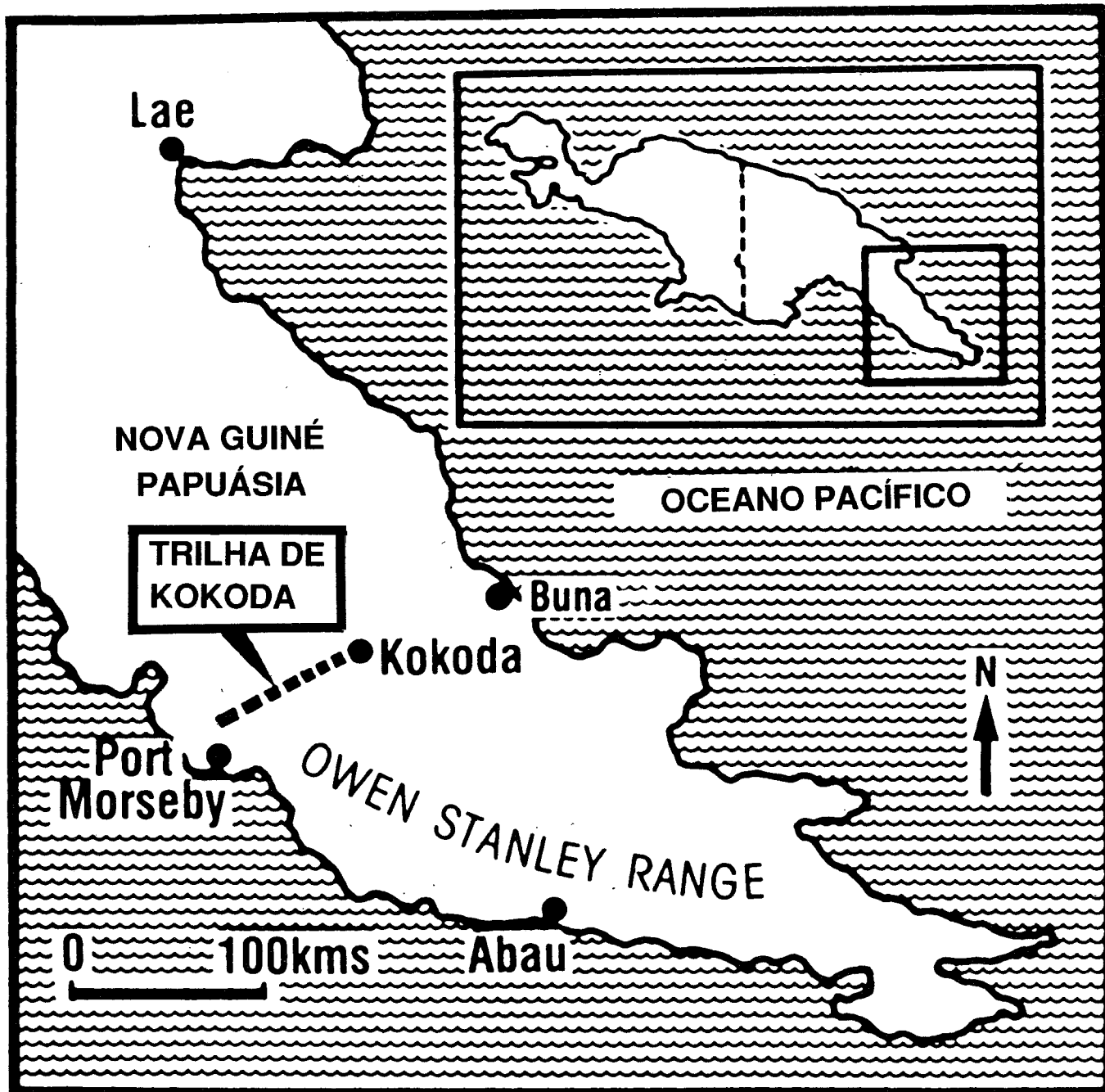
Foi esta estrada de comércio que entre Julho de 1942 e Janeiro de 1943 se transformou num dos mais extraordinários campos de batalha da Guerra Mundial.

Após terem sido derrotados no «Mar de Coral», os japoneses desembarcaram na costa leste de Gona com a intenção de abrir caminho até Port Moresby, seguindo a trilha Kokoda.

Forças australianas tentaram detê-los mas foram implacavelmente repelidas. A avançada japonesa durou dois meses e a Austrália tremeu.

Seiscentos e vinte e cinco australianos morreram na trilha Kokoda e 1055 ficaram feridos. Outros 6410 australianos e americanos foram mortos, ou feridos, em Buna, Gona e Sanananda, onde os japoneses foram, finalmente, vencidos após terem recebido ordens para retirar, tendo chegado a cerca de 50 quilómetros de Port Moresby.

O repórter Cyril Ayris percorreu a trilha Kokoda com oito australianos e um homem de negócios da Nova Guiné. Demoraram nove dias a caminhar desde Owers Corner até Kokoda, uma distância de apenas 96 quilómetros. Depois, levaram três dias a caminhar pelas costas do Mar Salomão até Buna, Gona e Sanananda, onde tiveram lugar as últimas batalhas. Este é o relato de uma odisseia, quarenta e três anos depois das violentas batalhas travadas naquele cenário selvagem.



A trilha de Kokoda

Cyril Ayris

Regresso a Kokoda

Sáímos da luminosa área do Owers Corner e, em quinze segundos, o nosso grupo é engolido pela selva. É como se alguém tivesse corrido uma cortina.

Filtros de sol coloridos atravessam o alto dossel, fetos crescem por todo o lado, árvores e ramos caídos cobertos de musgo, os pássaros enchem o ar com os seus chamamentos agudos e a humidade estende-se como um cobertor.

A trilha segue um fácil declive que desce a colina mas passando cinco minutos estamos banhados em suor. Meia hora depois as nossas roupas já pingam e o caminho continua a descer.

Todos nós carregamos mochilas pretas cheias de rações,

sacos-cama e roupas. Pesam cerca de quinze quilos mas já parecem muito mais pesadas.

A maior parte do nosso grupo são reservistas do exército que se interessam pela campanha do Kokoda. Querem ver os campos de batalha e experimentar diretamente o que os australianos sofreram na sua batalha de sete meses pela Papua Nova Guiné.

A trilha tem apenas 96 quilómetros de extensão mas o número não tem nenhum significado numa terra onde podemos demorar dez minutos para andar cem metros. A distância aqui é medida em horas.

Os nossos pensamentos são interrompidos pelo ribombar abafado do Goldie River, no fundo do barranco. Meia hora

depois estamos avançando com água pelos joelhos através da forte corrente do rio, tentando desesperadamente evitar o desequilíbrio. Apercebo-me pela primeira vez de que a mochila altera o centro de gravidade do corpo, tornando o equilíbrio difícil.

«A escadaria dourada»

Leva duas horas a atingir o topo. Uma vista de olhos ao mapa mostra que a trilha seguiu a «escadaria dourada» — uma «escadaria» de troncos construída pelos Papuas da Nova Guiné para os soldados australianos.

No lapso de duas horas, a trilha desceu 260 metros e subiu 425.

Leva-nos a Imita Ridge, onde os australianos estabeleceram o seu quartel-general para fazer uma última tentativa de impedir o avanço dos japoneses. Era considerada como a última posição defensiva.

O cume é formidável, permitindo uma larga visão e ofere-

cendo bons campos de tiro. Para o tomar de assalto, os japoneses teriam de trepar uma encosta muito íngreme sob o fogo das armas australianas.

Mas o nosso grupo já está em apuros.

O nosso chefe, Frank Taylor, tem um tornozelo bastante inchado e vermelho, das picadas dos insectos, e experimenta dores a cada passo. O dr. Williams está à beira de um colapso devido ao calor.

Nenhum deles fomentará a ideia de voltar e, após um rápido almoço, descemos para Ua Ule Creek, onde montaremos o acampamento para passar a noite.

Ao anoitecer, montamos as nossas tendas na margem de um rio com forte corrente.

Frank Taylor está a cuidar de um tornozelo latejante e o dr. Williams está à beira do esgotamento.

Quando nos instalamos nas nossas tendas, parece que começa a chover e a humidade começa a passar através da lona.

A voz de Newman Mongagi

Continua na pag. 26

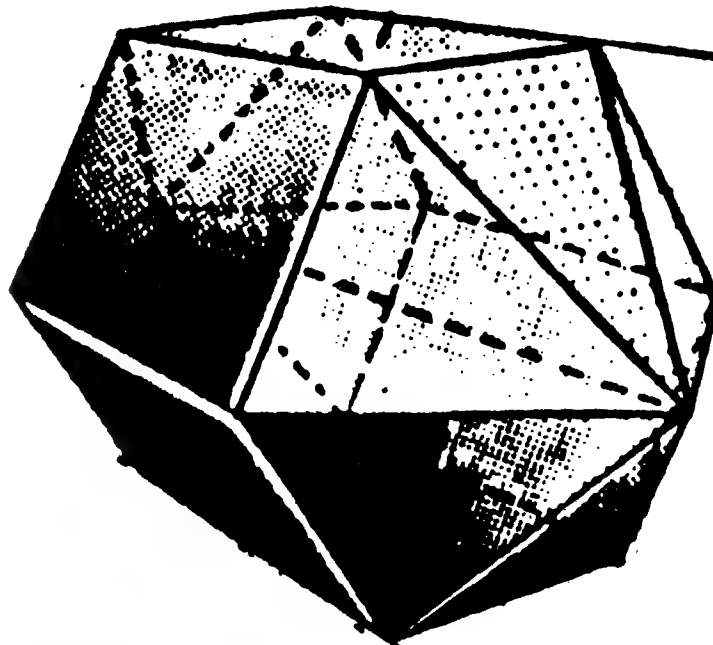
MAOBILAÇO.

FÁBRICA: 99 00 53
SERVIÇOS COMERCIAIS LISBOA:
714 31 26 - 714 16 32
DELEGAÇÃO REINO UNIDO:
GLOUSCESTER 452-22922

UMA EMPRESA
PORTUGUESA
QUE FABRICA
EQUIPAMENTOS
ADAPTÁVEIS A
DIFERENTES USOS.
ESCRITÓRIOS,
HOSPITAIS,
ESCOLAS,
INSTITUIÇÕES DE
CRÉDITO
ORGANISMOS PÚBLICOS...



EM TUDO PODE HAVER HARMONIA
DOS ESPAÇOS QUE OS
EQUIPAMENTOS METÁLICOS
MOBILAÇO PROPORCIONAM.
SECRETÁRIAS, ARQUIVOS,
ARMÁRIOS, FICHEIROS.
MESAS PARA INSTALAÇÃO DE
COMPUTADORES, ROUPEIROS,
BIOMBOS, CADEIRAS...
SÃO PEÇAS DO EQUIPAMENTO QUE A
MOBILAÇO CRIOU POR FORMA A DAR
FORMA AO ESTILO



MAOBILAÇO

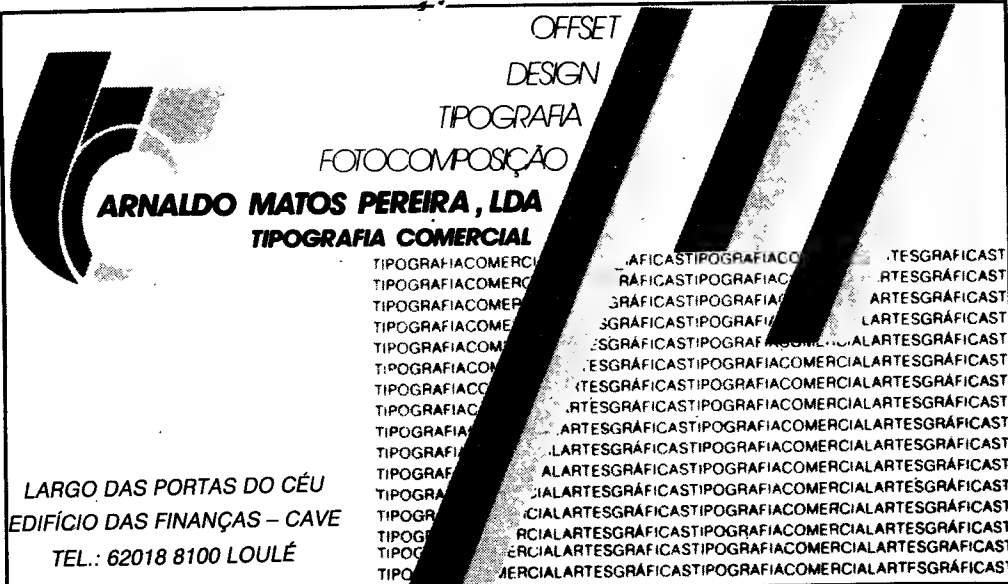
A mobilidade do aço feita móvel!



Para tornar as coisas mais difíceis há, pelo menos, onze fal-



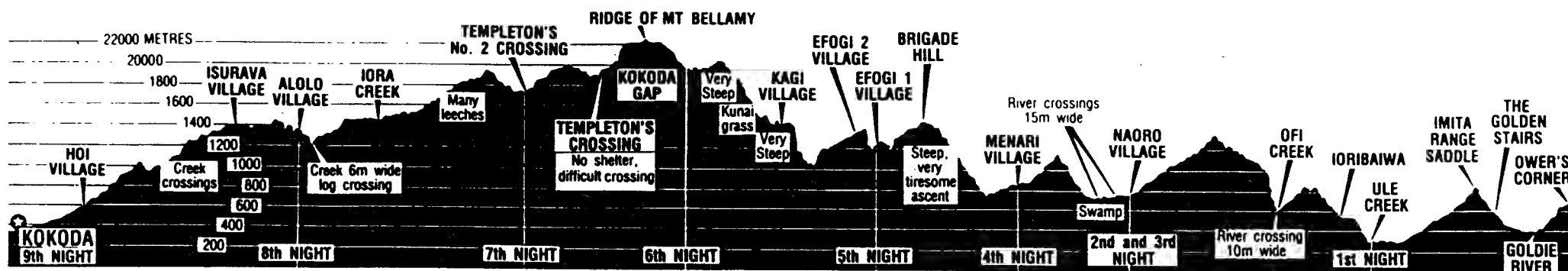
Associação dos Inquilinos Lisbonenses • Av. Almirante Reis, 12, 1100 Lisboa • Tel.: 54 60 30



Imagraf



Av. Miguel Bombarda, 91-1.º
1000 Lisboa — Tel. 54 95 71/56 04 03
Laboratórios em Venda Nova
2700 Amadora Portugal
Tel. 97 26 31



Recorte dos acidentes topográficos da ilha

sos cumes.

A nossa água está a acabar e racionamos a comida.

Chegamos a Iroibaiwa durante a tarde — o ponto de maior avanço dos japoneses.

A aldeia foi há muito abandonada à feitiçaria e tudo o que resta para assinalar este local histórico é um enorme totem de bambu.

Foi aí, em 24 de Setembro de 1942, que o comandante das tropas japonesas, general Horii, recebeu ordens de Tóquio para regressar através da trilha de Kokoda à costa este para evitar desembarques norte-americanos.

Tinha jurado que não retiraria depois de tantos dos seus soldados terem morrido para chegar até ali. Empunhou a sua espada de samurai e os seus comandantes de companhia tentaram obter permissão para tentar chegar a Port Moresby.

Mas o general Horii obedeceu às suas ordens e regressou.

Tinha trazido desde Buna um cavalo branco no qual pretendia entrar em Port Moresby. O cavalo foi posteriormente encontrado morto num ribeiro próximo.

Quando os australianos passaram por Iroibaiwa na sua perse-

guição aos japoneses em retirada, entraram no posto de comando do general e só encontraram uma cadeira de junco, alguns livros e vários pares de luvas brancas.

Seguimos o trilho durante mais três horas e a luz começa a desaparecer. Ainda estamos a duas horas de distância do local de acampamento e parece que vamos acabar no escuro.

Estamos todos ressequidos, com sede, e atormentados pelo som da água nos cantos.

Mike Ludeman e eu chegamos quando a noite caía.

«Cabanas de bambu»

É uma aldeia primitiva com cerca de trinta cabanas de bambu, construídas à volta de um quadrado de terra dura.

Após beber demoradamente do ribeiro, somos levados para a «casa de hóspedes» — uma simples cabana de bambu com um chão elevado e um telhado.

Mas há ainda vários membros do grupo bem longe, na trilha, incluindo Frank Taylor e o dr. Williams. O dr. Williams chega às 19.30 e são 23.00 quando Frank Taylor e Newman Mongagi entram a coxear na aldeia.

Andaram durante dezassete horas.

O sargento Taylor disse depois que os seus guias tinham ficado aterrorizados com magia negra e feitiçaria.

Estavam convencidos que espíritos maus estavam deliberadamente alongando a trilha para que os pudessem matar quando tombassem de exaustão.

Os guias queriam parar e acampar e tentaram todos os estratagemas possíveis para forçar uma paragem, para passar a noite.

Newman Mongagi, um culto homem de negócios, admitiu mais tarde que também ele temeu a magia negra e os espíritos dessa noite.

A pertinácia de Frank Taylor custar-lhe-á caro. «Obsequiou» tanto o seu tornozelo que este ficou bastante deformado, e está reduzido a manquejar.

Tanto ele como o dr. Williams têm as costas em carne viva por causa das mochilas.

O sargento Taylor não pode carregar a mochila durante o resto da expedição.

Durante o dia a trilha subiu uma vertente de 550 metros de altitude, desceu 200 metros, subiu mais 700 e desceu 600, com incontáveis e íngremes subidas e descidas de perneio.

Aldeia de Reminiscências

O terceiro dia no trilho de Kokoda é aniquilador. Quando amanhece e os galispas da aldeia começam a cantar, continuamos exaustos no chão de bambu da nossa «casa de hóspedes», demasiado cansados para nos movermos. O dia é declarado dia de descanso.

Naoro, como todas as outras aldeias que até aqui atravessamos, está impecavelmente limpa.

Os aldeões reúnem-se para observar os seus estranhos visitantes brancos e há um turbilhão de excitação quando alguém mata uma piton de três metros e meio, perto do rio.

A nossa última visão da piton é de quando a arrastam para o caldeirão da aldeia.

Por volta da hora do almoço alguns dos aldeões chegam, trazendo ananazes, pepinos, bananas, laranjas e couves locais, que crescem como nenúfares.

EM)Após quarenta e oito horas de rações e de comida desidrata-

da, a fruta é uma oferta bem vinda.

A couve, cozinhada em óleo de coco, acrescenta variedade à refeição da noite.

Mick Coyle, Adrian Kowald e Peter Hutton decidem partir após o almoço. Combinamos encontrá-los na próxima aldeia, no dia seguinte.

Na manhã seguinte atacamos a famosa lama do Kokoda.

«A lama suga-botas»

A trilha transforma-se numa lama glutinosa, vermelha, que parece sugar as botas e que penetra dentro do calçado e se infiltra entre os dedos dos pés como pasta de dentes.

EM)Uma subida de três horas leva-nos ao cimo de uma elevação e avistamos Menari — o nosso albergue para essa noite, centenas de metros abaixo.

Quando chegamos, a maior parte dos aldeões ainda estão

Continua na pág. 28

A TRILHA DE KOKODA

OTÍLIO LEONEL & MIGUEL, LDA

ESPECIALIZADA EM REPARAÇÕES HIDRÁULICA E MECÂNICA

Somos uma empresa com largos anos de experiência em reparações de todas as viaturas de recolha de resíduos sólidos

Fazemos orçamentos

SEDE E OFICINAS:

Alto da Cascalheira
2955 Pinhal Novo
Telefone 236 14 99

Prepara um arranque em força.

No início da tua vida profissional também conta o teu poder económico. A tua capacidade de mobilizar meios financeiros para te equipares, para fazeres face aos primeiros tempos. Aproveita os incentivos criados para ti pelo BNU: maior taxa de juro em menor prazo; Bónus especiais de poupança. Informa-te bem. Se tens entre 14 e 25 anos abre a tua conta no BNU e começa a juntar. Mais tarde, estarás em posição de vantagem para obter os apoios indispensáveis. Arranca em força. CONTA CONTIGO.

Conta Contigo

A TUA CONTA POUPANÇA

BNU

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

A TRILHA DE KOKODA

Continuação da pág. 27

nos seus terrenos, cuidando das suas colheitas, mas um pequeno grupo de homens olha-nos sombriamente à medida que atravessamos o largo da aldeia.

Menari foi um local de passagem usado por australianos e por japoneses durante a campanha do Kokoda. Os terrenos agrícolas da aldeia foram saqueados por homens dos dois exércitos.

O aldeão mais antigo, Guia Kelria, conta as suas aventuras em tempo de guerra, sentado à

fogueira.

«Soubemos que os japoneses estavam a chegar e um dia um fugitivo chegou com uma mensagem do tenente Kienzle, para fugirmos e salvarmos a vida», diz ele.

«Quando abandonámos a aldeia podíamos ouvir as armas japonesas e australianas disparando. Pareciam trovões.»

«Nauro»

Disse que os aldeões se mantiveram escondidos na selva du-

rante semanas e que guiaram grupos de australianos de volta à trilha depois de estes se perderem.

Na manhã seguinte uma subida de 800 metros levou-nos ao cimo de Mission Ridge (Brigide Hill) que foi palco de uma das mais dramáticas retiradas da guerra da Papua Nova Guiné.

A 21.ª Brigada, comandada pelo brigadeiro Potts, tinha-se entrincheirado na colina, numa tentativa de travar o avanço japonês.

«Assombro»

Ao cair da noite, os australianos observaram com assombro os soldados japoneses, munidos de lanternas, subirem em direcção a eles, ao longo da trilha.

Ao nascer do dia, centenas de japoneses estavam entrincheirados, cercando a posição australiana.

As lutas renhidas prosseguiram durante o dia e na manhã seguinte o brigadeiro Potts e o seu cozinheiro tiveram de retirar para a selva disparando à

queima-roupa sobre os japoneses que os perseguiam.

Descemos a colina e encontramos um rapaz Efogi, perto do ribeiro, com um cesto de tangerinas.

Mais rações chegam da aldeia e mais uma vez estamos com a carga máxima às costas.

Estamos agora profundamente embrenhados em Owen Stanley Ranges e o ar da manhã é tonificante.

A meio da manhã transpiramos profusamente à medida que

Continua na pág. 30

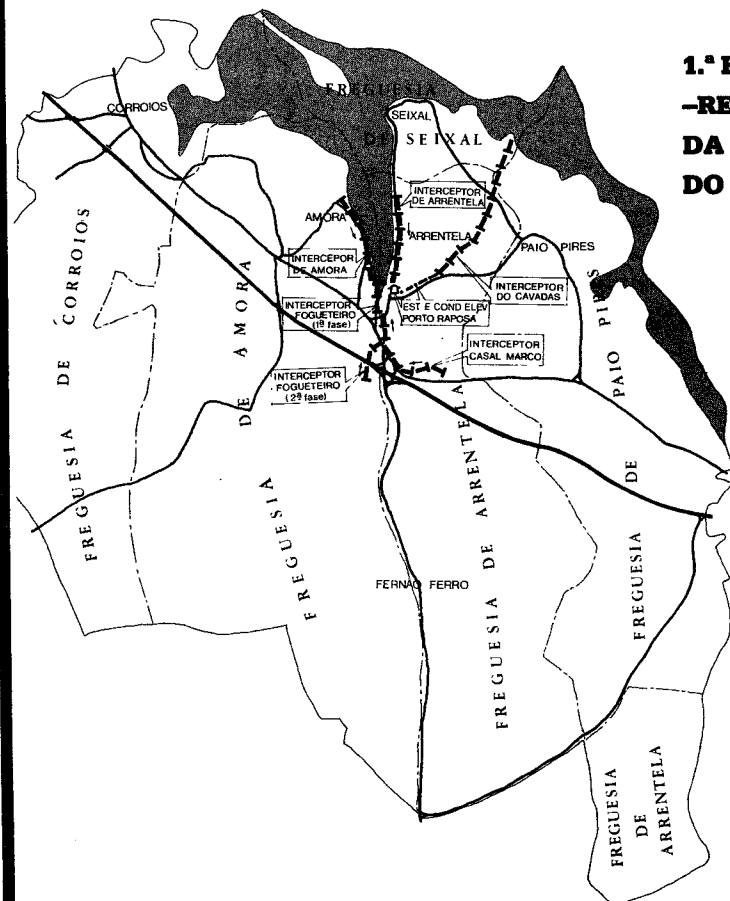
MUNICÍPIO DO

SEIXAL



COM A POPULAÇÃO PARA DEFENDER ABRIL

PLANO GERAL DE SANEAMENTO DO CONCELHO DO SEIXAL



**1.ª FASE—
—RECUPERAÇÃO
DA BAÍA NATURAL
DO SEIXAL**

**CONTRIBUTO
PARA A
DEFESA DO
RIO TEJO**

**Propostas
aprovadas e
Concursos a
decorrer para
as seguintes
obras:**

- **Emissário do Cavadas**
- População a servir: actual — 98 200 habitantes; horizonte de projecto — 205 400 habitantes.
- Custo estimado — 38 146 contos.
- **Interceptor de Arrentela — 1.ª Fase (Cavaquinhas/Porto da Raposa)**
- População a servir: actual — 16 300 habitantes; horizonte de projecto — 23 500 habitantes.
- Custo estimado — 20 153 contos.
- **Interceptor de Amora — 1.ª Fase (Rua Mundet/Porto da Raposa)**
- População a servir: actual — 53 900 habitantes; horizonte de projecto — 91 200 habitantes.
- Custo estimado — 43 907 contos.
- **Interceptor de Foguetreiro — 1.ª Fase (Cruzamento Auto-Estrada/Porto da Raposa)**
- População a servir: actual — 9400 habitantes; horizonte de projecto — 15 500 habitantes.
- Custo estimado — 16 149 contos.
- **Interceptor do Casal do Marco — Poente — (Casal do Marco/Cruzamento Auto-Estrada)**
- População a servir: actual — 1000 habitantes; horizonte de projecto — 2200 habitantes.
- Custo estimado — 5696 contos.
- **Estação Elevatória e Conduta Elevatória do Porto da Raposa**
- Custo estimado — 72 081 contos.
- **Emissário da Baía Leste Pinhal dos Frades — (P. Frades/Ot.ª Galega/Cucerna)**
- População a servir: actual — 3000 habitantes; horizonte de projecto — 5000 habitantes.
- Zona Industrial do Casal do Marco.
- Custo estimado — 18 728 contos.

Seixal, Abril de 1988

O Presidente da Câmara
Eufrazio Filipe Garcez José

zona livre de armas nucleares

câmara municipal do seixal

GelSilves

Comércio de Congelados, Lda.

ARMAZÉM

Sítio da Oliveira da Guerrilha — 42389 — SILVES

LOJA

Rua Dr. Nobre de Oliveira — SILVES



marisco em viveiros,
marisco congelado,
peixes,
carnes,
etc.



a chapa negativa offset mais vendida em Portugal



Coates Graphic Products Limited

Importadores e distribuidores exclusivos:

LITOFLEX

Soc. Importadora de Materiais Gráficos, Lda.

Quinta da Alagoa, Lote 3-A — 2.ª Dt.ª — 2775 CARCAVELOS

Telefone: 246 47 68 — Telex: 44803



grafiseis ARTES GRÁFICAS
AV. DOS HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA, 16-18 - TEL.: 90 27 46
REBOLEIRA - 2700 AMADORA - PORTUGAL

24 HORAS A FORNECER-LHE FOTOCOMPOSIÇÃO • SELECÇÃO DE CORES • MONTAGEM E PREPARAÇÃO OFFSET

QUINTA-FEIRA, 7 DE ABRIL DE 1988 **Diário de Lisboa**

29

A TRILHA DE KOKODA



Um guia nativo auxilia membros da expedição a vencerem o difícil percurso

Continuação da pág. 28

treparamos ao Monte Bellamy, uma subida de 1300 metros.

Do cimo, observamos uma série de montanhas, cobertas de vegetação, nuvens de algodão arrastadas pelo vento, e ocasionalmente fios de fumo azul provenientes das aldeias.

Sucedem-se os abrigos, de ambos os lados da trilha, uns construídos pelos japoneses, outros pelos australianos.

A maior parte estão soterrados ou cobertos de folhas, mas os escavadores de antiguidades ficarão satisfeitos por saber que muitos ainda estão intactos.

«Grito de triunfo»

Passamos a noite em Templetons 2 e somos acordados a meio da noite por um grito de triunfo.

Na manhã seguinte um dos nossos carregadores apresenta orgulhoso uma enguia, com um metro de comprimento, que tinha apanhado no ribeiro com a sua faca.

É colocada na panela, coberta com fetos e cozinhada para o almoço.

Mais tarde, no mesmo dia, Mick Coyle escapa por um triz de morrer afogado quando esborrega num tronco e cai num rio, com uma forte corrente,

com a mochila às costas. Frank Taylor agarra-o pela mochila e salva-o.

Chegamos a Alola — a mais bonita das aldeias.

O nosso «chuveiro» é uma queda de água que cai num fio cristalino, com as cristas das montanhas como pano de fundo.

O nosso último dia é uma pequena corrida de 18 quilómetros até Kokoda. Geralmente é a descer, mas o calor aumenta a cada hora que passa.

Subitamente a aldeia é avista: centenas de metros abaixo. Três horas mais tarde estamos caminhando a passos largos através das plantações de borracha e entramos em Kokoda.

A capital de província, com três mil habitantes, a maioria dos quais vive em cabanas de bambu, tem três lojas, um rádio-telefone, energia eléctrica e abastecimento de água.

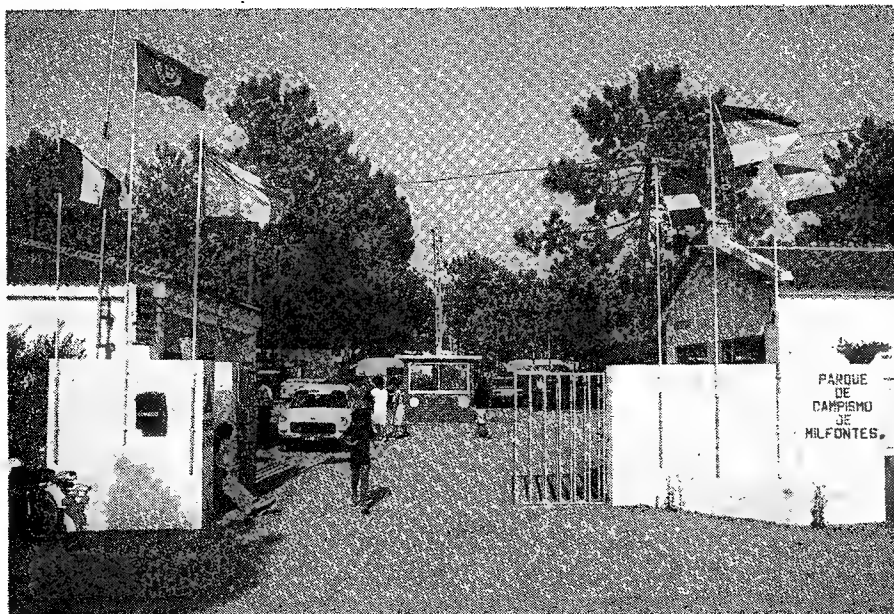
Apertamos as mãos à medida que dispersamos e nos deixamos afundar penosamente na relva, junto ao museu da guerra.

«Planalto escarpado»

Olhamos do planalto escarpado onde a cidade está construída, para baixo, e imaginamos os homens do 39.º Batalhão dis-

Continua na pág. 32

Parque de Campismo de Milfontes



Um magnífico parque, situado numa zona de pinhal

SUPERMERCADO - APARTAMENTOS - BAR
RESTAURANTE - SALA DE CONVÍVIO

APARTAMENTOS PARA 4 E 6 PESSOAS

IMPECÁVEIS INSTALAÇÕES SANITÁRIAS
LAVANDARIA E ZONA DE ENGOMADOS

UM BOM LOCAL PARA AS SUAS FÉRIAS
OU FINS-SE-SEMANA

Telefs. 9 61 04 e 9 61 40 — 7645 Vila Nova de Milfontes — Portugal



REPRESENTANTES DE FÁBRICAS DE PAPÉIS,
CARTÕES E CORDOARIAS

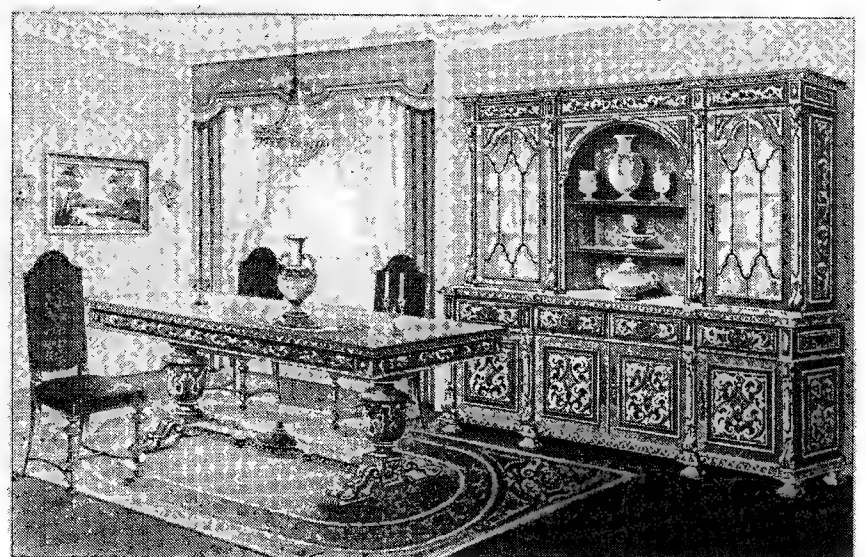
ALPACO — SOCIEDADE COMERCIAL DE
PAPÉIS E CORDAS, LDA.

Calçada de Salvador Correia de Sá, n.º 30
1200 LISBOA
Telef.: 328604 — 328785

NOVARTE

Gerência de:
José Amado

Móveis

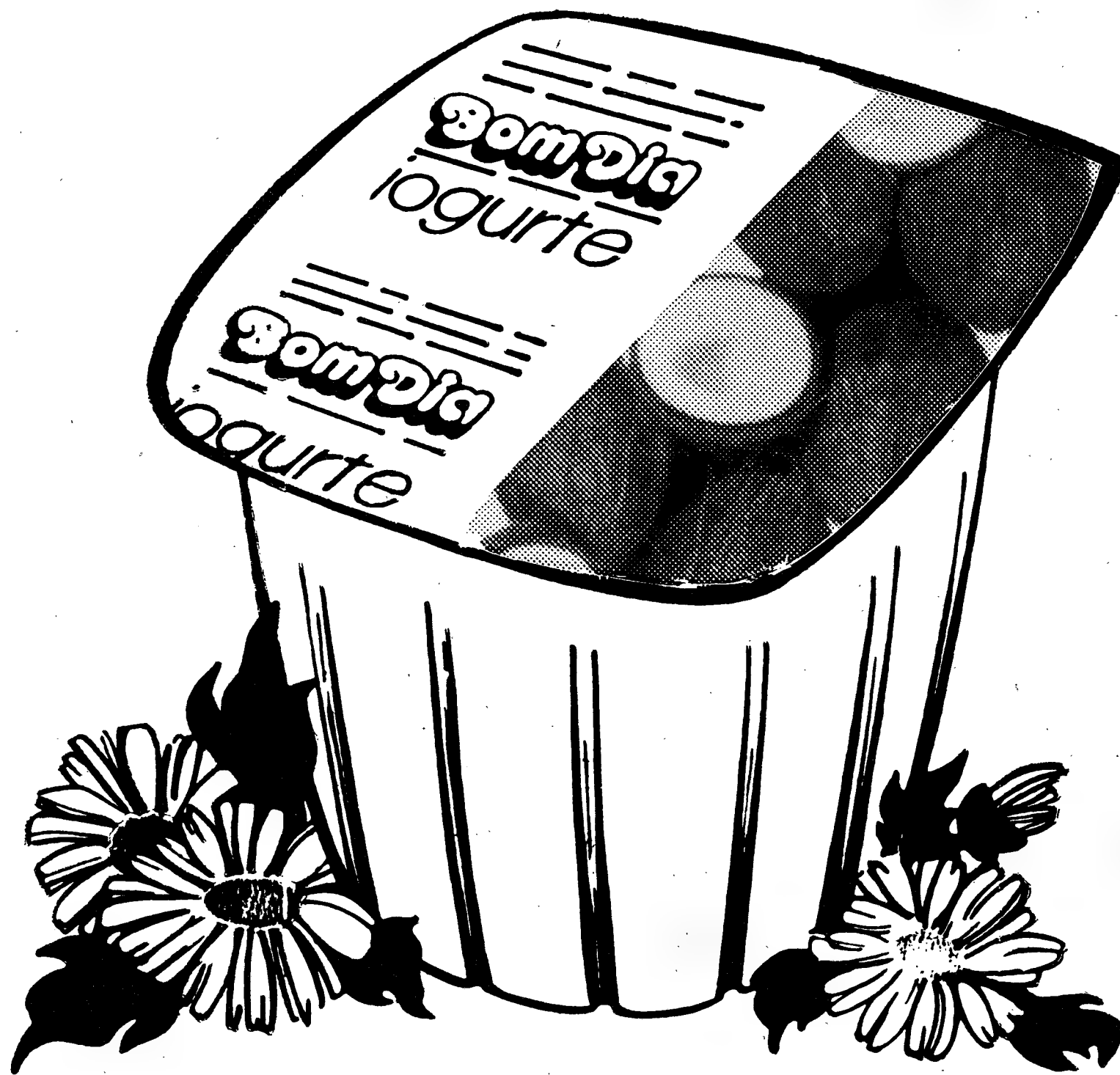


ESTOFOS • DECORAÇÕES

Estrada do Alvor, 10 — ☎ 24222 — 8500 PORTIMÃO
Edifício Columbia — ☎ 83283 — 8500 PRAIA DA ROCHA

BomDia

o ^{seu} iogurte



BIOLACTA, CRL

Rua Luís Augusto Palmeirim, N.º 15 – A/B • Tels.: 89 83 27/80 50 20
1700 LISBOA

COMECE O DIA COM ALEGRIA COMENDO IOGURTE BOM DIA

A TRILHA DE KOKODA

Bem-vindo às lembranças da morte

Viajamos aos solavancos através de 40 quilómetros de uma estrada atroz, na parte de trás de um camião, e saltamos agradecidos para o chão quando a trilha acaba em Buna, no mar de Solomon.

Crianças nuas observam-nos curiosamente quando pomos os sacos a tiracolo e partimos em fila indiana em direcção à praia.

Confrontamo-nos imediatamente com um rio e estamos prestes a tirar os sapatos e as peúgas quando o nosso guia, Bodger Auri, chega.

«Vão-vos conceder uma grande honra», disse ele. «Os aldeões enviarão um barco para vos atravessar para o outro lado. Também vos querem fazer uma recepção formal de boas-vindas.»

Após termos atravessado o rio, andamos ao longo da praia e podemos ver os aldeões que se vão juntando à beira-mar.

Os tambores soam e ouvem-se gritos estridentes de «oro... oro» (bem-vindos) emitidos pelas mulheres.

Os aldeões construíram um arco com ramos de palmeira com um letreiro escrito à mão que dizia «bem-vinda sua majes-

tade» pendurado num dos lados.

Três anciãos, completamente vestidos com traje de cerimónia de penas e folhas e com o corpo pintado com tinta brilhante, saúdam-nos no arco, com calosos apertos de mão.

Duas mulheres em tronco nu, também usando saias de cerimónia e tinta brilhante no corpo, penduram grinaldas de frangipana, de aroma doce, nos nossos pescoços.

Em seguida os aldeões formam uma linha, e apertam-nos as mãos.

A aldeia investiu numa «casa de hóspedes» que é totalmente diferente de qualquer uma das que vimos anteriormente.

«A mesa grande»

A cabana de bambu está dividida em oito cubículos contendo cada um duas camas cobertas com redes de mosquito de um branco imaculado. Cada cama tem um colchão e as almofadas têm bordados de rosas, feitos à mão.

Somos conduzidos a uma grande cabana, aberta dos lados, onde uma grande mesa foi preparada com pratos de peixe, saladas e vegetais.

Cocos cheios de leite são o-

recidos para beber após a refeição.

Em seguida os nossos hóspedes fazem uma dança de boas-vindas que nos é dedicada, ao som de tambores de pele de piton. Respondemos com uma medonha interpretação de «Waltzing Matilda».

O chefe da aldeia, Parmeness Gombu, conta-nos, através de um intérprete, como os japoneses capturaram a sua aldeia.

«Um belo dia o mar estava cheio de navios japoneses», afirma ele.

«Um oficial japonês disse-nos que não seríamos molestados. Disse que apenas queriam matar os australianos e em seguida baptizar o país com o nome de Papua Japonesa.»

No dia seguinte dirigimo-nos para noroeste, em direcção a Sanananda, ao longo da praia, cheia de dádivas de pérolas dos nossos hóspedes.

Os habitantes desta aldeia estão reticentes no princípio e as nossas acomodações são tão elementares como as de Buna são requintadas — somente um chão e um tecto.

Galinhas e porcos procuram alimento no chão e os mosquitos revelam-se ferozes.

Os aldeões vão-se gradualmente tornando mais calorosos e o chefe da aldeia, Ambrose Mongagi, conta a história notável de como toda a sua aldeia desapareceu durante dois anos após o desembarque japonês.

«Quando avistámos os seus navios e ouvimos as suas armas, fugimos para a selva e escondemo-nos», afirma.

«Os japoneses desembarcaram com cavalos e motos e havia armas por toda a parte.»

«Assustado»

«Embrenhámo-nos na selva e passámos a viver em cavernas.»

«Vivemos lá durante dois anos. Tínhamos medo dos japoneses, dos australianos e dos americanos.»

«Cozinhávamos durante a noite para que o fumo não fosse visto e permanecíamos nas cavernas durante o dia.»

«Um dia, um avião australiano voava a baixa altitude e vi o piloto acenar-me.»

«Pouco depois disso um grupo governamental encontrou-nos e levou-nos de volta à nossa aldeia.»

«O meu povo chorou quando a viu. O que antes tinha sido

Continua na pag. 34

Continuação da pag. 30

parando contra os invasores japoneses.

Contemplamos o local onde o tenente-coronel Owen foi fatalmente ferido.

E imaginamos o cenário dos australianos, inferiores numericamente, fugindo através das plantações de borracha, a cober-

to da escuridão, para iniciarem a sua longa e agonizante retirada.

Olhamos para o altivo Owen Stanleys.

Tanta beleza; tantas pessoas tímidas e agradáveis; tantas memórias terríveis para australianos e para japoneses.

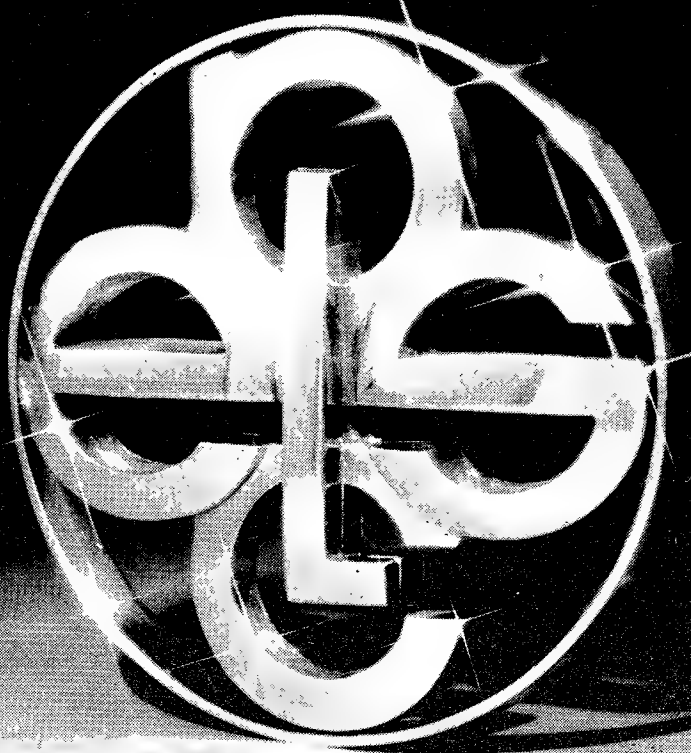
Um nome. Um símbolo.

Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa.
Um nome — prestígio e experiência.
Um símbolo — modernidade e eficiência.
E sempre um cuidado especial em cada caso.

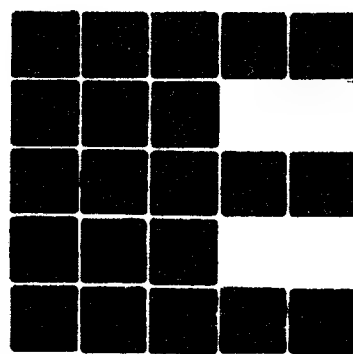


BANCO ESPÍRITO SANTO
E COMERCIAL DE LISBOA

O SEU BANCO PARA SEMPRE



A TODOS OS CONSTRUTORES CIVIS, DE PISCINAS E PÚBLICO EM GERAL



EZARRI S. A.

REVESTIMENTOS VÍTREOS

- Material de alta qualidade para revestir piscinas, fachadas e interiores de edifícios
- Revestimento vidrado
- Grande resistência a agentes corrosivos
- Não aderência de algas
- Arestas suaves
- Óptimo acabamento
- Coeficiente de ruptura superior ao de qualquer material análogo conhecido



AGORA À VOSSA DISPOSIÇÃO **POOLANI** NO DEPOSITÁRIO:

IMPORTADOR E DISTRIBUIDOR DE:

- EQUIPAMENTOS P/ PISCINAS E TRATAMENTO DE ÁGUAS
- PRODUTOS P/ MANUTENÇÃO DE PISCINAS
- BOMBAS DE CALOR
- BANHEIRAS DE HIDROMASSAGEM

POOLANI

Lisboa: Amoreiras Shopping Center — Loja 2024 — 1000 LISBOA — Telef. 68 78 66 — Telex 64475 P
Algarve: Rua França Borges, Loja D — 8500 PORTIMÃO — Telef. (082) 2 60 22/3 — Telex 57385 P

VÉRTICE

VÉRTICE

Uma revista nova
com uma longa
tradição

VÉRTICE

Uma revista
diferente

Revista
de intervenção
cultural:
a ciência,
a arte
e a sociedade

VÉRTICE

Uma revista cultural em
sentido amplo, unindo a
atenção pela criação
científica, filosófica,
artística e literária, à
atenção pela realidade
económica e social do
País.

Revista mensal Abril de 1988 Preço: 450\$00 II Série

Em Quebra

A cultura, as culturas

- 7 Introdução
Manuel Gusmão
- 11 Um estudo de história
(dos lugares, em azul, da
noite de Janeiro)
Helder Pacheco
- 19 O anjo e o robot
Paulo Varela Gomes
- 26 Mal-estar na cultura
Maria Belo
- 35 Mudanças culturais
— a dimensão local
Luís Guerreiro,
Ângela Maria,
Fernanda Gamito,
Teresa Rosendo
- 47 Cultura e poder
Gisela da Conceição

Em Estudo

- 51 Supernovas: explosões
nos céus
António A. da Costa
- 57 Fascismo
e Estado Novo
J. Arsénio Nunes
- 67 A arte em Portugal
na época dos
Descobrimentos
F. A. Baptista Pereira
- 75 Ecologia e sociedade
Maria de Lourdes M. Correia
- 85 Memórias da *Vértice*
Duas histórias
com Carlos de Oliveira
Luís de Albuquerque

Em Estreia

- 89 Metodologia
das ciências humanas
Mikhail Bakhtine

Em Diálogo

- 95 Entrevista com
Luís de Albuquerque

Em Movimento

- 103 Crónica
Quinó fugido
ao pelotão
Fernando Assis Pacheco
- Cinema
104 Os filmes
de guerra
Salvato Teles de Menezes
- Teatro
107 Algumas linhas
fundadoras da
dramaturgia de Luzia
Maria Martins
Maria Helena Seródio
- Jazz
111 Os caminhos de
Maria João...
Manuel Jorge Veloso
- História
114 Cem anos
de anarquismo
J. A. N.
- Livros
115 Inquisição de Évora,
Incisões Oblíquas,
No Calcanhar do Vento,
A Nova Aliança

Uma revista com os objectivos e o perfil da *Vértice* envolve, necessariamente, vultuosos encargos. Não obstante a Editorial Caminho desenvolveu todos os esforços no sentido de a colocar à venda ao mais baixo preço possível, nomeadamente no que se refere às assinaturas, a fim de lhe assegurar uma ampla divulgação.

Mas, a expansão e a própria qualidade da revista dependem também em grande parte do apoio que lhe for dado pelos leitores. Uma forma concreta e imediata desse apoio é a angariação de assinantes, de modo a garantir desde já uma base segura para o lançamento e a afirmação da *Vértice*.

VÉRTICE

Nome _____
Morada _____
Localidade _____
Código Postal _____ Telef. _____
Profissão _____ Idade _____
● Desejo receber folheto informativo sobre as vantagens de ser assinante *Vértice*. ☐

● Desejo assinar a revista *Vértice* — Revista de Intervenção Cultural ☐
com início no mês de _____ e por _____
Para o respectivo pagamento envio Esc. _____ \$ _____ (_____)
em cheque/vale correio n.º _____ sobre _____ (banco/estação)
à ordem de Editorial Caminho, SA — Alameda de St.º António dos Capuchos, 6-B — 1100 Lisboa
Data _____ Assinatura _____

— Assinaturas: Portugal — 6 números: 2450\$00; 12 números: 4500\$00
Europa — 12 números: 6600\$00

Países africanos de língua portuguesa — 12 números: 8800\$00
Extra-Europa — 12 números: 9000\$00

QUINTA-FEIRA, 7 DE ABRIL DE 1988

Diário de Lisboa

33

A TRILHA DE KOKODA



Um membro da expedição, Gordon Pilmoor, com um canhão anti-aéreo abandonado

Continuação da pág. 32

uma selva tinha-se agora tornado num deserto, em consequência da guerra. Não havia palmeiras — não havia nada.»

A marcha tem de ser rápida porque, quando a maré sobe, cobre toda a praia e força-nos a entrar nuns mangues de aspecto mortífero.

Quando a maré começa a descer tomamos um atalho, passando a vau a baía, poupando assim dois quilómetros, mantendo no entanto uma atenção constante aos crocodilos de água salgada.

Chegamos a Gona tismados do sol e fatigados.

«Testa de ponte»

Foi a partir de Gona que os japoneses lançaram o seu ataque pela trilha de Kokoda. E foi a primeira testa de ponte a cair nas mãos dos aliados quando os japoneses foram derrotados.

Quando a aldeia foi finalmente tomada, 638 australianos e 750 japoneses tinham morrido.

Damos uma pequena volta pela selva e encontramos palmeiras com buracos de balas e vestígios de velhos abrigos e trincheiras.

Paramos à sombra e bebemos leite de coco, ouvindo o murmúrio do mar de Solomon e o riso das crianças.

Passámos três semanas nesta região remota que será sempre recordada pela guerra feroz que grassou pelas suas praias e trilhas — e não encontramos mais nada que não fosse amizade genuína. É uma ironia engraçada.

Anjos que o tempo esqueceu

«Fuzzy Wuzzy» da Papua Nova Guiné, cujas fotografias da 2.ª Guerra Mundial captaram o coração de milhões, vive actualmente numa «aldeia», remota e primitiva, amargamente desapontado com a ingratidão da Austrália pelos seus esforços de guerra.

Em 1942, Raphael Oembari foi fotografado levando um soldado mortalmente ferido para um local seguro durante a campanha do Kokoda.

A fotografia, uma das mais dramáticas e românticas da campanha, foi publicada em todo o mundo.

Na Austrália canções e poemas foram escritos acerca disso — e o país inteiro abençoou os «Anjos Fuzzy Wuzzy» que transportavam os feridos e os abastecimentos, preciosos, deixando aos soldados a tarefa de lutar.

Eu e o sargento Taylor, da brigada de emergência da Polícia da Austrália Ocidental, encontramos Raphael no outro dia, após termos caminhado ao longo da trilha do Kokoda com um grupo de australianos.

Ele e a mulher estão a viver

numa aldeia de cabanas construídas nas árvores nas costas do mar de Solomon a cerca de três quilómetros do fim da trilha de Popondetta.

A medida que caminhamos com dificuldade na quente praia de areia preta, nativos adiantam-se-nos para avisar o velho homem da nossa chegada.

Apareceu-nos vestido com um velho fato de safari, apertou-nos as mãos e convidou-nos a sentar com ele na areia.

Reconhecêmo-lo imediatamente a partir da fotografia de 1942 que levávamos.

O seu cabelo ficou grisalho, os dentes que lhe restam estão manchados e os seus movimentos são lentos. Mas não o seu espírito.

«Trabalhei como transportador... um 'Anjo Fuzzy Wuzzy' durante um ano, com os australianos e era muito perigoso», diz.

«Quando tudo acabou, foi-nos prometida uma compensação do governo australiano pelos nossos esforços.»

Continua na pág. 35



OS QUE JÁ TÊM... E OS QUE AINDA NÃO!

Versátil, económico (e tão giro!) o Metro é uma tentação. No vai-e-vem do dia a dia, tudo pode acontecer no espaço de um Metro.

AUSTIN ROVER

ABRANTES 041/22159 ALCOIMBA 082/42176 ALMADA 270/421 AMADORA 494/201/2510 AVEIRO 034/22031 BANCELLOS 053/62008 B. BANHEIRA 204/0145 BEJA 084/22191 BRAGA Bragança, 053/23830 - J. M. & Costa, 053/24105 BRAGANÇA 073/22346 CALDAS DA RAINHA 069/24073 CARTAXO 043/72041 C. BRANCO 070/3172 COIMBRA C. Santos, 056/26074 - Garagem S. José, 039/26578 ERMIDAS DO SADO 069/52230 ESPINHO 027/21104 ESTORIL 288/283 ÉVORA 068/22542 FARO 086/22086 FUNDAO 075/53054 GONDOMAR 02/9831983 GOUVEIA 038/42121 GUARDA 071/22312 LISBOA 044/31043 LISBOA A. M. Almeida 380/018 - J. J. Gonçalves, 537/161 - J. J. Gonçalves, 034/03111 ST. TIAGO 053/53951 SETÚBAL 055/25844 SINTRA 923/1800 T. VEDRAS 061/25475 V. CASTELO 052/4983 V. CONDE 052/531072 V. FRANÇA 053/22815 V. NOVA GAIA 02/384154 V. REAL 050/71877 VISEU 032/41151 FUNICIONAL Auto Atlântico 051/47424 - Lencocok 031/22101 PONTA DELGADA 052/25201 ANGRA DO HEROÍSMO 052/2514 MORTA 052/22141

METRO 1.0 LS 5 portas

998 cc. 4 velocidades. Potência máxima 34 kW a 5500 rpm. Também disponível nas versões: 1.0 LS 3 portas, MG Metro e MG Metro Turbo.

Continuação da pág. 34

«Não recebi essa compensação e nenhum dos outros a recebeu. Sentimos que, uma vez a guerra acabada, fomos esquecidos.»

«Requerei uma compensação, mas não recebi resposta. Ainda não é tarde para fazerem alguma coisa acerca disso.»

Raphael contou a história de como ajudou o soldado George Whittington — o soldado da fotografia.

«Encontrei este homem perto de Buna. Tinha sido alvejado mesmo acima do olho.»

«Estava cheio de fome e sede e dei-lhe biscoitos e água. Sabia que tinha de o levar para o hospital australiano.»

«Ele mal podia andar mas carreguei-o durante dois dias. As balas zumbiam à nossa volta. Um avião japonês picou e metralhou-nos. Empurrei-o para dentro de um buraco e coloquei-me sobre ele.»

«Por vezes estava demasiado

fraco para andar e carreguei-o. Consegui levá-lo até ao hospital, mas morreu depois em Port Moresby.»

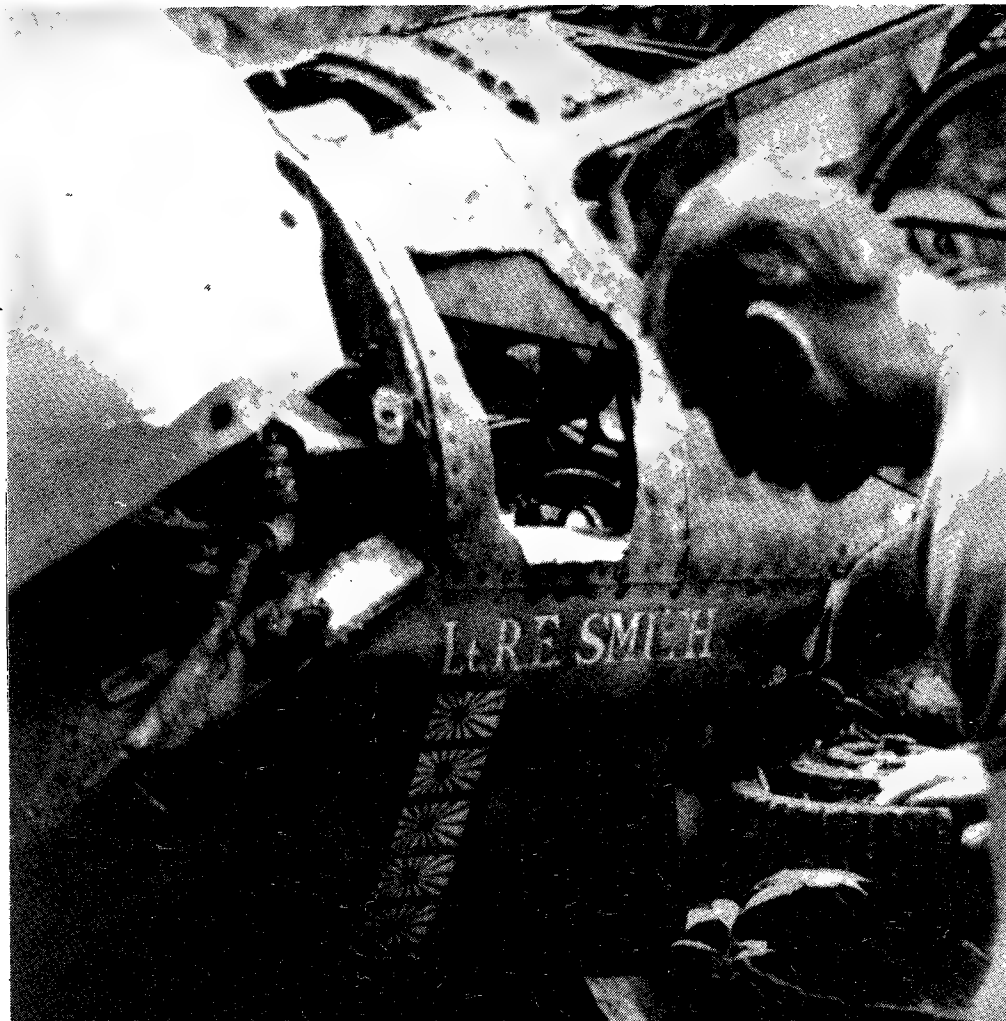
«Após a publicação da fotografia a viúva voou para Port Moresby para me agradecer e ofereceu-se para me levar para a Austrália, mas não consegui obter autorização do governador.»

«Era um bom homem esse soldado — demos o seu nome ao nosso neto.»

Verificámos que o seu ressentimento acerca do não pagamento das compensações aos «Anjos Fuzzy Wuzzy» é geral na Papua Nova Guiné. Dizem que arriscaram as suas vidas pela Austrália, mas que quando a guerra acabou foram esquecidos.

Seria um gesto bonito se a Returned Services League transportasse Raphael para a Austrália para a próxima parada do Anzac Day.

Raphael não compreendeu bem o nome do soldado ferido e chamou ao seu neto George Washington.



Mike Coyle, outro membro da expedição, examina os destroços de um avião americano

A TRILHA DE KOKODA

DIÁFA



SOCIEDADE IMPORTADORA E EXPORTADORA DE MATERIAL ELECTRÓNICO, LDA

ALARMES



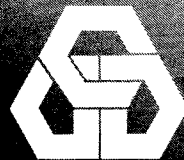
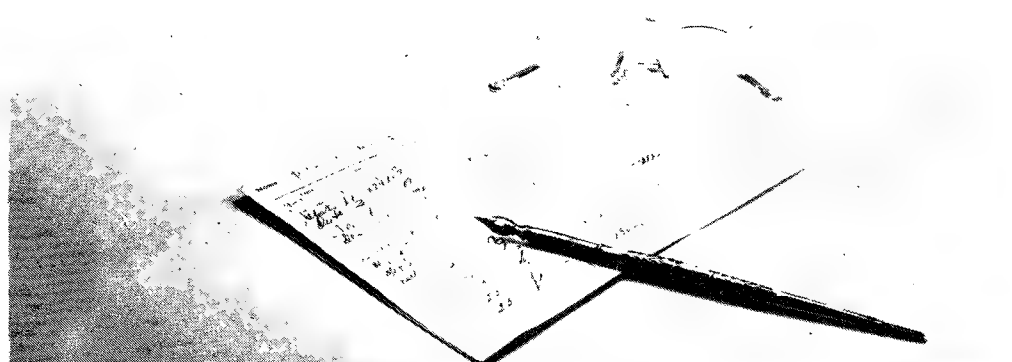
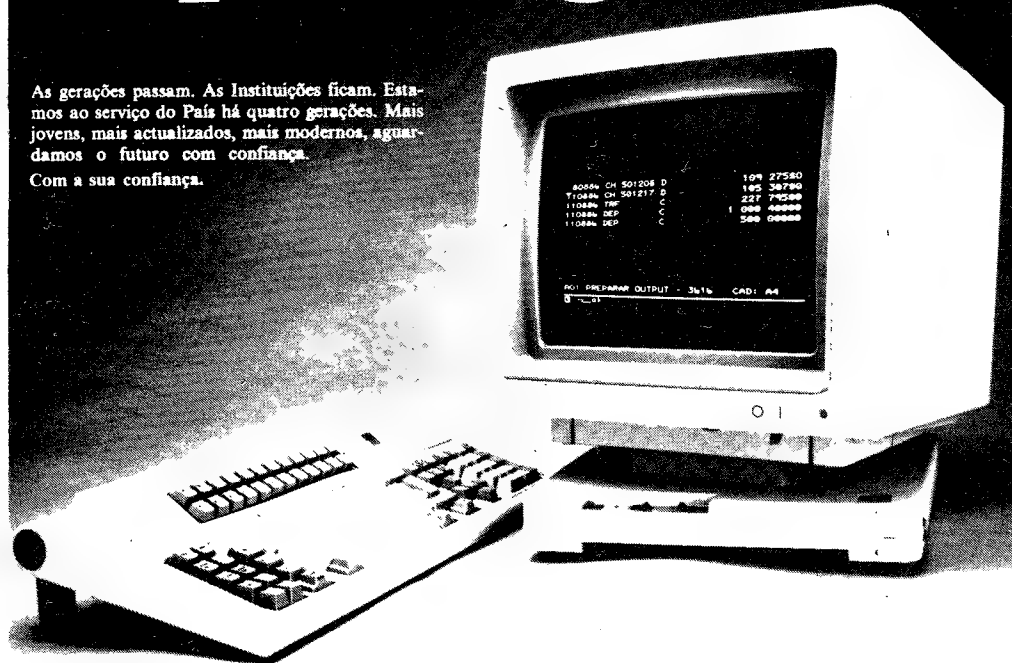
UM NOVO ESTILO EM SEGURANÇA ELECTRÓNICA

Rua Capitão Leitão, 47, 1º-D-B

ALMADA — ☎ ★276 1387

A quarta geração

As gerações passam. As Instituições ficam. Estamos ao serviço do País há quatro gerações. Mais jovens, mais actualizados, mais modernos, aguardamos o futuro com confiança. Com a sua confiança.



CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

o segredo está no sistema



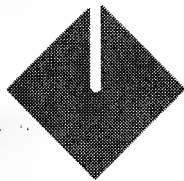
Eis uma afirmação que não constitui segredo para ninguém. Pois é sabido que um sistema eficaz e correspondendo às necessidades de quem o utiliza resulta em pleno.

Aqui, o segredo está em saber escolher e reunir o equipamento que torna o sistema eficaz.

Como aquele que o Centro Técnico da RTC coloca à sua disposição para produção e pós-produção vídeo; transcrições, montagens, misturas, efeitos especiais, gerador de caracteres, legendagens, efeitos digitais, Telecinema Bosch FDL-60, vídeos em todos os formatos: B, C, U-Matic HB e LB, Betacam e até VHS e Betamax.

Aston 3, Ampex 4.100, ADO, ACE — dizem-lhe alguma coisa? Não são segredo. Mas são o melhor sistema.

Centro Técnico



RTC | Radiotelevisão Comercial Lda

Avenida Fontes Pereira de Melo, 17-2.º 1000 Lisboa
Telef. 548335/533807 - Telex 64630 RTC P - Fax 557076

SAGRES

A NOSSA CERVEJA DE SEMPRE

Cerveja Sagres.
Hoje e sempre, a mesma qualidade, o mesmo
sabor, a mesma frescura.
Prazer intacto, relação viva e a mesma
verdade ao longo dos anos.
Cerveja Sagres. A nossa cerveja de sempre.





ACHINA

É cada vez mais nítida a mudança de rumo que os actuais dirigentes da República Popular da China estão a dar à economia do país. Trata-se de um rumo muito diferente daquele proposto após o triunfo da Revolução de Mao Tse Tung, um rumo que tenta evitar as explorações revolucionárias e aventureiras, centrando-se na actividade que os chineses tão bem dominam há milénios: ganhar dinheiro. Afinal de contas, as finanças dos novos países industrializados asiáticos, desde as Filipinas a Singapura, estão nas mãos de banqueiros chineses, tal como aconteceu no Vietname do Sul, enquanto este existiu como país.

Aliás, é isto que se verifica em Hong Kong e que, com certeza, se continuará a verificar quando este for definitivamente entregue ao governo chinês.

A economia chinesa cresceu durante 1987 cerca de 9,4%, elevando o PNB a um recorde de 295 000 milhões de dólares, ou seja, o sétimo maior do mundo. A inflação subiu igualmente de 6%, em 1986, para 7,3%. Não é alarmante se tivermos em conta o crescimento de 27,8% das exportações, com

um total de quase 40 000 milhões de dólares. Assim, o défice comercial baixou de 12 000 milhões de dólares em 1986 para 3700 milhões no ano transacto. Ao mesmo tempo, a confiança do capital internacional na nova economia chinesa revelou-se através do aumento do investimento de capital estrangeiro em mais de 4%, isto é, mais de 7500 milhões de dólares.

Os arquitectos da nova economia reconhecem a existência de problemas, ge-



NOVIDADES NO SEU VIDEOCLUBE



vista
video

PRODUÇÕES DE VÍDEO S.A. • Trav. das Amoreiras (Arroios), 7-A — 1000 LISBOA — Tel.: 52 63 31 • R. Mártires da Liberdade, 37-2.º — 4000 PORTO — Tels.: 31 91 19-31 91 60

RUMO AO FUTURO

almente fruto de etapas anteriores, embora façam um esforço considerável para descentralizar a planificação económica. Nos referidos problemas são prioritários a inflação, o desemprego — cerca de 3% — e um aumento das disparidades salariais entre os habitantes dos meios rurais e urbanos. Os primeiros, cerca de 800 000 000 de camponeses, auferiram, em média, metade do rendimento «per capita» dos 200 milhões de habitantes de zonas urbanas, cujo rendimento «per capita» foi estimado, em média, em 250 dólares anuais.

Investimentos no exterior

Porém, a mudança de rumo da China talvez seja mais visível no aumento de investimentos no estrangeiro, seguindo critérios rígidos de rentabilidade e competência no mercado livre. Em 1979 a China investira apenas 1,2 milhões de dólares em quatro projectos não comerciais no exterior. Actualmente, os investimentos deste tipo aumentaram cerca de 500 mi-

lhões, cobrindo 300 projectos, e a tendência é a de continuar a aumentar. Os interesses de investimento do Estado chinês no mundo exterior são variados. Na construção, por exemplo, a China assinou, desde 1979, mais de 4700 contractos em 107 países, por um total de 7500 milhões de dólares. Estas quantias estão ainda muito longe daquelas movimentadas pela indústria japonesa da construção, mas representam já um começo promissor numa área relativamente nova para Pequim.

Na realidade, a ruptura com a etapa anterior não foi tão crucial tendo em conta as circunstâncias. Na China do triunfo revolucionário, em 1948, não havia praticamente nada. Os chineses tiveram de dedicar anos de esforços para reconstruir os sectores fundamentais, tal como o dos produtos alimentares.

Temos de reconhecer que obtiveram um nível de auto-suficiência muito antes de outros países socialistas veteranos, alguns dos quais ainda não o alcançaram. A actividade da laboriosa e

enorme população chinesa expandiu-se também, nessa primeira etapa, à produção de materiais diversos, no intuito de eliminar a necessidade de os importar. Nesta segunda etapa, começaram a ampliar a sua actividade em investimentos com fins de «benefício e prestígio», segundo declarou um banqueiro ocidental.

Um túnel famoso

Entre os investimentos de «prestígio» encontra-se, sem que isso implique a ausência de benefícios, a de 17 milhões de dólares no projecto, já iniciado, de construção do chamado «Chunnel», o túnel que ligará a Inglaterra e a França sob o canal da Mancha. Este investimento figura entre alguns que foram criticados pelos sectores mais conservadores do partido comunista, os quais alegam que, com as actuais necessidades de capital para a modernização do país, não faz sentido investir esses muitos e necessários milhões em projectos externos.

Outros projectos no exte-

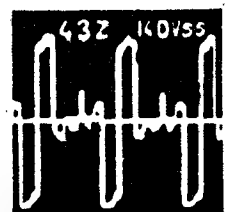
rior incluem bosques no noroeste dos EUA — há uma grande escassez de madeira na China — complementados pela aquisição de metade de uma importante fábrica de papel no Canadá. Preparam-se, também, participações maioritárias no banco Ka Wah, de Hong Kong, outra, de 12%, nas linhas aéreas

Cathay Pacific, um hotel de 520 quartos, em Toronto, edifícios de apartamentos e escritórios na Florida e na Califórnia e um casino em Bimini, nas Bahamas.

Muitos destes projectos estão a ser postos em prática pela empresa estatal China State Construction Engineering, uma das maiores do

país, com cerca de 25 escritórios e sucursais noutros países. O mesmo banqueiro ocidental citado anteriormente resumiu assim a situação: «A China está a aderir à economia mundial, e a recepção dos outros países tem sido favorável.»

P.L.



Factor 3



Responsável técnico: Armindo Lima Faria
Assistência Técnica TV - VIDEO E SOM

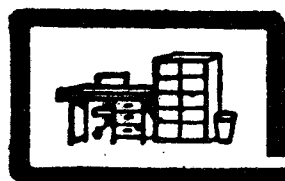
COMERCIALIZAÇÃO DE PROJECTORES

E AMPLIFICADORES PARA TELEVISÃO

Rua A, Lote-3 Q^a Nova - Urbanização Odívelsol

Rua Projectada à Rua Alves Redol - 2675 ODIVELAS

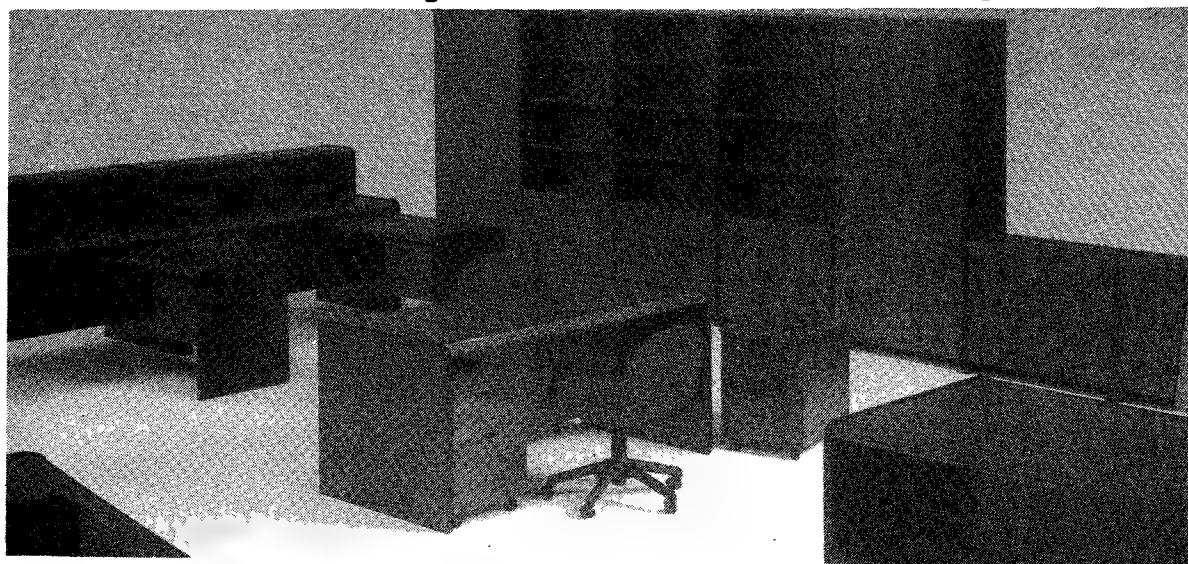
☎ 982 4282



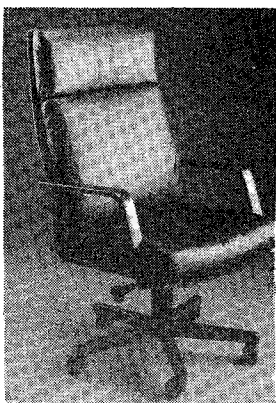
moaquirema

SOCIEDADE IMPORTADORA E REVENDEDORA DE MÁQUINAS, LDA.

«UM ESPAÇO NO SEU ESCRITÓRIO»



Gabinetes de Direcção de Pau-Santo e Lacados



Exposição e vendas:
Quinta da Figueira, lote A - loja A-5
Venda Nova
2700 AMADORA
Telefones: 474 50 74 - 474 46 52

Representantes exclusivos para Portugal de cadeiras anatómicas para escritório

VINTE HORAS DE HISTÓRIA NA ESTRADA

Jean-Claude Buhner e Claude Levenson

E se o Shangri-la, o vale feliz, existisse na verdade? Ele só podia, claro está, situar-se numa falha do Himalaia, decerto nos confins mal definidos onde se encontram, sem na verdade se enfrentar, o Karakoram e o Pamir, num último plano do Himalaia e do Hindukuch — talvez do lado de Hunza. On-

de, diz-se, os humanos são muitas vezes centenários, e onde o sumo da vinha se chama «água de Hunza». Ou talvez do lado de Swat, esse outro vale mais austero da sua imemorialidade, onde outrora floriu a civilização de Udyana, no tempo dos primeiros budistas, antes de conhecer a expansão do

Gandhara.

Para chegar a Saidu-Sharif, cidade principal do antigo principado, tem que se sair da nova capital paquistanesa, Islamabad, na direcção do setentrão, e atravessar a garganta de Malakand, abandonando momentaneamente o Indus para atingir o rio Swat. Bem protegido, fechado às influências externas por caprichos de uma geografia tormento-

sa, o vale surge junto dos maciços montanhosos, obrigando a estrada a mil curvas. Muitas vezes o nosso olhar fica surpreendido com a sua grandeza mal domesticada, e os habitantes — hoje, na sua maioria Pachtunes chegados do vizinho Afeganistão durante os últimos séculos — estão de acordo com essa natureza ainda preservada.

Porque o homem imprimiu aqui os seus traços, mas con-

tinua a ser um convidado, alguém que passa em face da eternidade mineral que, por todo o lado, o envolve. E mesmo as aldeias que atravessámos parecem simplesmente colocadas num cenário talvez demasiado grande para eles, paragens momentâneas do viajante sempre de partida para um além mal definido. Vestígios arrancados ao esquecimento mostram, no entanto, a habilidade construtora das populações de há dois milénios e meio; quando mosteiros e conventos budistas salpicaram estas paragens propícias à reflexão meditativa.

Alexandre, o Grande, frequentou estes lugares por volta do ano 327 antes da nossa era, e já Chandragupta Maurya lançara as bases sólidas de um império extenso e duradouro. Enfim, o que duram os impérios dos homens. Este ruído na altura da morte do Ashoka, mas o budismo conheceria um renascimento passageiro sob a dinastia dos Kusans. A arte do Gandhara legou à posteridade obras de uma rara sensibilidade e de um consumado domínio da expressão escultórica.

«Stupas» monumentais ainda balizam os caminhos — os que sobreviveram à fúria devastadora dos Hunos brancos — que se abateram sobre a região no século dezanove, antes de dar lugar às tropas conquistadoras (dois anos mais tarde), do famoso Muhmud de Ghazini. Convertidas à força ao islão, as populações locais souberam, em todo o caso, guardar espaços de liberdade sob a fécula de pequenos reis locais, que frequentemente mudavam.

Os Britânicos demasiado longe

Os Britânicos, que reinaram no império das Índias, não se preocupavam nada com essas longínquas querelas tribais e, desde a batalha do Ambella, em 1862, entregavam-se à sagacidade do wali de Swat, como era conhecido o soberano desse minirreino quase autónomo até 1947, quando ele aceitou juntar-se ao recém-nascido Paquistão. Dois anos mais tarde, Jahan Zeb, seu filho, subia ao trono e, durante quase vinte anos, o vale viveu a sua vida, adaptando-

se ao mundo moderno que lhe batia à porta. Apareceram então escolas, estradas, hospitais, sem por isso modificar brutalmente o modo de vida local.

É agora que as coisas vão mudar, e depressa: o último wali de Swat morreu a 14 de Setembro de 1987, e 50 000 pessoas — entre elas o presidente Zia ul-Haq e o primeiro-ministro Junejo — assistiram ao seu funeral. Hoje, em Saidu-Sharif, no bazar vê-se lado a lado a videocassete e a kalachnikov. O comércio das armas ainda faz parte da vida quotidiana nesse vale onde outrora se esperava pela caravana, na curva de um caminho ou na anfractuosidade cúmplice da montanha...

Também é esta, de certo modo, a tradição de Hvuza, onde os viajantes fazem as suas compras antes de iniciar a travessia do Khunjerab, a temida garganta que guardava a passagem da Tartária, para depois desembocar na região vasta e deserta dos Turcomanos. Antes de entrar na pista que conduz ao ninho da águia, uma paragem em Gilgit permite sorver o ambiente, sentir o outro lado do mundo: entre o Nanga Parbat (o pico Nu, em homenagem ao matador impiedoso — 8126 metros) e o esplêndido Rakaposhi (7788 metros), a pequena localidade vive ao ritmo dos voos que a ligam a Rawalpindim quando está bom tempo. Se o avião não pode aterrar, o viajante tem de seguir valentemente a estrada de Karakoram: umas vinte horas de autocarro para percorrer os 630 quilómetros que separam as duas cidades.

O vale de Hunza corresponde melhor a um miniverso fechado em si mesmo, nas dobras de montanha durante muito tempo intransponíveis. A região é famosa pelos seus rubis e granadas, mas também pelos seus damasqueiros, macieiras e vinhas. Outra particularidade: os habitantes são de rito ismaelita, fiéis do Aga Khan e sem grande vontade de seguir Islamabad. De resto, até 1950 não tinham eles com o país recém-criado, governados pelo mir, soberano um pouco feudal, mas aparentemente amado pelos súbditos. Administrando a justiça e olhando pela paz de todos, a

Continua na pág. 42

estamos
onde
é preciso
há



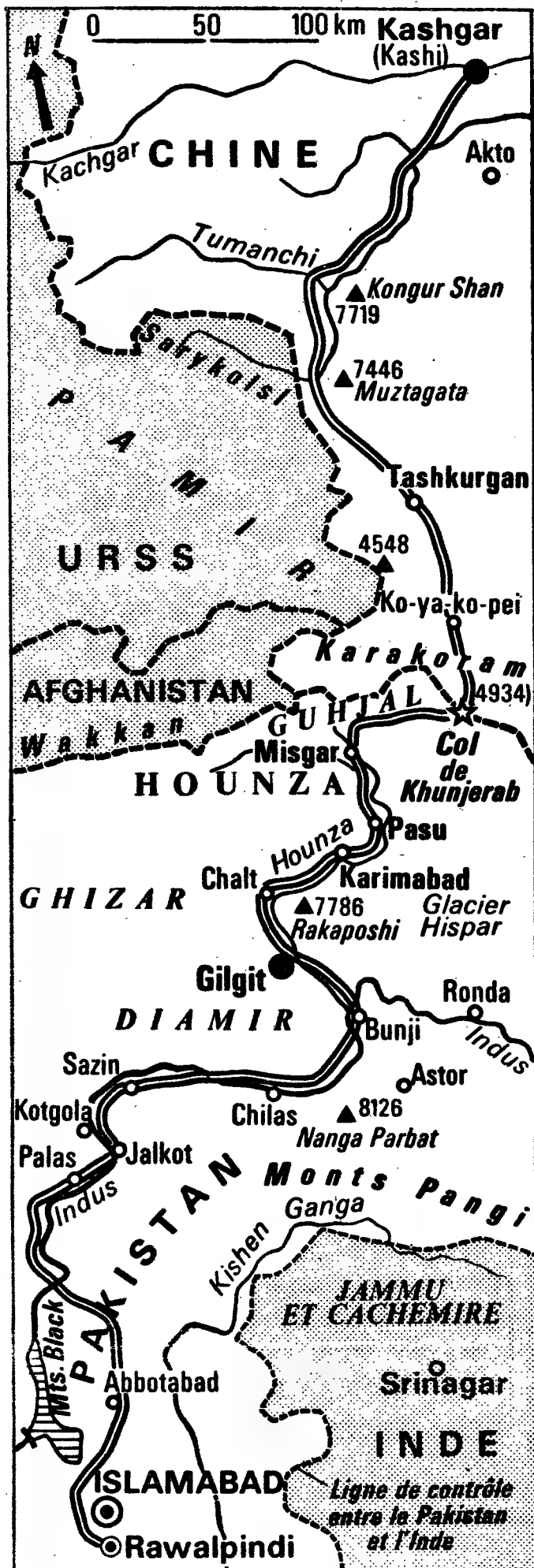
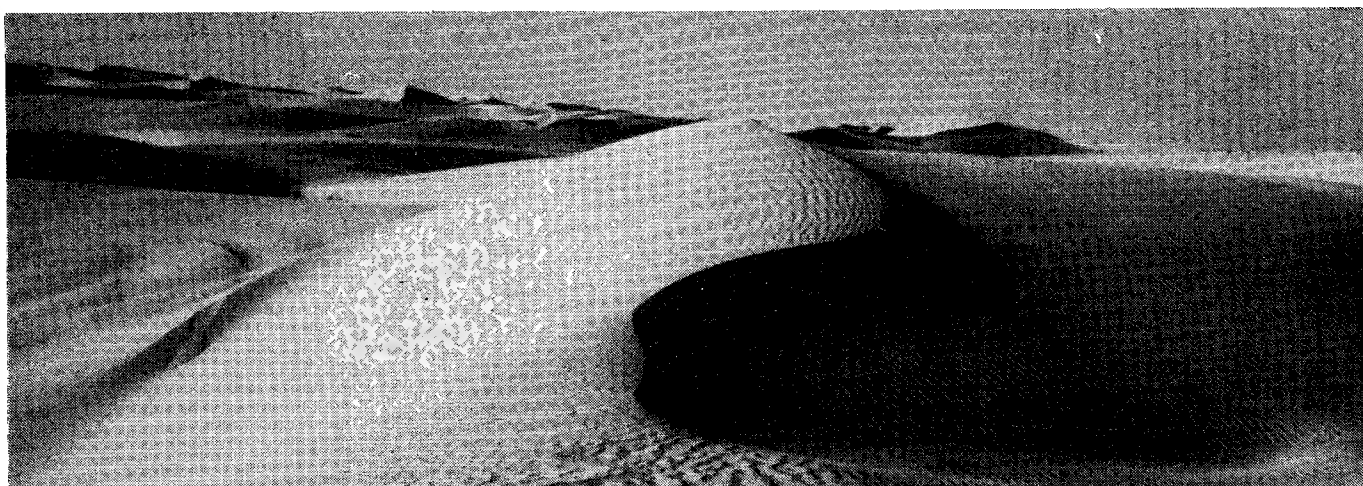
No mar ou em Terra, o farol é um símbolo de segurança que ilumina, avisa dos perigos, orienta e transmite confiança. Pelas suas características, o farol está sempre onde é preciso. Nós, há 75 anos que, com a nossa experiência profissional, aconselhamos e orientamos, propomos diferentes caminhos aos nossos clientes. Também nós, estamos onde é preciso. Junto de si.

MUNDIAL CONFIANÇA
COMPANHIA DE SEGUROS



DO KARAKORAM

Entre o Paquistão e a China, com Marco Polo e os mercadores da rota da seda como companheiros de viagem. Desaconselhável a turistas frágeis.



O ESPECIALISTA DIFERENTE

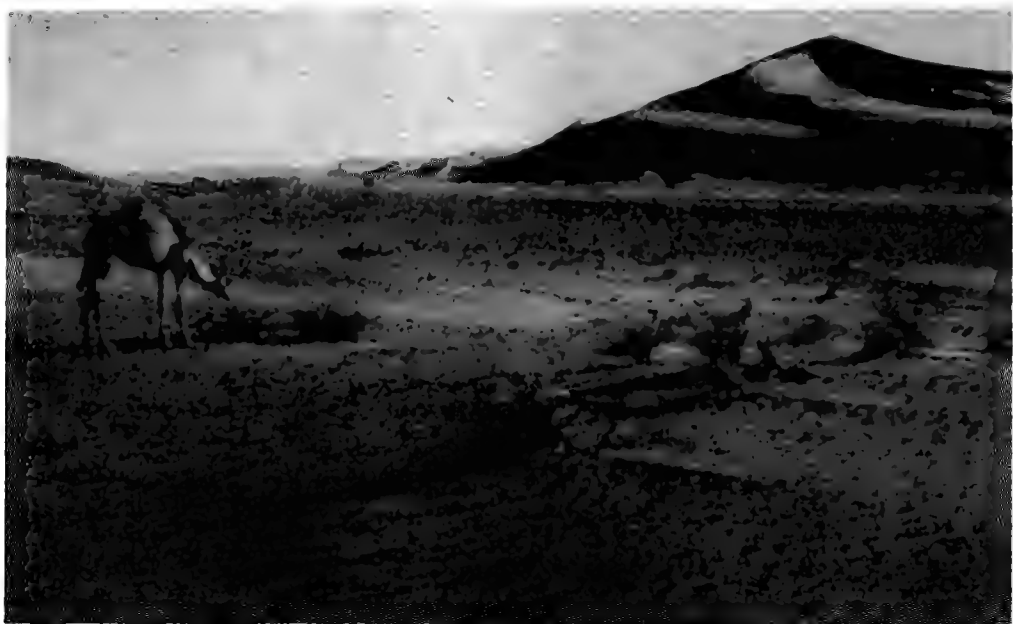
NÃO FALA MAS DIZ TUDO!

O QUE É A QUEM SE DIRIGE

GUIA-MOR é o único conjunto de publicações que contém a informação completa e especializada sobre os produtos, equipamentos, materiais e serviços de cada sector de actividade económica. GUIA-MOR é o FICHEIRO DE COMPRA de QUEM FAZ O QUÊ para o seu negócio.

GUIA-MOR é distribuído, selectiva e gratuitamente, em Portugal e no estrangeiro a todos aqueles que se relacionam com os sectores de actividade por ele abrangidos. É um instrumento de consulta indispensável aos gestores, quadros e chefes de compras.

Rua Joaquim Bonifácio, 21 - 5.º - Telefone 56 33 31
1007 LISBOA CODEX



ESTRADA DO KARAKORAM

Continuação da pág. 40

sua autoridade não era contestada, até porque uma igualdade certa presidia ao destino de toda a população — umas setenta mil almas.

Hoje, o filho do último mir, que morreu no fim dos anos 60, conserva o seu título, mas o seu poder é mais honorífico do que real, à medida que avança uma modernização favorecida pela abertura da estrada e encorajada pela fundação do Aga Khan, que assegura os serviços de saúde e de educação a todos. Mesmo às raparigas, o que está longe de acontecer em todo o Paquistão. No va-

le de Hunza, as mulheres não usam véu e abriu recentemente uma academia feminina para permitir às jovens ascender ao ensino superior.

Em Karimabad, centro nervoso desse pequeno reino situado bem alto, os fortes de Altit e de Baltit lembram que outrora, aqui, as pessoas desconfiavam do estrangeiro. Hoje, as trocas de mercadorias com a vizinha China intensificam-se desde que a estrada foi inaugurada. Essa estrada, cuja importância estratégica salta aos olhos quando a percorremos, foi desejada e feita pelos chineses. Os trabalhos dos homens também se medem pelos monumentos aos mortos, gravados em caracteres chineses e em inglês, acompanhando o avançar tortuoso dessa serpente asfaltada.

Businessmen com trouxas

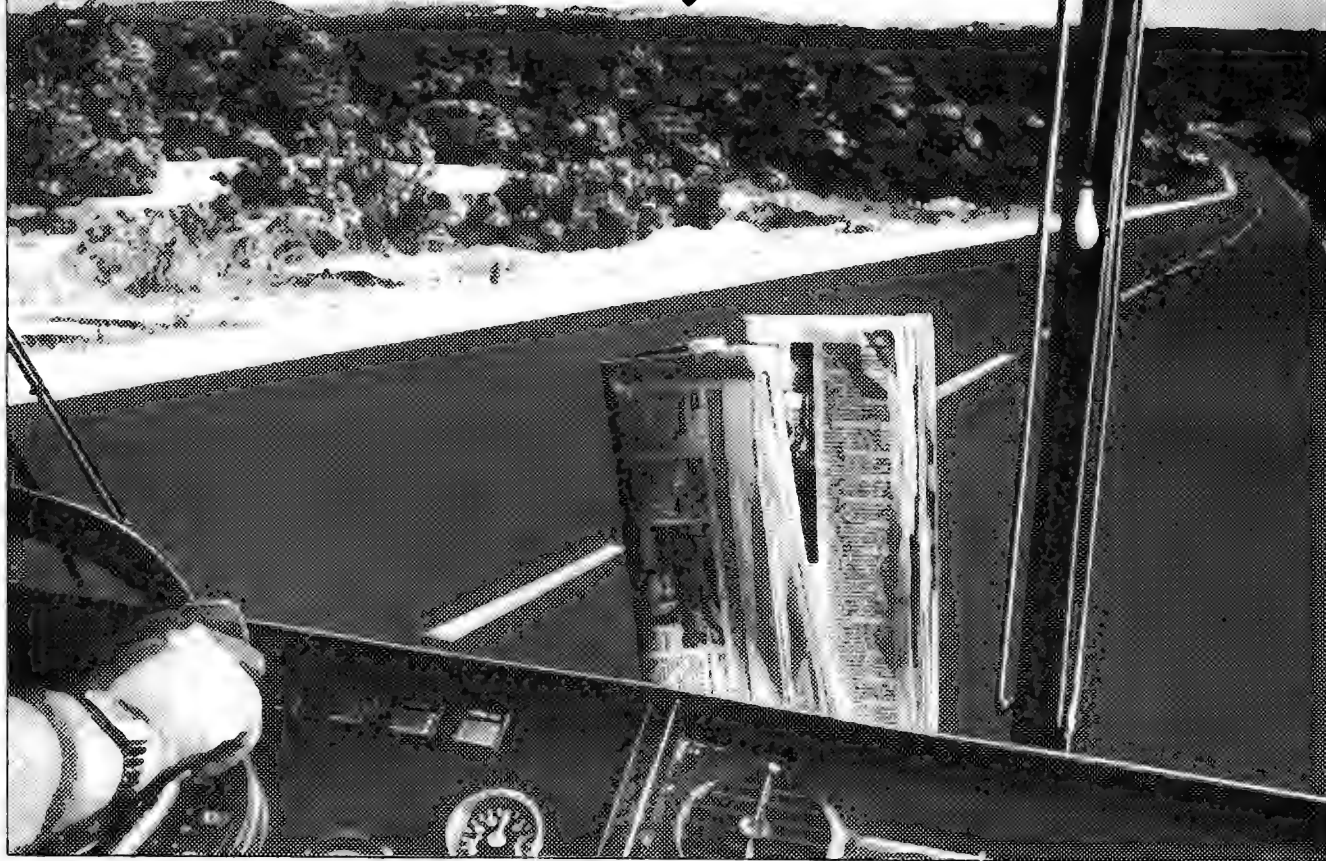
De Karimabad a Sust, «posto de controlo da imigração e anti contrabando», como o indica orgulhosamente um grande cartaz fixado no meio da terra, a estrada liga-se à estreiteza dos vales e entra pelas ravinas. Num majestoso circo montanhoso, à esquerda da barreira, um dístico assinala «Imigração paquistanesa», e à direita «Alfândega». Atrás, um restaurante com alguns quartos de conforto rudimentar, há um vaivém de viajantes. Junto ao funcionário, os mercadores desfazem as trouxas e abrem as suas maletas: são homens de negócios que vão e vêm através

da fronteira, de Sust para Pir-Ali, do outro lado da garganta do Khunjerab.

Por vezes, estes comerciantes vão até Tashkkurgan, e mesmo até Kashgar, mas já não trazem, como dantes, tesouros preciosos ou sedas sumptuosas que deram o seu nome à rota. Com o fim das caravanas — a última instalou-se em 1965 em Gilgit — e os motivos políticos, o sonho desapareceu. Nostalgia das narrativas onde havia medos terríveis e raras alegrias, percursos difíceis nessas montanhas por vezes aterrorizadoras... De resto, não será revelador o facto de o próprio nome de Khunjerab significar, em Kirghiz, «vale do sangue»?

No entanto, num radioso dia de Outono, que recear ao prepararmos-nos para atravessar a *no man's land* de uma boa centena de quilómetros que separa os dois países? Nada, senão os terríveis caprichos da montanha. Eles não faltam: a alguns quilómetros de Sust, um desabamento cortou a estrada, que os soldados se apressam a limpar. Mais adiante, é mais grave: o glaciar desceu subitamente arrastando consigo a calçada, arrancando os pilares e desviando o rio para formar um autêntico lago de acumulação, que outros soldados se apressam a fender para restabelecer o curso da água. Graças aos bulldozers, a estrada ressurgiu lentamente, mas é preciso atravessar num pontão que transporta veículos e passageiros, junto da montanha impassível. A

PARABÉNS COLEGA DA COMUNICAÇÃO!



No aniversário, estamos contigo. Transportas informação, opiniões, caminhos de análise, esforços de compreensão do dia a dia, da vida. Em ti, na escrita e na representação gráfica, o pulsar da nossa comunidade. Nós transportamos as pessoas que te transportam na ânsia de saber o que vai para além delas, porque vai dentro delas também. Por isso te sentimos colega e assim gostamos de te tratar. Dás e fazes o tempo em que vivemos.

Parabéns.

RN RODOVIÁRIA NACIONAL

MKM markimage



ESTRADA DO KARAKORAM

fitas de asfalto retoma o seu caminho na outra margem e sobe numa paisagem de caos para uma passagem a perto de 500 metros.

Oficialmente, termina aqui o Paquistão e começa a China. Isso é indicado por pilares diante dos quais os paquistaneses posam e se fazem fotografar antes de voltar apressadamente aos seus veículos. Está frio e é preciso regressar porque, sem visto, não podem ir mais além. Uma fronteira é uma fronteira.

A estrela vermelha no Kepi

Num cenário salpicado de neve, os cumes brancos são outros tantos marcos sem nome, de um e de outro lado. A alguns quilómetros, uma barreira assinala «Estrada da amizade sino-paquistanesa do Karako-

ram. Seguir pela direita». Porque no Paquistão, claro que se segue pela esquerda. Mas não há que recear porque a circulação é nula. Cerimoniosamente, lentamente, as estepes da Tartária surgem aos nossos olhos. Montanhas, tufo de erva, placas de neve, yaks, depois camelos — autênticos, de duas bossas, os de Bactriane.

Paragem em Pir-Ali. Uma barreira, casas novas, alinhadas, de um lado e do outro. Aduana e posto fronteiriço oficiais chineses. Os polícias de uniforme verde, kepi de estrela vermelha e luvas brancas, estão em fila. Conciliábulo. Inspeção rápida, olhar desconfiado para estes viajantes sem bagagem, papéis em regra, nada a declarar, nem walkman nem emissor de rádio, só máquinas fotográficas. Até Kashgar? É longe, leva

Continua na pág. 44

INICIATIVA • EXPERIÊNCIA • PARTICIPAÇÃO

- Financiamento de projectos de investimento no sector produtivo;
- Concessão de crédito a médio, longo e curto prazo;
- Crédito à produção e à venda a prazo;
- Crédito à Exportação de bens de equipamento e serviços;
- Operações nos mercados financeiros estrangeiros, à vista ou a prazo;
- Linhas de crédito para importação de bens de equipamento e serviços;
- Prestação de garantias bancárias;
- Apoio à concepção e realização de operações nos mercados financeiros, nomeadamente nas Bolsas de Valores;
- Assistência na preparação e avaliação de projectos de investimento, incluindo a organização dos respectivos financiamentos, de origem nacional ou estrangeira (*engenharia financeira*);
- Apoio à realização de "joint-ventures";
- Promoção de missões empresariais em Portugal e no estrangeiro;
- Apoio aos aforradores no sentido do encaminhamento das poupanças para o investimento produtivo.

Iniciativa nas áreas mais diferenciadas da economia portuguesa.
Experiência em actividades relevantes para o desenvolvimento do País.
Participação em projectos determinantes para o futuro.



Banco de Fomento Nacional



ESTRADA DO KARAKORAM

Continuação da pág. 43

tempo... Em frente, revista em regra dos paquistaneses que regressam ao seu país.

Paragem em Tashkurgan, literalmente a «torre de pedra», e outrora porta de entrada da China, pequeno burgo tadjik de cinco mil habitantes, a 3600 metros de altitude. É noite, está frio, lâmpadas vacilantes dão uma luz pobre, as bacias do «toilette» estão enferrujadas, as casas de banho, fechadas, as garrafas-termo, vazias, os lençóis, de limpeza duvidosa, a comida, pouco atraente. De manhã cedo as poças de água estão cobertas por uma película de gelo, e o motor leva tempo a arrancar.

A pista segue o caminho dos camiões e perde-se em incomprensíveis desvios que, no entanto, têm a vantagem de nos permitir dar uma vista de olhos às aldeias, mais numerosas conforme a altitude vai sendo menor. Os rostos mudam, tal como os barretes e os toucados: encontram-se aqui os toucados quadrados, bordados, da Ásia Central, do Uzbequistão à Kirghizia, do Tadjikistão ao Turdestão ou, ainda, os grandes barretes de pele dos homens das estepes.

Uma paisagem velada de bruma, onde se adivinham mais do que se descobrem as fortes cadeias do Pamir, de um dos lados, o cume orgulhoso do Muztaghata — o «pai das montanhas» — do outro, dunas de areia das mais altas do mundo, de um cinzento pérola, reflectindo-se nas trémulas águas de um lago. A estrada já não passa de uma pista, mergulha e desaparece como quer, corre por gargantas vertiginosas e escala paredes de granito. De vez em quando surge um cavaleiro, pastam rebanhos, passam camelos ou, então, uma pequena caravana, desenha-se um caravansará, agrupam-se, coniventes, túmulos.

Finalmente Kashgar, o oásis, antiga encruzilhada entre bétulas e choupos. Um burgo adormecido numa atmosfera palpitante de poeira, agitada pelo tilintar dos guizos das pequenas carroças, que são os táxis locais. A localidade é híbrida. A velha cidade encolhe como uma pele de chagrem, perante o avanço planificado das casas de renda limitada. O bazar e as suas ruelas tortuosas ainda resistem num combate de retaguarda, ao mesmo tempo que vão desaparecendo as minúsculas lojas onde se acumulam os mil e um pequenos nada da vida corrente. As mulheres, mal arranjadas, usam, na sua maioria, uma espécie de grande lenço

castanho, tricotado, que lhes serve de véu. Pequenas mesquitas novas pontuam o dedalo de caravansarás e lojas à volta da «maior mesquita da China».

Ambiente bizarro onde há uma expectativa curiosamente deslocada. Mais acima, na rua longa, uma estátua gigantesca de Mao triunfante, de braço estendido, domina a onda humana que se move aos seus pés. O túmulo azul e verde de Abah-Khudja, soberano de Khotan, guarda a sonhadora placidez dos lugares de recolhimento. De resto, são numerosos os visitantes que ali vão inclinar-se e meditar, recordar, talvez, o tempo passado em que a vida era, sem dúvida, mais rude, mas também, talvez, mais livre.

Desenham-se, na lembrança, silhuetas imprecisas: Fa Hsien e Huen Tsang, os famosos peregrinos chineses a caminho dos grandes centros budistas da Índia; Marco Polo, o mercador veneziano; Suen Hedin, o coronel Younghusband e Aurel Stein, sem esquecer Alberto von Le Coq nem os intrépidos da Cruzada amarela, todos eles passaram por Kashgar... Mas o que resta hoje dos «jardins chineses» onde, durante vinte e cinco anos, McCartney se esforçou por se mostrar o muito britânico cônsul-geral, secundado por uma esposa que nunca renunciou a fazer do local um «home» o mais «british» possível?

A rota da seda já não é o que era, a estrada do Karakoram também o não é, desde que foi oficialmente aberta, em Maio de 1986, à curiosidade de todos os amadores. Num panorama sumptuoso, o viajante já só tem miragens para alimentar os seus sonhos de nómada do espírito, para além das montanhas inacessíveis, a caminho de um céu que foge constantemente, em busca de escalas impossíveis no país de parte nenhuma.



A Arte
de
Saber
Comunicar

Um privilégio.
Uma herança comum.
Tradição antiga
que se renova.

A Arte que nos pertence.

Saber voar nas asas da História.

100 AIR
PORTUGAL





Nestlé

símbolo
de qualidade

O FUTURO DO CÉREBRO HUMANO

Manuel Maria

Nos Estados Unidos, já se está a experimentar com um medicamento, a cura do alcoolismo. O dito medicamento chama-se angiotensina II. Outro destes medicamentos poderá curar a perda de memória. Muito depressa, haverá remédios nas farmácias, para eliminar a fome, estimular a memória, diminuir a ansiedade ou aumentar a sensação de bem-estar. Salomon Snyder, director do Departamento de Neurociência da Universidade John Hopkins, de Nova Iorque, afirma que estes medicamentos são uma fonte inesgotável e que darão origem a muitos medicamentos do futuro.

Os neurocientistas estão à procura da fórmula química do nosso comportamento e não estão longe de a encontrar.

A revolução da psiquiatria

«No futuro, declarava Candance Pert, no congresso 'Disfunções do Hipotálamo e Desordens Psiquiátricas', não só nos permitirão melhorar o nosso comportamento com esses medicamentos, como também permite revo-

lucionar a psiquiatria». O professor Gaetano Frajese afirmou que, a partir desses medicamentos, já não se falará de «controlo físico da mente», mas sim de verdadeira «psicoengenharia genética».

Os avanços concretos, os que interessam ao cidadão comum, podem ser os seguintes: haverá medicamentos capazes de retardar o envelhecimento cerebral, para desenvolver a curiosidade das crianças, para modular as emoções sexuais e para aumentar ou diminuir o sen-

timento de culpa.

Estas drogas serão, sem dúvida, muito polémicas, como essas que prometem «modular as emoções sexuais», isto é «curar a homossexualidade». Quando os grupos cada vez mais activos, de testemunho homossexual consideram a homossexualidade como mais uma forma de expressar as próprias emoções e sentimentos, tentar curá-la seria uma intromissão ilícita na própria intimidade e um certo desprezo pelos direitos íntimos do ser humano.

Medicamentos para a guerra

A indústria de armamento nos Estados Unidos, não perdeu a vista a estas investigações e estão já a utilizar o poder destes medicamentos com o fabrico de uma droga, a BZ, que provoca uma loucura peculiar.

Por caminhos semelhantes vão outras investigações que asseguram, como o dr. Fernando Valdieso, catedrático de Bioquímica da Autónoma de Madrid, que, no futuro, será relativamente fácil mo-

Continua na pág. 48



RESTAURANTE TÍPICO

MURALHA DE AVIS

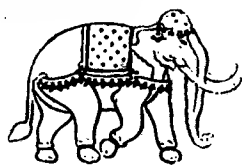
PRATOS REGIONAIS
PRATOS TÍPICOS ESPANHÓIS
ESPECIALIDADE: «ZARZUELA»

“PUB D. JAIME”

(Fechado ao sábado)

Cerca do Convento
Tel. (042) 4 23 01

7480 AVIS



MAGGY

FRESH WATER PEARLS

SEDAS 100 % NATURAIS
TECIDAS Á MÃO

CAMPO PEQUENO, 77

TEL. 76 53 10

1000 LISBOA

PAPELARIA - LIVRARIA ARTYS

Livraria diversa, escolar e técnica – Artigos de escritório, escolar e técnico
Fotografia – Cinema e...
Brinquedos, jogos, bazar, e material didáctico

RUA SANTO ANTÓNIO, 43/45

☎ 22074 – 8000 FARO

PRONTO A VESTIR MARQUES

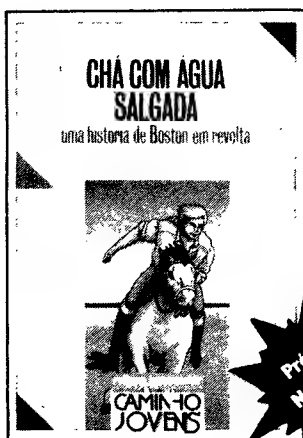
- UM DOS «PRONTOS A VESTIR» MAIS MODERNOS DE LOULÉ
- AS MELHORES MARCAS NOS MELHORES ARTIGOS
- VISITE-NOS, QUE VAI GOSTAR

TELEFONE 08963254

PRAÇA DA REPÚBLICA, 12 – LOULÉ

CAMINHO JOVENS

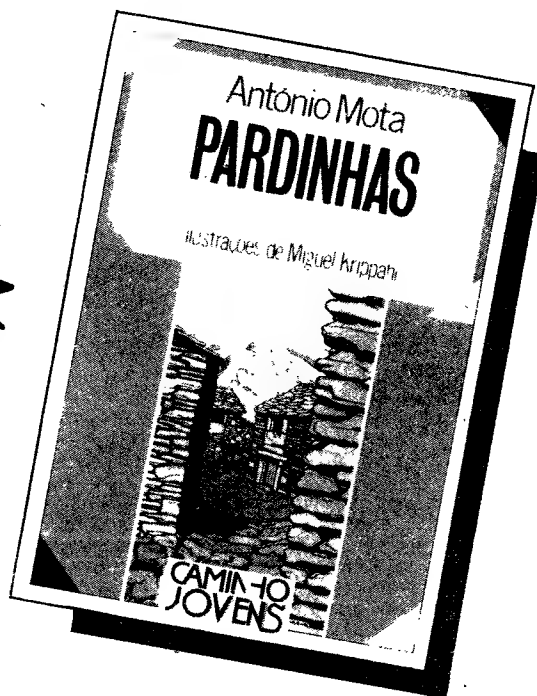
A «Caminho Jovem» é uma nova colecção da Editorial Caminho para as raparigas e os rapazes dos 11 aos 15 anos. Apresenta histórias sobre jovens de hoje e de ontem, de lugares bem diferentes, umas divertidas e outras dramáticas, mas todas bem escritas e palpitantes. Os livros são ilustrados por jovens ilustradores portugueses.



Esther Forbes
CHÁ COM ÁGUA SALGADA
Tradução de Manuela Alves
Ilustrações de Jorge Vilanova

O cenário deste romance é a cidade de Boston, nas colónias americanas da Inglaterra. Johnny Tremain era um bom aprendiz de ourives, mas um acidente incapacitou-o para essa arte. Passando a trabalhar num jornal, conhece alguns destacados opositores ao domínio inglês e acaba por desempenhar um movimentado papel nos acontecimentos que culminaram na independência dos Estados Unidos.

03.26.05/302 pp./450\$00



António Mota **PARDINHAS**

ilustrações de Miguel Krippahl

Velho e doente, o avô João quis fazer uma viagem à terra onde tinha nascido: Pardinhas.

E é em Pardinhas, junto de uma casa em ruínas, que ele conta aos netos a sua infância e adolescência.

Uma história e vivências que os netos ignoravam...

António Mota – o autor deste romance – nasceu em 1957 em Baião, distrito do Porto. Professor do ensino básico, ha 12 anos que lecciona em escolas do meio rural.

Em 1979 publicou o primeiro livro, PARDINHAS e o oitavo.

1.26.06/160 pp./450\$00

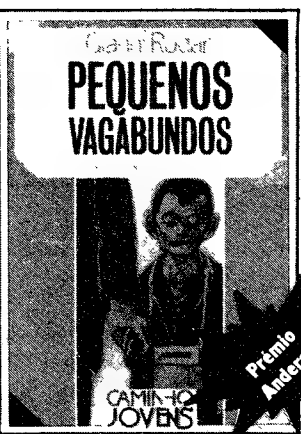


Mildred D. Taylor
TROVÃO, OUVES O MEU GRITO
Ilustrações de Rui M. Filipe

Este romance conta a história de uma família de agricultores do Sul dos Estados Unidos. Cassie, uma rapariga de espírito independente, não aceita que, por ser negra, seja discriminada. Naquele ano dos terríveis assaltantes da noite, Cassie percebe a importância da terra – e muito mais.

Mildred D. Taylor é negra e nasceu no Sul dos Estados Unidos. O livro foi distinguido em 1977 com o Prémio Newberry, a mais importante distinção da literatura infantil e juvenil dos EUA.

03.26.01/260 pp./450\$00



Gianni Rodari
PEQUENOS VAGABUNDOS
Ilustrações de Manuel San-Payo

Pequenos Vagabundos é a história das aventuras vividas por três jovens que a pobreza obriga a deixar a sua aldeia, pedindo esmola de terra em terra. Numa longa viagem pela Itália, Francesco, Domenico e Anna vivem uma profunda e dramática experiência humana. «A diferença entre esta história e um grande romance de aventuras consiste em que aqui tudo é verdadeiro», escreveu o autor.

Gianni Rodari, autor de uma vasta obra para a infância e juventude, recebeu em 1970 o Prémio Andersen, considerado o Nobel da Literatura para crianças e jovens.

03.26.02/152 pp./450\$00



Geoffrey Trease
O TROVÃO DE VALMY
Ilustrações de Pedro Carvalheiro

Aquele desenho na parede da estalagem de Lion D'Or, no gelido Inverno de 1784, mudou a vida de Pierre Mercier. Ele, filho de pobres agricultores, nunca sonhara vir a ser pintor e amigo de Pauline, a sobrinha do marquês de Morsac. E muito menos imaginara vir a tornar-se inimigo do sinistro marquês em acontecimentos que iam mudar a face do mundo, nos anos agitados e apaixonantes da Revolução Francesa.

Geoffrey Trease é um conhecido escritor inglês, autor de uma centena de obras dedicadas à juventude.

03.26.03/228 pp./450\$00



Vera e Bil Cleaver
AS MONTANHAS DOS LÍRIOS EM FLOR
Ilustrações de Pedro Moraes

As montanhas são belas, mas a vida aí é rude para Mary. Aos 14 anos não é fácil ter de tomar conta da família toda. Para arranjar dinheiro, a solução é colher plantas medicinais. Mas como esconder o segredo da morte do pai? E como impedir o casamento da irmã mais velha? O Inverno vai mesmo ser longo e difícil e Mary vai ter de utilizar toda a sua energia e imaginação.

Vera e Bill Cleaver vivem nos Estados Unidos. Os seus livros para jovens estão publicados em vários países.

03.26.04/160 pp./450\$00

CAMINHO JOVENS

Um mundo de romances sobre jovens de ontem e de hoje

CDL a distribuição

CASA TESTA



LOTARIAS TOTOBOLA

RUA DO ARSENAL, 78 - TELEFONE 321892



COOPERATIVA
DE
ESTUDOS
E
PROJECTOS
DE
DESIGN
E
ARQUITECTURA

Rua Quinta de Betunes, 19 • ☎ 6 28 79 • 8100 Loulé
Rua da Marombeira, 22-B • ☎ 6 38 79 • 8600 Lagos
Rua Manuel de Arriaga, 1 • ☎ 2 88 22 • 8000 Faro

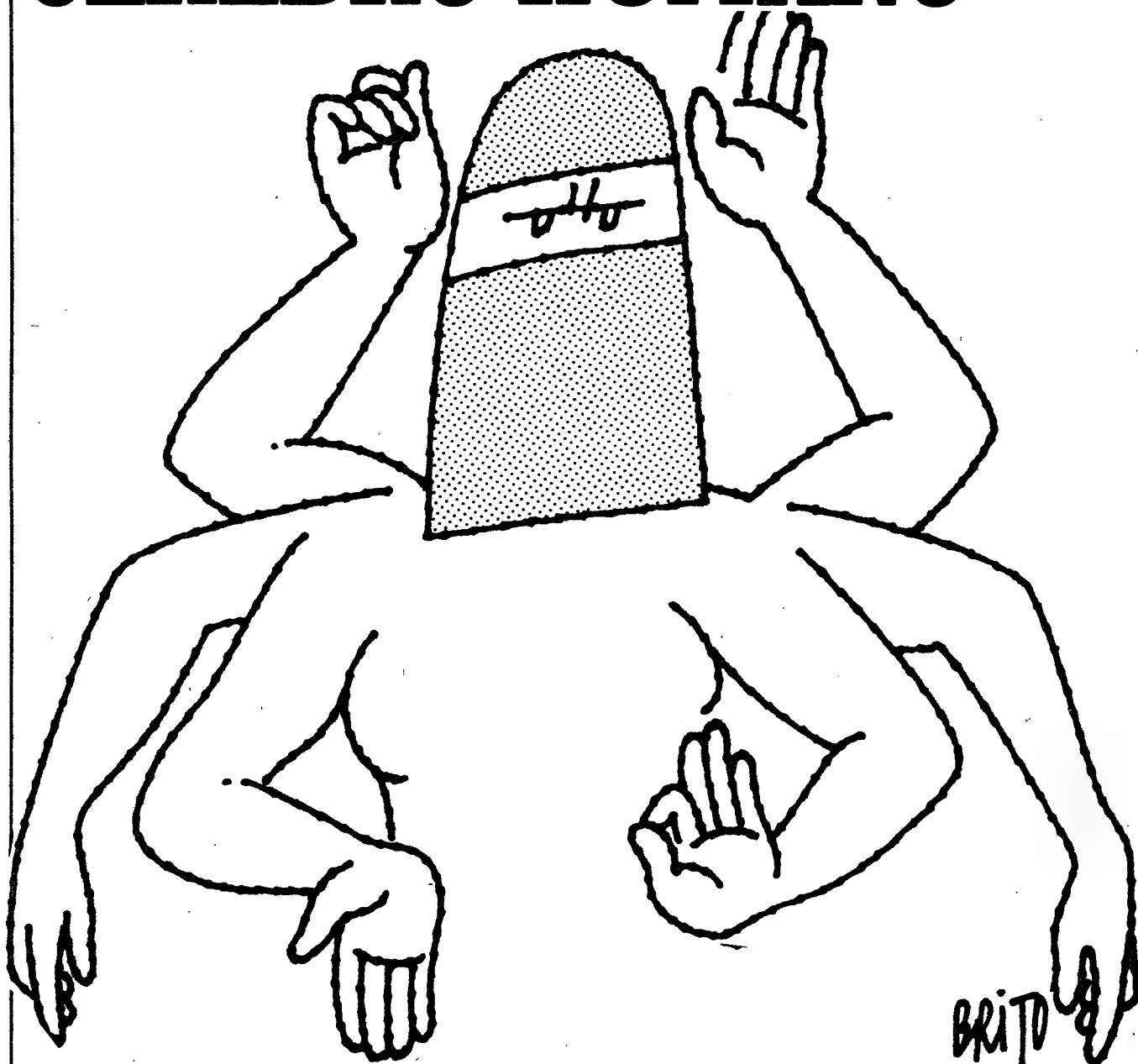
- PROJECTO GERAL
- PROJECTO DE ESTABILIDADE
- PROJECTO DE ELECTROTECNIA E ILUMINAÇÃO
- PROJECTOS DE INSTALAÇÕES TÉCNICAS
- PROJECTO DE ARRANJOS EXTERIORES

TABACARIA ESPERANÇA

Osvaldo A. Montes

R. Marquês de Pombal, 26, r/c • Telef.: 6 02 69 • 8600 LAGOS

CÉREBRO HUMANO



Continuação da pág. 46

dular e controlar, graças aos medicamentos, as emoções e o comportamento dos seres humanos, assim como a sua inteligência e estado de espírito.

Certas drogas eufóricas podem ser utilizadas com bons ou com maus objectivos. Tratar um deprimido ou um maníaco depressivo para que o deixe de ser, é um acto humanitário. Contudo, também se pode tratar de um pessoa normal, a quem seja administrada a droga para que obtenha melhores resultados em diferentes ambientes sociais: produtivo, amoroso, desportivo, etc...

Enquanto não existirem efeitos secundários prejudiciais, diz Valdivies, a ética está a salvo. Contudo, haverá sempre algum descontro-

lado que utilizasse a droga com outros fins. Estas drogas eufóricas podem provocar optimismos especiais, como aliviar os protestos sociais e que as pessoas vivam contentes com o seu salário e condições de trabalho. Isto faz lembrar aquela história que, «num mundo feliz», os operários recebiam uma paga que constituía parte do seu salário e que, simultaneamente, os fazia felizes e tirava-lhes parte da sua liberdade mais essencial.

«O Cérebro» de Iversen

Acaba de sair um livro muito interessante sobre este aspecto dos novos caminhos

da mente. O livro chama-se «O Cérebro» e é da autoria de Leslie L. Iversen, o qual afirma que os últimos estudos proporcionaram-nos pistas importantes para a compreensão dos mecanismos químicos da aprendizagem, da memória, do sono e do humor. Curar a epilepsia, a esquizofrenia ou o alcoolismo está muito perto do homem, assim como também a depressão, os males endémicos e epidémicos das modernas sociedades industriais.

De qualquer forma, o cérebro humano continua a ser um mistério insondável. Estão-se a descobrir muitas coisas e outras descobrir-se-ão a partir das que foram já descobertas. Umas são boas, outras são melhores, mas muitas serão indignas do ser humano. O nosso cérebro

tem mais de 2000 milhões de neurónios individuais, ligados entre si. Se cada neurónio fosse do tamanho de um grão de arroz, seriam necessários 250 camiões de dez toneladas cada um, para transportar um cérebro humano.

Todavia, funciona dentro da cabeça, sobre os ombros de cada um de nós e, segundo certas declarações, só um quarto do seu poder é utilizado.

Este cérebro foi-se formando ao longo de 400 milhões de anos de evolução e está presentemente, na fase evolutiva superior. Mas quem sabe onde poderá chegar este cérebro dentro de alguns séculos? Os medicamentos vão modificá-lo, controlá-lo, mas o próprio cérebro tem ainda muito para dar.



ABERTOS TODOS OS DIAS
DAS 9.00 ÀS 20.00 HORAS

CPº MÁRTIRES DA PÁTRIA, 59C
☎ ★ 57 29 35 - 55 74 79
1100 LISBOA



**BREVEMENTE
ESTREIA
EM CINEMAS
DE LISBOA
E
PORTO**

Born to kill. Proud to serve.

NAAM



ALARME

Jacques Mendes

Num Congresso Internacional de Psicologia chegou-se a uma curiosa conclusão: não existe uma explicação racional que justifique o facto da RFA ter a taxa de natalidade mais baixa do mundo. Em 1972 alcançou-se um dos pontos mais alarmantes da redução da natalidade: pela primeira vez — excluindo os anos de guerra — nasceram menos pessoas do que aquelas que faleceram

Em 1976 foram lançadas certas medidas no intuito de elevar a taxa de natalidade, tal como prémios e vantagens económicas, as quais surtiram efeito, impondo uma diferença razoável entre 1975 e 1980. Os 182 000 nascimentos da primeira data transformaram-se em 245 000 por alturas da segunda. Claro que, a partir de 1980, o gráfico iniciou novo percurso descendente sem que haja qualquer explicação para o caso.

Não se trata de problemas financeiros mas sim de ideias

Na opinião de um perito, a política familiar pode melhorar as condições sociais, mas não tem capacidade de incidir nas vivências, valores morais, medos e aspirações pessoais. Na RFA, a procriação já não é

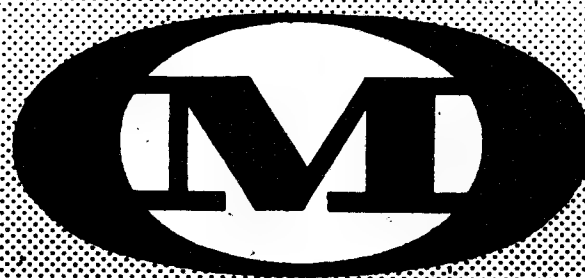
considerada um dos fins essenciais do casamento. Apenas 10% dos inquiridos numa sondagem davam maior importância ao facto de terem filhos do que a problemas económicos ou profissionais.

Na hora de ter filhos, os casais alemães ocidentais não sofrem problemas económicos — não quer dizer que não os haja — enfrentando mais dificuldades em questões relacionadas com a disponibilidade temporal. Muitos pais limitam-se a constatar que a sua liberdade será reduzida com a chegada dos filhos: não poderão sair de casa, ter férias, fins-de-semana, etc., e por vezes, um dos cônjuges terá de abdicar do seu emprego.

Actualmente, na RFA, 20% dos casamentos não têm filhos, 25% dos casais limitam-se a ter um filho e apenas uma sexta parte dos casais têm



Saboreie os famosos pastéis de Nata e o famoso Bolo Rei e... na hora do lanche não esqueça o seu Croissant



OSCAR
MOBILIÁRIO

ÓSCAR & CA., LDA.

FÁBRICA • BARBELÃES • FRAZÃO

☎ 96 34 90

4590 — PAÇOS DE FERREIRA



O ÓSCAR EM MOBILIÁRIO

DEMOGRÁFICA NA EUROPA

dois ou mais filhos. A taxa de natalidade nacional ronda os dez nascimentos por cada mil habitantes, baixando em Hamburgo para cerca de oito. Comparado com a RDA, a diferença é notória, visto que aí a taxa é de catorze nascimentos por cada mil habitantes.

A antiga fecundidade

As estatísticas mais antigas datam apenas de finais do século passado, altura em que um casal alemão tinha, em média cinco filhos. Porém, já em 1910 se pode comprovar uma descida para apenas três filhos, reduzindo-se esta média ainda mais em 1960, com apenas dois filhos por casal. Actualmente, a média ronda os 1,5.

Terá a pílula sido responsável por estes extremos? Tudo leva a crer que não, funcionando apenas como uma ajuda para obter estes resultados.

Na verdade, os alemães já não vivem para os seus filhos; vivem para si mesmos, embora dentro em breve terão de viver para outros adultos, pois a situação actual prevê que cada pessoa activa terá de sustentar outra que não trabalhe.

Os jovens foram reduzidos a

um terço da população actual, verificando-se um aumento do número de reformados. A população actual da RFA — 56,6 milhões — ver-se-á reduzida no ano 2030 para 33,7 milhões, isto segundo cálculos efectuados pelo Instituto Federal de Investigações Demográficas. Por outro lado, no mesmo período, o número de trabalhadores estrangeiros, emigrantes, no país, aumentará de 4,4 para 7 milhões.

A população juvenil alemã ocidental ver-se-á reduzida dos 12,7 milhões actuais para 4,1 milhões, enquanto que os anciãos com mais de 60 anos passarão a ser 11,8 ou mesmo 13,4 milhões. Um dos aspectos mais alarmantes deste fenómeno será a falta de jovens para completar os postos necessários no serviço militar.

Faltam soldados e guardas

As Forças Armadas e de segurança do Estado prevêm para a próxima década um défice de cem mil homens por ano, de alguma forma compensado com o aumento do tempo de serviço militar obrigatório, ou com a criação de um armamento que necessite

de menos pessoal, chegando mesmo a pôr-se a hipótese de recrutar mulheres para desempenhar certas tarefas.

Outro problema é o do aumento da população estrangeira, paralelamente à redução da natalidade autóctone. Em certas escolas da RFA o número de alunos estrangeiros é já superior ao de crianças alemãs, e existem também bairros onde já não se encontram nativos alemães.

Entre as famílias dos trabalhadores emigrantes de diversos países que se encontram na RFA, o esquema de natalidade não parece seguir o mesmo comportamento, embora seja de considerar uma possível assimilação deste elemento cultural alemão. Entretanto, os estrangeiros continuarão a aumentar. Surgiram já ideias racistas relacionadas com a formação de ghettos, sobretudo em relação à população turca.

Os sociólogos depararam já com comportamentos discriminatórios em relação a certas minorias sociais instaladas nos grandes centros urbanos, tais como Berlim, Frankfurt ou Hamburgo; estes fenómenos são semelhantes aos encontrados em Londres ou Birming-

ham, em relação aos emigrantes de países da Commonwealth.

Este é o medo actual de uma população que decresce, confrontada com outra que considera intrusa, invasora de terras que sempre fizeram parte do feudo germânico. Nada obriga a prever — embora estes cálculos se devam levar em linha de conta — que este crescimento vegetativo, adicionado a outros crescimentos demográficos, tal como aquele imposto pelas migrações forçadas e desesperadas dos refugiados políticos ou das condições de pobreza extrema, leve este país a uma grande catástrofe, como seja a de perder a sua soberania nacional.

Um mundo esquizofrénico

As tendências demográficas alemãs mantêm uma trajectória mais ou menos paralela à registada no resto do mundo industrializado. A comparação das taxas de natalidade na França, Luxemburgo, Suécia, Noruega, Dinamarca ou Reino Unido, bem como na Suíça, Áustria, Itália e toda a Europa

denominada «livre», é interessante devido à grande semelhança com os EUA, Canadá e, inclusivamente, com o Japão.

Este fenómeno, que os peritos não imputam ao uso de anticoncepcionais, tem origens muito difíceis de explicar. Muitos pensam que uma das causas mais importantes é a da incorporação da mulher na mão-de-obra produtiva. Contudo, o aumento da taxa de desemprego entre as mulheres europeias não fez crescer a natalidade como seria de se esperar.

Saúde, dinheiro e amor

A importância do rendimento familiar no controlo redutor da natalidade é um factor relevante. Porém, muitos casais evitam ter filhos com medo de doenças, ou problemas derivados do período de gestação/parto. A falta de amor ou a insegurança em relação ao amor mútuo faz com que muitos casais, casados ou não, não desejem ter filhos; a insegurança do mundo industrializado implica uma instabilidade, e os filhos seriam um entrave a uma eventual separação.

Peritos do Instituto de Investigação Demográfica da RFA distinguem dois processos na descida da natalidade na Europa: o primeiro remonta à Primeira Grande Guerra, com a diminuição do convívio matrimonial próprio de um conflito bélico, e o segundo relaciona-se com uma mudança do comportamento gerador da população, a qual já não quer ter filhos.

O boletim Eurostat, editado pelo Instituto de Estatística da Comunidade Europeia, publicado no início de Agosto, referiu que a população da CEE diminuirá em mais de quatro milhões de habitantes nos próximos dez anos; no ano 2020 a população europeia rondará os 316 milhões, quando hoje se cifra nos 329 milhões. Isto é, haverá uma redução de 1%, embora daqui a treze anos alguns Estados membros, concretamente três, se destaquem nesta tendência geral.

O país mais afectado será a RFA, cuja população diminuirá cerca de 3%; a Itália perderá 2% e a Bélgica 1,9%. Apenas três outros países na Europa terão um crescimento demográfico insólito: Portugal, cuja população aumentará

Continua na pág. 52

GALERIA ARTE

Múltiplos — Colecções — Originais
(Especializada em Edições)

- BERROCAL • CHARTERS D'ALMEIDA
- EPIGA PINTO • FRANCISCO SIMÕES
- CARGALEIRO • THOMAZ DE MELLO (TOM)

Óleos • Serigrafias • Gravuras • Esculturas
Colecções Limitadas • Cartas de Jogar • Lenços
Cinzeiros • Jarras • Serviços

multiface
arte

GALERIA E BOUTIQUE — Centro Comercial Gemini
R. Sousa Lopes, Lote R S Loja 65 — Tel. 76 19 81 — 1600 LISBOA

o problema da sua empresa
é... o peso!



CONFIE-NOS ESSE PROBLEMA. PESAMOS TUDO.
ATÉ AS NOSSAS PALAVRAS

O PESO É A NOSSA PROFISSÃO

FABRICAMOS BALANÇAS, BÁSCULAS, BÁSCULAS-PONTE,
BÁSCULAS ENSACADORAS E DOSIFICADORAS,
INSTALAÇÕES INDUSTRIAIS DE PESAGEM

CACHAPUZ

EQUIPAMENTOS PARA PESAGEM, MECÂNICOS E ELECTRÓNICOS
TELEX 32125 CAXPUZ P. • TEL. 73604 APARTADO 12 • 4701 BRAGA CODEX

ALARME DEMOGRÁFICO

Continuação da pág. 51

cerca de 9,7% até ao ano 2000, Espanha com um aumento de 5,4% e a Irlanda que, segundo o mesmo boletim, iguala os níveis do Terceiro Mundo, com um crescimento demográfico na ordem dos 16,5%.

O mundo aumentará mil milhões

Não obstante, a população mundial aumentará em cerca de mil milhões de habitantes durante os próximos anos. Werner Fornos, presidente do Instituto de População, uma entidade privada norte-americana dedicada a estudos demográficos, afirmou que mais de mil milhões de pessoas nasceram nos próximos dez anos, sublinhando que a natalidade – com níveis baixos nos países industrializados – continuará a aumentar nos países mais pobres, precisamente os que mais dificuldades terão em solucionar os problemas derivados desse crescimento.

Fornos qualificou a situação como uma 'expressão silenciosa', tecendo também alguns cálculos e comentários. Em 1986, a população mundial aumentou em cerca de 87 milhões de pessoas, algo como 16 vezes a população da República de El Salvador. A população mundial supera já os 5000

milhões, mas deverá alcançar os 6000 num período de nove anos.

Não obstante, os organismos internacionais de todo o tipo estão a fazer os possíveis para que a população mundial não continue a crescer. Por exemplo, a Administração Reagan distribuiu nos países mais carenciados de todo o mundo – no ano de 1981 – algo como 2600 milhões de preservativos, destinados a restringir a natalidade, visto que na altura não existia o temor da SIDA.

Os gastos militares e os investimentos em guerras em todo o planeta são cada vez mais frequentes, bem assim como o número de mortes ocasionadas diariamente por esta praga da humanidade. Durante 1986, por exemplo, foram bombardeadas ou atingidas a tiro nada mais nada menos do que 230 aldeias de El Salvador, pela própria aviação do país.

Pequenas guerras desconhecidas

Os milhares de pequenas guerras, quase desconhecidas, fazem com que muitas pessoas desapareçam da face da Terra, tal como as 235 pessoas mortas à facada no início de Julho na aldeia de Jean Rabel, perto de



Puerto Príncipe, ou as 300 fuziladas em Meca há menos de um mês.

Paradoxalmente, faltam homens para a guerra enquanto sobram bocas com fome. As Forças Armadas dinamarquesas – para referir outro exemplo anedótico de uma Europa cada vez mais despovoada – alargou as fronteiras da igualdade, colocando mulheres soldados nas primeiras linhas de combate. De momento, esta

experiência revolucionária tem cerca de 50 voluntárias no Exército, 32 na Força Aérea e 77 na Marinha. Este ensaio está a ser seguido com atenção por outros países da NATO, sobretudo porque a diminuição da taxa de natalidade ameaça dificultar o preenchimento das primeiras linhas de combate, e outras unidades, só com homens. Os dados que se seguem confirmam-no. Na Grécia, acabou de sair a pri-

meira mulher diplomada na Academia Militar do Ar. Em Bruxelas, no passado mês de Maio, 60 mulheres oficiais dos diversos exércitos de 13 dos 16 países da Aliança Atlântica reuniram-se numa conferência do 'Comité Feminino das Forças Armadas da NATO'.

Actualmente, 4,7% dos efectivos castrenses da NATO são mulheres, representando um número absoluto de 237 000. As mais numerosas

são as norte-americanas – 220 000 – e as menos numerosas as turcas. O número não deixa de ser reduzido; porém, a quebra demográfica que ataca o velho continente – observaram as mulheres do citado Comité – e o desemprego levam a prever um aumento considerável do contingente feminino no Exército nos próximos 20 anos.

Continua na pág. 53

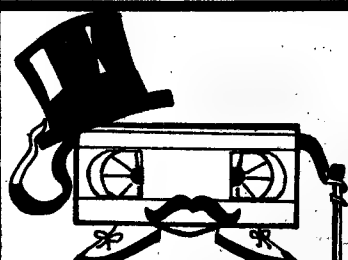
FOTOCOPIAS A CORES

COM A QUALIDADE DO LASER

Agora sim, já
pode fotocopiar o
Arco Iris a cores

• Copiagem
• Escadernações
• Plastificações
• Fotocopias em
grandes formatos
• Ozalid

Centro de Copias Arco Iris
Av. Júlio Dinis, 6A 443
Telefone: 76 18 50


**PREFIRA
QUALIDADE**



Jóia -10 000\$00

Alugueres:

8 dias — 400\$00

4 dias — 300\$00



SEM JÓIA

PORQUE NÃO

Aluguer:

300\$00 – 48 horas

C. Comercial Arco-Íris
Av. Júlio Dinis, 6A/D

Loja 42 – Tel. **73 48 57**



Ausência de soluções

Perante a gravidade da situação que parece ameaçar com o despovoamento países de raiz e culturas tão importantes, os políticos e governantes, tentam inventar soluções diariamente, a maioria das quais não chega sequer a ser posta em prática. Estão dentro do mundo da utopia, como se o poder político pudesse mandar na vontade de ter uma descendência; as pessoas seguem um padrão cultural muito difícil de ser subitamente alterado.

Na Alemanha, entre outras coisas, os políticos deparam-se com uma dificuldade, a de não poderem fazer uma 'política demográfica', uma 'demographische politik', já que esse termo recorda antigas políticas expansionistas de carácter fascista. Assim, modestamente, procede-se a uma 'Bevölkerungspolitik' (política de povoamento), lançada pelo Ministério da Família para que certas palavras não evoquem conotações históricas desagradáveis.

Mais filhos

Trata-se, afinal de contas, que a população alemã tenha tantos filhos como por exemplo a França e outros países industrializados. Na França, há cerca de um ano, o governo quis levar a cabo uma política mediante a qual uma mulher que tivesse um terceiro filho teria direito a uma pensão mensal durante a gravidez e até um ano após o parto.

O governo da RFA está tentado a promover algumas dessas campanhas; tal como uma diminuição de impostos, aumentos de subsídios e, inclusivamente, oferecer aos pais que tenham filhos o equivalente a um ano de serviço, para efeitos de reforma, por cada filho. Falou-se mesmo em tentar dissuadir as grávidas dispostas a abortar mediante o pagamento de uma indemnização.

Contudo, estas políticas não são novas. Já em 1976, quando se observou que 1975 foram um ano deficitário em nascimentos, entraram em vigor uma série de medidas tendentes a fomentar a natalidade entre os alemães ocidentais; 26 semanas de licença de gravidez, sem redução salarial; contudo, se se tratasse de um segundo filho, a licença seria de um ano, com ordenado completo nos primeiros seis meses e um subsídio de 350 marcos de então para outro meio ano.

Outras medidas concedidas foram, entre outras, jornada laboral reduzida para as mães de dois ou mais filhos; subsídio familiar crescente de acordo com o aumento da família e, também, um maior apreço social destas mães que assim contribuíram para o engrandecimento da pátria. Não se disse assim, porque poderia relembrar o nazismo, mas o significado é aproximado.

De todas as formas, as medidas sociopolíticas deste tipo

Continua na pág. 54

CAMINHOS DE DIÁLOGO SÃO VIAS DE COMUNICAÇÃO. HOJE, O COMBOIO SAÚDA A PALAVRA.

Fazer anos é uma festa. Festa duplamente merecida por quem optou por uma vida inteira dedicada à causa da aproximação entre os portugueses. Parabéns a Vocês!
É com o máximo orgulho que os Caminhos de Ferro Portugueses transportam diariamente para todo o País largos milhares de exemplares das mais diversas publicações nacionais. Ajudando desta forma a levar a palavra mais longe, percorrendo caminhos de comunicação, promovendo a via do diálogo.
É, por isso, com todo o prazer que, hoje, o comboio saúda a palavra.



Caminhos de Ferro
Portugueses

Comboio, a opção viva.



CÂMARA MUNICIPAL DE SANTIAGO DO CACÉM

PAVILHÃO MUNICIPAL DOS DESPORTOS

INAUGURAÇÃO EM 23 DE ABRIL DE 1988

INTEGRADO NO 14.º ANIVERSÁRIO DO 25 DE ABRIL

23 ABRIL

- 09.30 h — Torneio de hóquei em patins nas categorias de infantis e iniciados. Equipas participantes: Estrela de Santo André, Clube de Ténis de Grândola, Seixal Futebol Clube e Vasco da Gama de Sines.
- 14.30 h — Finais de apuramentos do 3.º e 4.º lugares.
- 18.00 h — Torneio quadrangular de hóquei em patins na categoria de seniores. Equipas participantes: Clube de Futebol «Os Belenenses», Estrela de Santo André, Seixal e Futebol Clube e Mineiro Aljustrelense.
- 20.30 h — Demonstração de patinagem artística pelo Estrela de Santo André.
- 21.30 h — Final e apuramento do 3.º e 4.º lugar no torneio quadrangular

24 ABRIL

- 09.30 h — Torneios de andebol nas categorias de infantis, iniciados e juvenis (masculinos e femininos). Equipas participantes: Ginásio Clube de Sines (3), Sport Lisboa e Benfica, Grupo Juvenil Alvaladense, Clube de Jovens Atlético Santiago do Cacém (2), Sporting FC Abelense, Sociedade UDR Cercalense, Cruz Vermelha Ermidas Sado, Selecção Castelo Branco (2), União Sport Club (2), União de Almeirim e Colégio de Gaia.
- 14.30 h — Demonstração de judo pelo Estrela de Santo André.
- 16.30 h — Sarau de ginástica com a participação de classes do Ginásio Clube de Sines, Grupo Desportivo da Petrogal, Estrela de Santo André, Sociedade Filarmónica Alhosvedrense e Ginásio Clube Português.

25 ABRIL

- 09.30 h — Finais dos torneios de andebol
- 14.30 h — Minibasket. Jogo entre as equipas do Clube de Jovens Atlético Santiago do Cacém e Estrela de Santo André.
- 15.00 h — Basquetebol nas categorias de iniciados e juvenis. Equipas participantes: Sport Lisboa e Benfica e Estrela de Santo André.
- 18.00 h — Andebol sénior. Femininos: Selecção do Norte/ Selecção do Sul (Olímpicos 92). Masculinos: A confirmar com a Federação Portuguesa de Andebol.
- 21.30 h — Basquetebol sénior. Jogo entre as equipas do Imortal de Albufeira e Barreirense Futebol Clube.

26 ABRIL

- 18.30 h — Torneio aberto de ténis.

27 ABRIL

- 18.30 h — Torneio aberto de ténis.

28 ABRIL

- 20.30 h — Torneio quadrangular de futebol de salão.

30 ABRIL

- 09.30 h — Torneio quadrangular de futebol de salão
- 14.30 h — Voleibol juvenil em femininos e masculinos. Equipas participantes: União Sport Clube e Clube de Jovens da Escola de Santo André.
- 17.00 h — Voleibol — Veteranos. Jogo entre as equipas do União Sport Club e Grupo Desportivo da Petrogal.
- 20.30 h — Voleibol — Seniores. Jogo entre as equipas do União Sport Clube e Vitória de Setúbal (a confirmar).

1 MAIO

- 09.30 h — Actividades pela Associação Distrital de Desporto para Deficientes.
- 14.30 h — Torneio aberto de badminton.
- 21.00 h — Torneio aberto de ténis.

ALARME DEMOGRÁFICO

Continuação da pág. 53

só têm êxito a curto prazo. O escasso aumento da natalidade durou apenas até 1980, altura em que as mulheres se aperceberam que os filhos duram uma vida, enquanto que as ajudas estatais e os prémios duravam muito menos. Consequentemente, deixaram de ligar aos conselhos do Estado.

Mães ao serviço do Estado

Em Fevereiro de 1985, a revista *Die Zeit* publicou uma entrevista com o director do Instituto Federal de Investigações Demográficas, H.W. Jürgens, o qual se mostrava céptico em relação às repercussões na taxa de natalidade das intervenções do Estado. Todavia, contou aos entrevistadores alguns dos planos mais descabidos que não foram levados a cabo.

Entre os mais disparatados cabe recordar um exemplo de humor negro, que nos avisa até onde pode ir um político que tem direito a interferir no âmbito privado dos cidadãos. O projecto, denominado pousadamente 'Mães ao serviço do Estado', é algo de que qualquer governo democrático se deveria envergonhar, razão pela qual não chegou a ser estudado com atenção.

Propunha-se criar uma espécie de corpo de funcionários ao serviço da procriação, pensando que, desta forma, se poderia estabilizar o índice de natalidade. Algumas mulhe-



res, mesmo muitas, fariam parte do funcionalismo público numa dedicação exclusiva à maternidade. Essas mulheres comprometer-se-iam a dar à luz tantos filhos quantos pudessem, e, por isso, receberiam um salário que garantisse a sua subsistência, incluindo a reforma.

Um projecto descabido

H.W. relatou ao *Die Zeit* esta história, como exemplo dos projectos descabidos concebidos por políticos em situação desesperada; perante a agitação pública provocada pelas declarações públicas de Jürgens, Katrina Forke, uma antiga ministra da família comentou: 'O Estado não tem o direito de meter o nariz nas alcovas dos cidadãos'.

Como reacção ao grave problema da família, surgiram já, na RFA, diversas tendências

feministas, como as componentes do grupo 'Nova Maternidade', as quais reivindicam salários e subsídios para as mães que se dediquem ao trabalho doméstico. De facto, um dos factores responsáveis pela natalidade reduzida é o descrédito em que o papel de 'dona de casa' caiu, papel a que qualquer mulher com mais de um filho se vê forçada a desempenhar durante alguns anos.

As feministas alemãs reivindicam um salário para o trabalho doméstico, independentemente do sexo de quem a ele se dedique. Homens e mulheres terão os mesmos direitos e obrigações. Se, até hoje, os homens continuam a não poder gerar ou dar à luz, ao menos que tratem dos filhos e sofram como as mulheres. Talvez se encontre aqui a primeira solução para o problema da natalidade que afecta com tanta intensidade estes países.

PROTEGEMOS OS RECURSOS CINEGÉTICOS PARA QUE A CAÇA ESTEJA AO SEU ALCANCE

Organizamos a sua caçada com a prestação de serviços turísticos



TURICAÇA

SOCIEDADE DE COUTADAS TURÍSTICAS, LDA.

Rua 5 de Outubro, 59 - 8500 PORTIMÃO - PORTUGAL

Telefones (082) 2 31 29 - 2 42 18

DA ASTROLOGIA À ASTRONOMIA

Exclusivo EFE/«DL»

As eternas questões do homem — quem, o quê e para quê — brotam do conflito íntimo gerado entre a sua angústia perante o desconhecido, e o seu medo de saber. Estas questões, profundamente enraizadas no subconsciente, estão sempre prontas a emergir à luz do consciente numa enorme tensão em que o instinto, regulador e infalível, joga um importante papel.

Desde as origens que os homens criaram uns princípios básicos, os quais constituem o fundamento que explica o mundo e a sua existência. Nos primórdios, era a magia e as suas artes quem estava encarregada de canalizar estas preocupações e dar-lhes respostas; posteriormente, com a passagem ao logos, surgem os saberes, ciência e técnica, responsáveis pelo caminho do homem até às estrelas.

Caminhos divergentes

É nas práticas mágicas que se encontra a verdadeira matriz das ciências actuais: a astrologia, a alquimia e o curandeirismo foram as proto-ciências do que posterior-

mente se denominaria física, química e medicina. A evolução da ciência, a partir do momento em que se separou da magia, seguiu um caminho divergente, uma senda tortuosa, descontínua, cheia de curvas, rupturas, retrocessos e novas associações que, no fundo, acabam por a caracterizar.

De forma paralela, a magia seguiu um caminho subterrâneo, secreto, contínuo, sem rupturas ou mudanças, caminho esse que, surpreendentemente, tem guiado o homem através do tempo chegando até aos dias de hoje. Se por um lado as ciências e as suas teorias necessitam de uma verificação posterior, a magia e as artes não verificam nada; trata-se de uma parte do pensamento que pertence ao inconsciente

colectivo da humanidade.

A componente mágica da vida do homem remonta às suas origens — as antigas civilizações dos povos primitivos — e exerceu, exerce e exercerá uma influência poderosa sobre o intelecto humano.

O mago da antiguidade não era um impostor, era uma personalidade cuja comunidade a que pertencia julgava ser dotado de certos poderes; tinha prestígio suficiente para colocar acima de tudo a prática da magia. Na realidade, a magia e as suas artes não fazem mais do que relacionar o espírito humano com os seus medos e esperanças, e é esta característica que a fez perdurar. As civilizações e os povos desaparecem, mas o desejo e anseios do homem permanecem e são transmissíveis, pelo que todo aquele que prometer revelar o futuro, aclarar o presente e indagar o passado permanecerá junto ao homem.

Estímulo do pensamento

A magia, sempre presente, é o fundamento da ciência —

reconheça-se ou não — e a maioria dos grandes homens que fizeram progredir a humanidade em termos científicos estiveram sempre à sombra da magia.

Na antiguidade, tal como agora, a magia englobava tudo na sua actividade, desde o visível ao invisível, o consciente e o inconsciente, vida, morte, doenças, tudo no todo e o todo no uno, como Giordano Bruno diria séculos mais tarde. Para a magia, o natural e o sobrenatural são apenas um; não há divisão possível, a magia actua sobre o todo e pode modificá-lo. O seu percurso aproximou-se muitas vezes, e consoante as épocas, do misticismo, tendo estimulado o pensamento e a experimentação.

É a civilização assírio-caldaica que se devem os primeiros relógios, os primeiros cálculos matemáticos e astronómicos, as primeiras noções de geometria...etc.

Contudo, aparte o seu papel de matriz geradora do saber e da técnica, a magia chegou aos dias de hoje com a mesma força das suas origens. Na actualidade, desempenha um importante papel social, embora culto, como reduto secreto e fonte primitiva à qual acorrem

aqui e agora os homens angustiados dos finais do século XX com a mesma aflição do homem primitivo. Astrólogos, cartomantes, curandeiros... são os novos magos de uma civilização altamente especializada e tecnológica que não deu ainda qualquer resposta às angústias secretas da humanidade.

Eis por que a magia reivindica, tal como na sua origem, o individual — maléfico ou benéfico — em detrimento do socialmente estabelecido, da massificação e industrialização do homem, o qual se converteu numa máquina de desejos. A sociedade actual promove e cumpre esses desejos.

Na prática da magia e das suas artes surge um potencial energético que revela determinados feitos do passado, presente ou futuro, verdadeiras intuições «a priori» e deduções posteriores que se revelam como resposta a uma necessidade individual mais ou menos consciente sobre algo que diga respeito a um indivíduo concreto. É apenas de reprovar, hoje em dia, a comercialização abusiva destas práticas, as quais chegam a movimentar enormes quantidades de dinheiro.

Divisão do Zodíaco

Os astrólogos da civilização assírio-caldaica — 3000 a.C. — criaram a divisão zodiacal em doze signos; as observações astrológicas necessárias para a sua arte conduziram à ciência astronómica; a sistematização das suas relações, reais ou fictícias, dos acontecimentos celestes e terrestres para construir os seus horóscopos são o germen de um espírito científico que contém em si a ideia de lei, medida, cálculo, verdadeiro campo de cultivo da futura astronomia.

A divisão do Zodíaco em doze partes, e estas em 36 décadas, conduziu aos doze meses do ano e à divisão da esfera celeste em 360 graus. Graças à prática da astrologia foi possível prever a ocorrência de eclipses e de toda a classe de fenómenos atmosféricos, propiciando um desenvolvimento científico-mágico ganhando características autóctones. No que diz respeito à medição do tempo, foram verdadeiros pioneiros, pois criaram a clepsidra — relógio de

Continua na pág. 56

casa LUCY'S

- Artigos de Desporto
- Pronto-a-vestir
- TRAFIC e TON SURTON
- Agente da Tabaqueira

Rua da Liberdade. 2 • ☎ 59 502
8375 S. BARTOLOMEU DE MESSINES



**JÁ CONHECE A VIVALÃ?
VENHA VISITAR-NOS!**

Temos uma vasta gama de fios de lã e de algodão para os seus trabalhos de tricot e também a nova colecção de lingerie para Primavera/Verão a preços excepcionais.

**ESTAMOS NA
GALERIA COMERCIAL EXPRESSO
AVENIDA DE ROMA, N.º 106, Lj. 2
T.: 73 13 56 extensão-12 - 1700 LISBOA**



GRUPFOTO

UMA NOVA LOJA DE FOTOGRAFIA AO SEU DISPOR

- FOTOS EM 30 MINUTOS
- MINI-LAB NORITSU

OFERTA DE UM ROLO E ÁLBUM

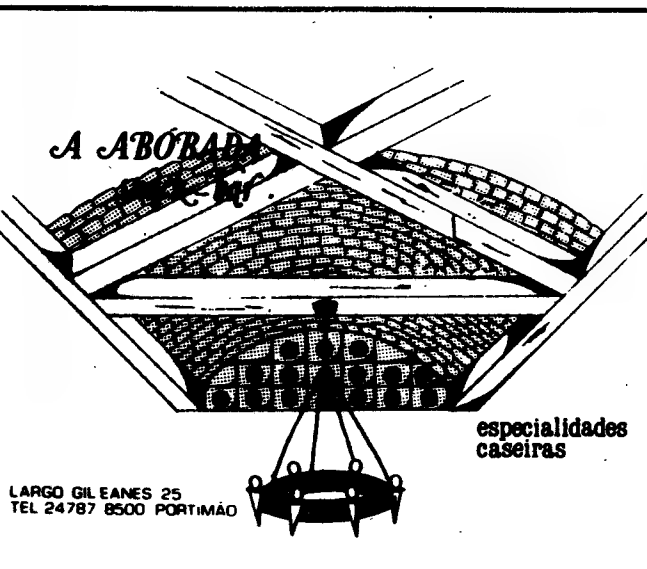
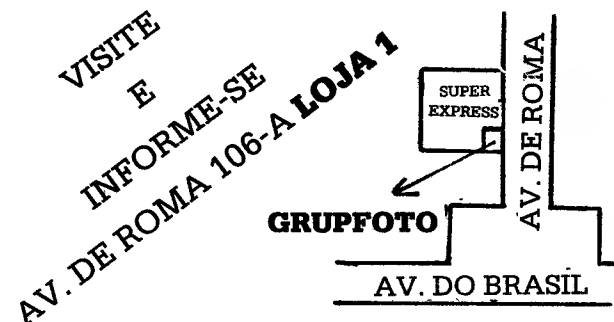
EXECUTAMOS

- AMPLICÓPIAS 15x20 P/PROF. E AMADOR

POSTERS e AMPLIAÇÕES

TODO MATERIAL - MÁQUINAS • FLASH • OBJECTIVAS

• FILTROS • TRIPÉS



Continuação da pág. 55

água — e o gnomon — relógio de sol.

No que diz respeito à alquimia e ao curandeirismo, artes que durante muito tempo permaneceram dentro do campo da magia, são ambas protociências do que posteriormente se denominaria física e química e medicina biológica, que na sua origem rudimentar incluía uma prática de farmácia primitiva aliada a um conhecimento profundo das plantas medicinais.

Auxiliados pela magia, os homens dirigiram-se com passos de gigante até à ciência e ao saber. Antes de darmos alguns exemplos, devemos definir algo muito importante: a ciência, as teorias científicas, caracterizam-se pela verificação; tal como Einstein afirmou, uma teoria pode ser muito bela, mas, se não se confirmar com os dados das observações experimentais, deve ser abandonada.

Da civilização assírio-caldaica passamos para a Grécia e ao século VI antes de Cristo, onde Pitágoras recolheu a forma de pensamento mítico-mágica e teceu um fio condutor, invisível, mas

poderoso, que resultaria em Kepler (1571-1630), em Newton (1642-1727) e, finalmente, já no nosso século, em Einstein e Teilhard de Chardin. Até ao momento, o último é Fred Hoyle com a sua teoria do Universo inteligente.

A harmonia pitagórica

Pitágoras quis criar um sistema unificador que compreendia a totalidade num conjunto, ou seja, criou um dos primeiros sistemas do mundo que englobava na unidade a totalidade existente. Este sistema era a harmonia que regia todas as coisas.

O sistema de Pitágoras partia do pressuposto que o homem só conseguia alcançar o reino da harmonia universal através de várias vidas, ao longo das quais os diversos corpos obtinham a purificação necessária. Contudo, deparou-se com um obstáculo: o irracional; a raiz quadrada de dois não correspondia a um número inteiro. Tropeçava-se no não-harmónico e assim como para a vida, a dor, o sofrimento e a fome se recorria à

transmigração das almas como purificação, perante a raiz de dois, Pitágoras e a sua escola foram ferozmente perseguidos. Pitágoras criou a 'fraternidade pitagórica', muito célebre na altura.

Não se pode questionar a componente mágica do sistema pitagórico, a harmonia entre o visível e o invisível; o sistema solar formado pelo sol e pelos cinco planetas conhecidos (Mercúrio, Vénus, Marte, Júpiter e Saturno) girava em torno da Terra, e o seu movimento, gerava notas musicais, as quais compunham a harmonia celeste, a música das esferas. A impossibilidade de explicar a falta de harmonia do número irracional acabou com Pitágoras e com a sua escola, e com a destruição, pelo fogo, da maior parte dos seus estudos...

Todavia, o fio condutor leva-nos a Kepler porque o sonho pitagórico da harmonia universal nunca perdeu a sua atracção misteriosa, o seu apelo ao inconsciente colectivo da humanidade.

A música das esferas

Pitágoras roçou o mágico, era o único capaz de ouvir a

música das esferas, o único a descobrir a magia dos números, talvez devido à influência do seu pai, um entalhador de pedras preciosas, ou talvez devido aos seus sonhos que ainda são os nossos. Assim, os discípulos de Pitágoras eram curandeiros que sabiam usar várias medicações para curar o corpo.

Kepler (1571-1630) marcaria a transição entre o mundo moderno e o antigo. Pelo seu pensamento passa uma componente mágica que nunca se afastaria; por outro lado, Kepler conservou ainda a ideia de perfeição dos antigos, mediante a qual, os movimentos circulares e uniformes dos astros definem a ordem cósmica da harmonia do mundo. Kepler criou uma teoria, um sistema do mundo, preveu qualquer comprovação experimental e foi graças a ela que Einstein reconheceu a sua grandeza.

Só posteriormente Kepler adequaria o seu sistema aos dados das observações efectuadas por Tycho Brahe (1546-1601), fazendo, assim, sair à luz as três leis e rompendo com a crença do movimento uniforme e circular. É isto que lhe confere

Continua na pág. 57

não é por acaso...

Por detrás das paredes de um contentor, há carga. Da mais prosaica à mais sofisticada. Desde uma rotativa a papel de jornal, passando, até, por um bolo de aniversário. Contentor. Parece quase um senhor! Contente de ser contentor, por conter a «carga» da nossa presença, hoje.

S.P.C. - SERVIÇO PORTUGUÊS DE CONTENTORES S.A.

Ao serviço dos serviços que oferecemos.

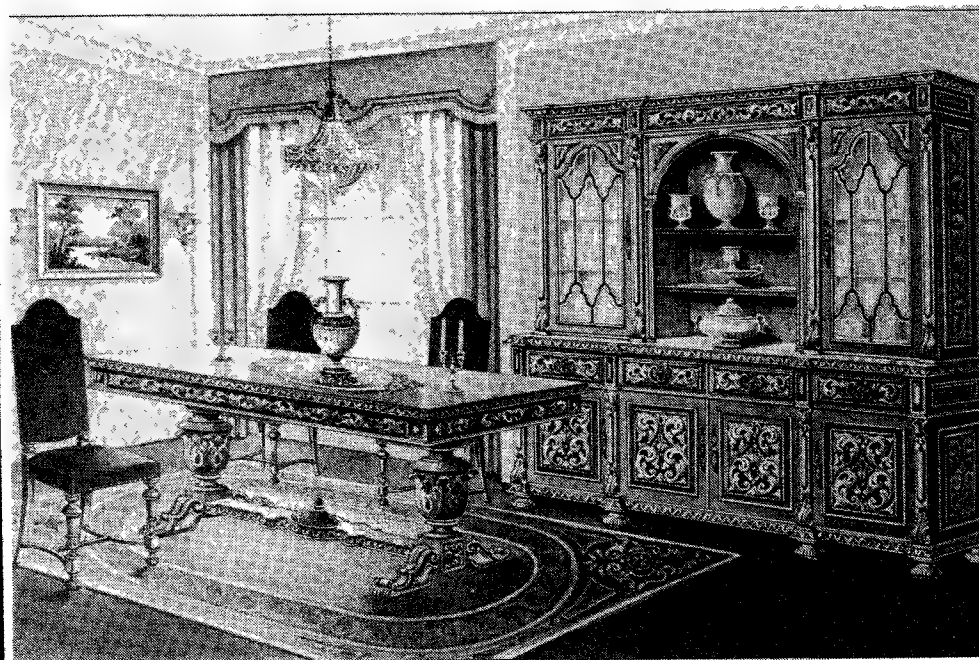


SEDE: Rua Gonçalo Mendes da Maia - Cabo Ruivo - 1800 LISBOA
Telefs. 85 53 34 - 85 61 50 - 85 56 19 - Telex 16444 TAINER P - Teleg. POLYTAINER - Fax (01) 85 69 11

ARMAZÉNS DE MÓVEIS

BEIRA RIO

DE
ANTÓNIO CARLOTO



MÓVEIS EM TODOS OS ESTILOS
PARA VOSSO INTERESSE
CONSULTEM OS NOSSOS PREÇOS

Rua Miguel Bombarda,

VENDAS

n.ºs 222 e 222-A
Rua Serpa Pinto, 43 a 45

Telef. 207 24 48
BARREIRO

Continuação da pág. 56

o direito de ser considerado o primeiro cientista do mundo moderno, unido a Einstein pelo débil fio da experimentação posterior de uma teoria ou sistema, e unido por um poderoso elo ao mundo criado por Pitágoras, onde a harmonia joga um papel central.

O homem e o cosmos

Kepler acreditava na astrologia e pretendia elevá-la à categoria de ciência; para ele, o homem estava cosmicamente determinado, livre nas suas pequenas determinações, mas submetido aos cosmos e ao seu movimento geral. Kepler projectou a sua personalidade na concepção do universo; na sua obra, **O mistério cósmico**, baseia a criação do mundo na perfeição do cinco sólidos perfeitos e, como Pitágoras, enfrenta o não-racional, o não-harmónico: os dados das observações da órbita de Marte que posteriormente gerariam as suas leis que regulam o seu movimento (recolhidas na obra **A nova Astronomia**).

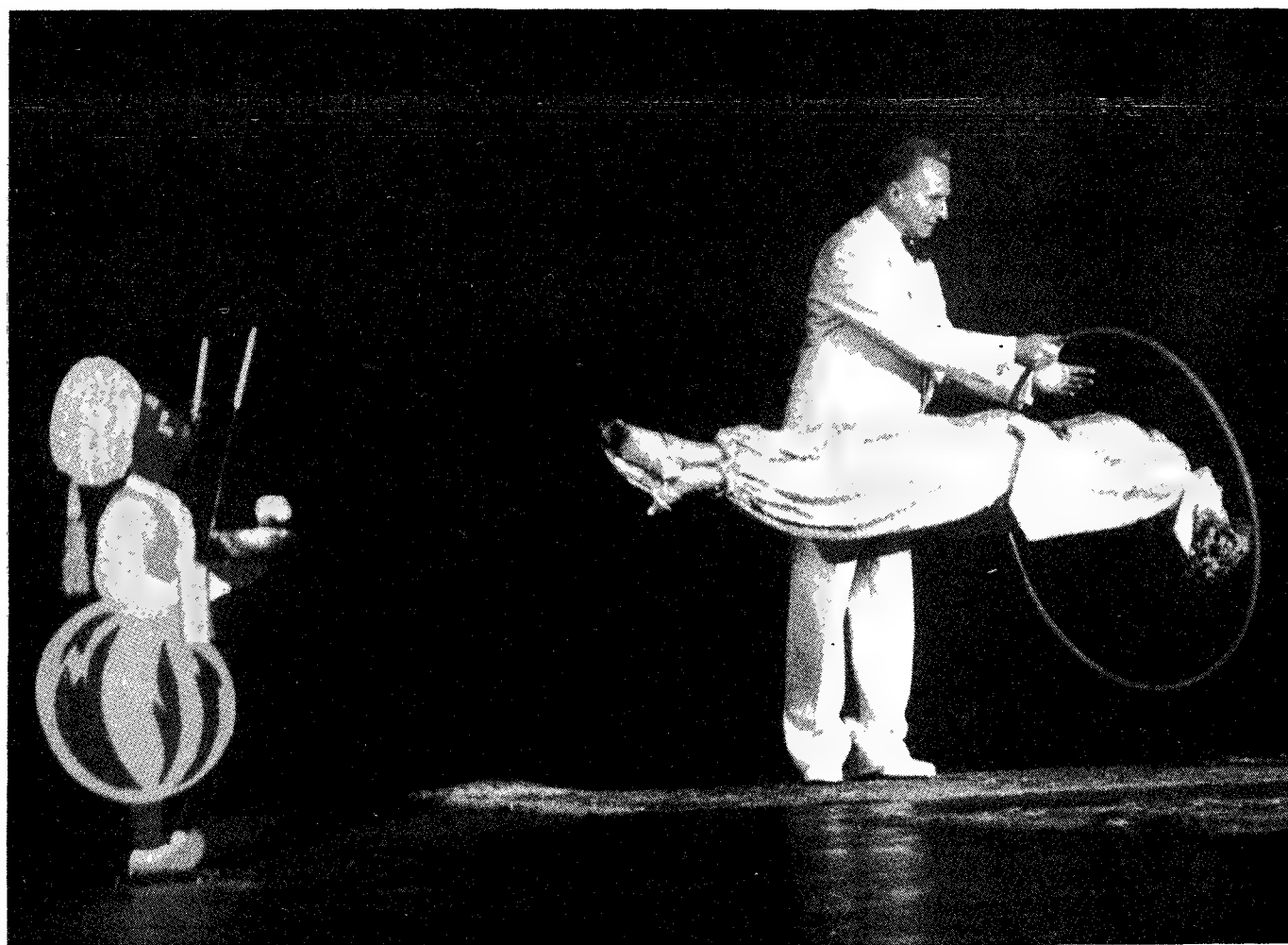
As suas primeiras leis afirmam: «Os planetas giram em torno do Sol em órbitas elípticas e o Sol ocupa um dos seus focos.» «O raio vector que une o centro do Sol com o centro da Terra varre áreas iguais em tempos iguais.»

Posteriormente surge a terceira lei: «O quadrado de um período de um planeta é proporcional ao cubo da sua distância do Sol.»

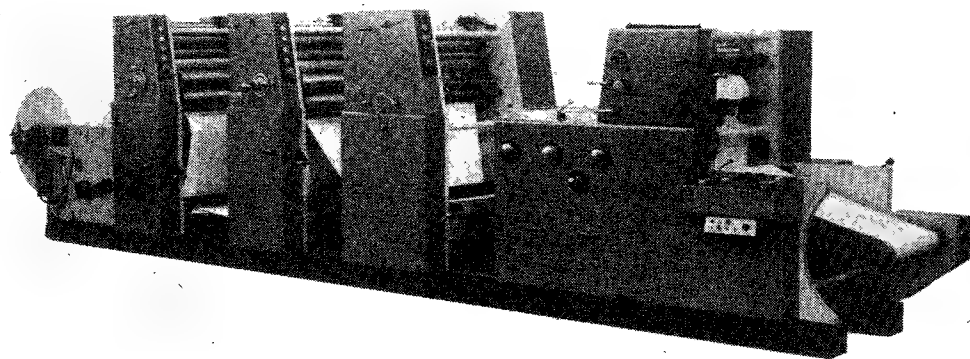
Kepler não abandonaria, contudo, o seu pensamento mágico. Tal como Pitágoras, também julga ouvir a música emitida pela Terra, **Mi-Fá-Mi** (Miséria-Fome-Miséria). Ainda hoje, não produz a Terra o seu canto terrível?

Kepler roçou a gravitação universal no seu livro **A nova Astronomia** e nunca abandonou o perfil mágico do seu pensamento. A sua obra **Somnium** é pura ficção coentífica e relata uma viagem fantástica à Lua. Como posteriormente ocorreria, é o cientista que expõe o seu pensamento mais ousado — o mágico — em obras que hoje se denominam de ficção científica. Terminaremos

Continua na pág. 58



ROTATIVA PARA FORMULÁRIOS EM CONTÍNUO HARRIS GRAPHICS MOD. 500/H



CIRCUNFERÊNCIAS DO CILINDRO: 14", 17", 22" e 24"

VELOCIDADE ATÉ 48 000 FORMULÁRIOS DE 12" POR HORA

EXTREMAMENTE ROBUSTA. FÁCIL DE AFINAR. IMPRIMINDO EXCELENTE QUALIDADE.

**SIGLA - SOCIEDADE DE IMPORTAÇÕES GRÁFICAS, LDA.
R. RUBEN A. LEITÃO, 2-B - 1200 LISBOA - TELEF. 37 15 31-37 28 85**

AGROPROMOTORA

Cooperar e desenvolver

ÁREAS DE TRABALHO

AGRICULTURA • PECUÁRIA • INDÚSTRIA ALIMENTAR • PLANOS DIRECTORES DO SECTOR PRIMÁRIO • ANÁLISE DA VIABILIDADE TÉCNICA-ECONÓMICA DOS INVESTIMENTOS • PROJECTA E IMPLEMENTA



ENTIDADES

COOPERATIVAS • AUTARQUIAS
OUTRAS EMPRESAS

PAÍSES AFRICANOS

REPÚBLICA POPULAR DE ANGOLA

REPÚBLICA POPULAR DE MOÇAMBIQUE

COOPERATIVA PRODUTORA DE PROJECTOS AGRÍCOLAS CRL

Rua Cardeal Mercier, 29-1.º Lisboa

☎ 73 51 35 TELEFAX - 73 54 10

Continuação da pág. 57

acrescentando que Kepler se aproximaria do cálculo infinitesimal deixando, contudo, essa glória para Newton.

O regresso dos feiticeiros

Newton (1642-1727) acreditava na existência de uma cadeia de origens que se perdia no tempo até à mais remota antiguidade. Conhecia os segredos da alquimia e do universo, ou pelo menos assim o afirmam Pauwels e Bergier em **O Regresso dos Feiticeiros**. Os autores chegam mesmo a dizer que se Newton alcançou os seus feitos foi por ter sido impulsionado por forças ocultas e poderosas. Contudo, a glória de Newton deve-se à sua lei da gravidade universal e à descoberta do cálculo infinitesimal.

É o primeiro que submete o todo, o universo, a uma lei, mas a sua actividade mental não se reduz apenas às leis e às observações;

existe uma componente mágica e metafísica, uma zona do seu pensamento que o conduz a grandes intuições, as quais — numa atitude modernista — verifica «a posteriori». Newton deu o passo de gigante que medeia a intuição e a verificação. Efetuou uma grande síntese entre os conhecimentos de há 2000 anos e as suas próprias intuições e verificações. Uma vez mais reuniu o todo na unidade da sua explicação.

No século XX, tal como na antiguidade mais remota, os homens da ciência procuraram uma teoria unitária que pudesse englobar a totalidade. Trata-se de uma teoria que assenta em bases mágicas, uma tentativa de verificar a lenda de Hermes Trismegisto: «O que está em cima é igual ao que está por baixo», lenda que actua no inconsciente do homem.

Entre 1905 e 1915, Einstein dá a conhecer a sua teoria da relatividade restrita e da relatividade geral. A primeira associa os fenómenos electromagnéticos com o espaço-tempo; a segunda associa a gravidade com as

propriedades do espaço-tempo. Para Einstein não se tratam de campos diferentes, ambos pertencem a uma única estrutura. Na realidade, trata-se de conciliar o contínuo com o descontínuo, dilema com que a humanidade se debate desde os tempos mais remotos.

As intuições de Einstein são geniais. A sua fórmula harmoniosa $E = mc^2$ só se pode verificar de uma forma horrível: com a explosão da primeira bomba atómica que custou milhares de vidas.

Mesmo assim, as intuições de Einstein como as das ondas gravitacionais, a existência de buracos negros no Espaço, ainda por revelar totalmente, estão dentro do mundo científico. A teoria da relatividade geral foi em parte verificada pelos eclipses do Sol que demonstraram, sem lugar para dúvidas, que a luz se curva em presença de um campo gravitacional poderoso como o do Sol.

Durante grande parte da sua vida, e até à morte, Einstein procurou a teoria unitária que ainda espera pelo seu descobridor.

O psiquismo de Teilhard de Chardin

Com ele chegamos a Teilhard de Chardin, cujas obras estiveram proibidas durante muito tempo pela Igreja, e à sua teoria do psiquismo. Teilhard de Chardin continua o elo pitagórico-kepleriano-newtoniano-einsteiniano da harmonia do universo, mas dá um passo enorme ao incluir o psiquismo nessa harmonia, psiquismo que Chardin julga estar presente na mais ínfima partícula do cosmos. A sua síntese integra na harmonia do cosmos, na sua unidade, o todo, inclusive o homem, que pode pensar e explicar ao cosmos e a si mesmo porque tudo faz parte do mesmo tecido: matéria e espírito.

Para finalizar, uma breve menção a Fred Hoyle, que defende a teoria do universo inteligente, muito parecida com a de Chardin, porque se não possuímos a mesma estrutura que a mais elementar das partículas, se não possuímos um psiquismo similar, por que terão os homens de todos os tempos orientado a sua busca no sentido de explicar o cosmos e a sua própria existência?



PROGRAMA COMEMORAÇÕES DO 25 DE ABRIL

- 2/4 - Prova de Ciclismo Seniores (Amadores)
"VIVER A PAZ"
Meta volante no Largo da Câmara Municipal de V.F. Xira
- 8 a 10/4 - Exposição itinerante "O Concelho em que Vivemos"
Centro Social do Bom Sucesso - Alverca
- 10/4 - III Raid Cicloturista do Centro de Pessoal da Mague
- 16 a 18/4 - Exposição itinerante "O Concelho em que Vivemos"
Casa do Povo de Arcena - Alverca
- 17/4 - III Gimnoxira - Festival Concelhio de Ginástica
Vila Franca de Xira
- 17/4 - Regata do XXXI Aniversário
do União Desportivo Vilafranquense
- 18 a 22/4 - 25 de Abril nas Escolas
Exposição itinerante, Jornal Intermunicipal e Teatro
- 23/4 - Dia da Juventude
Exibição de classes de Ginástica em Alverca
Concerto de Rock no Forte da Casa
- 24/4 - Espectáculo de Teatro e Música Popular na Qt.ª da Piedade
(noite) Intervenção da evocação do 25 de Abril em todas as freguesias
- 25/4 - Hastear da Bandeira na Câmara Municipal com a presença da fanfara dos Bombeiros de Vila Franca de Xira
 - XIII Estafeta da Liberdade (Vialonga/Vila Franca de Xira)
 - Simultânea e iniciação de Xadrez em Vila Franca de Xira
 - Inauguração do barco "Liberdade" com desfile náutico (Póvoa a Vila Franca)
 - Animação no Jardim Municipal
 - Desfile do 25 de Abril nas ruas da cidade

Durante o mês de Abril será realizada uma exposição evocativa de José Afonso com espectáculo de música e poesia.
Este programa refere algumas das realizações da Câmara Municipal. Será divulgado oportunamente programa detalhado incluindo as realizações de Juntas de Freguesia e Colectividades.



Câmara Municipal de Vila Franca de Xira

DIVISÃO DE INFORMATICA E RELACOES PUBLICAS 141 2301 4015 e 207



urbanização Belomonte



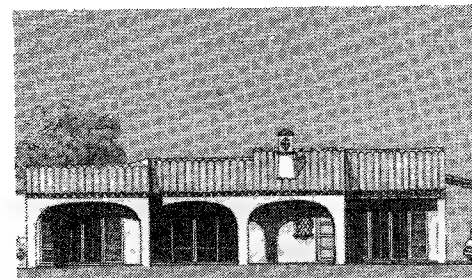
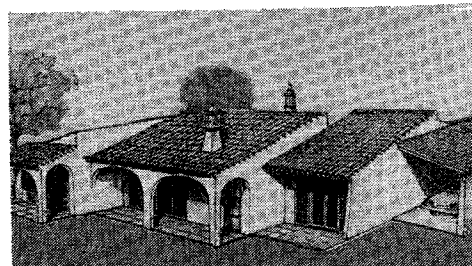
O Aldeamento do «BELOMONTE» é criado para as pessoas que, desejando viver no campo, num ambiente sossegado em contacto com a natureza, não querem prescindir de estar próximo da cidade e da praia. O centro de Portimão fica a 3 Kms. e as praias: Rocha, Vau e Alvor a 5 Kms.

O Aldeamento situa-se num planalto de onde se desfruta um belo panorama sobre o Vale de Ribeira de Boia e a Serra de Monchique. A densidade habitacional é muito baixa, sendo o lote mais pequeno de 1000 m² e o maior de 3242 m².

O Aldeamento inclui um café-restaurante, um mini-mercado, um campo de ténis e um escritório de apoio. A administração pode encarregar-se da manutenção dos jardins, das piscinas e do aluguer das vivendas.

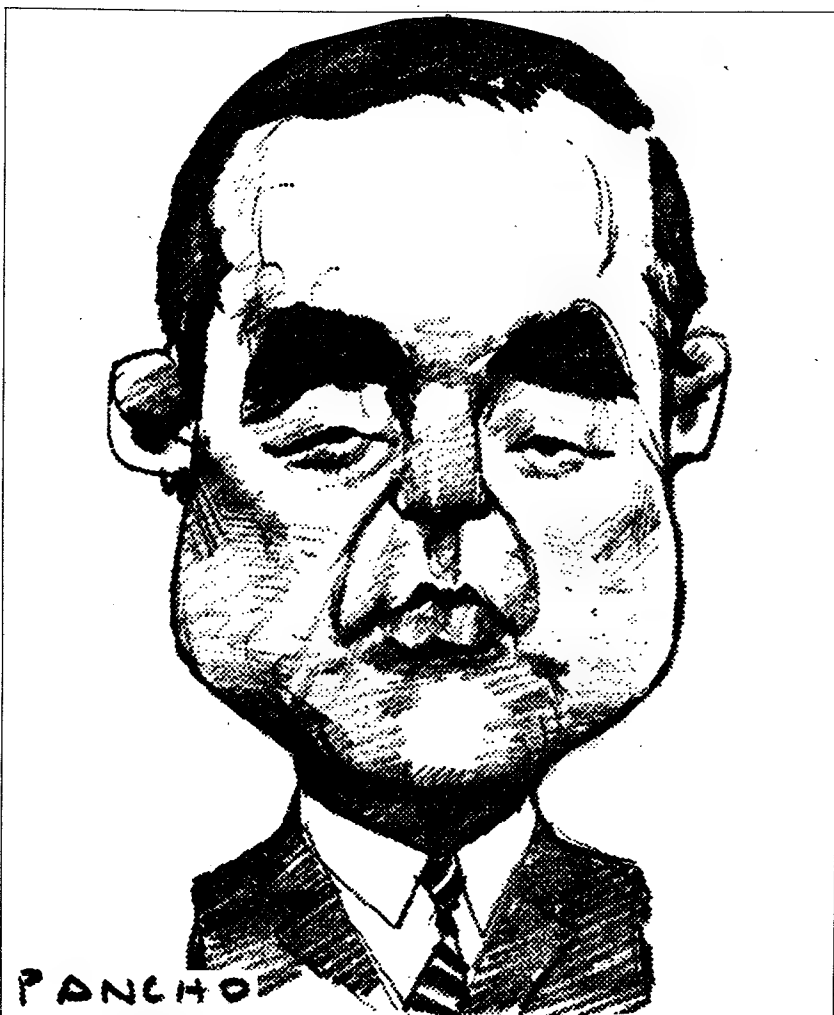
Temos para os nossos clientes vários projectos de vivendas, nos quais procuramos manter a harmonia, a qualidade e o tipicismo da urbanização.

Rua Dr. João de Deus, 30, 1.º-Esq.
Apartado 307 - 8503 Portimão Codex
Portugal
Telef.: (082) 23093



UMA ENTREVISTA COM O ANTIGO PRIMEIRO MINISTRO JAPONÊS

Se, na Europa, certos políticos têm tendência para minimizar o «crash» da Bolsa de 19 de Outubro, não é esse o caso do antigo primeiro-ministro nipónico, Yasuhiro Nakasone, que, de passagem por Paris, deu uma entrevista ao jornal «Le Monde». Com sessenta e nove anos de idade, elegantemente vestido, Nakasone, que dirigiu o governo nipónico de Novembro de 1982 a Novembro de 1987, parece espantosamente jovem. O seu ar é o de um homem que cultiva o autodomínio. Para o antigo primeiro-ministro japonês, que foi recebido por Mitterrand e por Chirac, o dia 19 de Outubro marca o fim de um período e o início de outro, cujos contornos ainda não estão definidos. Nakasone preconiza uma maior cooperação no seio do grupo dos Sete



A PONDERADA CONFIANÇA DE NAKASONE

—O que pensa da evolução provável da economia nipónica e da Bolsa de Tóquio?

— Posso dizer-lhe uma coisa: se houver uma nova derrocada financeira, ela não virá da Bolsa de Tóquio e isto por três razões importantes. A primeira é que o crescimento da economia japonesa será satisfatório porque, de futuro, a nossa actividade é estimulada pela procura interna. É o que se verificará durante o actual exercício (que termina a 30 de Março).

Durante esse período, a contribuição da procura interna para a formação do PNB (Produto Nacional Bruto) aumentou 5%, enquanto que a das exportações

diminuiu 1,2%. Resulta daí que, no seu conjunto, o crescimento económico será da ordem dos 3,8%. Isto dá uma base sólida à economia do Japão. A venda ao público das acções da grande sociedade de telecomunicações NTT forneceu ao governo um fundo de reserva da ordem dos 4000 biliões de ienes. Esta soma poderá, durante três anos, alimentar o programa suplementar de investimentos públicos.

Uma segunda razão para ter confiança na Bolsa de Tóquio — que, recorde-o, só baixou 14% em relação aos câmbios de antes do «krach», contra a média de 30% dos outros mercados — é

Continua na pág. 61

EVORA BRANCA Município limpo

Colabore! Deite o lixo no lixo
Ajude a Câmara a manter o Município limpo

CÂMARA MUNICIPAL DE EVORA

vida SOVIÉTICA

A SUA REVISTA MENSAL

• Elena Riauzova,
25 ANOS DE ESTUDO
DA LÍNGUA PORTUGUESA
• VOAREMOS PARA MARTE?

À VENDA
O NÚMERO
DE ABRIL



À CDL — Central Distribuidora Livreira
Av. Santos Dumont, 57 - 2.º — 1000 LISBOA — Tels.: 73 22 75 - 76 11 31

Decidi assinar a revista «VIDA SOVIÉTICA» • Preço de capa 70\$00

• 1 ano (12 n.ºs) - 300\$00 • 2 anos (24 n.ºs) - 450\$00 • 3 anos (36 n.ºs) - 600\$00

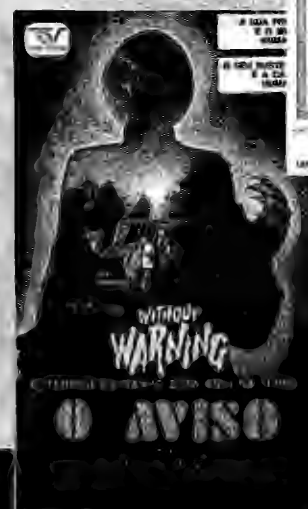
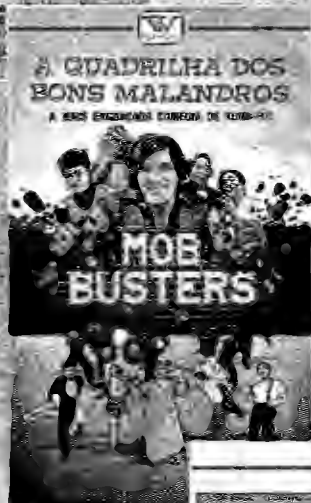
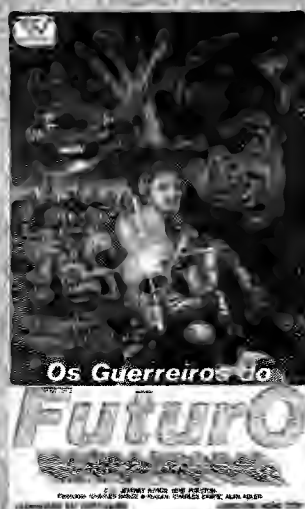
para o que envio, Cheque ☐ Vale de Correio ☐ no valor de _____

NOME _____

MORADA _____

TEL.: _____ Cód. Postal _____

NÓS PROPOMOS. VOCÊ DECIDE!



Av. Guerra Junqueiro, 12-A 1000 LISBOA Telefone 80 78 54 Telex 64993 P

UMA ENTREVISTA COM O ANTIGO PRIMEIRO MINISTRO JAPONÊS

NAKASONE



PANCHO

Continuação da pág. 59

que as sociedades japonesas são fortemente interdependentes, com muitas participações cruzadas do capital de umas no capital de outras. Trata-se de instituições que gerem a maior parte das acções. Se, no mês de Outubro, o mercado baixou, isso foi devido a vendas efectuadas por investidores estrangeiros. Estes, de resto, voltaram depois.

Quanto à terceira razão, é que as sociedades japonesas cotadas ainda oferecem perspectivas interessantes. Muitas delas possuem terrenos, cujo valor subiu muito. Ora os câmbios ainda não reflectem esse aumento de activos. Muitas empresas nipónicas têm assim um maior crescimento. Na medida em que, enfim, a estabilidade do dólar é uma ameaça sobre os mercados financeiros, podemos esperar um relançamento da cooperação neste domínio com os Estados Unidos, para a estabilidade monetária.

— *Quais seriam os efeitos de uma baixa da moeda americana?*

— O dólar é a única moeda verdadeiramente internacional no mundo, e o governo japonês considera como absolutamente prioritária a estabilização da divisa-chave. A última entrevista entre o presidente Reagan e o primeiro-ministro japonês Takeshita constituiu um progresso, na medida em que o comunicado co-

mun reconhece que hoje a descienda do dólar poria em causa o crescimento. Acrescenta ainda que os americanos estão conscientes de que uma baixa da sua moeda seria um factor de inflação e aumento das taxas de juro nos próprios Estados Unidos.

— *Dirigiu o governo do seu país durante cinco anos, de Novembro de 1982 a Novembro de 1987. Atingiu os objectivos que tinha fixado a si próprio?*

— Durante o meu governo fiz um saneamento da situação orçamental, que comportava a diminuição dos efectivos dos funcionários. Essa acção fora precedida por uma reforma administrativa geral. Também conto no activo da acção governamental a privatização dos caminhos-de-ferro nipónicos, da sociedade NTT, da companhia aérea JAL. Acrescento ainda a reforma da educação, cuja aplicação está em curso.

«Uma força de defesa não excessiva»

— *No estrangeiro acha-se que foi o primeiro-ministro japonês mais preocupado com a imagem do seu país no mundo. O que pensa dos resultados obtidos?*

— Efectivamente esforcei-me por fazer compreender aos japoneses que eles não deviam deixar-

-se fechar pelas suas tradições insulares; que não só se tornaram uma potência económica mas que devem ter o seu lugar no conjunto dos países ocidentais.

Foi com este objectivo que abrimos o mercado japonês e aumentámos a ajuda aos países em vias de desenvolvimento. Entre os esforços realizados, citarei a «reciclagem» do equivalente a 30 mil milhões de dólares, gastos em investimentos privados japoneses no estrangeiro. Acrescentarei a isto o aumento do auxílio propriamente dito, de 500 milhões de dólares, para os países mais pobres. De um modo geral, tenho a impressão de que o povo japonês compreendeu a mensagem.

— *O Japão, membro da comunidade ocidental, não deve tomar a sua parte do esforço de defesa comum? Pela primeira vez em 1987, o orçamento militar japonês ultrapassará 1% do PNB. Essa evolução deve continuar?*

— A Nova Constituição é de essência pacífica e isso deve manter-se. Resulta daqui que o Japão não deve dispor de meios de defesa excessivos. Para mais, estes meios devem limitar-se à defesa do nosso país. Dito isto, convém prepararmo-nos para as ameaças potenciais, tendo principalmente em conta os desenvolvimentos tecnológicos. Foi tomando em consideração este conjunto de

Continua na pág. 62

CÂMARA MUNICIPAL SESIMBRA

Somos uma Autarquia que constrói o presente virada para o Futuro. Desde há mais de dez anos realizamos dia-a-dia o Poder Local democrático.

Abrimos estradas, rasgamos caminhos, levamos água aonde ela é precisa. Servimos as nossas populações. Apoiamos colectividades e associações. Promovemos o desenvolvimento cultural.

Somos uma Câmara que aposta no progresso e no bem-estar dos seus munícipes.



CÂMARA
MUNICIPAL
DE SESIMBRA

ESTÉTICA E CABELOS



MARQUÊS DE POMBAL, 1
LISBOA

UMA ENTREVISTA COM O ANTIGO PRIMEIRO MINISTRO JAPONÊS

NAKASONE



Continuação da pág. 61

factores que decidimos lançar um programa de cinco anos para modernizar o nosso potencial de defesa.

Esse programa implicou a ultrapassagem da percentagem de 1% a que já fez alusão. Isso era necessário e foi criado com a aprovação do povo japonês.

Devo acrescentar que os acordos de segurança nipo-americanos têm um papel que se estende para além da defesa do Japão. Com a sua aplicação, este tratado contribui para o equilíbrio militar na região e, a este título, deve considerar-se que serve para a paz do mundo. Em resumo, o Japão acumula uma força de defesa não excessiva.

— Não impede que o seu país adoptou uma atitude das mais prudentes para assegurar a segurança da navegação no Golfo de onde partem 55% das importações nipónicas de petróleo. A acção do Japão continua muito discreta e não comporta, em particular, o envio de barcos de guerra. Essa atitude continua a ser justificada?

— O livre acesso ao Golfo preocupa-nos e mostrámo-lo. Foi assim que participámos na criação de instalações eléctricas nos países que cercam o Golfo. Foram firmas japonesas que instalaram sistemas DECA em certos países como o Omã. O Japão coopera,

através de um auxílio económico específico, para o desenvolvimento do sultanato de Omã e do Reino da Jordânia.

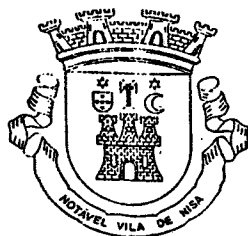
— Volto à sua obra governamental. Não acha que os pedidos formulados pelos seus parceiros ocidentais desde o desencadeamento da crise do dólar comprometem as medidas de saneamento que tomou, principalmente devido ao aumento das despesas orçamentais e das intervenções nos mercados de câmbios?

— As nossas decisões neste domínio decorrem dos empenhamentos que tomámos no seio do grupo dos sete. Desde a cimeira de Versalhes em 1982 até ao de Veneza no mês de Maio passado, a cooperação entre os sete fez progressos e foi no quadro dessa cooperação que se inscreve a nossa política económica. A cooperação não é uma coisa fácil. É certo que ela funcionaria melhor se os países participantes não tivessem tendência para pedir mais ao seu parceiro do que a si próprio.

— Acha que a cooperação, no que diz respeito à estabilização do dólar, foi um êxito ou um fracasso?

— Até ao «crash» da Bolsa de 19 de Outubro, a cooperação monetária foi um êxito. Pusemos de pé um sistema de câmbios flutuantes administrado, cujos resultados foram postos em causa pela

Continua na pág. 63



MUNICÍPIO DE NISA

NISA, no extremo norte do ALENTEJO tem o lendário rio TEJO como fronteira natural com a Beira Baixa

A peculiar situação geográfica do Concelho, ponto de encontro Alentejo — Beiras — Espanha, confere a esta TERRA BORDADA DE ENCANTOS aspectos muito particulares que se traduzem na riqueza do FOLCLORE, na singularidade dos USOS e COSTUMES, na variedade de cambiantes da sua oralidade, na beleza e originalidade do ARTESANATO, na especificidade da GASTRONOMIA TRADICIONAL, no espírito criativo e capacidade de participação do POVO...

VISITE O CONCELHO DE NISA!

APRECIE:

A OLARIA PEDRADA
OS BORDADOS
AS APLICAÇÕES EM FELTRO
OS ALINHAVADOS
OS XAILES PELO DE CABRA
OS TRABALHOS EM CORTIÇA E MADEIRA

SABOREIE:

O QUEIJO DE NISA
OS ENCHIDOS
O MEL
O AZEITE

FEIRA DE ARTESANATO E GASTRONOMIA DE NISA — 1988
4 A 7 AGOSTO



BARRIND / 88

EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL E COMERCIAL

18 DE JUNHO A 3 DE JULHO

BARREIRO

A realização da Barrind / 88 — Exposição Industrial e Comercial, representa, mais uma vez, o empenhamento da autarquia no sentido de proporcionar, aos agentes económicos do concelho e da região, uma amostra das potencialidades económicas actuais e suas perspectivas de desenvolvimento futuro.

De 18 de Junho a 3 de Julho, coincidente com as festas do Barreiro, na Av. Bento Gonçalves (Parque — zona verde — junto ao rio Tejo), vai decorrer mais uma vez o certame que permite um contacto directo com as grandes potencialidades industriais e comerciais da região do Barreiro.

Refira-se que após o primeiro contacto com os agentes económicos, e estando abertas as inscrições, verificaram-se já as primeiras adesões o que demonstra a apetência dos agentes económicos por este tipo de iniciativas.

As inscrições terminam no dia 10 de Maio.

Câmara Municipal do Barreiro

Rua Miguel Bombarda — 2830 BARREIRO

Telef.: 207 38 31/2/3/4/7 — Telex 43377 CMBARR P

UMA ENTREVISTA COM O ANTIGO PRIMEIRO MINISTRO JAPONÊS

NAKASONE

Continuação da pág. 62

«segunda-feira negra».

Mas hoje pode-se considerar que os governos tomaram consciência de que, para impedir novas crises nos mercados das Bolsas, convém evitar uma queda do dólar. Já aludi aos aspectos positivos do último encontro entre o presidente dos Estados Unidos e o actual primeiro-ministro japonês. Pode pensar-se que a situação actual poderá ser mantida. Em certos aspectos, o actual regime dos câmbios constitui um começo do sistema das «zonas de referência» destinado a limitar as variações de câmbios.

—A guisa de conclusão, faça-lhe uma pergunta sobre o seu actual papel na cena política japonesa desde o passado mês de Novembro... (Nakasone sorri a esta pergunta.)

—Eu sou, no seio do Partido Liberal-Democrata, o conselheiro supremo do primeiro-ministro Noburu Takeshita. No seio desse partido, o «clã Nakasone» compreende uns oitenta membros da Dieta. Na dupla posição de chefe de facção e de conselheiro do chefe do governo, contribuo para elaborar a política do nosso partido.



Quanto ao governo Takeshita, ele empenhou-se em continuar a política que foi a minha durante cinco anos. Quando ma pedem — o que de vez em quando acontece — dou a minha opinião sobre os assuntos pendentes do país. Eis o meu papel.



CÂMARA MUNICIPAL DE PALMELA

— Durante o corrente ano abrirão ao público mais dois equipamentos Municipais no nosso Concelho:

— A BIBLIOTECA e a PISCINA MUNICIPAIS

— Continuaremos a trabalhar e a lutar pelo desenvolvimento e bem estar das populações

PALMELA UM CONCELHO EM CONSTRUÇÃO



câmara
municipal



CARTAZ COMEMORATIVO DO 25 DE ABRIL – CONCURSO REGULAMENTO

- 1 – Podem concorrer, individual ou colectivamente organizados, com um ou mais originais, todos os cidadãos portugueses, excepto os elementos do júri.
- 2 – O original, ou originais, a apresentar serão em cartolina, com o formato 50 cm x 70 cm e nele(s) deverá constar a data comemorativa e o seu significado: 25 DE ABRIL – DIA DA LIBERDADE; igualmente, em rodapé, deverá constar o brasão e as palavras: CÂMARA MUNICIPAL DA AMADORA – 1988.
- 3 – Os originais concorrentes serão entregues no Edifício Municipal – DEC (7.º andar) até ao dia 8 de Abril (até às 12.30 horas).
- 4 – Cada original será assinado, no verso, por um pseudónimo e, juntamente, entregue numa carta lacrada tendo por fora o pseudónimo e dentro o nome próprio completo, morada e número de telefone.
- 5 – O júri será composto por:
 - O Presidente da CMA ou em quem ele delegue
 - Um Vereador
 - Um elemento do grupo ARTEVER
- 6 – Se considerar que os trabalhos concorrentes não possuem a qualidade exigida, o júri reserva-se o direito de não atribuir prémios.
- 7 – O júri reunirá dia 8 de Abril, às 14.00 horas, no Edifício Municipal, para apreciação dos trabalhos concorrentes.
- 8 – Será atribuído um prémio no valor de: 50 contos.
- 9 – Da decisão do júri não haverá recurso.
- 10 – Com a atribuição do prémio, consideram-se pagos todos os direitos de propriedade, ficando o trabalho vencedor património municipal, podendo a CMA dar-lhe a utilização adequada (cartazes, postais, autocolantes, etc.) tantas vezes quantas as que considerar necessárias.
- 11 – Para mais esclarecimentos contactar CMA DEC (telef. 494 2930).
- 12 – Todos os casos omissos serão resolvidos pelo júri.

Amadora, 22 de Março de 1988

O Vereador

GIRP

GABINETE DE IMPRENSA E RELAÇÕES PÚBLICAS
Gabinete de imprensa: 494 29 30 – Ext. 321 – Telex 40 104 CHAMAD P

A GUERRA DO

Pedro Lazaro



Há 20 anos, em plena guerra do Vietname e do movimento antibelicista nos EUA, muito poucos americanos, para além daqueles em serviço no país asiático, haviam visto um indochinês na sua vida, exceptuando os vietnamitas que surgiam nas informações televisivas. Esta situação alterou-se actualmente devido aos 800 000 ou mais indochineses que a partir de 1975 se estabeleceram nos EUA, fugindo das guerras do seu país. Hoje, formam a comunidade mais pobre dos EUA. Há três vezes mais indochineses no desemprego do que negros e quatro vezes mais do que os hispanos.

Estes refugiados são originários do Vietname, Laos e Cambodja, com claro predomínio de vietnamitas. A maior parte deles são já cidadãos americanos, ou estão prestes a adquirir essa categoria após terem cumprido os cinco anos regulamentares de residência no país.

O facto veio criar um fenómeno imprevisível: a formação de uma nova clientela eleitoral, votantes em potência cujo número irá crescendo a um ritmo quase três vezes superior ao índice de natalidade nacional.

Este recente interesse dos políticos pelos novos cidadãos americanos tem sido correspondido com o interesse cada vez maior destes pela política. Interesse que, por outro lado, é natural em pessoas cuja vida foi tão marcada pelas questões políticas. A primeira vaga de refugiados, cerca de 130 000, acompanhou os últimos americanos que saíram de Saigão — e do Vietname — em 1975. A segunda vaga, cerca de 680 000, começou a chegar após a tomada do poder no Cam-



CIDADE DA BEIRA-MAR EM MARÉ ALTA DE PROGRESSO

VISITAR

- **MATOSINHOS** — É ir ao encontro do agarrar da melhor qualidade de vida, desde o surto habitacional até à expansão industrial, sendo a **EXPONOR** a montra de Matosinhos, do **NORTE** e do **PAÍS** para o mundo.
- **MATOSINHOS** — Também é **TURISMO**: bonitas praias, piscinas, "courts" de ténis, parque de campismo, circuitos de manutenção, monumentos históricos, frondosos parques e uma gastronomia tradicional.
- **MATOSINHOS** — É uma cidade distinguida pelo **CONSELHO DA EUROPA**.

VULCANIZADORA ALGARVIA

de
Emílio Anino & Irmão, Lda.
25 anos ao seu serviço

- ◊ PNEUS DE TODAS AS MARCAS
- ◊ RECAUCHUTAGEM E VULCANIZAÇÕES
- ◊ ACESSÓRIOS PARA AUTOMÓVEIS

— AGENTE OFICIAL DE TODAS AS MARCAS DE PNEUS

Rossio de S. João, 5

Tel. 6 31 54

8600 LAGOS



SODIPEL

O MELHOR FORNECEDOR DE PAPEL DE JORNAL
A NÍVEL NACIONAL

A SODIPEL deseja as maiores felicidades aos que diariamente fazem o «Diário de Lisboa» na passagem do seu 67.º aniversário!

VIETNAME AINDA NÃO TERMINOU

bodja pelos jmer vermelhos de Pol Pot, aumentando em 1978 devido à invasão do Camboja pelo Vietname.

Os sipaios vietnamitas

Os da primeira vaga eram, na sua maioria, os sipaios vietnamitas dos EUA. Oficiais do exército de Saigão, altos funcionários do governo derrotado, executivos de empresas multinacionais, familiares de americanos destacados no Vietname e bastantes empresários que chegaram precedidos pelas suas contas bancárias, postas a salvo ainda a tempo. Estes primeiros refugiados constituíram prósperas comunidades vietnamitas. A maior parte tinha cursos superiores, falava bem inglês e manifestava uma grande capacidade profissional na sua adaptação à pátria adoptiva. O segundo grupo de refugiados, a esmagadora maioria, é já bem diferente.

Todos, ou quase todos, passaram por alguma experiência física ou psicologicamente traumatizante, desde os campos vietnamitas de reeducação a torturas ou prisões sob Pol Pot, ataques piratas a barcos de fugitivos, juntamente a roubos e violações. Um cliente da clínica psiquiátrica da Indochina, um natural do Camboja, viu os jmer assassinar 48 dos 49 membros da sua família. Ele é o único sobrevivente. Por outro lado, o estrato social destes refugiados é totalmente oposto ao dos da primeira vaga. A maioria era camponeses, pescadores, pequenos comerciantes ou funcionários. Quase nenhum fala inglês correctamente e alguns, após anos nos EUA, continuam a não o conseguir falar.

Soldados inadaptados

Um caso extremo deste sector são os mais de 70 000 montanhese do Laos, das tribos Hmong. Inicialmente arrancados da Idade da Pedra pela guerra, obrigados depois ao exílio devido à sua colaboração com os norte-americanos na mes-

Continua na pág. 66



LIVRARIA PAPELARIA ALEIXO

BRINDES DE CASAMENTO • BRINQUEDOS
• MATERIAIS PARA DESENHO TÉCNICO, ETC.

DEPOSITÁRIO DA IMPRENSA NACIONAL
CASA DA MOEDA

RUA ATAÍDE DE OLIVEIRA • TEL.: 6 24 25
ARMAZÉM • TEL.: 6 41 26

LOULÉ

COOPERATIVA AGRÍCOLA DO CONCELHO DA FIGUEIRA DA FOZ

AO SERVIÇO DA LAVOURA DO CONCELHO

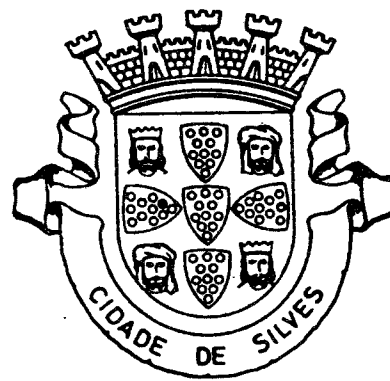
- ADUBOS
- PESTICIDAS
- HERBICIDAS
- SEMENTES
- RAÇÕES
- MAQUINARIA AGRÍCOLA

SEDE:
RUA DA REPÚBLICA, 28
TELEFS. 24926 - 22902

3080 FIGUEIRA DA FOZ

Silves

UM
MUNICÍPIO
NA
SENDA DO PROGRESSO



CÂMARA MUNICIPAL DE SILVES

TELEFS. 4 23 25 — 4 22 94 / 8300 SILVES



A guerra do Vietname ainda não terminou

Continuação da pág. 65

ma, estes guerreiros tribais são os que pior se adaptam ao «sonho americano». Numa comunidade Hmong de cerca de 20 000 membros, estabelecida em Fresno, na Califórnia, dois terços vivem em situação de extrema pobreza e os restantes sobrevivem graças aos fundos de desemprego ou de segurança social.

Contudo, os filhos destes refugiados registam níveis normais nas escolas, aprendem rapidamente o inglês e não parecem ter dificuldades de adaptação maiores que qualquer grupo de americanos de primeira geração. Nos núcleos mais evoluídos da imigração indochinesa, os níveis de interesse pela política estão já a aumentar. Um destes núcleos foi o primeiro a reunir 40 000 dólares para apoiar uma candidatura presidencial, a do governador do Massachusetts, Michael S. Dukakis.

O interesse dos EUA pelo Vietname é uma ferida aberta que ainda não sarou. Embora os dois países não tenham relações diplomáticas — pois os EUA recusam-se a estabelecer enquanto o Vietname mantiver a sua presença militar no Camboja — os contactos são numerosos e sempre na mesma direcção: este — oeste. Num período de duas semanas três delegações do Congresso dos EUA visitaram Hanoi, bem como dois outros grupos de trabalho: uma missão de ajuda humanitária e outra de busca de restos de alguns dos 1770 soldados americanos MIA (Missing In Action, ou seja, Desaparecidos em Combate) desaparecidos durante a guerra.

Os refugiados indochineses nos EUA parecem manter as suas tradições originais. Os drogados e os alcoólicos são quase inexistentes, tal como divórcios ou mães solteiras. Por outro lado, estes refugiados são apreciados pelos seus bons modos, dedicação ao trabalho e coesão familiar.

Soliloquio

Rogério Garcia Perez. El Terrible Perez. Um nome que ficou para a história do «Diário de Lisboa», onde escreveu durante mais de cinquenta anos, desde a fundação do jornal até que, vencido pelos anos, muitos, as forças lhe faltaram.

El Terrible Perez. Só porque um dia assim o começaram a tratar por graça os amigos, a darem-lhe o nome do conquistador que fazia de protagonista duma zarzuela; nome que ele adoptou, usava-o na assinatura das críticas taurinas do «Diário de Lisboa», do seu jornal de sempre. «Do meu querido 'Diário de Lisboa'», com ele escreveu, ufano por ser o autor da primeira crítica de touros saída neste jornal, semanas depois de iniciada a sua publicação, e antes do ingresso definitivo no quadro da redacção, a 2 de Abril de 1923. E mesmo depois da reforma, ocorrida em 1960, aqui continuou a colaborar, até que em 1972 a idade o afastou das praças, deixou-o a sós com suas recordações.

Não foi apenas crítico taurino. Enviado pelo «Diário de Lisboa» a missões de relevo em Espanha, como a entrevista a Alcalá Zamora, em 1934, e as reportagens das eleições de Fevereiro de 1936, e depois, em

Agosto do mesmo ano, da guerra civil. Mas foi no campo da festa brava que Rogério Perez se destacaria, entre os críticos portugueses de todos os tempos, como aquele que mais por dentro viveu as entranhas do mundo taurino, e mais conhecido se tornou das figuras grandes do seu tempo, até para padrinho de casamento o escolheram matadores famosos, os sevilhaníssimos Pepin Martín Vázquez e Manolo González, e outro que em Sevilha podia ter nascido, o Francisco Mendes.

Partidário da corrida integral, não se ficou por defendê-la com a pena, montou aquelas que se efectuaram em 1933 no Campo Pequeno, touros de morte com cartazes de luxo, primeiro os Infante da Câmara para Nicanor Villalta e Marcial Lalanda, e na seguinte os Pinto Barreiros para Marcial, Armillita e Ortega, fora os peões famosos das quadrilhas, como Magritas e Rafalillo.

Crítico apaixonado por seus

NASATOUR

FEIRA DE SEVILHA

COM AUTOCARRO OU SÓ HOTEL

HOTEL NO CENTRO DE SEVILHA

PARTIDAS

13/17 Abril

17/21 Abril

21/25 Abril

RESERVAS LIMITADAS

INFORMAÇÕES E RESERVAS:



NASATOUR — Viagens e Turismo

Rua do Alecrim, 111 - 1.º Dt.º

1200 LISBOA

Telefs.: 324403 / 21 / 94 - 367522

Telex 44557

TINTAS SCHMIDT

A QUALIDADE ALEMÃ FABRICADA EM PORTUGAL

TINTAS E ADITIVOS PARA:

OFFSET — Folha-a-folha

OFFSET — Bobina c/e sem estufa

TIPOGRAFIA

FOLHA DE FLANDRES

FLEXO E ROTOGRAVURA

A SUA ESPECIALIDADE É IMPRIMIR?
A NOSSA É FABRICAR TINTAS DE IMPRESSÃO
PODEMOS TRABALHAR JUNTOS! CONTACTE:

LINDNER PORTUGUESA, TINTAS SCHMIDT, LDA.

REPRESENTANTE EXCLUSIVO EM PORTUGAL:

● PRODUTOS VARN

● SUPER-BLUE

● CAUCHUS PERFECT-DOT

APARTADO 32 - 2806 ALMADA CODEX

☎ 276 54 75

EL TERRIBLE PEREZ



toureiros, dizia-se «gallista», pois para ele era Rafael El Gallo o mais artista de todos, e José, seu irmão, de todos o maior. Mas nem por isso deixava Rogério Perez de manter o tom nos seus juízos, sempre mais contemporizador do que agressivo, não podiam os toureiros culpá-lo de seus apagamentos, com ditos e filigranas disfarçava o amargo do que não deixava esperança, e às vezes não merecia perdão. «El Terrible Perez», sim, mas terrível não era, nem

buscava ser.

Nasceu em Lisboa, na Rua Passos Manuel, à Estefânia, em 8 de Junho de 1890; e marcado ficou para os touros logo no dia do baptismo, onde teve por padrinho o primeiro farmacêutico da praça do Campo Pequeno, de quem seu pai foi ajudante. Daí que certo dia, estando na enfermaria, lhe tivessem posto nos ombros de menino a jaqueta de um toureiro que estava a ser tratado: só que esse toureiro era nada menos que Guerrita. E o

menino lembraria ainda, noutra das vezes em que o grande maestro de Córdoba veio a Lisboa, o entusiasmo do público, voltado para o camarote real, a pedir a Don Carlos que mandasse a lei às urtigas, e deixasse Guerrita rematar com a espada sua faena que terminara sentando-se no estribo, tocando as hastes do touro.

Recordações da infância de Rogério Perez eram também a sua entrada na igreja de Arroios

quando morreu o popular bandarilheiro José Peixinho, e em toda a cidade se fez luto; e a admiração com que via Jorge Cadete subindo para a tipoia que havia de o levar à praça. Mais tarde, o desgosto da mortal colhida de Fernando Oliveira ajudou-o a trocar os touros pelo Teatro, por uns tempos foi actor, até regressar à primitiva paixão, feita mais acesa ao assistir à sua primeira corrida em Espanha, na praça de Badajoz, e logo com Rafael El Gallo no cartaz. Aí terá Rogério Perez sentido a diferença para a tourada portuguesa, dos touros embolados ou serrados, e mortos depois no matadouro.

Assim, tomado o gosto pela corrida de touros de verdade, faz-se testemunha de tardes históricas, como aquela de 1914 em que Gallito matou em Madrid os seis touros de Martinez; e, noutra corrida a sós, viu José cortar a primeira orelha na Maestranza, e dele recolheu emocionado o autógrafa, que veio a publicar na primeira página do «Sol e Sombra», de que Rogério Perez foi director no ano de 1916. Com o colosso de Gelves andou depois muitas tardes, como naquela de Salamanca em que levou na quadriha o Daniel do Nascimento, que fazia, com Custódio Domingos e Joaquim Moça, a trindade preferida de

«El Terrible Perez» entre os bandarilheiros portugueses de então; com Joselito tourearia «al abimon» em certa tarde de tenta na ganaderia de Alves do Rio. Mas também amigo se fez de toureiro bem mais modesto, Alejandro Saez, o pequeno e valente Alé que todo o Portugal conheceu, aqui viveu seu ocaso, já velho bandarilheiro e arrimava-se no Campo Pequeno a tourear à verónica, lembrando os tempos ardorosos em que, caminho da alternativa, até da Monumental de Madrid saíra em ombros.

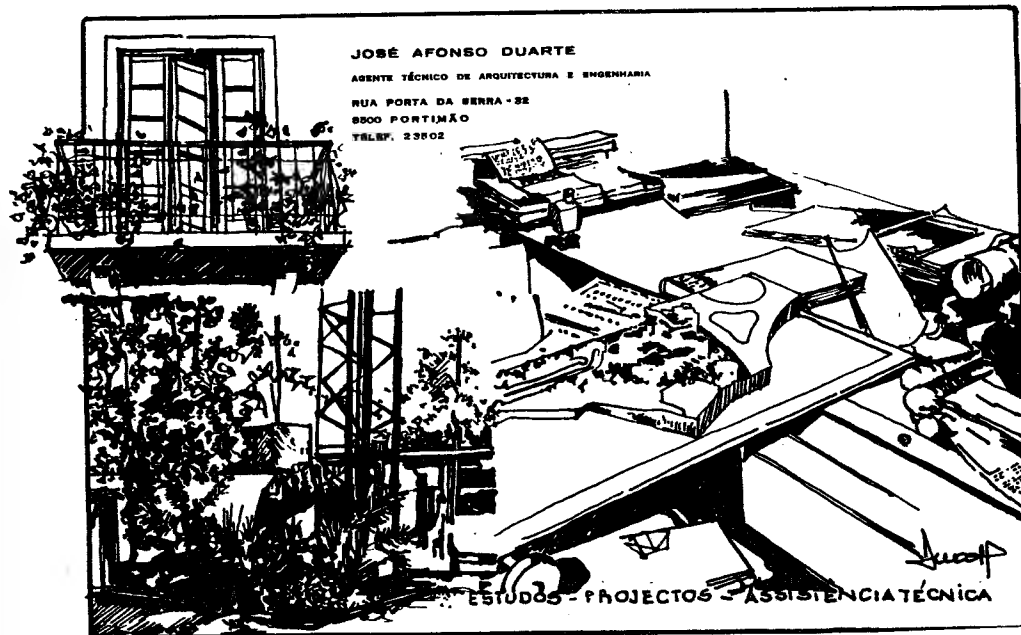
Poupado a assistir à morte de Gallito em Talavera, 1920, na praça de Madrid estava dois anos depois, nesse dia trágico em que o touro «Pocapena», do duque de Veragua, destroçou a cabeça de Manolo Graneco, cortou para sempre a esperança que chegava de Valência. Mas não se interrompe a trajectória de Rogério Perez: três anos andou por todas as praças de Espanha com António Cañero, feito homem de confiança do célebre centauro cordovés, que a cavalo enfrentava os touros íntegros que sorteava com os matadores.

Para o «Diário de Lisboa», entrevistou Juan Belmonte; e num jantar que o fado prolongou, ouviu a fabulosa proposta do empresário Pagés, meio milhão por vinte corridas! E já de

madrugada, descendo o Chiado com Belmonte, foi testemunha da indecisão do fenómeno em aceitar a proposta, e assistiu depois à prova que Juan quis fazer em segredo, para ver se estava em condições de regressar às arenas.

Viajou com Ricardo Torres Bombita. Privou com Fuentes, fez anunciar numa novilhada em Córdoba o que havia de ser o genial Cagancho. Viu Manolete subir aos píncaros. Fez a primeira entrevista a Pepe Luis Vasquez, quando ainda andava de alpargatas a ajudar o pai no matadouro de Sevilha. Conheceu como poucos o mundo taurino, dos famosos aos modestos. Escreveu da festa de touros com o conhecimento, profundo, e com a alma, apaixonada.

Foi a enterrar no domingo de Páscoa de há oito anos, quando no Campo Pequeno ondulavam festivas as bandeiras para a inauguração de mais uma temporada, e já do Abril sevilhano se anunciavam os cartazes. A Rogério Perez não voltaria a alegria de esperar a meia verónica de Curro Romero nessa feira de Sevilha a que não sabia faltar, contar dela nestas páginas do seu «Diário de Lisboa», que anos e anos recolheram, pela sua pena, a história do toureiro que com o jornal ia acontecendo.



SOTRACA

SOCIEDADE TRANSPORTADORA DE CAMIONISTAS ASSOCIADOS, LDA

- BASCULANTES PARA CARGAS A GRANEL
- CONTENTORES E CARGA GERAL
- FROTA EQUIPADA COM AUTO-RÁDIO

TRANSPORTES PARA TODO O PAÍS

SEDE:

Av. Estado Índia, 31
☎ 251 7370-251 7470
2685 SACAVÉM

NOVAS INSTALAÇÕES
Rua de S. Tomé, Lote 6 - 2.º Esq./Dt.º
PRIOR VELHO
2685 SACAVÉM



**apostamos na riqueza do nosso
património e na história da
nossa cultural, para construir o
futuro do nosso concelho.**

Câmara Municipal de Mértola

O HOMEM DA CAMISA BRANCA

Neves de Sousa

O garoto ficou-se por ali, de boca espantada, mirando o gancho suspenso do cordel enorme, do cordel que subia para o céu com montes de papéis ou livre e airoso como o vento, sem compromissos. Na moldura de mosaicos, nos desenhos de Stuart, a escada lá para o alto era a única coisa que importava agora.

A ordem veio. E o garoto entrou na sala pejada de bulício. Serpenteou para a esquerda, até lá ao fundo. Pegou na carta e entregou-a ao sujeito de camisa branca, ao sujeito que (nesse instante pequenino do mundo) era todo o próprio Mundo ao sujeito sorridente e feliz que (gulosamente) parecia pendurado de um charuto enorme: e ali estava, na frente, como o sol no bater da madrugada.

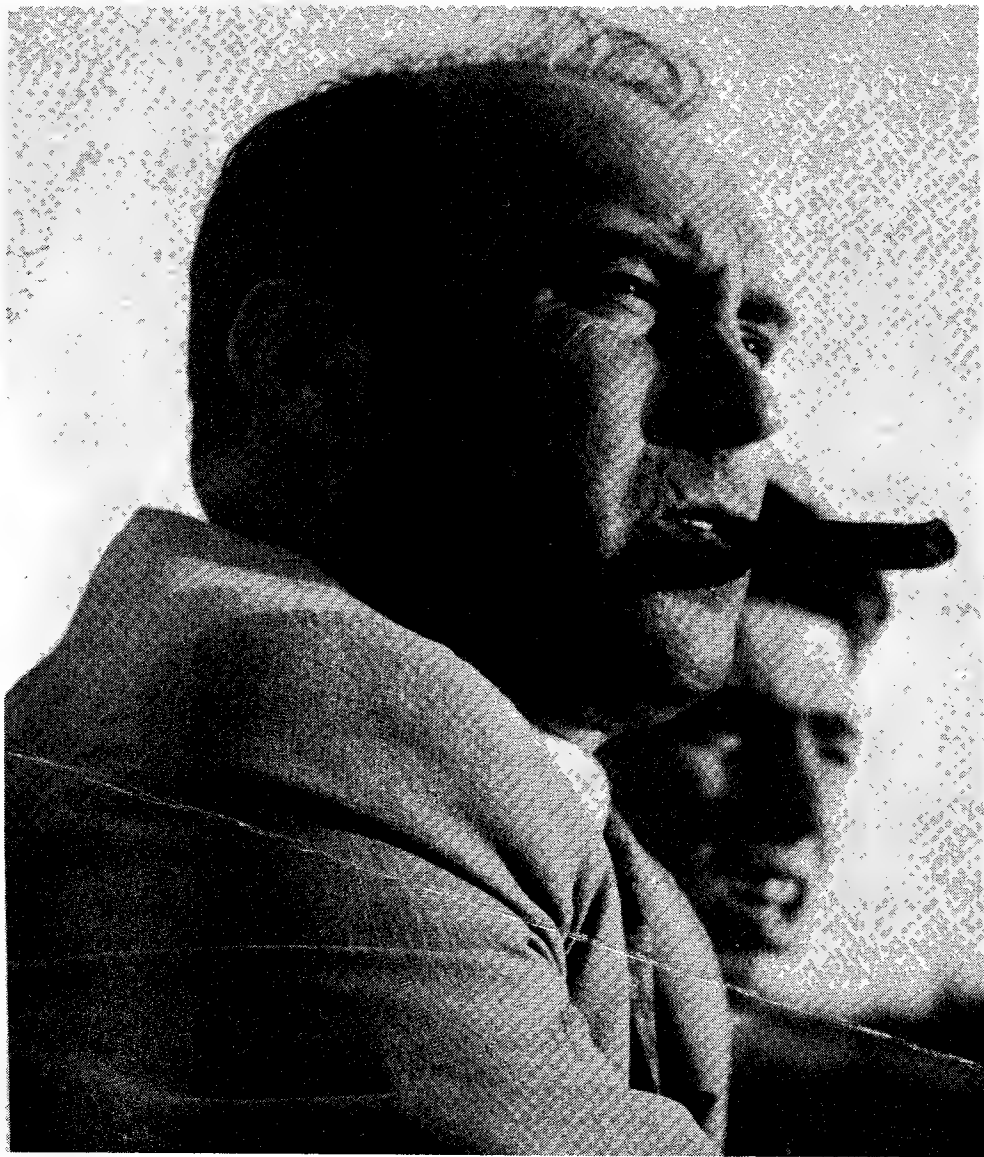
Os olhares foram tudo. O sujeito agarrou na caneta, na companheira de insónias e batalhas: e debruçou-se sobre a secretária. A certa altura, passou a mão pelo rosto do garoto e disse qualquer coisa para o colega do lado direito. O miúdo virou a cara e notou uma revista poisa-

da sobre a mesa: era a «Esfera», capa castanha reflectindo o brilho loiro de um carro de combate esvoaçando entre poeiras. Fiquou um nome e agradeceu: «muito obrigado, sr. Félix». Depois, apertou a mão do outro sujeito (o da camisa branca) disse adeus a toda a gente e tornou à escada dos azulejos malandros, dos bonequinhos patifes que ali passavam o calendário a gozar a paródia de um gancho com papéis, no sobe-desce que era a sua vida.

Quando chegou à Baixa, o garoto espreitou ansiosamente o «Diário de Lisboa» dessa tarde rosa e verde, bem o esperava. Na terceira página, por debaixo de uma fotografia de Laura Alves, a notícia: «Apelo para um

estudante pobre». Leu-a duas vezes só para si: e muitas para a mãe: «Procurou-nos hoje um pequeno que, com as lágrimas nos olhos, nos pediu para recolhermos os fundos necessários para se matricular no 3.º ano do liceu. É órfão de pai e a mãe tem trabalhado rudemente para o sustentar e cumprir a promessa que fez ao marido, na hora do adeus: fazer do pequeno um homem. Infelizmente, a vista dela começou a baixar e teve de sair das casas onde trabalhava porque já não enxergava os objectos. O pequenito é um estudante de notável aplicação. Tem onze anos incompletos e, até aqui, foi protegido nos seus estudos por um organismo de caridade que, por falta de verba, encerrou as suas portas. Recomendamos, calorosamente, este caso à generosidade dos nossos leitores. A criança é tão simpática, tão

Continua na pág. 68



Tavares da Silva e este modesto escriba: Jamor, primeira vitória do futebol português sobre a Espanha, com o jornalista-seleccionador pendurado no seu eterno charuto

**VESTUÁRIO EM CABEDAL
COM AS MELHORES PELES
A PREÇO DE FÁBRICA**



CONFECCÕES STAHL, LDA.
AV. MARQUÊS DE TOMAR, 68-1.º, ESQ.
☎ 77 11 58 - 1000 LISBOA



Sociedade de Papelarias

ARTEX LIMITADA

Capital Social 25 000 000\$00
Conservatória Registo Comercial de Lisboa
Matrícula n.º 18180
N.C. 500267618
Armazenistas e Retalhistas de Papéis
e Artigos de Escritório
Artigos para brinde
Galeria de Arte
Sempre com exposições

Rua Nova do Almada, 85-87 - Lisboa

Telefone: 36 09 28



**VIDEO STAR
CLUBE VIDEO**

Campanha dos 2.000 Sócios

10% desconto na inscrição

3.000 filmes ao seu dispor

CENTRO COMERCIAL DRUGS

AV. CHABY PINHEIRO, 25 - LOJAS 4-5-6 e 15

TELEF. 9216785

2725 MEM MARTINS

LORILLEUX INTERNATIONAL

Este jornal foi impresso com tintas

LORILLEUX INTERNATIONAL



precocemente inteligente, que bem merece que o seu sonho se converta numa realidade. Todos os donativos devem ser dirigidos à Administração do «Diário de Lisboa».

No dia seguinte, o sonho continuou: «Tem 11 anos, ânsia de estudo e vai para o 3.º ano. Assim é o estudante, pobre, órfão de pai, apenas com o amparo da sua mãe que, por a vista lhe faltar, tem dificuldade em arranjar casa para prestar serviços. Fino como o coral, inteligente e aplicado, que não pode matricular-se por falta de dinheiro.

«Mas, ainda há almas boas neste mundo. O pequeno continuará, por certo, a estudar, graças à generosidade dos nossos leitores. Os primeiros donativos indicam que a história deste rapaz, que nasceu pobre mas rico de vontade e inteligência, calou fundo no coração da gente boa.»

E, quase no rodapé da notícia, nota dos primeiros donativos recebidos. Em dinheiro e em palavras belas: «esse rapazinho que não desista. A persistência é a vitória».

O garoto continuou, vinte e quatro horas mais tarde, a folhear o seu jornal. Lá vinha:

«As almas caridosas, principalmente aquelas que conhecem os tormentos da vida e o que representa esta situação de um pobre estudante desprotegido da sorte, de 11 anos, já no 3.º ano, vivo, inteligente e aplicado, querer matricular-se e não ter dinheiro para o fazer, estudar por livros emprestados, ter dificuldade em comprar um caderno de apontamentos, apiedaram-se. Há, assim, a certeza de que o pequeno académico se matriculará, continuando os estudos para os quais mostra decidida vocação. O rapaz e sua mãe, que quase não pode trabalhar por falta de vista, não cabem em si de contentes. Há lágrimas de alegria e reconhecimento nos seus olhos. Bem hajam, todos.»

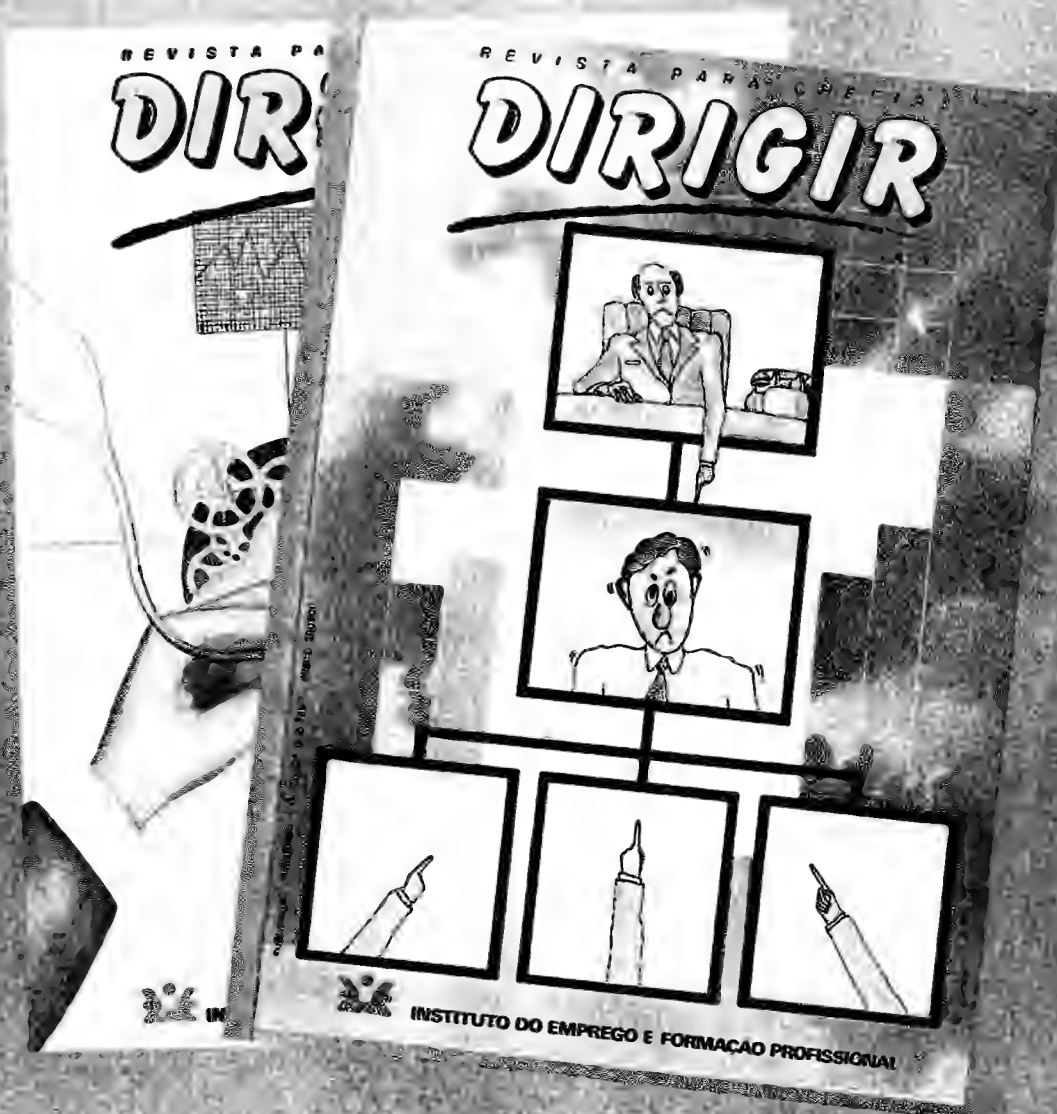
Foi assim, dias a fio, nesse Setembro de 1941. Muitas vezes mais o garoto voltou a subir a escadinha estreita em que os mariolas dos azulejos e o patife do gancho na pontinha do cordel dançavam, dançavam. O sujeito da camisa branca e do charuto-chaminé mostrou o garoto a outro sujeito, mais grave e que ria menos, mas que lhe pegou pela mão e o levou até sua casa, na Rua de Ponta Delgada, onde havia um «Alsácia» enorme e lindo que passou a ser (por um bom par de anos) companheiro de estudo e de correrias, tó-cá, tó-lá com o garoto. Até que a sopa estivesse comida ou a lição de francês bem aprendida. Que o

Continua na pág. 70



INSTITUTO DO EMPREGO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL

PARA QUEM PRECISA DE **DIRIGIR...**



HÁ UMA REVISTA...

FICHA DE INSCRIÇÃO GRATUITA

Nome _____
 Função _____
 Empresa _____
 Morada _____ Código Postal _____ Localidade _____
 Envie este Fichê ao Instituto do Emprego e Formação Profissional
 Apartado 8238 1803 Lisboa Codex

D. L.

**SE AINDA NÃO RECEBEU A SUA
 EMPRESA ENVIE-NOS
 COLADO NUM POSTAL
 ESTA FICHA DE INSCRIÇÃO**

Visão-FILMES

SEXO NA CASERNA

Kelly Nichols
with J.T. Ambrose
Joanna Storm
Jade East
and Cheryl Champagne
Sharon Kane

PRONTAS E
FISICAMENTE BEM
PARA SERVIR!

HARD CORE
T'ESCALAO

Maiores de 18 anos

2084 CRIMES SEXUAIS

STARRING
COLLEEN BRENNAN
SHERI ST. CLAIR
HARD CORE
T'ESCALAO

Maiores de 18 anos

SMOKER

A Scorchier!
GESTOS
INTERDITOS

HARD CORE
T'ESCALAO

VERONICA ROCKET
SHAWN MITCHELL
PI MAIORES BRANCOS
JOANNA STORM - DIANA SILVA
JADE EAST - JONAS TESSA - GARY CHRISTOPHER - TONY TONARDO - CERRY CARRELL

THE BLACK ANALYST

ANALISTA NEGRO

NOITES de Emmanuelle Negra

com LAURA GEMSER



Visão-FILMES

Rua Santa Marta, 21-1.º Dt.º
Tels. 53 07 36 - 53 28 67 - 1100 LISBOA PORTUGAL

O homem da camisa branca

dr., o dr. Joaquim Manso, so então deixava aberta a porta para o jardim.

A vida desencaminhou o garoto dos bons amigos do «Diário de Lisboa». E passaram muitas luas, e correram muitas águas, e fugiram muitas estrelas. O garoto passou a vestir calças, substituiu o laço pela gravata: e perdeu a ingenuidade, ganhando vícios. O de ir à bola, por exemplo. E ali voltou a estar ao lado do sujeito de camisa branca e do charuto enorme, do charuto gigante que não havia meio de ficar pequenino. Falaram muito: e por muitas vezes. Riram, beberam, viajaram: juntos choraram vitórias, juntos perderam derrotas.

As folhas tornaram a cair das árvores. Os homens tornaram a crescer: e o rapaz envergonhou-se dos pelitos da barba e passou a falar com outros homens. Duro. Com navalhas no olhar que alguém escrevera pertencer a «garoto fino como coral». Conquistou carta de alforria e foi por esses mares, até às Índias.

Voltou, três anos vencidos: e soube que o charuto enorme, enorme, do sujeito da camisa branca, já não deitava fumo. E que o sujeito da camisa branca estava doente, sem remédio e sem esperança. Cinco ou sete dias retardou o momento que sabia ser o último. Lá foi, a casa do sujeito da camisa branca, para ficar assim, hirto e domina-

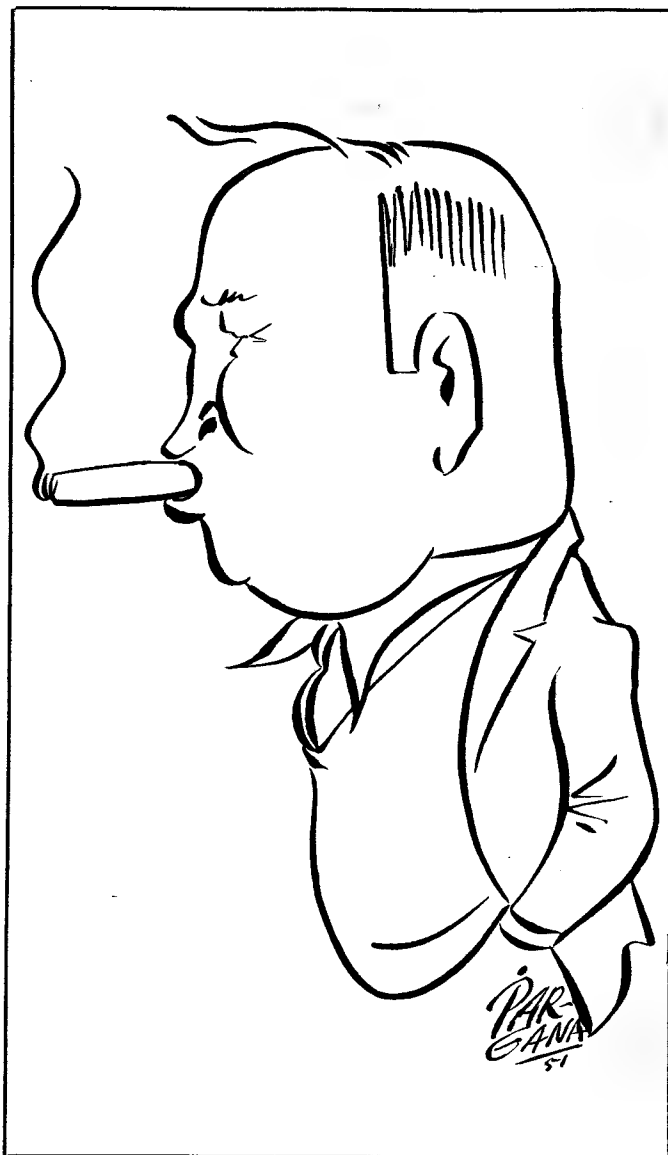
do, atônito, encostadinho à cama, sorvendo em mudez as palavras que ninguém dizia.

Era uma cama muito branca, branca como a alma do sujeito da camisa branca, que já não se pendurava no charuto enorme, que parecia uma chaminé. A esposa aconchegou-lhe os cobertores. O silêncio tinha o peso do chumbo, a tombar muito frio, muito frio. Chegaram água aos lábios secos do sujeito da camisa branca, da mesma camisa branca de muitos verões deixados no lixo. Então, ele mirou bem. Bem, os olhos do garoto pobre e órfão e disse para a senhora que ali estava, como sentinela, na última tarde do sujeito da camisa branca:

— Uma das poucas obras boas que eu fiz na minha vida...

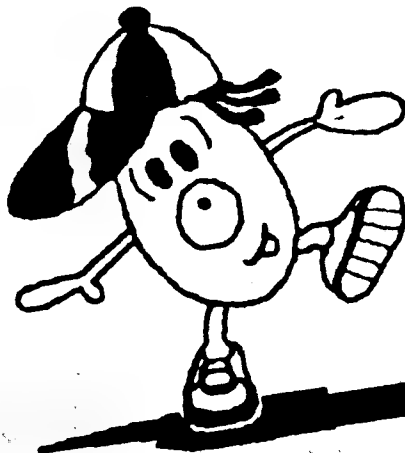
A mão do garoto ficou presa nas suas. Recolhida. Sem mais. Só a pele do sujeito da camisa branca, uma pele prodigiosamente amarela, bailava nas lágrimas do garoto pobre, mais pobre nessa última tarde. Saiu dali com um último olhar, cheio de agradecimento, de gratidão, prehe de um obrigado que nada nem ninguém esmagaria. Um olhar que o garoto só iria oferecer outra vez na sua vida.

Foi isto que o garoto pobre e órfão contou há instantes: só para mim (que sou ele próprio) trouxe-me de novo Tavares da Silva.



DISCOTECA

Hey You!



DISCOS

CASSETES

VÍDEO CLUBE

VÍDEO JOGOS

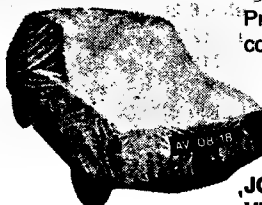
COMPACT DISC

TRAVESSA VASCO DA GAMA
8600 LAGOS

EDIFÍCIO PANORAMA
☎ 6 37 49

SR. AUTOMOBILISTA COLOQUE A GARAGEM NO SEU AUTOMÓVEL

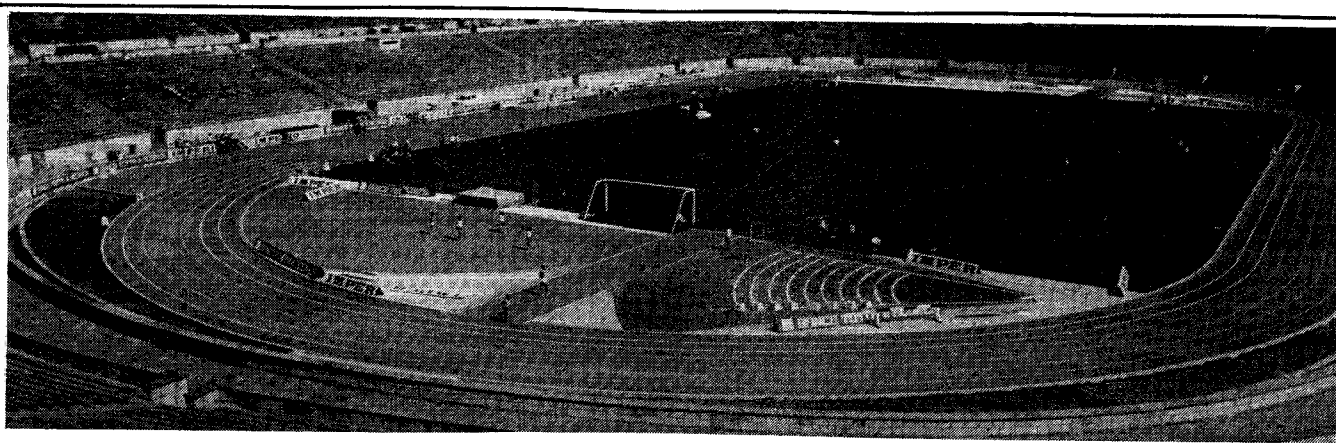
Proteja-o com uma cobertura (Gónia) as únicas coberturas totalmente cosidas e vulcanizadas em todas as costuras com matrícula gravada e feita por molde certo.



DAMOS ASSISTÊNCIA ÀS COBERTURAS DO NOSSO FABRICO
Casa Fundada em 1974

PEÇA AMOSTRAS E PREÇOS • ENVIAMOS PARA TODO O PAÍS • ESCRVA HOJE PARA:

JOAQUIM EZEQUIEL LDA. - R. Filipe de Magalhães, 14-A - Bairro Novo • Tel.: 208 06 13 (Rede de Lisboa)
Vila Nogueira de Azeitão - 2925 AZEITÃO



SISTEMA DESPORTIVO: UMA INOVAÇÃO, UMA POLÉMICA

Viegas Gomes

À semelhança do processo seguido com a educação, o Governo acaba de apresentar para discussão pública, uma proposta de lei de bases do sistema desportivo.

O desporto português vê assim e pela primeira vez consagrado um importante instrumento de trabalho sem o qual não é possível, num futuro breve, pensar e conceber qualquer política de desenvolvimento.

Se cada desporto tem a sua historicidade, não nos podemos negar a afirmar que a proposta agora apresentada representa o cúmulo, o remate, de um longo trajecto que vai do improvisto ao sistema e no decurso do qual o desporto nacional viu transformada e enriquecida a sua realidade sociológica, consagrado

na Constituição o direito de qualquer cidadão à prática desportiva, consignada a responsabilidade do Estado na formação inicial desportiva da juventude, chegarem novos agentes e novas formas, produto do pluralismo e do direito à diferença de raiz bem democrática.

Pela primeira vez, e já não sem tempo, o desporto português ganha o pretensio significado funcional do sistema.

Pela primeira vez o sistema é referido como resposta à preocupação social que a gestão dos recursos desportivos há muito motivara. A proposta de lei de bases do sistema nasce assim como consequência e como resultado da problemática teórica, social, em volta do que é hoje o desporto nacional.

Mas o sistema, sendo inicialmente, como afirmámos, um acto e uma resposta de carácter social, de responsabilidade ati-

Continua na pág. 72

GIBEL

O SEU CABELEIREIRO

DEPILAÇÕES
CERA e ELÉCTRICA

CALÇADA DO SACRAMENTO, 38

LISBOA

TIPOGRAFIA

GRÁFICA CENTRAL ALGARVIA, LDA.

Rua Mouzinho de Albuquerque, 37

☎ 22887

8500 PORTIMÃO

videtra

VIDREIRA DE SINTRA, LDA.
FABRICANTE DE VIDRO DUPLO-TERMOISOLANTE

- Fornecimentos à Construção Civil
- Vidros lisos
- Impressos
- Telhas e Tijolos de Vidro
- Espelhos de todas as qualidades

ARMAZÉM E ESCRITÓRIOS:

Chancuda — Ranholas

LQJA: R. Dr. Alfredo Costa, 50

FÁBRICA: Chancuda — Ranholas

☎ 923 39 52

☎ 923 10 36

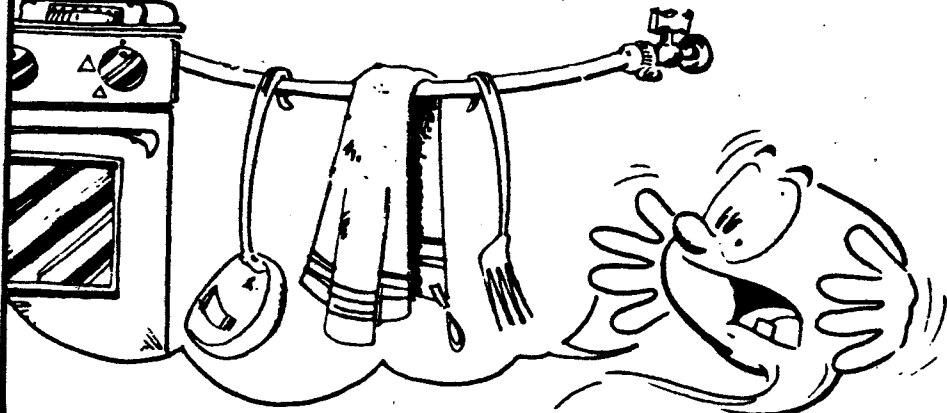
☎ 923 42 66

COOPERATIVA DE CONSUMO 3 DE MARÇO UNIÃO PIENSE, C.R.L.

**MERCEARIAS, CARNES, FAZENDAS
ELECTRODOMÉSTICOS E MOBÍLIAS**

Rua da Cooperativa, 4 — Telef. 55170 — 7855 PIAS

Não pendure nada nos tubos do gás.
Cumpra as minhas regras de segurança.



DGE / CAMPANHA DE SEGURANÇA NA UTILIZAÇÃO DE COMBUSTÍVEIS GASOSOS



**SOCIEDADE
DE
ROLAMENTOS, LDA.**

ROLAMENTOS CÓNICOS TIMKEN
ROLAMENTOS E CHUMACEIRAS RHP
CARTÕES, EMPANQUES E HIDRÁULICOS JAMES WALKER

Sede:

Rua de Sarmiento de Beires, 98/108 — Porto
Telef. 6 20 48 — 6 20 49 — 6 20 40 — 69 05 80

Telex 22423

COIMBRA — APARTADO 135

3002 COIMBRA CODEX

TELEFONES — 29025/6 — 20189

TELEX 52299 — SRLCP

LISBOA — Rua da Cintura do Porto de Lisboa, Arruamentos da Matinha
Rua 2 — Armazém A1
TELEF. 385871/5
TELEX 16 581 / TELEFAX 385507
APARTADO 8162
1802 LISBOA CODEX

SISTEMA DESPORTIVO:

Continuação da pág. 71

nente, não deixa de pressupor, por outro lado e no prosseguimento desse ponto de referência, um conjunto harmonioso de meios, de recursos, cuja preocupação global de funcionamento não pode ser descurada, não pode deixar de ser analisada nos seus mecanismos mais densos. Não há uma experiência de sistema em Portugal, por tudo isso o ministro achou por bem antes de mais colocar a proposta em discussão pública, recolhendo naturalmente as contribuições pertinentes, flexibilizando um texto que não tem por trás de si o banco de dados que era de desejar.

Efectivamente, há uma proposta de sistema, mas cremos que esta não consigna a formação adequada para o sistema, a linguagem própria, tal como diria Talcott Parsons, que viabiliza o sistema. O documento refere uma formação para o aperfeiçoamento e o rendimento desportivo, mas é quase omissa quanto a um projecto de formação para o desenvolvimento. Não há sistema sem plano, esse instrumento moderno de trabalho metodológico sem o qual a funcionalidade do sistema não está garantida, nem vimos defendido na proposta. A proposta fala de um plano integrado, de apoio por seu intermédio à recreação e ao rendimento, mas pensamos que o plano hoje é qualquer coisa de muito mais ambicioso pelo seu valor estratégico, pela força das suas componentes regionais de espaço, pela integração de vários agentes, objectivos, acções, pela sua característica activa, em contradição com o aspecto meramente adaptativo dos planos do passado.

Não há sistema outro tanto sem mudança institucional, sem a necessária adaptação à transformação preconizada. A proposta recolhe, integra, no sistema algumas forças interessadas no desenvolvimento, mas muito pouco acrescenta a isso em termos de criatividade aumentada, de direito de iniciativa, de órgãos que não sejam meramente consultivos, de resposta a uma meritocracia individual, unipessoal, instalada.

Não há sistema hoje ainda sem a eficácia dos mecanismos próprios da descentralização desportiva, que a proposta, a respeito das autarquias, dos municípios, não deixa de referir, mas de forma ambígua, apelando para a sua colaboração a construção de pavilhões gimnodesportivos em escolas, em projectos de Estado, mas cerceando-lhes cada vez mais os meios económicos, financeiros, a sua autonomia própria, que consta da delimitação de atribuições e competências entre a administração central e a local, não referindo a possível colaboração das au-

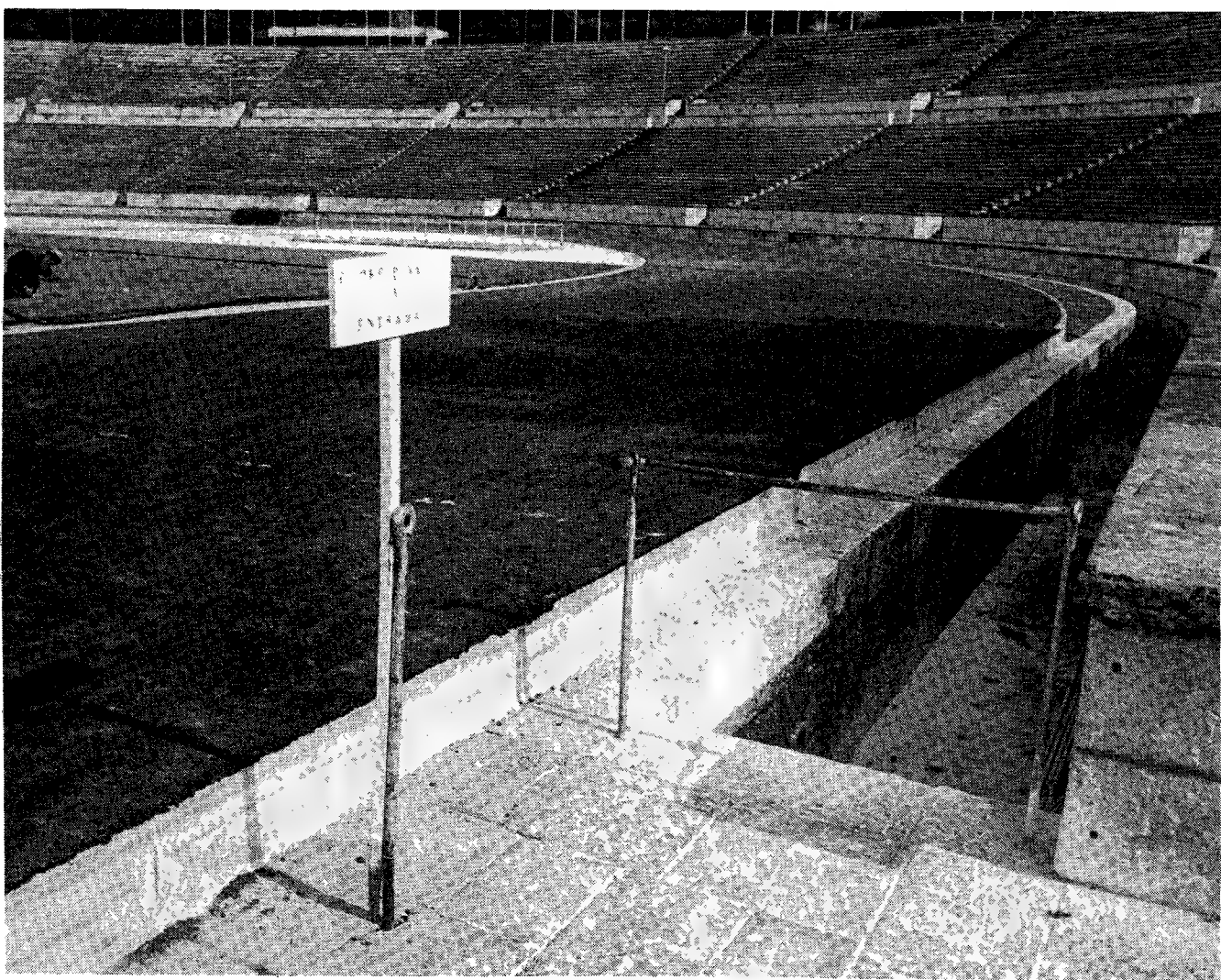
tarquias em qualquer plano regional de desenvolvimento desportivo, a sua participação em qualquer conselho distrital juntamente como o delegado da Direcção-Geral dos Desportos.

Temos um sistema, é este em linhas gerais o sistema ou a proposta de sistema que nos é dado colher, discutir, melhorar, se possível.

A ideia de sistema implica acima de tudo um equilíbrio, uma conjugação de esforços, que não vimos todavia defendidos na proposta, quer quanto a funcionalidade técnica, quer quanto a justiça, a harmonia das componentes. Neste particular o investimento feito na formação inicial desportiva da nossa juventude e o consignado ao desporto federado, por vias diversas, é ainda de grande desequilíbrio e de grande protecção, gerando agressividades no interior do sistema que este não consente no quadro da sua viabilidade global futura.

O sistema exige uma pré-funcionalidade que não vimos defendida na proposta. Com esta proposta o desporto português depressa ganhará a desfuncionalidade que sempre o caracterizou, depressa se restabelecerá o conflito com a sociedade desportiva, depressa entrará na anomia.

Se o sistema nasce de uma preocupação global de gestão dos recursos desportivos, o que nos fica desta proposta é a sua dificuldade em se diferenciar de qualquer ordenamento jurídico hegemónico de parte de uma das suas componentes, de um equilíbrio instável próprio de quem entra no sistema com os vícios do anti-sistema, enfrentando uma realidade que não consente qualquer resqício de ilusionismo, pese embora não se poder ver o sistema como qualquer mecanismo cibernético, qualquer mecanismo sensível como o de relógio.



COOPAR - Coop. Agr. do Concelho de Arraiolos
(Ex-Grémio da Lavoura)
DE
ARRAIOLOS

- ADUBOS
- RAÇÕES
- PESTICIDAS
- SEMENTES
- ALUGUER DE MÁQ. AGRÍCOLAS
- MONDA QUÍMICA
- TRATAMENTO AÉREO
- GASÓLEO
- DIVERSOS

TELEFONES:

- ☎ 4 21 15 - Escritório e Vendas
- ☎ 4 22 40 - Armazém
- ☎ 4 61 19 - Casa Lavoura/Vimieiro

R. Cunha Rivara, 7 a 7-C **7040 ARRAIOLOS**

CAFÉ — RESTAURANTE

O TRILHO

REFEIÇÕES TIPO REGIONAIS

RUA DE ST.º ANTÓNIO, 1
Tel. 84314 **7960 VILA DE FRADES**

CASA SERRÃO

DE

Francisco José Fortes Marques Serrão

MODAS E NOVIDADES PARA
HOMEM, SENHORA E CRIANÇA

Av. 25 DE ABRIL, 1
TELEF. 6 22 63

ALTER DO CHÃO

PARAISO CAMPISTA

tudo para campismo
fatos de treino
e ginástica

Av. Almirante Reis, 190-C (Metro Alameda)



SURF SHOP

Telef. 88 37 50

RIP CURL

WATERLINE

1000 LISBOA

QUE CRIATIVIDADE PARA A IMAGEM?

Manuel Carvalheiro

A Associação Portuguesa de Escritores organizou uma semana cultural de substancial importância, sobretudo no aspecto, que nos interessa destacar e que foi particularmente sublinhado em algumas das diversas intervenções dos colóquios diários que animaram o Forum Picoas entre 12 e 19 de Março. No primeiro debate sobre o escritor e as artes plásticas, Rui Mário Gonçalves referiu-se às relações entre a visualidade e a pictorialidade, a propósito de um quadro (imagem pictural) que Delacroix fez sobre Dante e que tivera como modelo Chopin, de quem o primeiro era amigo. No debate seguinte sobre a literatura, o cinema e a guerra colonial, a imagem seria concebida como metáfora viva, sobretudo por João de Melo, que considerou frustrante a ausência de um grande filme sobre a guerra colonial. Quanto à mesa-redonda sobre os conflitos culturais nos últimos cem anos, Clara Crabée Rocha invocaria a imagem cinematográfica de uma biblioteca atravessada em *travelling* em «As Asas do Desejo» de Wim Wenders, na qual personagens frígidos monologam, qual evocação simbolicamente consumista da ideia que Jonas faria dentro da baleia, dessa sociedade ocidental retratada sexualmente em «Ana e as suas irmãs» de Woody Allen. E a que pudicamente se lhe omite o nome de capitalista, pelo menos na versão que nos adormece num federalismo cultural de *digest*. A propósito de António Sérgio, pela margem, Óscar Lopes referir-se-ia ao conflito entre a

imagem da palavra e a palavra falada sem imagem, num duelo reavivado entre Shakespeare e Racine no qual a arbitragem do citado penderia para o segundo. No debate seguinte, se do imaginário infantil e a literatura ficamos com uma impressão difusa entre imagem-percepção (real) e imagem-sonho (não real), foi talvez devido ao síndrome salutarmente anárquico que aqui emergiu mais salientemente no capítulo da manipulação de conceitos. Ficou no entanto a ideia dos livros falados e da correspondência em vídeo feita pelos emigrantes, que trocam progressivamente a carta pela cassete, a escrita alugada pela oralidade menos incerta.

Na busca de uma criatividade para o século XXI (e houve quem falasse no ano 3000), sobressaiu a hegemonia da imagem por computador, numa prodigiosa síntese típica da era pós-industrial, em que os processadores de texto dão a visão da impressão do livro ou do simulacro de uma Marilyn Monroe na décima parte do tempo e dez vezes melhor do que há pouco mais de um par de anos. Eurico da Fonseca referiu-se à confusão entre criatividade e originalidade, mas todos os participantes que tangencialmente aludiram à imagem filmica se esqueceram de referir «Odisseia no Espaço». Em contrapartida, Lídia Jorge citou um personagem de Wenders que dizia ir o mundo acabar mas que ele continuaria a narrar. Para a escritora, na viragem do milénio, o ser humano estaria doente

Continua na pág. 74



GARRETT

J. L. GLÓRIA

- ▷ TABACARIA
- ▷ LIVRARIA
- ▷ PAPELARIA
- ▷ DISCOS
- ▷ BRINQUEDOS

RUA GARRETT. 18
☎ 62 199

LAGOS

Solar
DE: Minhoto
JOSÉ DE FREITAS
SILVA

RESTAURANTE — CERVEJARIA
MARISCOS — VINHOS E PETISCOS

ESPECIALIDADES DA CASA:
ARROZ DE MARISCO
BACALHAU À BRACARENSE
ENGUIAS E ENSOPADO DE CABRITO

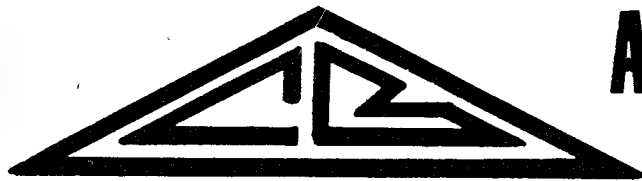
Rua Manuel José Gomes, 133, 137
Telef.: 275 15 22
ROMEIRA — COVA DA PIEDADE

LAVORES
FEMININOS

nos mais belos
momentos da vida

ENXOVAIS E ARTIGOS
MANUAIS

Rua do Ouro, 175-179 • 1100 LISBOA • Telef. 322303



AUGUSTO FERREIRA CASTELO BRANCO, LDA.
3 LOJAS À SUA DISPOSIÇÃO

- Tecidos para estofos e decorações
- Ferragens, Calhas, Varões, e Acessórios
- Vidros, Plásticos, Acetatos, Varões Agrícolas
- Lona, Algodões e Tecidos de fantasia
- Napas, Plásticos, Varões e Cortinados p casa de banho
- Atoalhados, Colchas e Jogos de Cama

Molas e Colchões
CASTELO

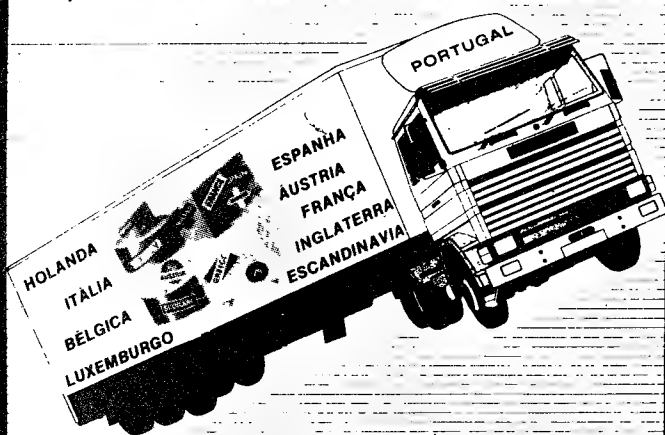
LOJAS:

R. dos Fanqueiros, 231-233
R. dos Fanqueiros, 262 S L
-1º-Esq.
R. dos Douradores, 152 - 156
Apartado 2333

ESCRITÓRIOS:

R. dos Fanqueiros,
235. 2º-Dto.
Tel. 87 30 54
TELEX 12 441
AUFECA
1108 Lisboa Codex

TRANSALPINA



Ligações semanais com U.S.A. e JAPÃO

LISBOA: RUA CAVALEIRO DE OLIVEIRA, 32-1.º DT.º
Tel. 82 75 37/38 — TELEX-43 527 — 1100 LISBOA
TELEFAX 82 16 78
PORTO: AV. D. AFONSO HENRIQUES, 1196-7.º
Tel. 93 25 64/43 — TELEX 28 813 — 4450 MATOSINHOS
TELEFAX 93 16 99

CASA CANDEIAS

de

Maria Antónia da Conceição M. Candeias

- ★ TINTAS
- ★ FERRAMENTAS
- ★ UTILIDADES DOMÉSTICAS
- ★ BRINQUEDOS
- ★ ARTIGOS DE PESCA

Rua Direita, n.º 32
PRAIA DA LUZ — 8600 LAGOS

TABACARIA «PRÍNCIPE DA SORTE»

● LOTARIAS

● TOTOBOLA

● VALORES SELADOS

☎ 068-2 61 40

ELVAS

CASA FITAS

FAZENDAS E RETROSEIRO

☎ 6 27 91

ELVAS

CRIATIVIDADE



Continuação da pág. 73

do tempo... Talvez por isso, sobressaísse a tal «nostalgia» indicada por Adriano Vasco Rodrigues, numa alusão (in)voluntária ao filme de Tarkovsky de título homónimo. Desse ping-pong conceptual pareceu-nos ter percebido uma crítica ao determinismo daqueles que fundem imagens de memórias maquínica e humana. Dos apocalípticos suavemente depressivos dessa noite, passou-se para o dia seguinte com uma mesa pouco redonda sobre literatura e cinema, atendendo ao difícil «quorum» obtido pelas enormes faltas de convidados, talvez um dos reflexos da interligação complexa entre cinema e literatura nas obras artísticas de autores portugueses, que felizmente estiveram bem representados

paralelamente nas projecções de filmes portugueses. Manuel Machado da Luz sublinharia algo rudemente que o cinema português continuava de certa forma medíocre, apesar de algumas indicações positivas e esperanças de reconhecimento internacional. Aguardando-se, igualmente, uma manifestação mais acertada de uma intergeração de escritores conhecedores da mecânica do argumento original e, naturalmente, de cineastas mais abertos à ultrapassagem da fase da caução cultural. Num país com um passado tradicionalmente puritano e de «imagens» feitas, compreensível foi que a semana cultural em questão se encerrasse, no capítulo dos debates, por um com excessiva assiduidade sobre as relações entre o erotismo e a li-

teratura, no qual David Mourão-Ferreira moderou habilmente até onde lhe foi possível. Restou, para quem quisesse espreitar, uma bastante razoável exposição fotográfica, de que se podem salientar algumas imagens aéreas muito belas e outras com automóveis antigos em ruas nocturnas e coloridos à mão, dando talvez o tom hiperrealista que aqui e acolá apareceu fugazmente ao longo das intervenções múltiplas da cultura pela imagem.

(X) Autor de curtas-metragens, argumentista e tem no prelo o livro «As mutações do Cinema no Tempo do Vídeo» (Edição Livros Horizonte)

GRANCOOP



CARTAS DE CONDUÇÃO

**LIGEIRAS, PESADAS E MOTO
AMADOR OU PROFISSIONAL
Preços inferiores aos máximos
(Portaria 762/84)**

Consulte-nos:
Trata de toda a documentação referente a automóveis e cartas de condução.

**COOPERATIVA DE ENSINO DE CONDUÇÃO
AUTOMÓVEL DE LISBOA**

Av. João Crisóstomo, 66, 1.º Dto. (a S. Sebastião)

Telefones 53 52 63 — 57 72 09 — 1000 LISBOA

PLANIFIC

**PLANIFICAÇÃO E EXECUÇÃO
DE CONTABILIDADES, LDA.**

Execução de

Contabilidade Geral
Analítica e de Gestão

Rua Diogo Tomé, 32-1.º • ☎ 2 57 55
PORTIMÃO

VIDEOCLUBE 19 E SALÃO DE CABELEIREIRO



SEM
JOIA

VISITE-NOS

Av. Elias Garcia, 19-A
Telef.: 76 00 68
1000 LISBOA

(ESTAMOS ACTUALIZADOS EM FILMES)

O MISTÉRIO DE FILADÉLFIA

Enrique Carnicer Royo

De vez em quando, saem do domínio do segredo, acontecimentos que entram dentro da ficção científica e também dentro do possível, pelo que o ser humano deve perguntar que outros testes científicos estão a ser realizados no mundo, mantendo-se escondidos como maldições para a Humanidade.

A experiência

Corria o ano de 1943 e o Departamento norte-americano de Investigação Naval decidiu fazer desaparecer, temporariamente, mediante o efeito de um campo magnético, um barco de guerra, o qual se encontrava ancorado na base de Filadélfia, fazendo-o reaparecer em Norfolk (Virgínia); depois, repetiu a operação e o barco voltou a aparecer na base de Filadélfia. Tudo isto aconteceu em poucos minutos e no mais absoluto dos segredos.

Os argumentistas cinematográficos norte-americanos, ao conhecerem a história, decidiram adaptá-la ao cinema, produzindo um filme. Entretanto, dois homens fortes a investigar temas polémicos, Charles Berlitz e William Moore, efectuam um trabalho de pesquisa e documentação que os levaria a escrever o livro: «O Mistério de Filadélfia: Projecto de Invisibilidade». O assunto tinha-se mantido oculto durante muitos anos, mas agora, investigadores, cientistas e desiludidos com a Marinha norte-americana, traziam-no a público com as suas declarações.

Na verdade, o primeiro a

fazê-lo foi o dr. Jessup, precursor de toda a exploração OVNI, o qual morreu de forma estranha, precisamente quando tinha decidido estudar mais a fundo o que se começava a conhecer por «a experiência de Filadélfia».

Que aconteceu?

Ninguém sabe dizer nada de concreto, mas é possível que as conjecturas se aproximem da realidade. Contudo, se a experiência da invisibilidade se efectuou, estamos perante um caso inaudito: descobrir a forma de tornar invisíveis as pessoas e objectos, facto que tornaria a guerra uma anedota. Contudo, um nome da comunidade científica, Einstein, fica relacionado com o caso. Pressupõe-se que a base do projecto da experiência de Filadélfia assenta numa teoria científica, bastante obscura e complicada, exposta pelo génio da matemática e conhecida pelo nome de Teoria do Campo Unitário. Esta teoria tenta explicar, por intermédio de um conjunto de equações, as inter-relações entre as três forças universais básicas: electromagnéticas, de gravidade e nuclear.

A teoria, formulada por Eins-

tein entre 1925 e 1927, não foi entendida por ninguém e passou completamente despercebida à maioria das pessoas, à excepção de uns quantos observadores da Marinha dos Estados Unidos, os quais compreenderam as possibilidades bélicas, de defesa e ataque, contidas nestes pressupostos, tendo convencido o físico a trabalhar neles.

Embora certamente com reticências, dada a sua amizade com o escritor Bertrand Russel e a sua ideia do pacifismo, deve ter aceitado.

Tratava-se de produzir um campo magnético a algo que não fosse visto por ninguém. Em terra era perigoso, no ar podia ser devastador, mas no mar, o ambiente era propício. Além disso, se a experiência tivesse sucesso, os navios de guerra passariam invisíveis à frente do inimigo, sem serem afectados pelas minas, acabando a guerra rapidamente. O governo dos Estados Unidos tinha entrado na Segunda Guerra Mundial.

O intento era complicado e,

ao que parece, a experiência com o navio foi uma casualidade. Alguns testemunhos oculares falam de uma neblina verde que envolveu o navio, o qual desapareceu repentinamente. Por algum tempo, ainda se conseguiu notar o rasto que deixava nas águas, mas depois já nada era visível. Quando reapareceu na base de Filadélfia, havia só uma pergunta em todas as bocas: teriam os marinheiros sido afectados?

A resposta foi tão horrível

que deixou todos estupefactos: alguns marinheiros morreram na experiência, outros viajaram para mundos desconhecidos, muitos enlouqueceram, pois asseguravam ser invisíveis, e os poucos que sobreviveram passaram à reserva.

Que se teria passado para que Einstein, que também interveio na exploração da bomba atómica, se dedicasse completamente aos movimentos pacifistas, alertando a Humanidade do perigo implícito numa ciência mal aplicada?



CAFÉ
CERVEJARIA
MARISQUEIRA
RESTAURANTE
SNACK-BAR

A ENCRUZILHADA

CNOVA
GERÊNCIA

ESTRADA DA CIRCUNVALAÇÃO
N.º 30 TEL. 8 43 29
VIDIGUEIRA - B. ALENTEJO

INDESTRAL

Indústria de Desperdício e Trapo, Ld.ª
Fábrica — Estrada Nacional, 117
Valejas — Telefone 955558
2795 — Linda-a-Velha

Esplanada JARDIM

CAFÉ ★ PASTELARIA

GERÊNCIA DE VÍTOR MANUEL MENDES MOURÃO
AGENTE TOTOBOLA e TOTOLOTO
AV. DR. JOÃO MARTINS AZEVEDO
TEL. 22 775 2350 TORRES NOVAS

TOP GUN

VIDEO CLUBE DO BARREIRO

RUA STARA ZAGORA, 10 -
BARREIRO

TOP GUN

CENTRO COMERCIAL DAS FONTAINHAS - LOJA 7
BAIXA DA BANHEIRA

TOP GUN

1800
Filmes
BETA-VHS

SEM JÓIA





O presidente François Mitterrand reunido com a direcção da sua campanha eleitoral- Jack Lang, Pierre Bérégovoy, Michel Rocard e Luis Mermaz

Mitterrand apresentou programa eleitoral

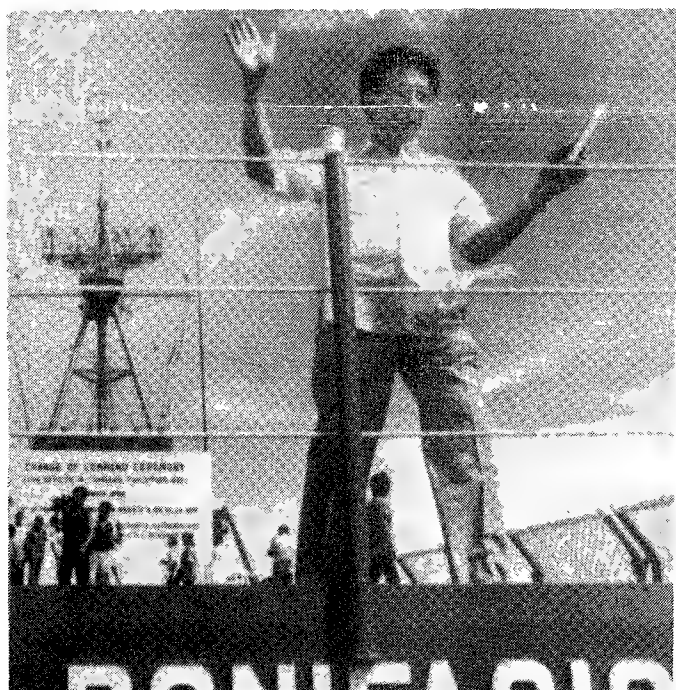
O presidente François Mitterrand revelou ontem o seu programa eleitoral, 18 dias antes da primeira volta da corrida presidencial, atacando vigorosamente o seu principal rival e actual primeiro-ministro, Jacques Chirac. Num manifesto de 26 páginas divulgado ontem pelos meios de comunicação social e dirigido «a todos os franceses», o chefe de Estado dá a conhecer alguns dos tópicos do seu projecto eleitoral, baseado na palavra de ordem «França Unida», condição que considera indispensável para que «o país possa desempenhar o papel que o mundo espera dele». Na sua proposta eleitoral, o presidente-candidato, de 71 anos, salienta oito temas que considera essenciais: um presidente responsável e que actue como um árbitro relativamente às divergências que surgem constantemente na vida política de uma nação; restrições constitucionais; continuidade do Estado; política externa; Europa e Mercado Único a partir de 1992; equilíbrio de forças e desarmamento; desenvolvimento do Terceiro Mundo, e finalmente, economia e coesão social. Mitterrand criticou duramente a gestão que o governo conservador de Jacques Chirac tem feito da economia francesa, acusando o primeiro-ministro de favorecer alguns grupos privilegiados de investidores, e manifestando o seu desagrado perante o crescente comportamento especulativo do recém-liberalizado mercado da Bolsa. Numa carta dirigida ao eleito, o chefe de Estado francês afirma que, se for reeleito, encorajará o governo a utilizar os seus poderes para evitar a anarquia financeira. Em entrevista concedida a uma emissora radiofónica e que coincidiu com a divulgação da carta, Mitterrand atacou o método escolhido pelo governo de Chirac de atribuir aos principais accionistas um máximo de 30 por cento do capital das companhias recentemente privatizadas.

Shultz recusa participação da OLP

O secretário norte-americano de Estado, George Shultz, disse ontem que os palestinos devem renunciar ao terrorismo e aceitar a existência do Estado de Israel para poderem participar em conversações israelo-árabes. Shultz acrescentou que a Organização para a Libertação da Palestina seria excluída por, segundo ele, «nela existirem pessoas que cometeram actos de terrorismo». Shultz, que pernito na capital da Jordânia, foi recebido pelo rei Hussein no âmbito dos seus esforços para se conseguir um acordo sobre a iniciativa de paz dos Estados Unidos para o Médio Oriente. Entretanto, os editores de todos os jornais jordanos recusaram publicar a entrevista que terça-feira mantiveram com Shultz, alegando que o secretário de Estado norte-americano expressou opiniões «provocatórias» contra os países árabes. Shultz disse que os Estados Unidos continuarão a apoiar Israel por considerar que este país está rodeado de Estados «inimigos» e tem que defender-se.

Uma rapariga israelita e dois palestinos foram mortos num violento incidente numa aldeia árabe da Cisjordânia, revelaram fontes da segurança. A rapariga, do bairro de colonos judeus de Elon Moreh, integrava um grupo de viajantes que se deslocou de autocarro à região, quando os aldeões começaram a atacar o veículo com pedras. De acordo com os primeiros relatos, um guarda de segurança que viajava no autocarro disparou sobre os aldeões que atiravam pedras. Estes apoderaram-se da arma do guarda e dispararam por sua vez, atingindo mortalmente a rapariga. Esta é a segunda vítima israelita em quatro meses e meio de confrontos nos territórios árabes ocupados por Israel, que provocaram a morte de pelo menos 138 palestinos. Mais dois palestinos foram ontem mortos quando colonos judeus abriram fogo sobre palestinos que trabalhavam nos campos, em Beita, perto da maior cidade da Cisjordânia, Nablus, segundo testemunhas árabes.

A escritora francesa Françoise Sagan, acusada por um juiz de instrução de consumir drogas, recebeu o apoio de 32 personalidades que, num texto ontem publicado, disseram ter também «consumido, pelo menos uma vez, estupefacientes». Entre estas personalidades encontram-se os escritores Jacques Laurent, membro da Academia francesa, Marguerite Duras, Régis Debray, que integra o Conselho de Estado, Dominique Fernandez, Régine Desforges e Michel Ciment. Além destas figuras também apoiam a escritora francesa o cineasta Costa Gravas, os actores Michel Piccoli, Jean Claude Brialy e Gerard Oury e as actrizes Jane Birkin e Sandrine Bonnaire.



O senador filipino Juan Ponce Enrile acena e sorri do barco de onde fugiu o coronel Gregorio Honasan

Assinatura do acordo está para breve

FORÇAS SOVIÉTICAS SAIRÃO DO AFGANISTÃO EM MAIO

O dirigente soviético Mikhail Gorbachev e o presidente afegão, Najibullah, anunciaram hoje que a retirada das tropas soviéticas do Afeganistão pode começar ainda a 15 de Maio, se for assinado em breve um acordo de paz em Genebra. Estas declarações surgiram pouco depois de o Paquistão ter anunciado que o acordo poderá ser assinado em qualquer momento uma vez que as duas superpotências resolveram a disputa sobre o fornecimento de armas às partes em conflito no Afeganistão.

Um comunicado conjunto publicado depois da reunião entre Gorbachev e Najibullah em Taskent afirma também que já não há obstáculos para que o Afeganistão e o Paquistão assinem um acordo em Genebra nas conversações que decorrem sob os auspícios das Nações Unidas.

«A União Soviética e o Afeganistão confirmam que, se esses acordos forem assinados no

mais breve espaço de tempo, o acordo entre o Afeganistão e a União Soviética sobre a retirada das tropas a começar em 15 de Maio mantém-se em vigor», afirma-se no comunicado.

O documento refere que as duas partes apreciam o trabalho feito por Diego Cordovez, representante pessoal do secretário-geral da ONU, que tem servido de mediador em Genebra.

Por outro lado, o Afeganistão «saúda a disponibilidade da UR-

SS e dos EUA para servirem de garante do cumprimento dos acordos alcançados em Genebra», indica o documento.

O comunicado não refere os recentes desacordos em Genebra entre Washington e Moscovo sobre a ajuda militar às partes em conflito, mas sugere que eles foram ultrapassados.

No entanto, o presidente paquistanês, Mohammad Zia-Ul-Haq, afirmou hoje que recebeu relatórios não oficiais segundo os quais os Estados Unidos e a União Soviética tinham concordado em continuar a fornecer armas aos seus respectivos aliados, os guerrilheiros muçulmanos e o governo de Cabul.

A confirmar-se esta notícia, isto significa que Moscovo acabou por aceitar a última proposta de Washington que colocava

duas opções: ou os Estados Unidos e a URSS cessavam por completo o seu apoio militar às partes em conflito, ou continuavam a prestá-lo a níveis iguais.

Até agora, a URSS exigia o fim do auxílio militar norte-americano aos guerrilheiros afegãos, mas recusava cortar o seu apoio ao governo de Cabul.

No comunicado conjunto assinado por Gorbachev e Najibullah, a URSS reafirma o seu apoio ao Afeganistão «como Estado independente, neutro e não alinhado».

Gorbachev chegou a Tashkent na quarta-feira para conversações com Najibullah. Estas não tinham sido anunciadas previamente e nelas participou também o ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Eduard Shevardnadze, que se encontrava em Cabul.

Atentado contra sul-africano no Maputo

O refugiado sul-africano Albie Sachs ficou hoje gravemente ferido quando o seu carro explodiu no centro de Maputo, ao tentar ligar a ignição do veículo, disse à agência Lusa uma fonte diplomática.

A explosão ocorreu a cerca de 15 metros do edifício da embaixada de Portugal e provocou ferimentos graves em Sachs, que, de acordo com testemunhas, foi transportado para o hospital central de Maputo em estado muito grave e com um braço decepado.

Ataque da UNITA

O movimento rebelde angolan

reivindicou ontem a destruição da estação ferroviária e das oficinas de material rolante da cidade de Cuito (antiga Silva Porto), na linha de caminho de ferro de Benguela.

Mas a agência noticiosa oficial angolana ANGOP disse que o ataque da UNITA foi à localidade de Cunge, na província do Bié, com a destruição parcial das oficinas de reparação e manutenção dos caminhos de ferro de Benguela e do único centro materno-infantil existente na povoação.

Cinco baixas nas forças da

UNITA são referidas tanto na notícia da Angop, como no comunicado ontem distribuído em Lisboa pelo movimento dirigido por Jonas Savimbi.

Entretanto, em Luanda, o presidente angolano José Eduardo dos Santos recebeu o grupo de contacto da Organização de Unidade Africana (OUA), que se encontra na capital de Angola para recolher dados sobre a situação naquele país.

Após a sua visita a Angola, o grupo deslocar-se-á aos Estados Unidos para contactos com congressistas, agências e gru-

pos não governamentais.

Retirada cubana

Em declarações hoje publicadas no matutino «Século», o antigo dirigente angolano Daniel Chipenda afirmou que já existe um calendário para os cubanos saírem de Angola.

Um outro jornal português, «O Tempo» revela na sua edição de hoje que sete oficiais dos serviços de informação militar angolanos terão sido condenados a pesadas penas de prisão e expulsão das FAPLA por preparação de um golpe de estado contra o presidente José Eduardo dos Santos.

Índios brasileiros querem justiça

Membros da maior tribo índia do Brasil ameaçaram matar um grupo de brancos acusados de uma chacina se os suspeitos não forem condenados em tribunal. «Se os assassinos não forem condenados em tribunal mataremos um grupo de brancos» — disse um índio que afirmou chamar-se Constantino. Constantino fazia parte da delegação dos índios Tukunas que veio a Brasília apresentar a lista das vítimas ao ministro da Justiça, Paulo Brossard. Os índios afirmam que um grupo de 20 homens brancos com armas automáticas atacou uma povoação dos Tukunas no dia 28 de Março, matando 14 índios e ferindo outros 27.

Greve em Nagorno-Karabakh

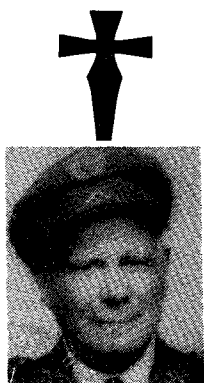
Os serviços de transportes públicos na região de Nagorno-Karabakh foram restabelecidos, após uma greve de trabalhadores que exigiam a transferência da região do Azerbaijão para a Arménia — noticiou hoje o jornal soviético «Pravda». O jornal acrescentou que a indústria na capital da região, Stepanakert, já retomou em grande parte a produção normal, depois de esforços dos activistas locais do Partido Comunista para fazer regressar as pessoas ao trabalho. A greve dos transportes na região de Nagorno-Karabakh iniciou-se em finais do mês passado, depois de o Kremlin ter recusado a integração da região na Arménia, votada em Fevereiro pelo governo local em desafio às autoridades de Moscovo.

Cicciolina acusada de «actos obscenos»

A deputada radical italiana Ilona Staller, «Cicciolina», poderá ser processada por um delito de «actos obscenos em lugares públicos». A conferência de líderes parlamentares votou quarta-feira, por unanimidade, o levantamento da imunidade parlamentar de Ilona, de modo a que possa responder perante um tribunal de Veneza. Entre os líderes que apoiaram o pedido da justiça contava-se o radical Mauro Mellini, que também votou a favor. O processo pendente em Veneza diz que no dia 14 de Maio de 1987, na Praça de São Marcos, perante numerosas crianças, Ilona subiu a uma estátua equestre envergando um vestido transparente que deixava tudo a descoberto. A deputada teria acompanhado a sua exibição de «numerosos actos obscenos».

Comandante da NATO em Espanha

O general norte-americano John Galvin, supremo comandante aliado para a Europa, começou ontem uma visita oficial de três dias a Espanha, onde será recebido quinta-feira pelo rei Juan Carlos. Galvin reunirá-se com o ministro espanhol da Defesa, Narciso Serra, e com o chefe de Estado-Maior da Defesa, tenente-general Gonzalo Puigcerver Roma, e visitará instalações militares. A visita tem nesta fase significado particular, porque coincide com o início das negociações entre Espanha e a NATO sobre a fórmula de contribuição militar espanhola para o sistema aliado de defesa sem participação na sua estrutura militar integrada.



CARLOS DE JESUS VILHENA

(Ten.-coronel de inf.^a ref.)

Grande oficial da Ordem da Liberdade

AGRADECIMENTO

Sua irmã, Perpétua de Jesus Vilhena Barreto, sobrinhas, afilhadas e afilhados, vêm por este meio, na impossibilidade de o fazerem directa e pessoalmente, testemunhar o seu profundo agradecimento a todos quantos os acompanharam neste doloroso momento e quiseram, com a sua ilustre presença no acompanhamento à última morada, honrar a memória daquele que, ao longo de 1 século, foi um exemplar lutador pela liberdade e pelos valores da dignidade humana.

Avião sequestrado no Irão

PIRATAS DO AR AMEAÇAM DE NOVO COM EXPLOSÃO DO APARELHO

Os piratas do ar que mantêm 55 pessoas a bordo de um avião kuwaiti, num aeroporto iraniano, deram hoje o prazo de uma hora para que as suas reivindicações sejam aceites, mas o Kuwait continua a afirmar que não negociará enquanto os reféns não forem todos libertados.

A agência iraniana IRNA noticiou que os sequestradores, que já pediram combustível para o Boeing 747, disseram às autoridades iranianas que davam ao kuwait um prazo que terminava ao meio dia local (9h30 de Lisboa) para libertar 17 presos xiitas.

Se a resposta não for positiva, «abandonaremos o aeroporto de Mashhad e aceitaremos todas as responsabilidades subsequentes», disseram os piratas do ar citados pela IRNA, acrescentando que estão dispostos a «fazer explodir» o avião.

Durante a madrugada, os assaltantes libertaram mais 32 reféns, mas continuam com 55 passageiros em seu poder. Segundo afirmaram, estes reféns, dos quais 35 são cidadãos do Kuwait, incluindo três membros da família real, «correm sério perigo» se as suas reivindicações não forem aceites.

Na quarta-feira, os piratas do ar tinham permitido a saída de 24 mulheres e de um jordano com problemas cardíacos.

A rádio de Teerão noticiou, entretanto, que um dos membros da família real do Kuwait que se encontra sequestrado pediu ao seu governo que aceite os pedidos dos piratas do ar.

O avião das linhas aéreas do Kuwait foi desviado na terça-feira durante o voo Bangkok-Kuwait, com 112 pessoas a bordo, por vários homens armados com pistolas e granadas. O avião aterrou em Mashhad, no nordeste do Irão, depois de o piloto comunicar que estava a ficar sem combustível.

Os sequestradores exigem a libertação de 17 presos pró-iranianos detidos no Kuwait e combustível para contunar viagem para local não identificado.

Na altura do desvio do avião, seguiam a bordo, para além dos cidadãos do Kuwait, 20 britânicos, oito tailandeses, cinco egípcios, três austríacos, três jordanos, dois sauditas, dois irlandeses, dois alemães federais, um japonês e um libanês.

O Kuwait foi elogiado pelos Estados Unidos e pela Grã-Bretanha por não ceder às exigências dos piratas do ar. O Irão, que mandou um enviado especial a Londres, disse também que recusa fazer concessões aos sequestradores.

EUA querem ajuda para o afastamento de Noriega

Os Estados Unidos continuam a desenvolver esforços para derrubar o homem forte do Panamá, general Manuel António Noriega, e pretendem que países latino-americanos façam o mesmo. «Esperamos que todos os líderes do hemisfério encorajem os esforços do povo panamiano para uma restauração da democracia civil no Panamá», disse ontem a porta-voz da Secretaria de Estado, Phyllis Oakley.

O Pentágono informou, entretanto, que 800 fuzileiros chegam sexta-feira ao Panamá para exercícios previamente marcados, numa operação separada dos movimentos dos 1.300 soldados destacados para reforçar as forças norte-americanas estacionadas no país.

Os fuzileiros vão passar três semanas na selva panamiana, em Fort Sherman, um centro operacional do exército norte-americano, disse o Pentágono.

Na base aérea norte-americana de Howard, estão retidos dois jornalistas estrangeiros destacados para fazer a cobertura da chegada de novos efectivos militares dos EUA. São eles o operador de câmara de uma estação de televisão cubana e a correspondente de uma agência noticiosa mexicana.

Nicarágua: definidas zonas de concentração dos «contras»

As comissões militares do governo e da resistência nicaraguense delimitaram quarta-feira os sete enclaves do território nicaraguense onde se deverão concentrar as forças rebeldes durante as conversações para um cessar-fogo definitivo.

No final de uma reunião de carácter técnico que decorreu ontem na localidade fronteiriça de Sapoá, fontes das duas partes informaram que a extensão total das áreas é de 21.000 quilómetros quadrados, duas situadas a norte, duas na região atlântica, duas no centro e uma só no sul da Nicarágua.

Desconhecem-se por enquanto mais pormenores relativos às zonas destinadas às forças rebeldes, nomeadamente no que respeita a vias de acesso, características da população ou garantias de segurança e o sistema de abastecimento.

O funcionamento dessas zonas será hoje debatido pelas comissões militares em Sapoá.

O chefe da delegação militar governamental e vice-ministro da Defesa, Joaquín Cuadra, disse que apresentará aos seus interlocutores um conjunto de elementos e ideias que visam facilitar a entrada dos rebeldes «com garantias suficientes» nessas zonas do país.

Observadores políticos salientaram que os sandinistas querem que a concentração dos



rebeldes nos enclaves como o armistício rapidamente possível e esperam a entrada de 4.500 efectivos. Particularmente a totalidade das tropas dos «contras» no interior.

O comandante rebelde Walter Calderon disse que os representantes da resistência aceitaram «em princípio» as sete zonas porque o acordo final está dependente do seu funcionamento.

A resistência insiste em obter garantias de abastecimento, comunicações e de acesso e, sobretudo, a «segurança das suas

tropas» depois de concentradas nas áreas fixadas.

Em Washington, a administração Reagan condenou, entretanto, declarações do presidente nicaraguense, Daniel Ortega, contra a ajuda humanitária aos rebeldes antisandinistas. Ortega considerou que aceitar qualquer tipo de ajuda aos «contras» seria legitimar a política intervencionista dos Estados Unidos, enquanto a administração Reagan afirma que a «ajuda humanitária» está prevista nos acordos assinados na Guatemala pelos presidentes centro-americanos.

O "DL" com o Benfica em Bucareste

A SAGA DOS TREZE HERÓIS

Neves de Sousa

Enviado especial

Este vosso companheiro de leitura acaba de viver mais um momento de alta vibração em terra romena com uma equipa lusa de futebol a demonstrar inquestionável superioridade técnico-táctica frente ao seu forte opositor que, em tempo recente, trepara ao mais alto galarrim do futebol europeu. Na verdade, meus amigos, este «Benfica para a Europa» está na rota de mais um rotundo êxito que ficará no painel dum historial de glória. Força anímica, resistência atlética, saúde física, clarividência táctica e a mais elevada craveira técnica estão fazendo da turma do jovem técnico vindo de Mogofores um caso de orgulho para todos os adeptos do futebol.

E foi bonito ver, na tarde de ontem, os milhares de espectadores colocados na plateia do Estádio do Steaua renderem-se à superior classe e virtuosismo de Veloso, Mozer, Álvaro, Silvino, Dito, Elzo e mais alguns artistas dum plantel que, num



Álvaro: um símbolo de energia e inconformismo

futuro próximo, virá a contar com Valdo e, provavelmente, mais um ou outro elemento de alta bitola internacional.

Os romenos foram siderados pela presença de uma equipa superiormente disciplinada e consciente do valor de Hagi e seus parceiros que, todos reconhecemos, tratar-se de futebolistas de invulgar capacidade.

Actuando serenamente e demonstrando que o estilo de jogo e as características individuais dos elementos do Steaua eram bem conhecidas por todos os futebolistas lusos, o Benfica realizou uma exibição pautada pela inteligência e pela concentração. Numa palavra: notável.

A avaliar pela exibição destes 13 heróis, perante a forte equipa romena, cremos que a «aposta europeia» anunciada por João Santos e seus colegas dos órgãos sociais do SL Benfica, está ganha e já estamos a ver o «comboio vermelho» a rodar com destino a Estugarda.

Claro que ainda restam 90 minutos de jogo e neste momento os quadros do Steaua e

Sob a direcção do alemão-federal Karl-Heinz Trischler, as equipas alinharam:

Steaua: Liliac; Iovan, Petrescu (Cojocaru, 77), Bumbescu e Stoica; Belodedici, Lacatus, Balint (Balan, 63) e Piturca; Hagi e Popescu.

Benfica: Silvino; Veloso, Dito, Mozer e Álvaro; Elzo, Diamantino, Shéu e Pacheco (Chalana, 70); Chiquinho (Magnusson, 70) e Rui Águas.

Acção disciplinar: cartão amarelo a Dito (55 minutos).

do Benfica encontram-se em paridade numérica. No entanto, permita-se-nos um palpite: na Luz o Benfica vencerá. E esta minha convicção fundamenta-se, obviamente, na identificação que recolhi deste Steaua e do conhecimento que tenho sobre todos os comandados de Toni. A superioridade não oferece menor dúvida e o meu caro leitor, que terá visto o jogo através da TV, naturalmente que perfilhará da minha opinião.

Toni tem «a casa devidamente arrumada» e conta o «aval» de todos os elementos, já que todos lhe reconhecem e apreciam as virtudes de grande «expert» da profissão. Toni merece o apoio geral e pela minha parte não me cansarei de enaltecer as qualidades que vai revelando.

Foi, sem dúvida, mais uma jornada de deslumbramento, muito semelhante aquelas que, na passada temporada, nos foram proporcionadas pelo FC Porto, que, por todo o Mundo, mostrou todo o potencial do luso futebol e tudo indica que no próximo mês de Maio o Benfica reocupe o trono onde se situou nos anos de 1961 e 1962 e que actualmente é ocupado pela poderosa colectividade dos «dragões». Optimismo exagerado? Não, somente um «palpite» baseado na realidade. Temos Benfica para a Europa? Amanhã falarei disso.



Eusebio: é sempre assim onde quer que o vejam

A "primeira parte" foi assim

Resultados dos jogos da primeira «mão» das meias-finais das competições europeias de futebol:

Taça dos Campeões

Steaua Bucareste (Roménia) - Benfica (Portugal)..... 0-0
Real Madrid (Espanha) - PSV Eindhoven (Holanda)..... 1-1

Taças das Taças

Malines (Bélgica) - Atalanta (Itália)..... 2-1
Marselha (França) - Ajax (Holanda)..... 0-3

Taça UEFA

Clube Bruges (Bélgica) - Espanhol (Espanha)..... 2-0
Bayer Leverkusen (RFA) - Werder Bremen (RFA)..... 1-0

A segunda «mão» realiza-se a 20 do corrente.



Shéu foi ao tapete mas lá estava Mozer de atalaia

assim vai o

totobola

O Algarve: 122 XX2 111 1221; Jornal da Beira: 12X 11X 111 1221; Correio de Coimbra: X2X 1X2 X11 X2X1; Correio do Vouga: X21 X1X 111 1122; A Defesa: X22 1XX 1X1 X12X; Folha do Domingo: XXX X1X 111 XX2X; Ecos de Cácia: X22 X12 X11 1221; Jornal de Felgueiras: 12X 1X1 111 XXXX; Jornal do Fundão: 12X 112 1X1 12X1; Jornal de Gaia: 122 1X2 X11 X2XX; Rádio Totobola: XX2 11X 111 X221; Linhas de Elvas: 121 111 111 X1XX; Maria da Fonte: X2X X1X X11 12X1; No Estúdio e no Estádio: X2X 1XX 111 X22X; Notícias do Douro: 12X 111 X11 XX21; Notícias de Felgueiras: X2X 1XX 111 XXX1; Notícias de Guimarães: X2X 1X2 111 X22X; Reconquista: 22X 212 111 12X1; Informação Desportiva/Rádio Altitudo: X2X 11X XX1 12X1; Bom-Dia: 12X 11X X21 XX22; Manhã, Manhã: XX1 11X 1X1 X221; Secção Desportiva/Rádio Comercial: 1X1

1XX X11 1221; Tempo de Desporto: X2X X11 X11 1221; Fora de Jogo: 1X1 X11 111 1XX1; Grande Sábado: 1XX X1X 111 122X; Ponto de Mira: 122 X1X 111 1X22; Sintonia Desportiva: 222 XXX 1X1 XX22; Fotogramas: 22X X1X 111 12XX; Bola ao Centro: 122 XXX 111 XXX2; Programa da Manhã: 1X2 X11 1X1 1222; Canal Mais: 12X X11 111 X22X; Boomerangue: X2X X1X 111 X22X; RR/Desporto: 12X 11X 111 X2X1; Bola Branca: X2X 111 111 1221; Frente Desportiva: 22X 11X XX1 X2XX; A Voz do Domingo: 12X 11X 111 1X11; Voz de Lamego: 221 1XX 111 1211; Panorama Desportivo: XXX 1X2 111 X2X1; Rádio Guarda: 2XX 12X 12X 1112; Disco e Daquilo: 222 X12 111 21X1; Tarde Desportiva: 1XX 111 111 1X21; Livre e Directo: 121 X1X X11 1221; Penalti: 12X 111 111 1211; Jornal de Amarante: XXX 111 111 12X1; Comarca de Arganil: X21 1X1 111

1XX1; Cardeal Saraiva: 22X 112 111 X21X; Defesa de Espinho: X22 X1X 1X1 X21X; Eu Sei Tudo: X21 11X 111 X221; Gazeta das Caldas: X2X 11X 111 X1X1; Jornal da Graça: 22X XX2 X11 XX2X; Notícias de Gouveia: 1X1 X11 1X1 1122; A Ordem: X2X 11X 1X1 12X1; Primeiro de Janeiro: X11 11X 111 22X1; Panorama: 2XX 11X 21X 21X2; Placard Desportivo: X21 XX1 2X1 1X1X; Jornal de Sintra: 12X X11 1X1 X22X; A Voz dos Rídiculos: XXX 11X 111 1121; Música e Desporto: 211 2XX 12X X21X; Jornal de Notícias: 1XX 111 111 1XX1; Comércio de Leixões: X2X 1XX 1X1 1221; De Tudo Um Pouco: X2X 11X X11 12XX; Diário de Lisboa: 1XX 11X 111 X221; Alvo Desportivo: XXX 1XX 1X1 1211; Rádio Alvo: 122 122 X11 X1XX; Alvo: X11 111 1X1 1X21; Alvo Suplemento: 2X1 111 X11 X1XX.

PROGNÓSTICOS DOS ORGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 15/88 DE 10 DE ABRIL DE 1988

	R E S U M O			B O L A S (*)		
	1	X	2	1	X	2
1. Sporting-Porto	25	29	12	5	5	2
2. Rio Ave-Benfica	3	18	45	1	3	8
3. Penafiel-Belenenses	15	39	12	3	7	2
4. Braga-Farense	42	22	2	7	4	1
5. Espinho-Académica	45	19	2	8	3	1
6. Salgueiros-Guimarães	18	36	12	3	7	2
7. Chaves-Boavista	49	15	2	9	2	1
8. Elvas-Varzim	48	15	3	9	2	1
9. Marítimo-Covilhã	63	3	0	11	1	1
10. Portimonense-Setúbal	33	30	3	6	5	1
11. Trofense-Famalicão	11	16	39	2	3	7
12. Montijo-Nacional	8	27	31	1	5	6
13. Louletano-Olhansense	37	20	9	7	4	1

(*) — Nos termos do Art.º 14.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A "CHAVE" LÓGICA SERÁ:
X2X 11X 111 1221

Real Madrid, 1 - PSV Eindhoven, 1

Holandeses silenciaram a "catedral"

O Real Madrid viu goradas todas as suas expectativas de garantir (em casa) a sua presença na final da Taça dos Campeões Europeus ao ceder um empate comprometedor frente aos holandeses do PSV Eindhoven por 1-1.

O Real chegou ao golo logo aos seis minutos por intermédio do mexicano **Hugo Sanchez**, na transformação de uma grande penalidade a castigar falta na grande área cometida sobre ele, e o golo do empate do PSV foi obtido por **Linskens** aos 20 minutos.

Equipa considerada favorita para a conquista da Taça dos Campeões, o Real Madrid comandado para mais por um técnico holandês (**Beenhaker**) acabou por ser surpreendido com o futebol de entreajuda, dinâmico e agressivo dos holandeses.

Líderes dos respectivos campeonatos de que serão prováveis vencedores, ambas as turmas registam considerável aproveitamento ofensivo nos seus respectivos, com os madrilenos somando 80 golos marcados e os holandeses nada menos de 105 golos.

No «Santiago Bernabeu», as duas equipas justificaram o seu bom momento de forma actual e os respectivos ataques e guardas-redes estiveram em plano de grande evidência, embora da turma da casa se esperasse exibição mais convincente.

«Este foi o nosso pior jogo



deste ano» afirmou o técnico do Real Madrid (**Leo Beenhaker**), cuja opinião é também partilhada pelo avançado internacional **Emilio Butragueño** que advertiu porém para a propensão do Real Madrid nos jogos realizados fora de casa.

Mas para a «pior exibição da temporada» os espanhóis terão de contar, também, com a boa estratégia montada pelo técnico holandês **Guus Hiddink**, superiormente cumprida pelos seus jogadores, que, apesar de actuarem fora perante o favoritismo do Real, nunca se remeteram à defesa.

Sob a direcção de **George Courtney**, Inglaterra, alinharam:

Real Madrid: Francisco Bujo; Chendo, Tendillo, Sanchis e Camacho (Ricardo Gallego aos 73m); Michel, Gonzalez, Martin Vazquez, Jankovic (Llorente aos 66m) e Gordillo; Emilio Butragueño e Hugo Sanchez.

PSV Eindhoven: Van Breukelen; Gerets, Koeman, Nielsen e Jan Heintze; Vanenburg, Berry Van Aerle, Linskens e Soren Lerby; Kim Kieft e Frank Arnesen (Anton Janssen, aos 31m).

A jornada uefeira

RESUMO EM TRÊS DIMENSÕES

A próxima final da Taça dos Campeões Europeus de futebol poderá ser um Benfica - PSV Eindhoven, a julgar pela lógica dos resultados da primeira «mão» das meias-finais ontem disputada.

O Benfica, que foi campeão em 1961 e 1962, foi a Bucareste buscar um empate sem golos ao estádio dos campeões de há dois anos, o Steaua e a forma como o Benfica actuou, para além do resultado alcançado, deixaram bons augúrios para a final de Estugarda.

Quanto ao poderoso **PSV Eindhoven**, conseguiu sair com outra igualdade, mas esta mais auspiciosa, 1-1, do «inferno» de Santiago Barnabeu, onde silenciou os 90 000 adeptos de um dos grandes favoritos ao título.

Depois de afastar o Nápoles de Maradona, o campeão FC Porto, e o finalista derrotado do ano passado, o Bayern de Munique, o Real Madrid não conseguiu passar este PSV, apesar de

ter marcado logo aos 6 minutos, numa controversa grande penalidade marcada por **Hugo Sanchez**.

O empate marcado por **Linskens**, aos 19 minutos, permaneceu até final, com o Real sem soluções, apesar de algumas oportunidades de marcar perdidas, para chegar ao indispensável triunfo.

Dois empates conquistados fora, nas meias-finais, apontam logicamente (num desporto-espectáculo onde no entanto não há lógica) para um prémio para os visitantes de ontem: a final de Estugarda, em 25 de Maio.

Taças: Ajax «já está»

Na Taça dos Vencedores de Taças algo de surpreendente está prestes a acontecer: uma equipa da segunda divisão na final.

O **Atalanta**, de Itália, que nos quartos-de-final eliminou o Sporting, saiu de Malines, na

Bélgica, com uma derrota tangerencial, 2-1, com um golo marcado pelo ex-benfiquista **Glenn Stromberg**, e deu mostras de poder virar o resultado em Bér-gamo.

Na final, em 11 de Maio em Estrasburgo, estará sem dúvida o Ajax de Amsterdão, disposto a revalidar o título, depois de ter ganho por expressivos 3-0 em **Marselha** ao Olympique, no que foi a única vitória fora nas meias-finais das taças europeias, com dois golos de **Rob Witschge** e um de **Denis Bergkamp**.

Se o Ajax era finalista esperado, o Atalanta pode ser a grande surpresa. Depois do encontro de ontem o Atalanta, equipa do escalão secundário, mas a única sobrevivente em provas europeias de um país de futebol «milionário» na primeira divisão, surge com hipóteses de uma proeza ímpar no futebol continental: ser a primeira equipa de

segunda a vencer uma taça europeia.

UEFA: RFA tem finalista

Na Taça UEFA, um dos finalistas já se sabe ser alemão federal, pois **Bayer Leverkusen** e **Werder Bremen** defrontaram-se no campo do primeiro como se de um jogo de campeonato se tratasse e o Bayer venceu por 1-0, resultado escasso para a visita a Bremen, onde o líder do campeonato da RFA deverá tornar-se finalista.

O outro tudo indica que seja o **Club Bruges**, depois de ter vencido na Bélgica o **Espanhol** de Barcelona por 2-0, com a ajuda de um autogolo de **Jorge Gallart**, depois de **Ceulemans** ter marcado primeiro.

Cumprida a primeira parte das meias-finais — a segunda «mão» disputa-se no próximo dia 20 — PSV e Ajax dão a tônica do ressurgimento do futebol holandês, enquanto o Espanhol sofreu um forte desaire.

Taça das Taças: Mechelen, 2 - Atalanta, 1

Adivinha-se um caso insólito

O Atalanta de Bér-gamo, da segunda divisão italiana, perdeu por tangencial 2-1 com o Malines, na Bélgica, abrindo boas perspectivas para atingir a final da Taça das Taças.

O Malines começou bem, abrindo o activo logo aos 5 minutos, quando, na sequência de um livre, o seu avançado israeli

lita **Eli Ohana**, dominou o esférico no coração da área, rodou sobre si mesmo e iludiu o veterano **Piotti**, fazendo o 1-0.

Contudo, a euforia dos adeptos belgas cedo esmoreceu, já que o ex-benfiquista **Stromberg** restabeleceu a igualdade três minutos volvidos, concluindo com êxito um cruzamento.

O Malines só voltaria a colocar-se em vantagem aos 80 minutos, quando **Piet de Boer**, aproveitou uma situação confusa na área dos italianos para fazer o segundo golo da sua equipa.

Sob a arbitragem de **Emilio Alarden**, de Espanha, as equipas alinharam:

MALINES: Peud'Homme; Emmers, Rutjes, Clijsters e Hofkens; Sanders, Benfeld (De Mesmaeker, 73), Koeman e de Wilde; Den Boer e Ohana.

ATALANTA: Piotti; Rossi, Gentile, Fortunato e Barcella; Prognia, Stromberg (Consonni, 87), Nicolini e Bonnetti (Sanvadori, 72); Icardi e Garlini.

Olympique, 0 - Ajax, 3

"Laranja mecânica" está imparável

Rob Witschge, com dois golos marcados aos 12 e 42 minutos, foi o grande «carrasco» dos franceses do Marselha na vitória (3-0) do Ajax em encontro da primeira mão das meias-finais da Taça das Taças.

O Ajax, cujo triunfo por três tentos o coloca praticamente na final da prova europeia, pois em

Amsterdão tudo será ainda mais fácil, fechou a contagem (3-0) a um minuto do fim, através de **Denis Bergkamp**.

A turma holandesa, detentora da Taça das Taças mas esta época ofuscada na Holanda pela carreira do PSV Eindhoven, apresentou-se muito organizada na defesa, disciplinada tática-

mente e a praticar um futebol de ataque, pouco usual nas equipas que jogam fora, com o Marselha a rubricar uma exibição apagada e sem agressividade ofensiva.

As equipas alinharam: **MARSELHA:** Bell; Le Roux (Eric Mura), Domergue e Karl-Heins Forster; Claude Lowitz,

Genghini, Pape Fall (Abdoulaye Diallo) e Giresse; Jean-Pierre Papin, Abedi Pele e Klaus Allofs.

AJAX — Menzo; Danny Blind, Verlaet, Larsson e Aron Winter; Wouters, Schip, Scholten; Bosman (Denis Bergkamp); Arnold Muhren e Rob Witschge.

Taça UEFA: Brugges, 2 - Espanhol 0

Belgas na "crista da onda"

Um auto-golo de **José Gallart**, aos 74 minutos, num lance infeliz, facilitou a vitória (2-0) dos belgas do FC Brugas frente ao Espanhol na primeira mão das meias-finais da Taça UEFA.

O Espanhol, que terá de suar bastante se quiser rectificar o resultado da segunda mão em Barcelona, teve a sua melhor oportunidade de golo, aos 50

minutos, através de um « tiro » de **Gallart**, com o guarda-redes belga **Vande Walle** a corresponder com uma grande defesa para canto.

Depois de jogar exclusivamente à defesa até ao intervalo, o Espanhol ensaiou tímidos contra-ataques no segundo tempo, mas foram sempre os belgas que se mostraram mais perigo-

so nas suas investidas. Os belgas consentiram que fossem os espanhóis a dominar a meio-campo, mas os visitantes nunca exibiram força suficiente para romper a sua defesa, enquanto os locais, com um futebol mais prático e à base de pontapés largos, criavam sempre as ocasiões mais flagrantes de marcar.

As equipas alinharam: **FC Brugas:** Van Den Walle; Mamadou, Van Der Elst, Kimoni e Van Wijk; Ven Der Elst, Beyens, Creve e Degryse; Ceulemans e Brylle.

Espanhol: Melendez; Urkiaga, Job, Soler e Miguel Angel; Inaki, Gallart, Zubillaga (Lauridsen 45) e Valverde; Pichi Alonso e Orejuela.

Bayer Leverkusen, 1 - Werder Bremen, 0

Para germânicos tanto faz

O Bayer Leverkusen bateu o Werder Bremen, por 1-0, com um golo de **Reinhardt**, aos 61 minutos, na meia-final germânica da Taça UEFA, quebrando um recorde europeu que vigorava há 25 anos.

O Bayer manteve assim a in-

vencibilidade nos primeiros 13 jogos disputados nas competições superando o Valência, de Espanha, anterior recordista, que esteve 12 jogos sem perder, após a sua estreia nas Taças UEFA, em 1963.

O Werder Bremen, actual líder

do campeonato germânico, dominou praticamente todo o encontro, mas faliu no capítulo da concretização, numa partida em que poderia ter resolvido a eliminatória a seu favor.

Bayer Leverkusen: Vollborn; Seckler, Reinhardt, Hoerster e

Hinterberger; Schreier (Goetz, 62), Rolff e Tita (Buncol, 76); Taeuber, Waas e Bum.

Werder Bremen: Reck; Bratseth, Sauer, Borowka e Otten; Hermann, Wolter e Votava; Riedle, Neubarth e Ordsenewitz (Meier, 69).



MUNICÍPIO DE LISBOA

LISTA PROVISÓRIA DAS OBRAS CONCORRENTES AOS PRÉMIOS LITERÁRIOS MUNICÍPIO DE LISBOA

PROSA DE FICÇÃO

«Alcança Quem Não Cansa»
«A Colina de Cristal»
«Contrabando Original»
«O Desafio»
«Espingardas e Música Clássica»
«A Fuga Para o Egipto»
«Jornal de Um País Cigano»
«Março Desavindado»
«Morte em Campo de Ourique»
«Muro de Vidro»
«Perfeito Como Nos Filmes»
«Psiché»
«Quatro Últimas Canções»
«Três Lágrimas Paralelas»
«Um Selvagem ao Piano»
«Universal Limitada»
«Vila Nova»

de Henrique Nicolau
de Baptista Bastos
de José Martins Garcia
de João Aniceto
de Alexandre Pinheiro Torres
de Mário Cláudio
de Le Coq de Souza
de Mário Ventura
de Orlando Neves
de Alvaro André
de Justino Pamplona e Luis Rodrigues
de Fernando Campos
de Vasco Graça Moura
de Artur Portela
de Fernando Venâncio
de Isabel Cristina Pires
de Júlio Vieira

POESIA

«Canto Mediterrâneo»
«O Corpo do Silêncio»
«Os Dedos os Dias as Palavras»
«Fogo do Céu»
«A Furiosa Paixão Pelo Tangível»
«Música Para os Meus Poemas»
«Raízes do Meu Canto»
«Ronda dos Meninos Expostos»
(Auto breve de Natal)
«O Ser e as Coisas»
«Ser Poeta»
«33 Sonetos de Amor e Circunstância»
«Trovões da Infância na Aldeia»

de Manuel Simões
de Cécilia Celso
de Teresa Rita Lopes
de Manuel Guimarães
de Vasco Graça Moura
de Graciete Coração
de Maria Isabel Ribeiro Monteiro
de Vasco Graça Moura
de Fernando Ilharco Morgado
de António Henrique Balté
de Cristina Cortes
de Orlando Neves

TEATRO

«Os Amantes Voluntários»
«As Suplicantes»

de Manuel Poppe
de Fonseca Lobo

ENSAJO

«André Furtado de Mendôça o Grande Capitão»
«Aquilino em Paris»
«Jaime Cortesão - 13 Cartas do Cativeiro e do Exílio (1940)»
«Romeu Correia - O Homem e o Escritor»
«Ser e Ler Miguel Torga»

de Mário de Mondôça Frazão
de Jorge Reis
de Alberto Pedrosa
de Alexandre M. Flores
de Fernão de Magalhães Gonçalves

Objectivo: Seul

RUI FRAZÃO E VALARINHO NA 'TAÇA DO MUNDO' DE ESPADA

Rui Frazão e Frederico Valarinho, do Lisboa Ginásio Clube, dois dos melhores esgrimistas portugueses, participarão sábado (dia 9), e domingo, na cidade alemã-federal de Heidenheim, na Heidenheimer Pokal, prova a contar para a Taça do Mundo de espada e passível de dar aos dois atradores portugueses «mínimos» para os Jogos Olímpicos de Seul.

A novidade, até aqui, não seria grande, pois em ano olímpico muitos são os atletas que, em todas as modalidades, procuram «mínimos», em todas as modalidades que fazem parte do programa dos Jogos. Quem apoia financeiramente esta deslocação é o torneio de rãguebi «Lisboa Sevens», que no primeiro fim-de-semana de Junho, se vai realizar no Estádio Nacional, com a presença de várias equipas internacionais do «jogo da bola oval» na sua variante de sete jogadores.

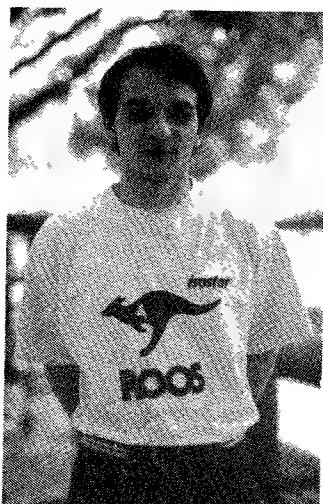
«O Clube do Rãguebi, organizador do 'Lisboa Sevens', achou que apoiar a nossa pretensão de alcançar os «mínimos» para Seul seria uma boa forma de divulgar o torneio. Penso que



Frazão

todos ganharemos com isto e que seja um bom exemplo para o futuro, com as modalidades com maiores capacidades financeiras e organizativas apoiando as outras disciplinas desportivas», explicou Frederico Valarinho.

Rui Frazão, vice-campeão nacional de juniores e já esta época vencedor da importante



Valarinho

competição Taça António Montez, mostra-se comedido nas suas pretensões quanto a esta prova de Heidenheim. «Não sei bem o que esperar da Heidenheimer Pokal, pois é a primeira vez que vou entrar numa prova internacional de categoria 'A'. Os meus objectivos são, acima de tudo, ganhar experiência. Mas, se as coisas correrem

bem, até era 'giro' fazer 'mínimos', afirma o jovem espadista de 18 anos.

Quanto a Frederico Valarinho, que esta época regressa à prática competitiva depois de uma lesão que o obrigou a uma paragem de dois anos, aposta forte na prova alemã. «Tenho 23 anos, e já não posso perder muito tempo se quero fazer alguma coisa na esgrima. É por isso que estou a dar o tudo por tudo para conseguir 'mínimos', em Heidenheim. Sinto-me capaz disso, com uma motivação enorme e, se bem que ainda não esteja no meu melhor (ainda não há seis meses que regresssei aos treinos, penso que com aquela ponta de sorte que tanta falta faz no desporto, posso alcançar o 'passaporte' para Seul que tenho no horizonte», afirma. Antes da lesão, Frederico Valarinho provou sentir-se à vontade nas provas internacionais, tendo até conseguido um terceiro lugar no Torneio Barcelona - Toulouse - Lisboa, em Barcelona, entre muitos espadistas de nome feito. Será que essa aptidão para melhor jogar no estrangeiro do que em Portugal continua?

Tomislav Ivic à imprensa italiana

"Decidirei o meu futuro depois da atracagem"



Ivic: ele já foi campeão em três países

«Após as eleições para a presidência do Porto, no próximo mês, tomarei uma decisão sobre o meu futuro», disse o técnico Tomislav Ivic em entrevista publicada na edição de ontem de «La Gazzetta Dello Sport».

O principal motivo da entrevista é um recorde que, segundo o jornal desportivo italiano, o técnico jugoslavo está prestes a bater: campeão da Jugoslávia com o Hadjuk, da Holanda com o Ajax e da Bélgica com o Anderlecht, Ivic está prestes a juntar ao seu palmarés o título de campeão de Portugal com o FC Porto.

«La Gazzetta» refere as contestações de que é alvo, sobre as quais Ivic afirma: «Um comandante que se respeite deve guiar o seu navio de um porto ao outro. Neste momento, sinto-me um comandante de um navio. Contestam-me? Paciência. Decidirei sobre o meu futuro depois da atracagem.»

O técnico define os rumos segundo os quais poderia transferir-se para a Ju-

ventus, de Itália, como «disparates sem fundamento», e acrescenta: «quem acaba por perder somos nós, do Porto, que nos distraímos e acabamos por não render segundo as nossas possibilidades.»

Para ele, as partidas de Futre e Madjer foram «gravíssimas», porque «estão entre os cinco melhores jogadores da Europa».

«Ficámos apenas com Gomes no ataque. Olhei à minha volta e decidi que o segundo avançado seria Rui Barros. Arrisquei muito, mas tudo correu bem. Hoje, o rapaz está mais forte e mais popular, pode exprimir as suas potencialidades com mais facilidade. Hoje, toda a Europa fala dele com grande entusiasmo, o que para mim é uma grande satisfação.»

PONTA ESQUERDA

Futebol de salão sai da "clandestinidade"

O futebol de salão, depois de vários anos de «clandestinidade» desportiva, terá amanhã a sua legalização com a assinatura da escritura pública para constituição oficial da Federação Portuguesa da modalidade.

A assinatura para a criação da Federação, marcada para as 16,30 horas, terá lugar num cartório notarial em Lisboa, com a presença de várias figuras ligadas à modalidade.

No mesmo dia, mas pelas 19 horas, realiza-se uma assembleia geral para eleições dos corpos gerentes da nova Federação Portuguesa de Futebol de Salão, havendo apenas uma lista liderada por Paulo Relógio.

Os melhores da "Gazzetta Dello Sport"

Considerado o melhor jogador na sua posição até Fevereiro, Futre desceu para o 5.º lugar na lista semanal dos melhores jogadores europeus segundo «La Gazzetta Dello Sport».

Os outros cinco jogadores portugueses que têm figurado no «top» do jornal desportivo italiano mantêm-se nas posições que ocupavam há uma semana.

João Pinto é considerado o 3.º melhor lateral-direito, Álvaro o 2.º melhor lateral-esquerdo, Jaime Magalhães o 2.º melhor centro-campista da ala direita, Rui Barros o 3.º centro-campista no meio do terreno e Sousa o 2.º centro-campista na faixa esquerda.

Destaque, também, para Mlynarczyk, que é o 3.º melhor (guarda-redes), Geraldão (o 3.º líbero) e Madjer (o 4.º avançado-centro).

A «selecção europeia» da «Gazzetta» é a mesma da semana passada, com Illgner (Colónia, RFA); Chendo (Real Madrid, Espanha); Koeman (PSV Eindhoven, Holanda); Sanchis (Real Madrid) e Amoros (Monaco, França); Michel (Real Madrid), Hermann (Neuchâtel, Suíça), Gordillo (Real Madrid) e Beardsley (Liverpool, Inglaterra); Hugo Sanchez (Real Madrid) e Brutagueno (Real Madrid).

Grécia apoia "regresso" dos ingleses

A Federação Grega de Futebol anunciou que apoiará o regresso das equipas inglesas às competições europeias, depois de estas terem sido banidas na sequência da tragédia de Heysel Park.

A EPO comunicou já à UEFA a sua posição face ao eventual regresso das equipas inglesas às várias competições europeias de clubes.

Microscópio

Basquetebol: selecção feminina averbou nova derrota

A selecção portuguesa feminina júnior de basquetebol foi derrotada pela Dinamarca, qualificação para o Campeonato Europeu da categoria, que decorreu em Wasserburg, RFA.

A selecção portuguesa ficou em 5.º e penúltimo lugar, depois de ter ganho apenas à Irlanda, que foi última classificada, sem vitórias.

Ténis: Sotero foi eliminado no «Madeira Cup»

Sotero Rebelo foi eliminado pelo espanhol Francisco Roig na segunda ronda da «Madeira Cup», em ténis.

Nesta jornada, o cabeça-de-série número 8, o italiano Michele Fiorini, foi afastado pelo australiano Carl Turich.

Nuno Marques preferiu desistir do encontro de pares para não agravar uma bolha no pé esquerdo e poupar forças para o encontro dos oitavos-de-final de singulares, que jogará hoje com o australiano Richard Fromberg.

Squash: Federação para breve

A criação oficial da Federação Portuguesa de Squash deverá ser feita dentro das próximas duas semanas com a assinatura da respectiva escritura notarial — disse Filipe Rodrigues, coordenador da modalidade no Olaias Clube.

Filipe Rodrigues revelou «estar tudo encaminhado para a criação oficial da Federação Portuguesa de Squash», admitindo que a ausência daquele organismo possa estar a causar alguns equívocos e problemas, como aconteceu no último campeonato nacional.

Rãguebi

Seleções em "aprendizagem"

Regressadas do País Basco e do sul de França, chegaram a Lisboa as «selecções nacionais» de rãguebi de juniores e de iniciados, que se deslocaram, àquelas paragens, no âmbito de permuta de visitas, organizadas pela Federação Portuguesa de Rugby, com o apoio da CENTRAL DE CERVEJAS e da FIDELIDADE - GRUPO SEGURADOR.

A selecção de juvenis perdeu por 18-3 com a sua congénere de Buskadi em jogo realizado em Getxo (Viscaya); frente à selecção Guipuzcoa, os bascos ganharam por 15-3 (em jogo efectuado em S. Sebastian e no derradeiro encontro, realizado em Zarants, frente ao Mutriku RT a turma lusa voltou a perder desta vez por 20-0. De acordo com informações prestadas por elementos da comitiva portuguesa — que se compunha de 24 jogadores, o treinador Delfim Barreira e o dirigente federativo José Freire da Fonseca — os bascos melhoraram a capacidade atlética das suas equipas com a inclusão de jogadores de escalão superior, tendo as arbitragens deixado muito a desejar.

Quanto ao escalão de «iniciados», a selecção-misto (que também perdeu os três jogos realizados) compunha-se de 23 atletas com idades compreendidas entre os 13 e os 15 anos, os quais foram acompanhados pelos treinadores Rui Pedro Caldas e Nuno Fragosos, sendo a caravana dirigida por Jorge Galamba, da FPR. O jogo inaugural terminou com a derrota da nossa equipa por 20-8 frente ao Aviron Bayonnais, tendo-se jo-

gado (por acordo) 4 partes contra 4 equipas praticamente diferentes; no 2.º encontro, realizado ao norte da província de Landes, frente ao Laboneyre (2.º classificado do campeonato provincial), Portugal perdeu por 18-16, tendo aqui produzido o seu melhor jogo da digressão, e convirá realçar o facto do árbitro haver afirmado no final do jogo que, um engano seu, deturpou o resultado final: o último confronto, foi perdido por 26-0 frente ao campeão do Sudoeste francês (zona onde se pratica o melhor rugby em França) e que em Maio será, possivelmente, campeão gaulês, foi jogado na localidade do clube organizador da digressão, por terras francesas (Peyrehorade).

Esta mesma equipa (Peyrehorade - Sports) chegou entretanto a Portugal com uma formação de juniores, que anteontem perdeu por 13-12 com um misto português, da zona lisboeta, composto por jogadores juniores de 19 anos e quatro jogadores de 20/21 anos (Esperanças).

Aquele conjunto francês que já se encontra na região de Coimbra, em viagem de turismo, jogará hoje na Lousã com um misto «sub-21» de Coimbra, Lousã e Moitense.

O regresso da selecção júnior

Vindos da Makarska (Jugoslávia), regressou a Lisboa a selecção portuguesa de juniores que ali participou no torneio internacional da FIRA e cuja delegação foi chefiada por José Picão de Abreu, presidente da

FPR, e que integrava 23 jogadores, os treinadores Nicolau e João Belo e o dirigente federativo João Vigos. Portugal conquistou o 5.º lugar da «geral», logo a seguir à França, URSS, Itália e Roménia, que, como é sabido, constituem grandes potências da modalidade.

Portugal perdeu com a URSS (40-3) e venceu seguidamente a Espanha (7-0) e a Bélgica (26-12). Recorde-se que o próximo torneio da FIRA irá decorrer em Portugal.

Na sua agenda

Andebol em Pombal

O Núcleo do Desporto Amador de Pombal, vai levar a efeito no próximo dia 10 do corrente o II Torneio Quadrangular da Páscoa, em andebol na categoria de juniores (masculinos). Entre os clubes participantes destaca-se a presença do Sporting, Belenenses e Benfica.

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da Patente de Invenção N.º 72 931 para: «PROCESSO DE VAPORIZAÇÃO SELECTIVA E SEU CONTROLO DINÂMICO DE RAMAS E FRACÇÕES RESIDUAIS DE DESTILAÇÃO DE PETRÓLEO».

Trata: CLARKE, MODET & C.ª, LDA. Patentes e Marcas Rua Castilho, 201-3.º-Esq.º 1000 LISBOA Telef. 651339/654613/692815

Adiada a entrega dos «Oscars» em sinal de luto por King

A Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood anunciou, a noite passada, ter decidido adiar a tradicional cerimónia da entrega dos «Oscars», em sinal de respeito pela memória do dr. Martin Luther King.

É a primeira vez que a Academia resolve adiar a cerimónia anual da entrega dos «Oscars», que se verificava, ininterruptamente, há 40 anos.

A entrega dos «Oscars», que devia efectuar-se amanhã à noite, só se verificará na quarta-feira, um dia depois daquele em que se efectua o funeral do dr. Luther King, em Atlanta, na Georgia.

Foi o actor Gregory Peck, presidente da Academia, quem anunciou esta decisão, numa conferência de Im-

prensa, convocada a seguir a uma reunião de emergência dos directores da instituição.

Humphrey é candidato à Presidência dos EUA

O vice-presidente Hubert Humphrey vai candidatar-se à Presidência dos EUA segundo revelou um dos seus mais íntimos colaboradores.

«Não o posso anunciar oficialmente porque não me compete a mim fazê-lo, mas posso afirmar desde já que Humphrey será candidato» — disse Eugene Foley, numa reunião do Partido Democrático do Alaska.

Foley, que dirigiu a campanha eleitoral de Humphrey, em 1964, é actualmente subsecretário do Comércio, sendo natural do estado do Minnesota, tal como o vice-presidente.

Motorista de táxi agredido por um cliente de bolsos vazios

— Livre...?

O motorista disse que sim. O cliente entrou no táxi, na Mouraria, mandou seguir para o Bairro da Encarnação.

Quando o veículo ali chegou, o passageiro rapou de uma pedra que levava escondida na gabardina e (por não ter dinheiro para pagar a corrida) agrediu o motorista na cabeça, fugindo em seguida.

Nomes dos protagonistas: Luís Coelho Cordeiro, motorista; e Francisco R., canalizador, de Odivelas, mais tarde capturado por um marinheiro na mata periférica do Bairro da Encarnação.

EM PORTUGAL

	Máx.	Mín.	rec.	As 13 h.
Bragança	1	0	0,0	Chuvisco
V. Castelo	9	8	0,0	Nebulosa
Vila Real	7	7	0,0	Encob.
Porto	7	7	0,0	Limpo
Coimbra	7	7	0,0	Nevoeiro
C. Carvoeiro ..	12	8	0,0	Nebulosa
C. Branco	5	5	0,0	Nebulosa
Portalegre	6	6	0,0	Nevoeiro
Lisboa	11	11	0,0	Nebulosa
Évora	8	8	0,0	Nebulosa
Beja	8	7	0,0	Nebulosa
Faro	12	12	0,0	P. nub.
Sagres	13	13	0,0	M. nub.
P. Delgada	16	15	0,0	Encob.
Funchal	13	13	0,0	P. nub.

Temp. máx. prevista para hoje: Lisboa 18, Porto 17, Faro 20, Ponta Delgada 19, Funchal, 19.

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NA EUROPA

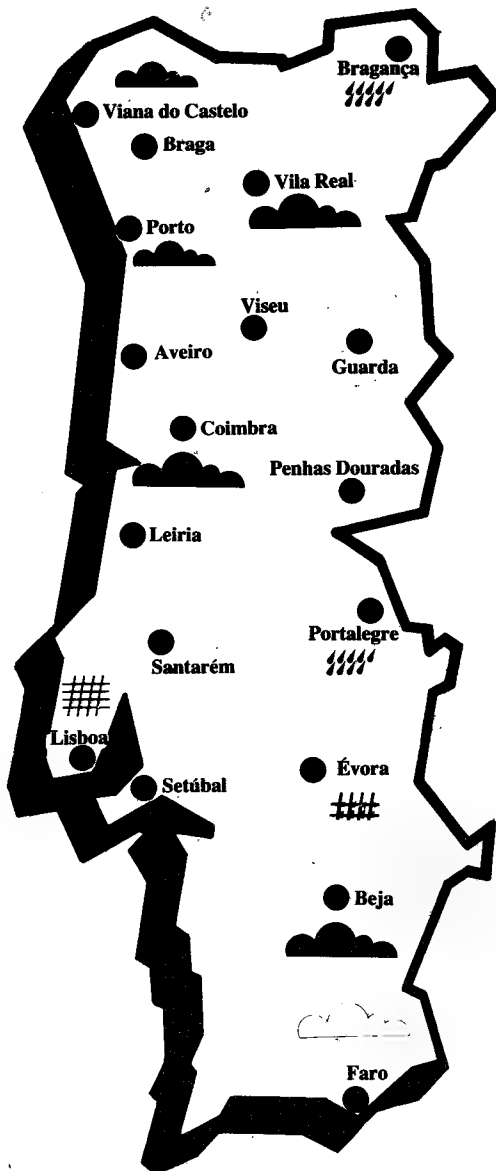
	Min.	Máx.	As 18 h.
Madrid	2	1	Muito. nub.
Londres	5	5	Bruma
Paris	6	6	Nebulosa
Bruxelas	4	4	Nebulosa
Amsterdão	4	4	Nebulosa
Genebra	4	2	Nevoeiro
Roma	10	10	Limpo
Oslo	1	1	Nebulosa
Copenhaga	4	3	Nevoeiro
Estocolmo	2	2	Nebulosa
Berlim	4	2	Nebulosa
Viena	8	8	Chuva
Varsóvia	5	2	Nebulosa
Atenas	13	12	Nebulosa
Moscovo	6	2	M. nub.

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NOMUNDO

	Min.	Máx.	As 13 h.
Caracas	18	28	Nublado
Joanesburgo ..	15	26	Nublado
Los Angeles ..	11	25	Nublado
Montreal	3	17	Limpo
Nova Deli	18	39	Nublado
Nova Iorque ..	9	12	Nublado
R. de Janeiro ..	20	27	Nublado
S. Francisco ..	10	14	Limpo
São Paulo	18	22	Nublado
Tóquio	11	17	Nublado

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm



TEMPO

HOJE

No Continente:

Em todo o território: Períodos de céu muito nublado. Vento fraco ou moderado de noroeste e possibilidade de aguaceiros. Mar de pequena vaga a cavado e ondulação noroeste com 3 a 4 metros na Costa Ocidental e ondulação sudoeste com 1 a 2 metros na costa Sul.

Nos Açores:

Grupo Ocidental: Céu muito nublado. Vento sul moderado a fresco, enfraquecendo a partir da tarde. Períodos de chuva ou aguaceiros.

Grupo Central: Céu pouco nublado. Vento sul moderado a fresco. Períodos de chuva ou aguaceiros. Estado do mar: Mar cavado. Ondulação de três a quatro metros.

Grupo Oriental: Céu geralmente muito nublado. Vento sul moderado. Períodos de chuva fraca. Estado do mar: Mar de pequena vaga a cavado. Ondulação de sul de três metros.

Na Madeira:

Períodos de céu muito nublado. Vento fraco ou moderado de nordeste.

Estado do mar: Costa Norte: Mar de pequena vaga ou cavado. Ondulação de norte de dois a três metros.

Costa Sul: Mar encrespado. Ondulação inferior a um metro.

Funchal: Céu muito nublado. Vento fraco.

AMANHÃ

Céu geralmente pouco nublado. Vento fraco ou moderado de noroeste e neblina matinal.

DEPOIS

Céu geralmente pouco nublado. Vento geralmente fraco. Neblina ou nevoeiro matinal.

MARÉS

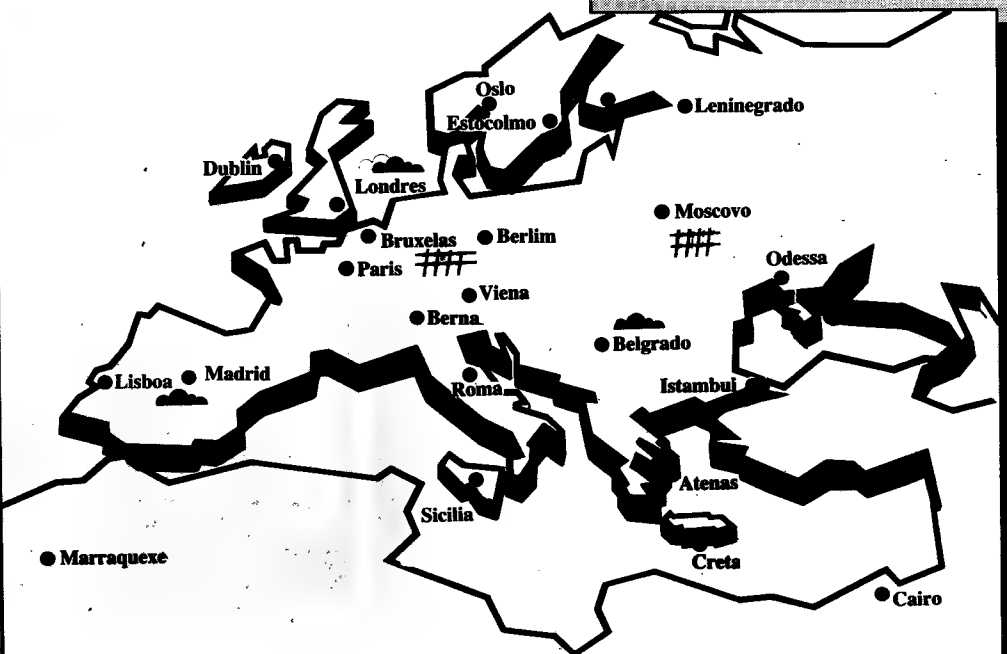
Hoje

	Prata-Mar	Baixa-Mar
05.39	3,8 m	11.17 1,0 m
17.53	3,9 m	23.36 1,0 m

Amanhã

06.11	3,7 m	11.51 1,2 m
18.26	3,7 m	24.15 1,2 m

• Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.



• Informação da agência Lusa

EFEMÉRIDES

1263 Os restos mortais de Santo António são transferidos para a Basílica de Santo António, em Pádua, consagrada na mesma data.

1498 Os navios de Vasco da Gama fundam-se perto de Mombaça, onde permanecem até dia 13.

1506 Nasce S. Francisco Xavier.

1509 A França declara guerra a Veneza.

1517 Morre a rainha D. Maria, segunda mulher de D. Manuel I de Portugal.

1614 Morre, em Toledo, o pintor El Greco.

1652 Os holandeses fundam a cidade do Cabo, na África do Sul.

1831 D. Pedro, IV de Portugal e I do Brasil, renuncia ao trono brasileiro e abdica a favor do filho, o futuro imperador D. Pedro II.

1893 Nasce, em Lisboa, o artista José de Almada Negreiros.

1897 A Turquia declara guerra à Grécia.

1921 É fundado o Jornal «Diário de Lisboa».

1945 Aparrelhos que descolaram de porta-aviões norte-americanos, afundam o maior navio vaso de guerra japonês, o «Yamato», no Pacífico, no decurso da Segunda Guerra Mundial.

1968 A URSS lança, de uma base secreta na Ásia Central, a sonda lunar «Luna 14».

— Vítima de acidente no circuito de Hockenheim (RFA), morre o campeão mundial de Fórmula 1 Jim Clark.

1972 É assassinado o dirigente da ilha Zanzibar, Xeqe Abeida Karume.

1979 O Irão executa o antigo primeiro ministro, Amir Abbas Hoveida, (que exerceu as funções entre 1965 e 1977), após julgamento secreto.

1981 Terminam as manobras do pacto soviético, realizadas perto da fronteira polaca, e o presidente da URSS, Leonid Brejnev, afirma que ninguém melhor do que o Governo polaco saberá resolver a crise laboral no País.

1986 Os serviços do Imposto Sobre o Valor Acrescentado revelam que o primeiro mês de cobrança do IVA rendeu ao Estado 24 milhões de contos, correspondendo inteiramente às expectativas oficiais de receitas.

— A Áustria anuncia que vai pedir para examinar oficialmente os arquivos das Nações Unidas que dizem respeito ao passado do ex-secretário geral da ONU Kurt Waldheim, acusado de ter pertencido a uma unidade militar nazi em serviço nos Balcãs durante a Segunda Guerra Mundial.

1987 O Dia Mundial da Saúde é assinalado em Portugal com a introdução de uma nova vacina, a VSPR - vacina anti-sarampo, papeira e rubeola.

Santa Sé produz discos compactos

A Rádio Vaticano, emissora oficial da Santa Sé, vai começar a produzir discos compactos com material inédito acumulado ao longo dos 57 anos da sua existência.

Com esta iniciativa, a Rádio Vaticano pretende aliviar o seu déficit de exploração que há dois anos era de cerca de 2 milhões de contos.

A emissora vaticana anunciou que o contrato para a produção dos discos compactos foi assinado com a editora discográfica italiana Frecuenza para distribuição em todo o mundo. A nova etiqueta será precisamente Rádio Vaticano.

O projecto contempla todos os aspectos da criatividade musical, incluindo os géneros sinfónico, de câmara, vocal e instrumental, tanto de música sacra como profana.

Entre os 3 primeiros discos compactos a colocar à venda na nova etiqueta figuram os concertos que o pianista italiano, residente na Suíça, Arturo Benedetti Michelangeli, ofereceu ao Papa João Paulo II.

A Rádio Vaticano dedicará também uma colecção aos órgãos antigos da cidade de Roma com interpretações do organista Arturo Sacchetti.

A emissora do Vaticano foi inaugurada a 12 de Fevereiro de 1931 por Guglielmo Marconi, na presença do Papa Pio XI, e actualmente transmite para todo o mundo em 40 línguas, incluindo o chinês, o vietnamita e o esperanto.

A Rádio Vaticano, que emprega 300 pessoas entre jornalistas e tradutores de diversas nacionalidades, técnicos e operadores, teve inicialmente a sua sede num palacete dos jardins do Vaticano.

Desempenhou um papel importante durante a Segunda Guerra Mundial ao difundir mais de um milhão de mensagens de familiares aos prisioneiros das nações que entraram em conflito.

Em 1957 foi inaugurada a sede actual da emissora, uns grandes estúdios em Santa Maria di Galeria, a 18 quilómetros de Roma, dotados da maior antena orientável do Mundo.

SÉRIE TELEVISIVA 'POLVO' INICIA QUARTA EDIÇÃO

A Rádio Televisão Italiana (RAI) iniciou esta semana as filmagens da quarta parte da série «Polvo», depois do êxito obtido pelas outras três partes, protagonizadas pelo actor italiano Michele Placido.

O «Polvo 4» terá seis episódios de 90 minutos cada, dirigidos por Luigi Perrelli, e o seu custo deverá rondar os nove milhões de dólares.

Co-produzida pela RAI, Telecine, TF1 de França e Taurus Film ZDG da Alemanha, a história gira em torno da vida do comissário Cattani (Placido) e da sua luta contra a mafia.

Em Itália, as três primeiras partes registaram um nível de audiência que oscilou entre os 13 e os 16 milhões de espectadores.



Também teve êxito no estrangeiro, em países como a União Soviética, França, Grã-Bretanha e da América Latina e Escandinávia.

A série foi comprada por 18 países e está a ser dobrada em inglês para a sua colocação no grande mercado norte-americano.

«Polvo 4», cuja rodagem deverá estar concluída em Setembro, começará a ser exibido na televisão italiana a partir de Outubro de 1989.

CML

“não deite papel no chão”

GRUPO TEATRO HOJE • TEATRO DA GRAÇA / VOZ DO OPERÁRIO

TENNESSEE WILLIAMS

ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES

Só até dia 10

bruscamente no Verão passado ...

“...uma excelente direcção de Carlos Fernando.”

Augusto Fraga — «O Seculo»

Sub. SEC Horário: Terça a Sábado às 21.30 h. • Matinéas: Sábado e Domingo às 16.00 h.

A BARRACA

Apresenta no RITZ CLUB

Rua da Glória, 57
Reservas: Telf. 32 51 40

O BAILE

a partir da ideia de J.C. Penchenat e do filme de Ettore Scola

3.ª A SÁB. ÀS 21.30 H
DOMINGO ÀS 16 E 21.30 H

Com: Maria do Céu Guerra, Maria João Luis, Paula Sousa, Teresa Faria, António Cardoso, Luis Tomai, Vítor Torres e Leonor Alcácer, Margarida Barão, Marta Tereno, João Carneiro, José Oliveira, Miguel Rodrigues, Paulo Oom

Guião e encenação — Hélder Costa

Defenda-se de lotações esgotadas. Compre bilhetes com antecedência 2.º MÊS

Atenção: quinta-feira, dia 31, após o espectáculo: «Concurso de Tango»

Teatro da Cornucópia

TRÊS IRMÃS

de A. Tchekov

Com: Alda Rodrigues, Filipe Crawford, Gilberto Gonçalves, José Manuel Mendes, José Wallenstein, Luís Lima Barreto, Luís Miguel Cintra, Luísa Cruz, Maria Cristina, Márcia Breia, Miguel Guilherme, Mónica Calle, Rogério Vieira, Ruy Furtado e Teresa Madruga.

Tradução: Augusto Sobral, Carol Loff, Rui Mendes; Encenação: Rui Mendes; Cenário e figurinos: Vera Castro; Música: Paulo Brandão; Montagem: Fernando Correia; Guarda-roupa: Emília Lima.

Terça a sábado às 21 horas
Dom. — 16 horas / Desconto a grupos e jovens

Teatro do Bairro Alto
Rua Tenente Raul Cascais, 1-A (à Rua da Escola Politécnica)
1200 Lisboa — Sub/Sec

TEATRO NACIONAL DE D. MARIA II

SALA GARRETT

DE 3.ª A SÁBADO ÀS 21.15
DOMINGO ÀS 16

TRILOGIA PORTUGUESA

de Miguel Rovisco

PRÉMIO NACIONAL DE TEATRO DE 1986

encenação Norberto Barroca
cenários e figurinos José Costa Reis
música Paulino Garcia

«O BICHO»

com: ROGÉRIO PAULO - IGOR SAMPAIO - IRENE ISIDRO - ANTÓNIO ANJOS - LUÍS BANDEIRA - RUY DE MATOS - MADALENA BRAGA - JOÃO DE CARVALHO - CARLOS COSTA - VÍCTOR RIBEIRO - PAULO LAGES - CARLOS PIMENTA - AFONSO DE MELO - DIOGO GONÇALVES - MENDES DA SILVA - JOÃO PEDRO - MARIA EMÍLIA DE CARVALHO - PAULA ROCHA - JAIME ROSA - CASSIANO VIEIRA.

«O TEMPO FEMININO»

com: FERNANDA ALVES - MANUEL COELHO - MARIA AMÉLIA MATTÁ - FÁTIMA DE SOUSA - FERNANDA BORSATTI - CATARINA AVELAR - MADALENA BRAGA - IRENE ISIDRO - HENRIQUETA MAYA - AFONSO DE MELO - CASSIANO VIEIRA - JOÃO PEDRO.

aos sábados às 16 h.

ZAZA-ZAZA

de ANTONIO TORRADO

Encenação, cenários e figurinos
Ruy de Matos

Música Jorge Machado

com: LUZ FRANCO - IGOR SAMPAIO - LÚCIA MARIA - PAULO LAGES - LUÍS BANDEIRA - AFONSO DE MELO - DIOGO GONÇALVES - CARLOS COSTA - JOÃO DE CARVALHO - CARLOS PIMENTA - PAULO OOM - VÍCTOR TELLES - JAIME ROSA - GUIDA MARIA - ANTÓNIO ANJOS.

SALA GIL VICENTE

DE TERÇA A SÁBADO ÀS 22 H.
SÁBADO E DOMINGO ÀS 17

«A INFÂNCIA DE LEONOR DE TÁVORA»

com: LURDES NORBERTO - LÍLIA TELLES - ANTÓNIO BANHA - MENDES DA SILVA - JOSÉ CAPELA - PAULA ROCHA - MARIA EMÍLIA DE CARVALHO.

ESPECTÁCULOS NÃO ACONSELHAWEIS A M. 6 ANOS
DESCANSO DA COMPANHIA A 2.ª FEIRA TEL. 32 22 10

Com o piso molhado aumenta a distância em relação ao veículo da frente.

circular e viver.

Alfas Triplex

— T. 806496

Alfa 1

IMPÉRIO DO SOL
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30, 21.30 e 00.30

Alfa 2

O FEITIÇO DA LUA
(maiores 12 anos)
13.45, 16.15, 18.45, 21.15
24.00 h

Alfa 3

CONTINUARAM A CHAMAR-LHE TRINITÁ
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.45 e 00.15 h

Alfa 4

ATRAÇÃO FATAL
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa Club

DIABO NO CORPO
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h



IMPÉRIO DO SOL — A OBRA MÁXIMA DE STEVEN SPIELBERG — Nomeado para 6 Óscares da Academia em exibição nos Cinemas Alfa — Amoreiras — Ávila — Terminal — Tivoli

Amoreiras 1

O FEITIÇO DA LUA
(maiores 12 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 24.00 h

Amoreiras 2

IMPÉRIO DO SOL
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30, 21.30 e 00.30 h

Amoreiras 3

GENTE GIRA N.º 3
(maiores 6 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 24.00 h

Amoreiras 4

ANNA
(maiores 12 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 5

GRITA LIBERDADE
(maiores 12 anos)
13.30, 16.15, 19.00, 21.45, e 00.30 h

Amoreiras 6

ESPERANÇA E GLÓRIA
(maiores 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Apolo 70

ESPERANÇA E GLÓRIA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

Ávila

— T. 539930

IMPÉRIO DO SOL
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Berna

— T. 776098

A PRINCESA PROMETIDA
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Capitólio

— T. 372358

OLIMPIADAS DO SEXO
(Porno)
(maiores 18 anos)
15.15, 17.30, 19.00, 21.30 e 23.00 h

Castil

— T. 530194

ESPERANÇA E GLÓRIA
(maiores 6 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Cinebolso

PORNO FAMILIAR
(maiores 18 anos)
Pornográfico
12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30 h

Cine Camões

— T. 324194

O DRAGÃO VOLTA A ATACAR
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30 e 21.30 h

Cine 222

— T. 533253

A DIFÍCIL ARTE DE AMAR
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
O JUSTICEIRO DE NOVA IORQUE
(maiores 18 anos)
24.00 h

Cine Portela

— T. 9434773

TUBARÃO IV — A VINGANÇA
(maiores 12 anos)
16.00 e 21.45 h

Estúdio Sheza

A LEI DO REITOR
(maiores 12 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine

— T. 549999

NOITES ESCALDANTES
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Condes

— T. 322523

DANÇA COMIGO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden

— T. 320768

O RENEGADO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio

— T. 555134

NOVE SEMANAS E MEIA
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.15 e 21.30 h

Estúdio ACS

— T. 887255

ISHTAR
(maiores 6 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Fonte Nova

— T. 7145109

WALL STREET
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Sala 2

O RENEGADO
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

Sala 3

GENTE GIRA N.º 3
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Forum Pictas

QUERELLE, UM PACTO COM O DIABO
(maiores 18 anos)
19.00 e 22.00 h

Gemini

— T. 734009

GENTE GIRA N.º 3
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood

— T. 806847

EDIÇÃO ESPECIAL
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Sala 2

DANÇA COMIGO
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 18.45, 21.30 e 23.45 h

Império

— T. 555134

O RENEGADO
(maiores 6 anos)
14.30, 16.30, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas

— T. 631162

EDIÇÃO ESPECIAL
(maiores 12 anos)
14.00, 16.15, 19.00 e 21.30 h

Sala 2

O JOGO FATAL
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.45 h

Londres

— T. 801313

EDIÇÃO ESPECIAL
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

FEITIÇO DA LUA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Sala 2

O DIABO NO CORPO
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Sala 3

AS ASAS DO DESEJO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
AS NOITES DE CHINA BLUE
(maiores 18 anos)
23.30 h

Sala 4

O JOGO FATAL
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h
IDENTIFICAÇÃO DE UMA MULHER
(maiores 16 anos)
23.30 h

Roma

— T. 889192

CONTINUARAM A CHAMAR-ME TRINITÁ
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxy

— T. 548560

NOITE INFERNAL
(maiores 12 anos)
15.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge

— T. 579144

Sala 1

O FEITIÇO DA LUA
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Sala 2

ATRAÇÃO FATAL
(maiores 16 anos)
14.00, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Sala 3

GRITA LIBERDADE
(maiores 12 anos)
14.15, 17.30 e 21.00 h

7.ª Arte

— T. 730715

LOUCA
(maiores 16 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star

— T. 804210

ANNA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Terminal

— T. 371573

IMPÉRIO DO SOL
(maiores 12 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Tivoli

— T. 570595

IMPÉRIO DO SOL
(maiores 12 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Turim

— T. 706666

O SOL AOS QUADRADINHOS
(maiores 12 anos)
15.00, 17.30 e 21.30 h

Xenon

— T. 368480

A LÂMPADA DO TERROR
(maiores 18 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cineteatro Lido — «Bijfoot e os seus amigos», às 15.00 e 21.30 h (maiores 6 anos).

AMADORA — Cinestúdio Lido — «O último Imperador», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).

AMADORA — Babilónia — «Louca Academia de Recrutadas», às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h (maiores 12 anos).

ALGUEIRÃO — Cine Teatro Chaby — «A Lei do Rei», às 21.30 h (maiores 16 anos).

CACÉM — Cinestúdio Flores — Encerrado para descanso do pessoal.

MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme — «O Declínio do Império» às 21.30 h (maiores 16 anos).

Linha de Cascais

ESTORIL — Casino Estoril — «Academia em férias», às 17.00 e 21.15 h (maiores 16 anos).

ALGÉS — Cinema 2000 — «Tubarão IV — A Vingança», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).

LINDA-A-VELHA — Cinetropical — «O Super Políglota», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).

OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1 — «Atracção fatal», às 15.15 e 21.30 h (maiores 16 anos).

Sala 2 — «Gansos selvagens», às 15.30 e 21.45 h (maiores 12 anos).

NOVA OEIRAS — Cine Palmeiras — Sala 1 — «A boneca mecânica», às 15.15 e 21.30 h (maiores 12 anos).

Sala 2 — «Edição especial», às 15.30 e 21.45 h (maiores 12 anos).

CARCAVELOS — Atlântida Cine — «Grita Liberdade», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).

CASCAIS — Miramar — Sala 1 — «Império do Sol», às 15.15, 18.45, 21.30 e 24.00 h (maiores 12 anos).

Sala 2 — «Dança comigo», às 15.00, 18.00 e 21.30 h (maiores 12 anos).

Outra Banda

ALMADA — Cinestúdio Almada — «Cidade do crime», às 15.30 e 21.30 h (maiores 18 anos).

ALMADA — Incrível Almadaense — «O homem dos biscates», (erótico), às 15.30 e 21.30 h (maiores 18 anos).

ALMADA — Academia — «Oxalá Seja Menina», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).

COVA DA PIEDADE — Clube Piedense — «Guerreiros do Sol», às 15.30 e 21.30 h (maiores 6 anos).

COSTA DE CAPARICA — Oceano — Sala 1 — «O feitiço da Lua», às 15.45 e 21.30 h (maiores 12 anos).

Sala 2 — «O segredo do meu sucesso», às 15.00 e 21.15 h (maiores 12 anos).

BARREIRO — Cinestúdio Barreirense — «Nadim — um amor à prova de bala», às 15.00 e 21.15 h (maiores 6 anos).

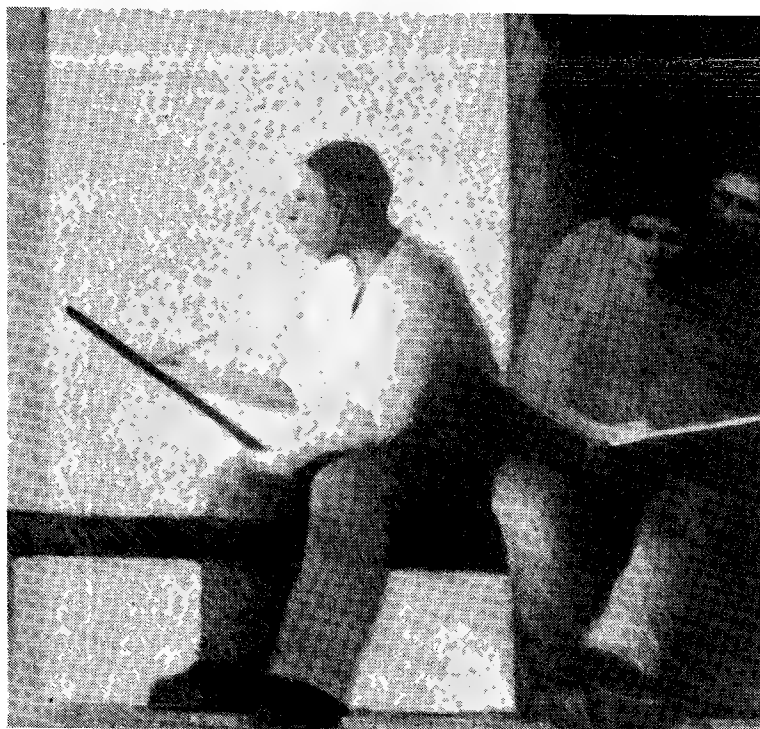
PINTURA DE ROGÉRIO RIBEIRO

Na Galeria Triângulo 48 - Av. D. Vasco da Gama, 48-A ao Restelo - encontra-se patente até ao próximo dia 28 uma exposição de Pintura da autoria de Rogério Ribeiro, que pode ser visitada entre terça e sábado, das 14 às 20 horas.

Natural de Estremoz, este autor fez o curso de Pintura na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa e, em 1954, começa a participar em exposições colectivas, apresentando-se também individualmente, na Livraria Guimarães. Sucessivamente, Rogério Ribeiro trabalha em cerâmica, participa no Salão de Arte Moderna da Faculdade de Ciências, é um dos sócios fundadores de Gravura-SCGP, participa em exposições de Gravura no país e na Suécia, Madrid e Roma, exposição com Cipriano Dourado em Coimbra e individual na Galeria Abril em Madrid e na Galeria Gravura. Em 1961, é professor de Pintura e Tecnologia na Escola António Arroio, faz as primeiras experiências em tapeçaria e integra a representação portuguesa à 1ª Bienal

Internacional de Tapeçaria em Lausanne. Continuando sempre a expor ou a colaborar em importantes projectos e estudos, participa em 1974, como membro do Movimento Democrático dos Artistas Plásticos, na primeira colectiva pós-25 de Abril e em 75 dirige a organização e montagem da exposição documental «Portugal. Um Ano de revolução», posteriormente apresentada na RDA; um ano depois participa na Exposição de Arte Moderna Portuguesa em Paris e participa na exposição itinerante de gravura portuguesa por diversos países europeus; em 77 expõe na 1ª Bienal da «Festa do Avante» um conjunto de 50 ilustrações para o livro «Até Amanhã, Camaradas».

Recentemente, destaque para uma exposição individual na Galeria Nasoni, participações na 3ª exposição de Artes Plásticas da Fundação Gulbenkian, na Exposição de Arte Portuguesa em Macau, numa colectiva na Voz do Operário e em «Oito Artistas Portugueses» no Instituto Alemão de Lisboa.



ESPECTACULAR

Sou muito frequentador da Média Alta, de Jorge Lopes e Ana Maria Lucas. Porquê? Porque lá se conversa. Porque lá se fala. Porque, se as pessoas falam, ao contrário do que sucede nos enlatados, pode acontecer algo de novo. Jorge Lopes, na emissão de terça-feira chamava precisamente a atenção para o potencial «mercado da palavra» existente entre nós e ainda muito mal explorado, particularmente à noite, quando a bicharada da música nem sempre de boa qualidade, passa, monótona, de onda em onda. Fê-lo quando na Média Alta se entrevistavam dois repórteres da Rádio Comercial, Carlos Rebelo e Policarpo de Freitas. Foi uma entrevista com vários motivos de interesse. Ambos os jornalistas se referiram à necessidade de maior espaço a conceder à reportagem na rádio portuguesa. Já nesta coluna se falou do cinzento da informação radiofónica. Passamos de noticiário em noticiário e são as mesmas notícias, os mesmos nomes, até as mesmas palavras. A telexomania está a transformar-se em paranoia. Haverá inocência neste assunto? Porque será que as estações de rádio mandam equipas de reportagem aos jogos de futebol e não as mandam à Nicarágua? Por que vão repórteres onde se joga o destino de um campeonato e não lá onde se joga o destino dos povos ou do mundo? Mesmo em Portugal, onde se requerem menos despesas, as reportagens são pouco frequentes. Têm razão Carlos Rebelo e Policarpo de Freitas: nos domínios da informação radiofónica é preciso dar prioridade ao discurso directo. É preciso fugir ao chá requentado do Tolentino.

José Mirandum

EXPOSIÇÕES

PALÁCIO DA AJUDA:

até 31 de Maio, a exposição «Arte Portuguesa do Século XIX», aberta ao público todos os dias (excepto segundas-feiras) entre as 10 e as 17. De terça a sexta, das 10 às 12 horas, reservada às escolas.

MUSEU NACIONAL DO TRAJE: até 15 de Abril, a exposição «Brinquedos Caboverdianos», brinquedos manufacturados pelas crianças de Cabo Verde em barro, madeira, arame e lata.

MUSEU NACIONAL DO TEATRO: exposição «A Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro».

MUSEU DE ETNOLOGIA (Av. Ilha da Madeira-Restelo): a exposição «Timor de Ruy Cinatti».

GALERIA EMI (R. Cruz dos Poiais, 111): até 28 de Abril, Pintura de Ana Jotta intitulada «A Coragem de Lassie». Patente de terça a domingo das 15 às 19.

GULBENKIAN (exposições temporárias): a exposição «Mestres da Pintura Búlgara - Século XIX, meados do século XX».

GALERIA DIFERENÇA (R. S. Filipe Nery, 42): até 30 de Abril, pinturas de Miguel Branco e pinturas e desenhos (Risco) de Rosa Almeida. De terça a sexta das 15 às 20, sábados e domingos das 16 às 19.

MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA (R. das Janelas Verdes): «Faiança - Portugueses em Amesterdão 1600-1680».

DITEC (Av. da Igreja, 46-A): até 27 de Abril, de segunda a sexta das 14,30 às 19,30, sábados das 10 às 13 e das 15 às 19,30, «Espaços Íntimos», pintura de Molina.

GALERIA MONUMENTAL (Campo dos Mártires da Pátria, 101): até 26 de Abril, de terça a domingo das 15 às 20, as exposições «Louva-a-Deus» de Mariano Piçarra

e «Fotografia» de Álvaro Rosendo.

COOPERATIVA

ÁRVORE (R. Azevedo de Albuquerque, 1-Porto): até 13 de Abril, duas exposições: a de Frank da Costa «Assemblagens» e a exposição-venda Colectiva de Artes Plásticas, organizada conjuntamente com a Galeria Nasoni, cujo produto reverte a favor da Associação Portuguesa de Escritores (delegação do Norte).

CENTRO CULTURAL DA DAMAIA: até 22 de Abril, colectiva de pintura com obras de Lindo Macedo e Paulo Afonso.

HOTEL CASTOR (Porto): até 10 de Abril, a primeira exposição de pintura de Fernando Granjo.

RESTAURANTE ESCORIAL (R. das Portas de Santo Antão, 47): diariamente das 12 às 24 horas, a exposição de Pintura de Helena Felícia, «Fontes e Fontanários de Portugal I».

GALERIA MULTIFACE (Centro Comercial Gemini-loja 65): até 15 de Maio, a exposição de pintura de Rui de Azevedo «Histórias para mais Quinze Noites».

Patente de segunda a sexta das 10 às 19,30; sábados, domingos e feriados das 12 às 19.

POLIGRUPO/RENASCE (R. Ivens, 14): pintura de Teresa Silva.

GALERIA TRIANGULO 48 (AV. D. VASCO DA GAMA, 48-A): até 28 de Abril, pintura de Rogério Ribeiro, patente de terça a sábado das 14 às 20 horas.

GALERIA NEUPERGAMA (Torres Novas): até 28 de Abril, de segunda a sexta das 14 às 20, sábados das 10 às 13 e das 16 às 18, domingos das 16 às 18, uma colectiva de Pintura com a participação de Bual, Carlos Calvet, Carlos Carreiro, Relógio, Rocha de Sousa e Rogério Amaral.

INSTITUTO FRANCO-PORTUGUÊS: até 29 de

Abril, uma exposição fotográfica intitulada «Vinte Sete Escritores Franceses».

CENTRO CULTURAL DE ÉVORA: até 4 de Maio, de segunda a sexta das 10 às 12 e das 15 às 18 e sábados das 16 às 18, uma exposição de escultura promovida pelo departamento de Escultura em Pedra do C. C. de Évora dirigido por João Cutileiro, com obras dos escultores Sílvia Westphalen, Pedro Fazendeiro e Alejandro Escalante.

GALERIA DE ARTE DAS AMOREIRAS: até 15 de Abril, na sala 1, uma exposição de cerâmicas da fábrica Aleluia; na sala 2 uma outra exposição de cerâmicas da escultora e ceramista Rosemarie Witter, com esculturas e painéis.

GALERIA CAPITEL (Leiria): até 11 de Abril, uma exposição de Pintura de Leopoldo Batalha. Patente de segunda a sábado das 10 às 13 e das 15 às 19, domingo dia 10 das 16 às 19.

CENTRO COMERCIAL VISCONDE DA LUZ (Cascais): até 17 de Abril, pintura de Lourdes Castilho e Batiks de Dulce Duarte Silva-Mid. Exposição patente todos os dias das 10 às 20 horas.

GALERIA ARCADEA (Arcadas do Parque-Estóril): até 26 de Abril, escultura de António Matos com trabalhos de ardósia e calcário. Patente diariamente (excepto terças-feiras) das 11 às 20 horas.

MÓDULO (Av. da Boavista, 854-Porto): até 15 de Abril, Pintura de Jose Luis Perez Navarro, patente todos os dias excepto domingos e feriados das 16 às 20.

ÁRVORE (R. Azevedo de Albuquerque, 1-Porto): esculturas de Isabel Cabral e Rodrigo Cabral.

GRAVURA-Cooperativa de Gravadores Portugueses (Tv. do Sequeiro, 4):

exposição de gravuras de Mariana Quito, que também lança um album com 20 gravuras originais executadas durante a sua permanência no Brasil.

GULBENKIAN (zona de congressos): Fotografia de Pereira de Sousa com o título «Longe da Terra, Cá pela Serra».

SNBA (R. Barata Salgueiro, 36): até 10 de Abril, fotografias e pinturas de Teresa Dias Coelho. Patente de terça a domingo das 14 às 20.

MUSEU PROF. ÁLVARO VIANA DE LEMOS (Lousã): a Câmara Municipal apresenta até 26 de Abril, uma exposição de pintura de Luís Nogueira.

GALERIA QUADRUN (R. Alberto de Oliveira, 52-Alvalade): até 30 de Abril, pintura (1987-88) de Valente Alves com o título «Indícios». De segunda a sexta das 10 às 13 e das 15 às 19, sábados das 15 às 19 horas.

LOJA DE DESENHO (R. da Academia das Ciências, 2 B): até 20 de Abril, de terça a sábado das 15 às 19,30, a exposição «Gaëtan 1983».

GALERIA DE S. FRANCISCO (R. Ivens, 40): até 16 de Abril, uma exposição de escultura sacra de António Montano. Patente de segunda a sexta das 10 às 13 e das 15 às 19, sábados das 10 às 13.

MUSEU DE MACHADO DE CASTRO (Coimbra): até 17 de Abril, o Centro de Estudos de Fotografia apresenta «Wols Fotografias», uma exposição do Goethe-Institut München.

GALERIA JN (R. Gonçalves Cristovão, 195-Porto): a exposição de pintura de António Olaio «Sofás Amarelos Vermelhos Não São».

GALERIA MUNICIPAL DA AMADORA: até 17 de Abril, a exposição «27ª Estação do Metro»: Pintura, Escultura e Banda Desenhada de Alice Geirinhas, João Fonte Santa, João Miguel e José da Fonseca.

GALERIA

ALMADARTE (Shopping Center Marimar-Costa de Caparica): até 10 de Abril, uma exposição de homenagem a Columbano. E ainda a exposição permanente da galeria, com trabalhos de Álvaro Perdigão, António Carmo, Artur Bual, Botelho da Silva, Cutileiro, Heitor Chichorro, Hilário, Hogan, Jorge Pé-Curto, José de Azevedo, Júlio Pomar, Kira, Louro Artur, Cargaleiro, Maria Viana, Mário Cesarini, Mário Silva, Michael Barrett, Pedro Madeira, Pedro Olayio (filho), Ribeiro Farinha, Rico Sequeira, Rogério Amaral, Rui Cunha, Rui Viana, Segrelles, Vasco Berardo, Vieira da Silva, Vizeu, Virgílio Domingues e António Trindade.

GALERIA LAPUB (Figueira da Foz): até 25 de Abril, de segunda a sexta das 14 às 18 e das 21 às 23, exposição de desenho de Fernando Cruz.

AMADORA (galeria municipal): exposição de Artur Bual.

CALDAS DA RAINHA (estação da CP): até 11 de Abril, Valter Vinagre expõe fotografias com o título «Comboio, Pretexto para um Olhar».

CINEMA

CINEMATECA PORTUGUESA: Ciclo Samuel Fuller: às 18,30 «Shark»/1969; às 21,30 «Dead Pigeon on Beethovenstrasse».

CONFERÊNCIAS

FORUM PICOAS: colóquio subordinado ao tema «Interdependência e Desenvolvimento Cultural».

GULBENKIAN (sala polivalente): às 15 e 19 horas colóquio sobre «Perspectivas da Dança nos Finais do Século XX» com a participação de críticos e coreógrafos portugueses e estrangeiros.



MÉDICO
DE
URGÊNCIA

76 61 71
76 61 78
76 61 79

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE
— AREIRO - APEADEIRO: Chinde, R. Agostinho Lourenço, 6-B (T. 8890331); **CAMPO DE OURIQUE:** Castro Fonseca, R. 4 de Infantaria, 28-A (T. 688857); **CAMPO PEQUENO - AVE-NIDA DE ROMA:** Galeno, Av. Oscar Monteiro Torres, 38-A (T. 774920); **CARNIDE:** Guimarães Morais, R. Neves Costa, 33-35; **ENCOSTA DO RESTELO:** Tanara, R. Rodrigo Reinel, 3-A (T. 611814); **IGREJA DE ARROIOS - CHILE:** Oriental de Lisboa, R. Alves Torgo, 2-B (T. 545079); **LUMIAR:** São Tomé, E. do Desvio, lote 12-C (T. 790704); **PAMPULHA - JANELAS VERDES:** Nazarírio Pinto, R. Presidente Arriaga, 39 (T. 667460); **SAO SEBASTIAO:** Sá da Bandeira, R. Marques de Sá da Bandeira, 36-42 (T. 554672); **SAPADORES:** Branquinho, R. dos Sapadores, 87-89 (T. 842725); **SE:** Santa Luzia, R. da Saudade, 2-B (T. 869831); **TIVOLI-RESTAURADORES:** Galénica, R. das Pretas, 12-14 (T. 322588); **CARNAXIDE:** H. Amaral, Pt. António Boto, 11-A (T. 4104556); **ODIVELAS:** Catela Tavares, Av. Prof. Dr. Augusto Abreu Lopes, 29-A (T. 5815446); **PONTINHA:** Pimentel, Az. dos Besouros, lote R-8 (T. 991328).

REFORÇO — ALTO DO PINA: Eusil, R. Barão de Sabrosa, 104 (T. 841912); **ALTO DE SANTO AMARO - RIO SECO:** Dilena, R. Aliança Operária, 49-A-B (T. 636620); **ALVALADE:** Roma, Av. de Roma, 85-B (T. 772466); **BAIRRO ALTO:** Labor, R. Diário de Notícias, 73-83 (T. 323428); **BENFICA - IGREJA - CEMITÉRIO:** Lisboa, R. Cláudio Nunes, 73-A (T. 703393); **CAMPOLIDE:** Imparcial, R. General Taborda, 28-30 (T. 680931); **CHELAS:** Banha, E. de Chelas, 173-175 (T. 382241); **ESTEFANIA:** Universal, R. Actor Taborda, 5-7 (T. 544158); **MARQUÊS DE POMBAL:** Ribeiro ★ Castro, R. Braamcamp, 52-C (T. 543409); **MARTIM MONIZ:** Tavares, R. da Palma, 194 (T. 863350); **OLIVAIS SUL:** Higiene, R. Cidade de Vila Cabral, lote 43 (T. 310026); **BRANDOA - AMADORA:** Tavares de Matos, R. Irene Lisboa, lote 108 (T. 932220); **BURACA - AMADORA:** Gaspar Pote, R. das Gaíças, lote 16, Bairro Zambual (T. 902221); **OLIVAL BASTO:** Nova, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO:** Matos, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMA-DA: Galeno, R. Capitão Leitão, 85-B (T. 2760565). Permanente; **COVA DA PIEDADE:** Cerqueira, L. 5 de Outubro, 18 (T. 2750254). Permanente; **MONTE DE CAPARICA:** Nova, R. dos Trabalhadores Rurais, 82 (T. 2954436). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA:** Chai, Av. General Humberto Delgado (T. 2403218). Até às 19 horas; **LARANJEIRO:** Moderna, R. Dr. António Elvas, 8-A (T. 2290303). Até às 22 horas; **SE-SIMBRA:** Leão, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471). Até às 19 horas; **LAVRADIO:** J. Consolado, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2043126). Até às 19 horas; **BARREIRO:** Picarra, Av. do Bocage, 65-A (T. 2074771). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA:** Aliança, E. Nacional, 178-B (T. 2040302). Até às 19 horas; **CORROIOS:** Lino, Vale de Milhacões. Até às 19 horas; **AMORA:** Nobre Guerreiro, R. Dr. Emídio G. Mendes, 314 (T. 2212923). Até às 22 horas;

ARRENTELA: Lusitana, P. Cândido dos Reis, 10 (T. 2210007). Até às 22 horas; **MONTIJO:** Diogo, R. Almirante Reis, 50 (T. 2310032). Até às 22 horas; **MOITA:** Parque. Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS:** Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 2040020). Até às 19 horas; **ALCOCHETE:** Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (T. 2340100). Até às 19 horas; **SETUBAL:** Mira, P. Jorge Afonso (T. 20427). Permanente; **OLIVEIRA:** R. da Misericórdia, 10 (T. 22488). Permanente; **Portugal:** R. Camilo Castelo Branco, 134 (T. 23211). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Miramar, R. Ernesto Silva, 83 (T. 2112048). Permanente; **LINDA-A-VELHA:** Moderna, Av. 25 de Abril, 30-C (T. 4191235). Permanente; **TIRES:** Guimarães, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDE-CHE:** Carvalho, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO:** Ferreira Bastos, R. D. Firmo Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **CAXIAS:** Nova, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (T. 2432839); **MALVEIRA DA SERRA:** Luz, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS:** Pargana, Av. Eng. Bonneville Franco (T. 2435147). Permanente; **NOVA OIRAS:** Leal, Quinta da Palmeira, lote 24 (T. 2478737). Permanente; **CARCAVELOS:** Central, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA:** Godinho da Silveira, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PARADE:** Aisir, Av. Gago Coutinho, Bairro das Caixas de Previdência (T. 2472948). Permanente; **SASSOEIROS:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE:** Imani, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA:** Madeira, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA:** Abrantes, V. venda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **ES-TORIL:** Parque, Arcadas do Parque, 3 (T. 260191). Até às 22 horas; **CASCAIS:** Misericórdia, R. Regimento 19, 41 (T. 280141). Permanente.

Linda de Sintra — AMADORA: Helenica, R. Elias Garcia, 372 (T. 4933613). Até às 22 horas; **DAMAIA:** Damaia, P. Alexandre de Gusmão, 9-A (T. 970523). Permanente; **Girassol:** R. Elias Garcia, 17-C (T. 974161). Permanente; **QUELUZ:** Zeller, R. da República, 83 (T. 950045). Permanente; **Albergaria:** Que-luz de Baixo. Até às 22 horas; **CAMARATE:** Nova da Char-neca, R. Cidade de Lisboa, 9-A (T. 2571626). Até às 19 horas; **CACEM:** Central, R. Elias Garcia, 55 (T. 9240034). Permanente; **MEM MARTINS:** Quimã, E. de Mem Martins, 285 (T. 9210012). Permanente; **MERCES:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA:** Cargaleiro Lourenço, C. da Rinchoa, 38 (T. 9262006). Até às 22 horas; **COLARES:** Abreja (T. 9290088); **SÃO PEDRO DE SINTRA:** Valentim (T. 9230456). Permanente.

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Banha, Av. de Moscavide, 22-A (T. 2518518). Permanente; **SACAVEM:** Cortes, Av. Maria Luísa Braamcamp, 2-A (T. 2519420). Até às 22 horas; **LOURES:** Sálvia, Av. da República, 29 (T. 9831240). Até às 22 horas.

TEATROS

Teatro Villaret

Av. Fontes Pereira de Melo, 30-A — Tel. 538586
De 3.ª a domingo, às 21.30; domingos, às 16.00
«CRIADA PARA TODO O SERVIÇO», de Barri-let e Grédy. Adaptação e encenação de Armando Cortez.

Algés — Teatro 1.º Acto

De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 16.30. Preco: 350\$00
«O CIRCO DOS DESENGANADOS», de Miguel Rovisco. Pelo Grupo Persona. Encenação de Guilherme Filipe. Cenários e figurinos de Catarina Amaro.

Teatro ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 45
De 3.ª a sábado, às 20.30 e 22.45; sábados, domingos e feriados, às 16.00
«CHEIRA A LISBOA», de César de Oliveira, Henrique Santana e Gonçalves Preto. Música de Fer-fer Trindade, Jorge Machado e Casal Ribeiro. Interpretação de Carlos Miguel, Natalina José e Joel Branco, entre outros.

Casa da Comédia

R. S. Francisco Borba, 22-24 — Tel. 60 72 99 / 67 74 81

De 3.ª a sábado, às 21.45; domingo, às 17.00
«NOITES DE ANTO», de Mário Cláudio. Música de João Paulo Soares. Um espectáculo de Filipe la Féria.

Teatro do Bairro Alto

R. Tenente Raul Cascais, 1-A — Tel. 66 15 15
De Terça a sábado, às 21.00; domingo, às 16.00
«AS TRÊS IRMÃS», de Anton Tchekov. Tradução de Augusto Sobral, Carol Loff e Rui Mendes. Encenação de Rui Mendes. Cenários e figurinos de Vera Castro. Música de Paul Brandão.

Sala Manuela Porto

De 3.ª a 6.ª, às 15.00 (para as escolas); sábado, às 16.00; domingo, às 13.30
«ACENDE A NOITE», de Ray Bradbury. Encenação de José Caldas. Cenários de José António Cardoso. Interpretação de Teresa Mónica, Fernando Luís, João Cabral e o músico Manuel Lourenço. Espectáculo integrado no projecto «Para Acender a Noite».

Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 60 37
Todos os dias, às 21.45; dom. às 16.
CALCINHAS AMARELAS, de José Vilhena, com Camilo de Oliveira, Adelaide João, Carlos Gonçalves, Paula Marcelo, Jorge Nery, Herlinda D'Almeida, Isabel Santos e Lena Pires.

Porto — Teatro Sá da Bandeira

R. de Sá da Bandeira, 180 — Tel. 225 50
De 3.ª a 5.ª, às 21.30; 6.ª e sábado, às 20.30 e 23.00; domingo, às 16.00 e 21.30.
«FESTA NO PARQUE». Intérpretes: Dulce Guimarães, Camacho Costa, Carlos Areia, Doral Leal e José Viana, e ainda a cantora de jazz Maria Viana.

Teatro dos Modestos

R. Gonçalves Cristóvão, 190 — Tel. 2 04 12
De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 16.00
«O PASSARO VERDE», de Carlos Gozzi. Pelo grupo «Os Comediantes». Encenação de Paulo Costa.

A Comuna

P. de Espanha — Tel. 726 08 18
De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00.
«O DESTINO MORREU DE REPENTE», de Alves Redol. Adaptação, dramaturgia e encenação: João Mota. Música: Carlos Mendes. Figurinos: Carlos Paulo. Coreografia: Cristina Graça. Ilusão.: José Vilhena. Intérpretes: Abel Neves, Almeno Gonçalves, Alfredo Brissos, Carlos Paulo, Cecília de Sousa, Cucha Carvalho e João Mota, etc.

Teatro Nacional D. Maria II

Rossio — Tel. 37 22 46
Sala Garrett
De 3.ª a sábado, às 21.15; sábado e domingo, às 16.00
«O BICHO» e «O TEMPO FEMININO», da «TRILOGIA PORTUGUESA», de Miguel Rovisco. Encenação de Norberto Barroca. Interpretação de Rogério Paulo, Igor Sampaio, Irene Isidro, António Anjos, Luís Bandeira, Ruy de Matos, Madalena Braga, João de Carvalho, Carlos Pimenta e Fernanda Alves.
Sala Gil Vicente
De terça a sábado, às 22.00; sábados e domingos, às 17.00
«TRILOGIA PORTUGUESA (III)», de Miguel Rovisco. Encenação: Norberto Barroca. Cenários e figurinos: José Costa Reis. Música: Paulino Garcia.

Teatro da Graça

Trav.ª de S. Vicente, 11 Tel. 875626
De terça a sábado, às 21.30; sábados e domingos, às 16.00
«BRUSCAMENTE NO VERÃO PASSADO», de Tennessee Williams. Pelo Teatro Hoje. Tradução: Manuel João Gomes. Encenação: Carlos Fernando. Cenários: Dalton Salem Asseff. Música: Sei Miguel.

Vasco Santana

Av. da República, na Feira Popular — Tel. 76 86 09
De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 16.00
«AS DUAS CARTAS», de Júlio Diniz. Pela Companhia Teatro Estúdio de Lisboa. Encenação de Luzia Maria Martins. Interpretação de Manuel Mendonça, Carlos Vieira, Helena Félix, Luísa Ortigoso Maria Dulce, António Machado, Vera Azevedo, Carlos Santos e José Brás.

Ritz Clube

R. da Glória, 57 — Tel. 32 51 40
De 3.ª a domingo, às 21.30; domingo, às 16.00 e 21.30
«O BAILE», pelo Grupo de Teatro «A Barraca». Encenação de Helder Costa. Interpretação de Maria do Céu Guerra, Maria João Luís, Paula de Sousa, Maria Teresa Faria, Leonor Alcácer, Marta Tere-no, Margarida Barão, António Cardoso, Luís Tom-mar, Vítor Torres, Paulo Oom e Miguel Rodrigues.

Instituto Franco-Portugues

Av. Luís Bivar, 91 — Tel. 54 45 74
Auditório Philippe Fridman
Terça a sábado, às 21.30; sábados e domingos, às 17.00
«O MENINO-REI», de Jean-Pierre Sarrazac. Pelo Teatro da Rainha. Tradução: Eduarda Dionísio. Encenação: Fernando Mora Ramos. Cenários: Alain Gauvin. Figurinos: José Carlos Faria. Música: Carlos Alberto Augusto.

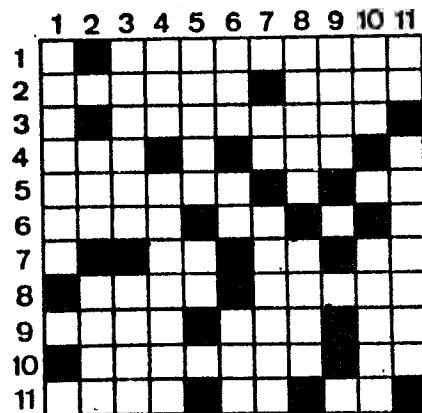
De quarta a sábado, às 21.45; domingos, às 18.45.
Porto — Tearto
De 5.ª a domingo, às 21.45; sábado e domingo, também às 17.00
«ESTILHAÇOS», de Castro Guedes. Pelo TEAR. Encenação de Castro Guedes. Interpretação de António Capelo, António Cruz, Fátima Castro, Jorge Mota, Jorge Pinto e Luís Correia.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 17306

HORIZONTAIS:

- Artigo definido. Excedente.
- Venderas a crédito. Escarne-cam.
- Atarias.
- Terceiro. Seguias.
- Pisar aos pés. Nesse lugar.
- Guarnecel de asas. Autores.
- Sua majestade. Bário (s.q). Rádio (s.q).
- Leito. Mortificar.
- Nome de fruto. Fileira. Letra árabe.
- Petizas. Arsénio (s.q).
- Caruma. Artigo definido. Laço.



VERTICAIS:

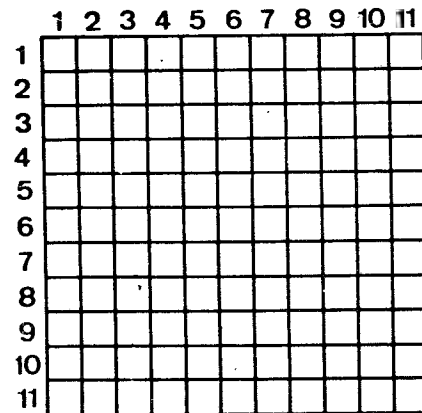
- Amizade.
- Seguias. Aquela que não vê.
- Cortês que, segundo a Bíblia, entregou Sansão aos filisteus, após ter-lhe cortado os cabelos, nos quais residia a sua força. Lavram.
- Época. Meditara.
- Branda. Ruim.
- Membro de ave. Rádio (s.q).
- Prendo.
- Zomba. Agitas.
- Caminharias. Pegas.
- Camareiras.
- Ofereces. Artigo definido. De-ver
- Amónio (s.q). Observar aten-tamente.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora en. segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 16 137

HORIZONTAIS:

- Destrói. Argila.
- Bosques. Sais frequentemente à rua.
- Mulher chinesa da classe baixa. Fechar as asas para descer mais depressa. Ósmio (s.q).
- Batráquio. Pune. Apellido.
- Ilha inglesa no mar da Irlanda.
- Centiare. Nesse lugar. Hora canónica correspondente às quinze horas.
- Tempo do verbo ser. Acrescen-tei.
- Em má hora (ant). Divido em toros.
- Desenrugo. Sufixo que designa estado.
- Deus dos pastores. Concede. Cidade de Itália.
- Cidade do Peru. Carne de porco metida em tripa de intestino grosso.



VERTICAIS:

- Amargo. Freguesia do concelho de Ponte de Lima. Plural.
- Sumo Pontífice. Murai.
- Prendo. Ramo delgado de árvo-re.
- Gálio (s.q). Vossa alteza (abrev). Querida.
- Marca. Fileira.
- Prefixo de negação. Segua.
- Cidade de Portugal. Doença que dificulta a respiração.
- Brisa. Fica quieto.
- Batráquio. Caminho. Solitário.
- Cursos de água naturais e abundantes. Naipes das cartas de jogar.
- Destroços (fig). Verbal.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 17305

HORIZONTAIS:

- SANGUE. DE.
- Aro. Runa. V.º.
- Brejo. Almas.
- Al. Tomé.
- Magro. Arga.
- Tara. Betão.
- Ri. Dói. Ra.
- Isso. Au. Adi.
- Orasse. Ur.
- Arca. Af. Rã.
- Suas. Assuão.

VERTICAIS:

- Saba. TRIPAS.
- Arrimais. Ru.
- Noé. Ar. Soca.
- Jogadoras.
- Uro. Ar.
- Eu. Tobias.
- NAO. E. Usas.
- Dalmata. Eis.
- Mera.
- VA. GORDURA.
- Mossa. Airão.

PROVÉRPIO: Sangue de tripas, não é gordura.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 16 136

HORIZONTAIS:

- Am. Carta. Sá.
- Roa. Mordiam.
- Erra. Lai. Lá.
- Atura. Adi.
- Dá. Aba. Ano.
- Acamara.
- Fiá. Alor.
- Cão. Que.
- Or. Ama. Ruim.
- Adorais. Ivã.
- Rãs. Raspão.

VERTICAIS:

- Areada. Coar.
- Morta. Farda.
- Aru. Aio. Os.
- Araça. Ar.
- Am. Aba. Omar.
- Rol. Ama. Aia.
- Trás. Ali. SS.
- Adi. Aro.
- Anarquia.
- Saldo. Uivo.
- Amai. Trema.

Rádio

Antena Um

17.00: Pequeno jornal e sete mares; 19.00: Informação e música; 20.00: No estúdio e no estúdio; 20.15: Musical; 20.30: A viver também se aprende; 21.00: Diálogo; 21.30: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

Rede Nacional-FM2 Estéreo

16.30: Álbum musical; 17.00: Correspondências; 17.30: Trechos de óperas; 18.40: «Karelia», suite, de Sibelius; 19.00: Integrais; 19.55: Sonata, em sol maior, «Fantasia», de Schubert; 20.40: Música, para violoncelo, de Boccherini; 21.00: Histórias de música e... outras; 21.30: O compositor interpretando a sua obra; 22.00: Música vocal comentada; 23.00: Concerto sinfónico; 00.50: Conjuntos instrumentais; 01.50: Último andamento; 02.00: Disco compacto. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Programa da tarde; 17.00: Feira mágica; 20.00: Peça que a gente passa; 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Religiosos; 22.30: Tempo e resultados; 23.00: 24.ª hora; 01.00: É de noite... já se vê; 03.00: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: Casa da música; 16.00: Som da frente; 17.00: Rock em stock; 18.00: Círculo em FM; 19.00: Ao fim e ao cabo; 20.00: O sabor da música; 22.00: As mil e uma noites; 23.00: Em órbita; 00.00: Morrison Hotel; 02.00: O rock pode esperar; 03.00: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Canal 1-Rede Nacional de OM e FM

15.00: Banda da amizade; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Fim-de-tarde; 20.00: Boa noite; 20.30: Conversa de amigos; 21.00: Nove e tal; 22.00: A nossa música; 22.05: Leigos em congresso; 22.30: Bola branca; 23.00: Bola branca; 23.30: Suplemento especial da BBC; 23.55: Meditando.

RFM-Canal 2-Rede Nacional

de FM Estéreo

10.00: Cem mais; 19.00: Belo horizonte; 20.00: Serra de estrelas; 22.00: Oceano Pacífico.

Voz do Alentejo

15.00: Boa tarde, Alentejo; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Grande bazar.

Voz do Alto Tâmega

15.00: Da veiga à serra; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Fontes termiais.

Voz de Lisboa

15.00: A Rádio da cidade; 18.00: Bola branca; 18.30: Triângulo; 20.00: Diálogo; 20.30: Transmissão do terço; 21.00: Música no espaço.

TRANSMISSÃO TELEVISÃO



No 1º canal às 18.55, o 23º episódio de «Guilherme Tell»



17.30 - Sumário
17.35 - Brinca Brincando
«Vam Lá Filme»

18.25 - Gira Mundo
18.55 - Guilherme Tell
23º Episódio:

19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - O Tempo
20.15 - Roque Santeiro

125º Episódio: Roberto e Malta escutam inquietos as novidades de Marilda, que insinua maliciosamente estar certa de que o pai do filho que espera, agirá como um cavalheiro. Malta chega mesmo a pedir à rapariga que insista com Roberto para assumir a paternidade da criança. Mas esta não é a sua única preocupação, já que o problema de Cazuza continua por resolver. Nesse sentido dá ordens a Terêncio para agir rapidamente. João Ligeiro e Dondinha resolvem casar com a bênção de Roque que se propõe financiar a festa do casamento.

21.10 - Primeiro Andamento
«Festival Internacional de Música» «Ravel em Macau»

21.35 - Telemundo
22.05 - A Clínica da Floresta Negra

Último episódio: Vanessa Bodensted dirige-se no seu luxuoso automóvel para a Clínica da Floresta Negra.

Pelas inúmeras malas e caixas de chapéus que o motorista vai tirando da mala do carro poder-se-ia pensar que Vanessa tinha tomado o hospital por um hotel de 5 estrelas. Na realidade, para



«Do Oriente para o Ocidente», no 2º canal às 23.10

ela uma estadia na clínica são as suas melhores férias, mas para o Professor e para o resto do pessoal aqueles dias são um verdadeiro pesadelo.

Realização: Hans Jurgén Togel

23.00 - 24 Horas
23.35 - Remate



15.45 - Santa Tereza d'Avila
5º Episódio

16.40 - Trinta Minutos Com...
Hugo Rocha

17.10 - Os Imigrantes
222º Episódio

18.00 - Ponto por Ponto
19.00 - Formula One
19.25 - Besquetebol
Final da Taça da Europa

21.00 - Jornal das Nove
21.40 - Montra de Livros
21.45 - Magazine Convite
23.15 - As Teias da Lei
1º Episódio da II série

23.10 - Do Oriente para o Ocidente

Simon Rattle, o brilhante maestro é talvez o mais extraordinário exemplo de comunicabilidade frente às camaras de televisão de entre os músicos da sua geração, surge na série inglesa «From East to West»

desenvolvendo, em 4 episódios, alguns dos fascinantes aspectos da influência do oriente na música clássica ocidental.

AMANHÃ

RTP-1

09.01 - Bom Dia
10.00 - Às Dez
12.15 - Tudo ou Nada
13.00 - Jornal da Tarde
13.30 - Imagens da Arte Portuguesa
14.00 - Maxfolies
14.15 - Festival de Knokke
16.00 - O Regresso de Sherlock Holmes
16.55 - Pepino
17.30 - Sumário
17.35 - Brinca Brincando
18.25 - Os Anos não Contam
18.50 - Guilherme Tell
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - O Tempo
20.20 - Roque Santeiro
21.10 - Vidas Sem Esperança
22.05 - O Programa das Festas
22.50 - 24 Horas
23.25 - Remate
23.40 - Pela Noite Dentro

RTP-2

13.16 - Totally Live
14.10 - Agora Escolha!
15.40 - O Século Americano
16.40 - Trinta Minutos Com...
17.10 - Os Imigrantes
18.00 - Ponto por Ponto
19.10 - Formula One
20.05 - Cidade Nua
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Montra de Livros
21.35 - Clube de Jornalistas
22.10 - A Madrinha
23.15 - Entre Barreiras
23.45 - Troféu

ESTÉTICA E CABELOS



MARQUÊS DE POMBAL, 1
LISBOA

GRUNDIG seleccionou para si...

RTP 1

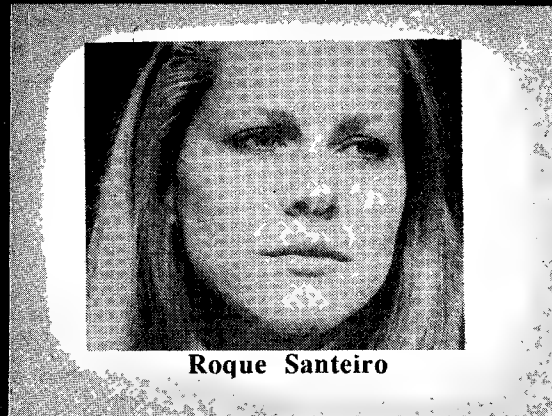
A Clínica da Floresta Negra

RTP 2

Ponto por Ponto

GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.

Rua Bento Jesus Caraca, 17
Cruz Quebrada-1495 LISBOA
Telef. 4197570



Roque Santeiro



ÚLTIMA HORA

O secretário de Estado norte-americano George Shultz chegou a Riade para tentar obter o apoio do rei Fhad para as suas propostas de paz regional e melhorar as relações depois da tensão criada pela aquisição de mísseis chineses pela Arábia Saudita. Na semana passada o departamento de Estado anunciou a retirada de Riade do embaixador americano, seis meses depois de ter assumido aquele posto diplomático.

Directores-gerais recebem mais 27% líquidos

Involuntariamente, o "DL" foi ontem induzido num desagradável erro pela redacção sumária e pouco explícita de um despacho normativo da Presidência do Conselho de Ministros, relativo aos aumentos dos vencimentos dos dirigentes da Administração Pública. Com efeito, daquele diploma, concluímos nós e concluíram os responsáveis sindicais da Função Pública que pudémos contactar, que o novo ordenado mensal líquido dos directores gerais não incluía a majoração decidida pelo Governo para compensar o desconto do Imposto Profissional que começou a ser feito aos funcionários públicos no princípio do ano.

Daí que tivéssemos procedido à comparação dos 160 contos do novo ordenado líquido com os 100 800 escudos a que os mesmos directores-gerais tinham direito em 1987, constatando que o aumento bruto dos seus ordenados se elevava a 59%. Escrevemos que "o despacho ministerial não faz qualquer alusão à majoração que este ano começou a ser paga a todos os funcionários, para efeitos de compensação do desconto do imposto profissional, podendo-se concluir que essa majoração será paga à parte e para lá dos 160 contos", e foi nesse pressuposto que procurámos tornar inteligíveis as consequências de um despacho parco em palavras e em explicações.

Afinal, o nosso esforço de clarificação saldou-se por uma informação errada, uma vez que os tais 160 mil escudos já incluem efectivamente a majoração destinada à compensação do imposto profissional.

Acontecendo que a um vencimento mensal líquido de 160 contos corresponde um imposto profissional de 18%, o desconto sofrido pelos directores-gerais eleva-se logo a 28 800 escudos. Se se lhe acrescentar os descontos normais da função pública, o total descontado vai ser de cerca de 43 840 escudos, coisa que traz o vencimento líquido, no caso do director-geral, para 116 160 escudos, aproximadamente. Na realidade é este valor que há que comparar com o ordenado líquido de perto de 93 contos de 1987.

De acordo com os cálculos efectuados pelos técnicos da Federação Nacional dos Sindicatos da Função Pública, tendo em conta a média anual dos vencimentos e a introdução em Janeiro da majoração para o imposto profissional, sobre os ordenados de 87, o aumento líquido médio mensal é de cerca de 27% em relação aquilo que os directores-gerais estavam a receber. Em valor absoluto este aumento equivale efectivamente aos 25 500 escudos referidos no despacho governamental.

Quanto ao aumento bruto, aquele que é possível determinar com base nos 118 900 escudos correspondentes ao ordenado de 87 majorado por via da introdução do imposto, o seu valor é de 34,5%. Os 59% a que nos referimos ontem, sublinhe-se, resultavam do facto de termos suposto, juntamente com dirigentes sindicais do SINTAP, que aos 160 contos seria acrescida a majoração do imposto e de termos feito a comparação daquele valor com os 100 800 escudos de 1987, também eles anteriores à majoração.

Todas as fontes contactadas pelo "DL" esta manhã confirmam no entanto que os 160 contos já contêm a majoração e que o aumento médio mensal líquido dos directores-gerais ronda os 27/28%, sendo o aumento bruto efectivo de 34,5%.

Pela nossa parte as nossas desculpas aos leitores.

ALMADA

Desenhos na 1.ª Edição do «DL»



ALMADA, José de Almada Negreiros, nasceu a 7 de Abril de 1893. O «Diário de Lisboa» nasceu a 7 de Abril de 1921. Tinha o artista 28 anos, completou-os no dia em que publicava no «DL» os desenhos que se reproduzem. O traço de Almada ilustrava quadras de António Ferro — com Fernando Pessoa, Mário de Sá Carneiro, Alfredo Guisado —, andavam ambos na batalha do «modernismo». Era o tempo de «Orfeu».

Hoje é o seu "Dia Mundial"

Saúde para todos todos pela saúde

O «Dia Mundial da Saúde» é hoje assinalado em todo o País sob as mais diversas formas e o mesmo lema: «Saúde para todos, todos pela saúde.» A Direcção-Geral dos Cuidados de Saúde Primários distribuiu pelos serviços sob a sua jurisdição uma colectânea de seis textos nos quais sublinha o facto de há quarenta anos ter sido constituída a OMS.

O Centro de Saúde de Alcântara e a Câmara Municipal de Almada pontificam nas comemorações do Dia Mundial da Saúde com iniciativas autónomas, mas de grande impacto para chamar a atenção sobre a saúde: aquele centro prolonga a efeméride até ao próximo fim-de-semana com um programa cultural e desportivo, aceitando troféus e verbas para custear as despesas. A Câmara Municipal de Almada promove a exposição de trabalhos elaborados por alunos das Escolas Preparatórias e divulga indicadores sobre a situação da saúde no concelho, bem como sessões orientadas sobre a poluição e o tabagismo, a alimentação, vigilância de grupos vulneráveis e prevenção da tuberculose pulmonar.

«Prevenir a doença não significa apenas impedir a sua eclosão, através da vacinação, por exemplo; pretende-se também deter a sua evolução através do rastreio precoce, tal como se pode verificar no caso do cancro do útero», escreve Peter Ozorio, da OMS, acerca do conceito actual de prevenção da doença.

Mulher de pescador afogada no rio Douro

Uma embarcação de pesca artesanal afundou-se ontem à noite na Barragem de Crestuma, no rio Douro, tendo morrido afogada Maria Carolina Silva Santos, de 39 anos, que ajudava o marido e um filho do casal na faina.

O pescador, Alfredo Ferreira dos Santos, e o filho foram salvos pelos bombeiros que suspenderam as buscas para encontrar o cadáver de Maria Carolina, porque as águas estavam muito frias e a corrente era muito forte.

A pluralidade da poesia na busca de mais ser

MUITAS são as pessoas e muitos são os dizeres. Através da palavra todos nos pretendemos ultrapassar. Poetas e não poetas. Mas é sobre poetas que ora vamos dissertar, à superfície da emoção, tal um vento brando que passa e toca de leve as folhas das árvores... Três títulos, todos da Imprensa Nacional/Casa da Moeda, integrados na Coleção Plural: *A Prova do Fogo*, de Viriato Soromenho Marques; *Sólon*, de Fernando Luís; e *Seis Momentos*, de Maria Mello Giraldes.

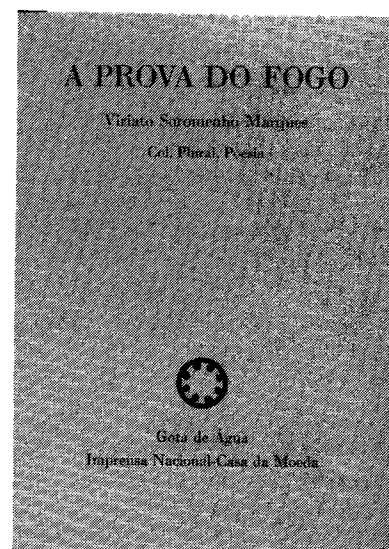
Prova de que todos nos pretendemos ultrapassar são logo os primeiros versos de Viriato Soromenho Marques: «Não me basta este mundo como prova / procuro o rumor do vento levantando-se / à entrada dos desertos. Se os caminhos / traçassem círculos numa mão aberta / regressaria ao negro desses olhos. / Desceria das sombras no assomo de teu corpo / embora, entre as cinzas, só as sombras restem.»

Outra prova, outro azul, outro ser — e, assim, em *A Prova do Fogo*, VSM tira a ilação de que «Do obscuro país não rezam crónicas». E, sílaba a sílaba, vai contando / cantando: «Alguns resgatados pior horror padeceram / na viva luz do mundo que haviam esquecido. / Haverá mais alguém que imagine / a palpação dos seres pelo azul / o corpo da mulher, o peixe ágil / o húmus da terra, o plâncton do mar / o rosto febril ao vento solar?»

E noutro poema eis, de VSM, o grito deste verso interrogado: «Quantas buscas em mim, via-

gens até à exaustão?» Todo o livro, aliás, mesmo quando não formalizada, é uma suspensão, uma interrogação, *um saber de mais* que se pretende captar — e porque as coisas são assim, porque há *stops* que não conseguimos passar, o poeta (como tantos outros) acaba por «Pedir ao mar ligeiras asas / levantar novo voo noutra brisa / possível sonho, íntimo zénite / enquanto dentro se anoitece.» O reconhecer-se este facto (o anoitecer interior) é, quanto a nós, o íntimo e misterioso ponto de partida para um voo sempre constante em busca do significado de (expressão nossa) **all that jazz**.

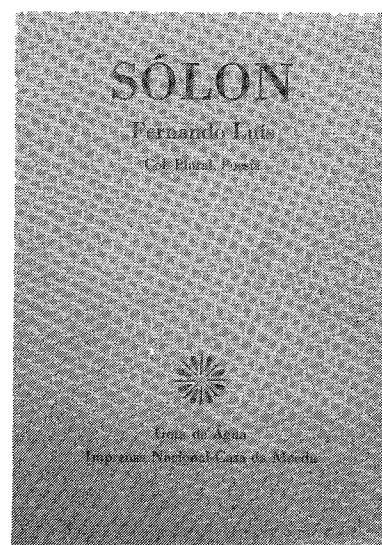
Em *Sólon*, de Fernando Luís, o mesmo desejo de se sair do interior do círculo em que nos encontramos. Por exemplo: «À vasta vingança do sentimento / parece o primeiro gesto. Não tens / já onde ocultar o rosto nem / as coisas te pertencem. (...) Para mim posso dizer mentiras / e deixar as coisas lembradas. / Poder mover-me onde não estás, / afastar algu-



mas mágoas // evoca a primeira ausência / de raízes. O cansaço, o sarro / dos espíritos, / o violento olhar no verão, // os muros iluminados, lentas / todas estas coisas / sobem no esquecimento. E / irrompem ao contágio doutro corpo.»

Algo mais, pois, um outro contacto, um outro corpo. Por consequência, idêntico desejo de fuga, na aceção mais radical do termo, no trânsito das vísceras que, uma a uma, nos levam a palavra ao cérebro até que ela se escapa pelos lábios. Mas escapa-se para onde e aonde a localização desse onde...?

Questões de filosofia, é óbvio.



O que, porém, nos interessa sublinhar aqui é a forma segura, seca, rítmica de Fernando Luís: muito trabalho no branco da criação, leitura aturada de poetas anteriores que tentaram a *passagem*, a outra margem, o *outro do outro*.

Uma outra oficina, eis o que pretendemos dizer sobre a escrita que se nos depara em *Sólon*: um apurado arrumo das sílabas, a pausa precisa, a imagem que das palavras limpidamente se solta e fica pairando no ar. Que se ouça o poema *Gêmeos*:

«Água de rosas no inverno / exila os perigos. // Em vésperas de amor / segue o alvo do solstício. // Depois das espadas rasga / os versos e repousa.» E se leia também o poema *Maio*: «A parede lança o punho / na manhã. A folha / do rosto brilha e cai. // Ao longo dos corredores / as portas em riscos / de naufragarem. // Caído, o teu braço / de veia escura / segura o ouro, // último refém do olhar.»

Em *Seis Momentos*, de Maria Mello Giraldes, através de uma poesia dialogada, de tons claros e escuros, de *eu* e *tu*, e no âmbito de outras circunstâncias (de uma natureza carnal, por assim dizer, que anseia a carne cósmica do espírito), lemos os seguintes juízos: «as palavras já não me chegam. / que fazer com as letras que aprendi?» E logo como resposta:

SEIS MOMENTOS

Maria Mello Giraldes
Col. Plural, Poesia



Gota de Água
Imprensa Nacional-Casa da Moeda

«talvez a vertente de um outro não / o risco no papel ou ainda o desejo correndo / sede do teu corpo água.» Estamos perante um livro que, constituído por seis momentos, exige uma leitura em sequência até chegarmos aos versos «água arde em nosso corpo unido / na areia a marca enraizada.»

Na verdade, o que nos propõe Maria Mello Giraldes é um itinerário muito belo, de mãos e pele, de introspecção mútua, itinerário que exige uma fluência de sangue para apreensão do íntimo segredo de todas as palavras da sua ampla e sentida expressão... Que o leitor não fique por impressões imediatas: antes vá mais além e saboreie o intocável-tocável dos corpos que todos nós somos.

Três livros, pois, de poesia. Se, na realidade, os extremos se tocam, talvez possamos dizer que se tocam, por diferentes que são, *A Prova do Fogo* e *Seis Momentos*. Ou por outras palavras: são vozes, de acentos tónicos diversificados, que se aproximam uma da outra, por muito singulares que nos possam parecer. Relativamente a *Sólon*, e quanto a nós, é dos três livros o mais seguro na forma, o aparentemente menos emocional, mas precisamente por isso (e sem desprimor para os outros dois) o mais coeso, o que melhor se ergue do papel, enfim — o mais sábio.

Pedro Alvim

Um século de poesia em 150 páginas

A **Phala** (Assírio & Alvim) do próximo mês de Junho será uma surpresa para os leitores. O formato será diferente e das habituais oito páginas saltará para as cerca de cento e cinquenta. Será um número especial dedicado à poesia portuguesa deste século.

Com bastante significado, a sua publicação coincidirá com a data do nascimento de Pessoa e, para além de inventariar a nossa poesia desde

os antecedentes do Modernismo aos anos oitenta, aquele boletim irá homenagear a poesia portuguesa por considerá-la a mais alta e fecunda expressão cultural deste século.

Para isso, José Bento, Gil de Carvalho, Fernando Pinto do Amaral e Manuel Hermínio Monteiro, trabalharam desde finais de 1987 neste projecto que, além da publicação deste número especial, inclui uma

exposição itinerante e outras iniciativas complementares.

Será, por conseguinte, uma publicação contendo numerosa iconografia, tábuas cronológicas com os principais acontecimentos poéticos, culturais e históricos, de Portugal e do estrangeiro, a análise dos nossos mais salientes momentos e vozes poéticas feita por aqueles que mais se têm distinguido no estudo e observação da nossa poesia.

Lautréamont entre nós em edição brasileira

Está por fazer um inventário sobre as traduções brasileiras que vão surgindo no mercado nacional, a preços mais caros, sem dúvida, mas ao que parece com compradores certos. A fama que por aí vai não é favorável e, se bem que só em português «brasileiro» muitas obras de ciências sociais, por exemplo, são encontráveis, essas traduções são, o mais das vezes, perigosamente próximas do péssimo. Há exceções, claro, como uma «Pai-deia» de tradução brasileira, que anda por aí e é coisa gostosa de se ler.

Caiu-nos agora às mãos um livro que nenhum editor português teve o rasgo de reeditar (houve uma primeira edição há muitos, muitos

anos) — os «Cantos de Maldoror» de Lautréamont, agora que lemos e já amamos um Bataille ou um Burroughs, seus discípulos fiéis. É uma edição claramente «underground», da Max Limonad Ltda. (sic), e de luxo gráfico q.b., com uma capa adequada, figurando algumas heróicas ratazanas. A tradução não é perfeita, mas aqui o mal é outro — a mais que terrível profusão de gralhas, fazendo resmungar quem quer que seja pelos 1700\$00 desembolsados.

Bom: Lautréamont, o conde, é sempre Lautréamont, e já é coisa boa lê-lo em português, tantos anos depois. E creiam que fica delicioso fazê-lo sob um olhar que não começa nele ou na geração dos malditos

do século passado (Verlaine, Rimbaud, Baudelaire, etc.) ou nesse outro vector predominante onde residiram os mestres Sade ou Masoch, mas, muito naturalmente, pelos libertinos e libertários dos dias presentes. Georges Bataille ou William Burroughs, como eu dizia. Ou, embora estejam um tanto fora da família lautréamontiana, um Genet e um Bukowsky.

Isidore Ducasse, o conde do pseudônimo, tem sido interpretado com a perspectiva dos surrealistas, como o primeiro da seita da «escrita automática», dele restando uma caracterização fechada e que pode passar por definitiva. Talvez por nunca me ter entusiasmado excessivamente com os surrealistas eu não

o faça, e digo-o sublinhando ainda que em Lautréamont me agrada sobretudo a sua imaginação sem amarras, vagabunda e acentuadamente alucinada, por acção da loucura ou da droga, e também a forma como relativiza os espaços delimitados para o bem e para o mal, redefinindo-lhes os sinais.

Como todo o moralista, Lautréamont exaltava o primado do mal, o que até foi próprio da sua época. Mas nele, de facto, a aproximação ao ocultismo espiritual e ao satanismo (lembram-se? até o anarquista Bakunine o fez, por rebeldia) foi decorrente da imputação ao ser humano de todos os males do mundo, uma acusação decerto histórica que fez carregar em um personagem

(Maldoror) toda a carga negativa da humanidade, como se ele fosse a súplica de todos os erros da história. Afinal, trata-se de um exorcismo, e todas as cenas sangrentas ou abjectas que Lautréamont descreve são um ritual invocatório que apenas procura atraí-lo ao pesadelo.

A literatura «maldita» foi redescoberta nos últimos anos, talvez porque vivemos, de novo, num ciclo que retorna, a decadência de um fim de século. Tudo isto é assustador e espantosamente aliciante e sobre Lautréamont há ainda tanto por dizer!

Rui Eduardo Paes

August Strindberg

Memória

por Marcel Réja

«A minha primeira mulher, dizia Strindberg, era um demónio; mas comparada com a segunda era um anjo!»

Esta frase tem a vantagem de apresentar o grande dramaturgo sueco sob um aspecto que ficou, entre os seus, mais conhecido e mais autêntico: na verdade, foi um forte desprezador de mulheres, um misógino. Há porém formas diversas de se chegar à misoginia; a de Strindberg, tanto quanto pude avaliar por mim próprio, não resultaria essencialmente de um ódio instintivo e, por assim dizer, *a priori* para com o belo sexo, mas de ranco acumulado no seu coração por diversas experiências desastrosas. E não acredito, não senhor, que as tivesse tido ao acaso de apaixonados encontros.

Strindberg bem predestinado estava para ser infeliz com mulheres, por duas razões de igual modo importantes. A primeira, pertencer a essa espécie de criaturas muito ciós do seu próprio eu, púdic na sua vida interior, onde nenhum outro ser humano é tolerado; a segunda relacionada com a sua timidez, que lhe determinava, digamos, a condição de escolhido em vez do que escolhe — caso, aliás, não raro entre indivíduos bem menos notáveis mas que se limitam a ser infelizes, enquanto ele se transformou num misógino de génio.

Reservado ao máximo, diria mesmo que arrisco apesar de não menos atreito aos casos de amor, porque de fisiologia implacavelmente normal, Strindberg estaria de antemão condenado, poderá dizer-se, a transformar-se em presa de mulheres com astúcia bastante para o dominarem, ou seja, não devia nem podia estabelecer relações sexuais com mulheres de temperamento muito especial e, principalmente sem essa reserva e essa timidez que são estritamente femininas.

Conheci Strindberg enquanto viveu em Paris, na altura em que acabava de escrever *Inferno* e só se dava, por assim dizer, comigo e com Hermano (1). Foi Hermann quem me apresentou, precisamente na altura em que surgia o manuscrito de *Inferno*, escrito por Strindberg num francês bastante peculiar que me encarregaram de corrigir, para ser entregue à *Mercure de France* (2). Era bem visível que a minha intervenção merecia toda a confiança do autor e por isso me acolheu na sua intimidade, amável como o criador de *O Pai* não costumava ser perante «caras novas», como aliás eu viria, mais tarde, a verificar.

Olhos claros a lançarem uma chama de grande intensidade, acima deles uma testa desmesurada, uma crina de leão que em tudo isto punha uma grisalha labareda de ponche, assim era Strindberg. Tinha uma boca fina de sorriso reticente e que evocava, a todo o momento, subentendidos sem fim, toda uma vida misteriosa sobre a qual umas tantas frases isoladas viam de vez em quando lançar uma fugidia luz de brutal crueza: também isto era Strindberg, mas o Strindberg vivo, desvolto entre pessoas que lhe mereciam, em determinado momento, confiança.

A desconfiança e a reserva arisca que há pouco referi sempre foram, segundo o testemunho de quem conviveu com ele, uma das suas características. Homem ou mulher, qualquer cara nova era uma espécie de inimigo — a menos que tivesse especiais protecções — e tinha de passar por uma quarentena moral antes de ser acolhido abertamente. Cerimónias que não abdicavam, aliás, da perfeita urbanidade que ele não conseguia dispensar. Esta faceta desconfiada do seu carácter tinha-se ampliado consideravelmente nos seis meses em que privei com ele. Durante todo o ano

anterior Strindberg escrevera *Inferno*, romance que era a transcrição exacta do que ele próprio sentia. Nessa altura eu ignorava tudo sobre os arcanos da psiquiatria; mais tarde, porém, tive ocasião para convencer-me de que Strindberg apenas construía, nesta obra, um delírio que inclui sensações de queimadura e electrização à distância, ideias de múltiplas perseguições, alucinações auditivas, embora sobre um tal fundo de patologia o prestigioso poeta tivesse encontrado forma de tecer ricas e capciosas variações.

Por Edward Munch, pintor norueguês que vivera com Strindberg em Berlim durante os anos que precederam a criação de *Inferno*, eu soube que ele se mostrava, nessa época, como homem completamente diferente. Companheiro alegre, aplicado no trabalho, entusiasmado, era de uma encantadora jovialidade; fartava-se de cantar e com a sua veia deslumbrava o círculo de artistas a que se confinavam as suas relações; embora isto não lhe impedisse o pessimismo amargo e aquela reserva um tanto altiva, um pouco distante, com que ele olhava os outros homens. Período da sua vida belo e entre todos brilhante, em que o anjo da perseguição ainda lhe não tinha tocado, em que o romancista só se fazia notar por uma originalidade estritamente strindberguiana. Numa dessas noites, em que o grupo folgazão andava de taberna em taberna, Strindberg e os seus amigos foram molestados por um mendigo de irritante importunidade. Banal acidente, por certo; mas o miserável, a querer fazer-se interessante insistiu em pintar-lhes um quadro sinistro da sua vida, das suas misérias, das dores e calamidades de toda a espécie que lhe não davam um minuto de trégua. Strindberg, que pelo maior dos acasos trazia no bolso algumas moedas de ouro, meteu

uma na mão do mendigo sem mais lhe dizer do que isto: — «Compre um revólver». E continuaram, rumo a qualquer outra tasca. Sim, porque Strindberg marcou este período berlinense com um assustador abuso de todos os álcoois. Não era raro sentar-se a uma mesa, até de manhã, empenhado em esvaziar copos que os empregados, com uma teimosia reflexa, se apressavam a encher.

Por muito robusta que a sua constituição física fosse, chegou a hora em que uma gastrite e as insónias, e os terrores nocturnos, lhe alteraram por completo a perspectiva da vida. Foi nessa altura que ele veio para Paris e subiu o terrível calvário de *Inferno*. Munch, que o acompanhou nesta nova emigração, declara que se modificou por completo. Não tardou que este seu velho amigo norueguês também se fizesse, na sua cabeça de perseguido, um inimigo perigoso; a ruptura tornou-se inevitável. Strindberg fechou-se em divagações literárias e patológicas, a solidão quase absoluta era-lhe indispensável e só a quebrava comigo e com Hermann, que assim mesmo só apareciam mediante encontros previamente combinados. Morava num modesto hotel da rue des Saint-Pères e passava quase todo o dia metido em trabalhos literários (quando não em preocupações químicas, ou mesmo alquímicas); mas à sagrada hora do aperitivo, levava-o comigo. Numa espelunca qualquer despachávamos um jantar mais do que modesto, onde a preocupação do «bom vinho» era o único luxo admitido, e a noite era de intermináveis passeios em Paris, com uma que outra paragem em esplanadas de cafés. Grogues americanos e esplanadas, apesar do frio que mordía, porque a premiscuidade do interior dos cafés era insuportável aos nervos deste homem notável. Cinco ou seis estações du-



Pouca literatura nos chega dos frios países do Norte. Mas quando os gelos se abrem pode acontecer o Inferno. Este é o de Strindberg, traduzido por Aníbal Fernandes, que nos proporciona este singular testemunho de Marcel Réja sobre a personalidade do dramaturgo sueco, cujo «fogo» expressionista queimou a fronteira entre o real e o sonho

rante a noite, outros tantos grogues, e chegava a hora de ir para a cama; afloravam os grandes problemas metafísicos, da magia ou até da literatura. Entre nós houve sempre uma franca cordialidade (até onde ela é possível, quando nenhuma intimidade existe); mas porque este corrector-adaptador nunca contradizia em excesso o Sr. Strindberg.

De vez em quando um feliz sucesso: qualquer cheque que chegava de repente, pelos direitos de autor de *O Pai*, que Lugné-Poe naquela altura representava em Nice; nessas ocasiões era convidado o círculo inteiro dos seus amigos: Hermann aparecia e jantávamos os três numa sumptuosa espelunca, ao pé da Bastilha: As esquisitices do Mestre não irritavam, não se faziam insuportáveis, e só eram pimenta que temperava a conversa e nos lembrava que estávamos na companhia de Alguém.

Assim foi que a meio de um jantar com Hermann, arrastados pelo calor da conversa, nos esquecemos de chamar o empregado que tam-

Continua na pag. 6

Documentos inéditos existentes na Biblioteca Nacional

Uma carta de Oliveira Martins

Maria José Marinho

ano de 1870, em que Oliveira Martins começou a frequentar a sobreloja de S. Pedro de Alcântara para onde se haviam mudado Jaime Batalha Reis e Antero de Quental, será um marco importante na vida do futuro autor do «Portugal Contemporâneo».

A casa comercial onde trabalhava dissolvera-se pela morte de um dos sócios e Oliveira Martins já casado e responsável pelo sustento da mãe viúva e dos irmãos viu-se, aos 25 anos, sem emprego.

Foi então que a fundação do jornal «A República», ao mesmo tempo que possibilitava a expressão de ideais federalistas e antimonárquicos, lhe aparecia como uma solução para as dificuldades económicas. Sol de pouca duração! Embora os companheiros do «Cenáculo» — Antero, Batalha Reis, José Fontana, Eça, Manuel de Arriaga e outros — houvessem apoiado, com entusiasmo, a iniciativa, a verdade é que o periódico só se aguentou de Maio a finais de Julho. E de novo Oliveira Martins se encontrou a braços com o desemprego.

Mas tal fase da sua vida será, como já adiantámos, determinante para o enriquecimento do universo cultural do escritor. Estes poucos meses de activo convívio com uma das mais importantes vanguardas intelectuais da nossa história que irão organizar as célebres «Conferências do Casino», logo no ano seguinte, compensá-lo-ão, de certo modo, da privação a que fora sujeito da frequência regular de uma escola de nível universitário. Também durante este mesmo período irá estabelecer profundos laços de amizade e respeito intelectual com Antero de Quental que duraram até ao trágico suicídio deste, em Ponta Delgada, em 1891.

Perante a impossibilidade de arranjar ocupação estável, Oliveira Martins aceita um convite para ir ocupar o lugar de administrador das minas de Santa Eufémia, perto de Córdova, em Espanha, apesar da opinião discordante dos amigos que tentaram por todos os modos dissuadi-lo. Receavam, e com razão, que os rigores do clima afectassem a saúde, já de si frágil, do futuro historiador e de Vitória, sua mulher. Porém ele decidiu-se a emigrar para Espanha e por lá ficou vários anos, até 1874. O facto de ter a consciência sossegada e «uma personalidade livre» compensava-o, como confidenciara em carta a Teófilo Braga, dos «trabalhos maçadores e estúpidos» que preenchiam parte do seu dia de administrador.

Esta missiva que, precisamente de Santa Eufémia, envia a Jaime Batalha Reis reporta-se a uma viagem a Madrid, talvez em 1873, e os primeiros contactos com os intelectuais espanhóis por quem não parecia cativado. Todavia, com o dobrar dos anos, tornar-se-á amigo de alguns deles e a Espanha consti-

tuirá sempre, para ele, a outra metade, muito amada, da Ibéria.

Refere, ainda, a propósito dessa visita, à capital espanhola, as correntes filosóficas da época que aí faziam furor: hegelianismo, prodhonismo, darwinismo e krausismo. Esta última concepção, ignorada na época em Portugal alcançou grande voga em Espanha, pois a filosofia de Krause, discípulo de Schelling e Fichte teve ferrenhos cultores, sobretudo nos meios universitários.

Alude também de passagem a dois intelectuais espanhóis com nomeada nessas últimas décadas do século: Juan Valera (1824-1905), romancista e poeta a quem, em, 1879 irá dedicar a história da civilização ibérica e Francisco Maria Tubino (1833-1888), publicista e historiador, simpatizante dos ideais federalistas. A lista que Tubino ficara de mandar para Lisboa relacionava-se com a procura de colaboradores para o corpo da «Revista Ocidental» que irá ser lançada em princípios de 1875 por Batalha Reis e Antero de Quental. Esta revista propunha-se o estreitamento das relações culturais com a Espanha, Oliveira Martins que apoiara com entusiasmo a iniciativa contribuiu com colaboração para todos os números publicados, sendo de sua autoria o artigo de abertura do 1.º número — «Os povos peninsulares e a Civilização Moderna».

St. Eufémia
4 Dezembro
[1873?]

Meu caro Batalha

Decididamente os espanhóis são péssimos filósofos. Você não imagina que impressão eu trouxe de Madrid. Visitei com o Tubino o Ateneu que é o Grémio Literário de lá, mais literário porque não é lícito comer nem beber nem jogar. Conversa-se, lê-se e há cursos livres permanentes. Mas que gente, santo Deus! Formam-se todos os casulos como bichos de seda e são incapazes de sair daí. Imagine filósofos que se cortejam:

Adeus krausista!

Adeus hegeliano!

Proudhoniano, como vás?

Bien, y tu darwinista?

É dum ridículo espantoso, e faz-me lembrar o Fontana, quando se lhe perguntava, vindo um homem que passava na rua: «Quem é aquele? — É um monárquico...!» (gesto de desdém). Assim passa aos pobres krausistas. Olá krausista, ah! ah! ah! — Com tudo isso to-



mam a filosofia muito a sério, e julgam perceber alguma coisa porque sabem os títulos das cousas. Não vi um pensamento, uma ideia, uma observação que fosse origi-

nal, que deixasse de ser banal. Dentro todos aqueles grandes homens não vi um só que valesse o Antero pela força de imaginação metafísica, nem V. na subtilidade da

análise e na finura de aço da crítica.

Efectivamente a Espanha nunca deu ao mundo um filósofo, se bem me lembro. Raimund Lúlio era um D. Quixote da Escolástica. Letras, política, são de uma chateza igual. Conversei com um homem de espírito, folhetinista à parisiense, mas com o colorido espanhol, D. Juan Valera; é já velho, conhece-o?

O Tubino ficou de mandar para Lisboa a lista dos nomes que ele entende convir por «nos programar». Não tem obstáculo em obter os de Castellar e Py. Eu estou lendo agora obras de Tubino que tem 6 ou 8 volumes que me deu. É um proudhoniano, que não é socialista, percebe? Parece um excelente sujeito; 40 anos, pardo, andaluz, bon viveur, um tanto poseur como todo o espanhol de raça e epicurista... hem?

Adeus, meu caro Batalha, aceite um abraço que lhe manda o seu amigo

J. Oliveira Martins

Peço-lhe que apresente a sua Exma Sr.ª os cumprimentos de minha mulher e os meus (*)

(*) Espólio Jaime Batalha Reis, Esp. 4 62/6

Uma novela deliciosa.
O livro que todos vão querer ler!

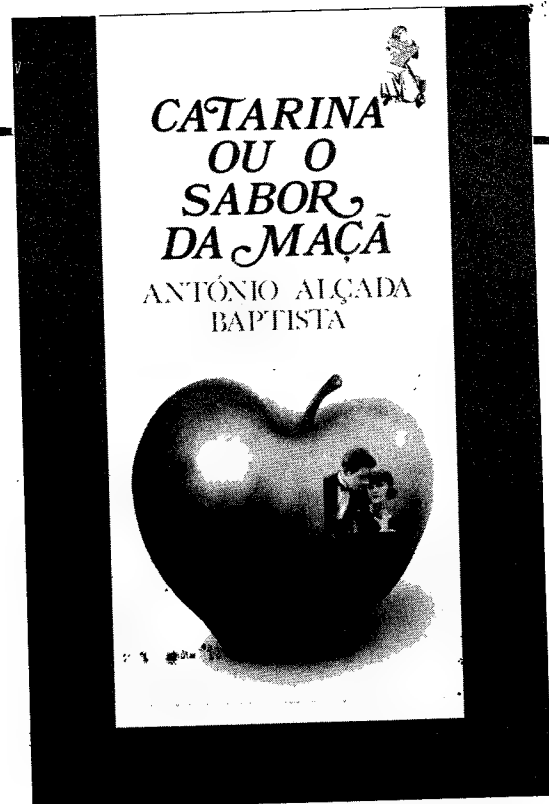
CATARINA OU O SABOR DA MAÇÃ

ANTÓNIO ALÇADA BAPTISTA

mais um lançamento na
coleção «AURA»

Volumes já publicados:

- A POMBA
Patrick Süskind
- 101 HISTÓRIAS ZEN
Nyogen Senzaki e Paul Reps
- O REENCONTRO
Fred Uhlman



EDITORIAL
PRESENÇA

Rua Augusto Gil, 35-A 1000 LISBOA Telef. 73 41 91

A Universidade sem paredes

por Marshall McLuhan

VIRÁ um dia em que as crianças aprenderão mais no seio do mundo que as rodeia do que entre as quatro paredes de uma sala de aula. E isto porque, nas cidades modernas em que vivemos, a informação, constante e diversificada, se insinua em todos os cérebros. Os actuais pedagogos notaram já que os educandos de quatro anos de idade passam o tempo do recreio a discutir as características e as velocidades comparadas de diferentes tipos de aviões de reacção... Conclusão surpreendente é aquela a que chegou, através de uma estatística conscienciosamente elaborada, o dr. Louis Bright, perito pedagógico americano: a maioria dos jovens que deixaram por concluir os estudos superiores evidenciam um nível intelectual superior ao dos diplomados.



Marshall McLuhan, filósofo americano dado a pensar o efeito das ciências no futuro, expõe, com grande objectividade e clareza, as técnicas pedagógicas dos tempos vindouros. Que, aliás, já se estão vivendo. Talvez que o texto seguinte possa parecer demasiado especulativo, mas é de uma especulação generosa, aberta, merecedor de toda a nossa atenção.

Ora tal fenómeno mostra que o ensino oficial está em crise. Gasta-se demasiado tempo na leccionação de matérias ultrapassadas, matérias que interessavam a um mundo que já não existe. E as reformas no ensino processam-se muito morosamente. O observador honesto, exacto, realista, terá de reconhecer, por exemplo, que, presentemente, os bancos e as companhias de seguros diferem muito do padrão antigo, e que a sala de aula, no entanto, continua a ser a sala de aula típica: o mesmo aspecto exterior, métodos idênticos, manutenção de um determinado conteúdo.

As exigências e a própria natureza da nossa época, época da nova

tecnologia, da electrónica e dos computadores, darão fatalmente origem a uma forma nova de educação destinada às gerações vindouras. Quando os bebés nascidos se tornarem futuros licenciados (caso as licenciaturas ainda se mantenham), à escola, tal como hoje a conhecemos, nada mais será do que uma recordação.

A educação de massa é filha da idade mecânica. Cresceu a par e passo com a produção em série — e atingiu a maturidade precisamente no momento histórico em que a civilização ocidental atingia o ponto culminante de fragmentação e de especialização. Neste contexto, a tarefa que competia à educação po-

dia definir-se de uma maneira bastante simples: avaliar as necessidades da máquina social e formar pessoas capazes de responder a essas necessidades. A função da escola não consistia, por conseguinte, em encorajar os indivíduos a conservar, durante toda a vida, o desejo de aprender, de explorar domínios novos, de evoluir. Tinha por objectivo, pelo contrário, controlar esse desejo de pleno florescimento e de evolução da personalidade. Todos os estudantes, quer nas humanidades, quer na ciência e na técnica, estavam munidos de um «esquema de conhecimentos»: um vocabulário, conceitos e uma visão do mundo muito particular.

A COMPETIÇÃO ENTRE INDIVÍDUOS ESTANDARIZADOS: UMA HERANÇA DO PASSADO

Consequências da especialização e da estandardização: as diferenças individuais esfumam-se e a competição transforma-se numa luta feroz. De um modo geral, o único meio de um indivíduo se distinguir do vizinho e do colega não era outro se não o de realizar o mesmo trabalho melhor e mais rapidamente. Principal força motriz da sociedade, a competição tornava-se na motivação essencial da educação. Daí a importância exagerada conferida aos exames e aos diplomas.

Por outro lado, assim como toda a produção em série trata os materiais em moldes invariáveis, a educação de massa desenvolveu a tendência para tratar os estudantes como objectos que se modelam e se manipulam. Instruir significava inundar de informações os alunos passivos. Os cursos — o modo de instrução mais utilizado na educação de massa — exigem um mínimo de participação por parte do estudante. Este procedimento — um dos menos eficazes postos em prática pelo homem — era suficiente, todavia, numa época em que se pedia ao ser humano uma fracção bem definida das suas possibilidades. Reconheça-se, todavia, que o produto humano desta educação de massa não oferecia grandes garantias.

Esta época terminou. Entramos, velozmente, numa idade inteiramente diferente. O desmembramento, a especialização e a uniformidade serão substituídas por noções de conjunto, pela diversidade e, sobretudo, pela participação profunda de toda a personalidade.

AS GRANDES CADEIAS DE PRODUÇÃO PERMITEM JÁ UMA INDIVIDUALIZAÇÃO LEVADA MAIS ALÉM

Aliás, já nos nossos dias, as cadeias de produção mecanizadas ce-

dem o lugar aos engenhos cibernéticos, sob «controlo» electrónico, perfeitamente aptos a produzir, a partir de determinado material, numerosas qualidades de objectos diferentes. De agora em diante, a maior parte dos automóveis americanos são, por assim dizer, fabricados ao gosto do cliente.

Calculando todas as combinações possíveis de estilos, versões e cores, para um certo tipo de automóvel de «sport» familiar, por exemplo, um computador pode estabelecer 25 milhões de versões diferentes. E isto não passa de um começo. Quando a produção electrónica automatizada tiver atingido o auge das suas possibilidades, não sairá mais caro o fabrico de um milhão de objectos diferentes do que o de um milhão de exemplares do mesmo modelo. Os únicos limites impostos à produção e ao consumo serão os da imaginação humana.

A própria tecnologia, que exige um novo género de educação, cria também os meios de a estabelecer. Mas seja qual for a sua real importância, os novos instrumentos educativos estão tão longe de ser essenciais à escola do futuro como as tarefas novas que presentemente incumbem aos alunos e aos professores. Os cidadãos dos anos futuros serão cada vez menos tentados pelo conformismo, não sentirão a necessidade de partilhar funções e pontos de vista idênticos. Pelo contrário: serão recompensadas a originalidade e a diversidade. Os cursos estandardizados não terão sentido. A primeira vítima da revolução pedagógica será, sem dúvida, o curso docente, paternalista, que todos nós conhecemos.

Instrução em liberdade: florescimento da personalidade

O educador de amanhã poderá dedicar-se a uma tarefa apaixonante: criar para os seus alunos um ambiente educacional novo. Os estudantes circularão livremente no novo estabelecimento de ensino... Não haverá uma linha de demarcação entre o estudo e o recreio. O estudante instruir-se-á vivendo em toda a extensão da sua personalidade. A personalidade será aplicada no processo educacional.

No estado de coisas actual, o professor tem os alunos à sua mercê: aqueles que não fazem o *jogo tradicional* são preteridos. Se, porém, os estudantes usufruírem da liberdade de fazer, em matéria de estudo, o que muito bem desejarem, a situação mudará completamente. O educador, posto perante a liberdade do aluno, interessar-se-á vivamente em cativá-lo para o seu ensino.

Participar significa tomar parte e pressupõe interacção. O estudante, pois, deve agir sobre o ambiente, ambiente que, por sua vez, também

o modela. Uma vez estabelecida uma situação de participação, será difícil para o estudante dispensá-la.

A objecção segundo a qual a liberdade do estudante, no estabelecimento de ensino, concorre para o caos, assenta unicamente na concepção actual da educação. É ainda a sala de aula, típica, quatro paredes que olham o aluno. E o que interessa é uma interacção livre com um ambiente estimulante. (...) Observe-se, por exemplo, uma criança de cinco a seis anos a tentar aprender uma língua estrangeira. Instalado no país em que essa língua se fala, essa criança, em contacto com os da sua idade, aprenderá a expressar-se no novo idioma em pouco mais de dois ou três meses. E sem sotaque — sobretudo, note-se, se não frequentar nenhum curso. Caso frequente um curso, deparará com dificuldades na aprendizagem da língua.

O MELHOR MEIO DE APRENDER: O AMBIENTE EDUCACIONAL

Imagine-se essa criança de cinco anos numa sala de aula: ei-la sentada na sua carteira, donde se verá levantar somente a uma hora



elecida
o, será
nsá-la.
al a li-
tabele-
para o
a con-
e ainda
pare-
que
e com
(...)
uma
tentar
geira.
sa lín-
n con-
rende-
dioma
es me-
etudo,
enhum
curso,
s na

cinco
a sen-
se
a hora

fixa; é-lhe apresentado um certo número de palavras para decorar; chamam-lhe a atenção para certas faltas de pronúncia, ensinam-lhe gramática, marcam-lhe deveres para casa, obrigam-na a fazer redacções e — o que é pior — convencem-na de que tudo isso é um trabalho e não uma forma de folgar. Neste contexto, a criança aprenderá essa nova língua tão lenta e penosamente como o fazem os adolescentes e os adultos. Se um adulto tentasse aprender uma língua estrangeira à maneira infantil, isto é, através da brincadeira e da interacção intensiva, obter-se-iam provavelmente melhores resultados do que os conseguidos através de um curso — mas nitidamente inferiores aos logrados por uma criança. Porquê? Porque o adulto já aprendeu a lição que o ensino tradicional nos inculca de modo expressivo: inibição, constrangimento, classificação por categorias, rigidez — a profunda convicção de que aprender é uma tarefa penosa e difícil. De facto, a educação tradicional tem o condão de nos fazer desgostar de qualquer actividade humana, por mais sedutora que seja essa mesma actividade. Caso se pretenda que as crianças deixem de ler as tão faladas bandas desenhadas (o que seria uma péssima ideia), bastará que se lhe exija um resumo das histórias no fim de cada semana.



OS COMPUTADORES EXALTAM A DIVERSIDADE DOS ALUNOS

Quando correctamente utilizados, os computadores exaltam, quase imediatamente, a personalidade dos alunos. Uma rede mundial de computadores permitirá aos estudantes a possibilidade de terem à sua disposição, em alguns segundos ou minutos, a totalidade dos conhecimentos humanos sobre um determinado assunto. A partir desse momento a memória poderá ser

utilizada de uma maneira diferente da que, até agora, tem sido usual. Na educação do futuro, impor-se-á com mais urgência o estilhaçar dos quadros seculares e rígidos da memória do que a elaboração de novas associações de factos suplementares. Assimilaremos as matérias novas exactamente como os nossos antepassados se deixavam impregnar dos grandes mitos das civilizações antigas, entendendo-as como sistemas absolutamente coerentes, falando à nossa sensibilidade de um exemplo da poesia e da música.

Os computadores escolares centrais poderão ser igualmente encarregados de tarefas de carácter administrativo: registar, por exemplo, a livre circulação dos estudantes, circulação de uma actividade para outra, o que permitirá estabelecer rapidamente, todas as vezes que se deseje, o balanço quotidiano ou anual do seu progresso.

A televisão auxiliará os alunos a explorar e a tomar contacto com os meios mais diversos. Permitir-lhes-á, por exemplo, a observação de um átomo ou do espaço; a visão do próprio electroencefalograma; a intimidade com modos de vida insólitos antigos ou novos, e de formas desconhecidas de sensibilidade e de percepção, através da criação artística de motivos luminosos e sonoros; a comunicação, enfim, com outros estudantes em qualquer ponto do mundo.

A UNIVERSIDADE FUTURA: UNIVERSAL, PERMANENTE, ABERTA, COMPOSTA DE PESQUISADORES ORIGINAIS

O estudante do futuro será verdadeiramente um explorador, um pesquisador, um caçador que sulcará o novo mundo da educação, um mundo sob o signo da electrónica e do diálogo — exactamente como o caçador dos tempos pré-

históricos explorava a floresta. As crianças, inclusive as mais jovens, quer isoladamente quer em grupo, buscarão soluções para problemas até então por resolver ou ainda não enunciados.

Os educadores de amanhã não recearão nem as contribuições novas, nem as soluções da época. Pelo contrário... Aliás, uma das primeiras tarefas dos educadores consistirá na demolição dos velhos tabus que impedem toda a verdadeira originalidade. Talvez deem uma olhadela para o passado, mas sondarão o desacostumado e as perspectivas desconhecidas.

Quais serão as motivações do estudante dos dias vindouros? Uma vez que se dará demasiada importância às diferenças individuais, a competição sob a forma actual mostrar-se-á fora de propósito e de todo impossível de se efectivar. (...) Os exames serão considerados supérfluos e os diplomas de hoje destituídos de sentido. A motivação terá origem no sentimento do dever — e se alguém objectar que o tempo livre que sobeja ao aluno lhe será pernicioso, poder-se-á retorquir que esse ócio será aplicado em novas descobertas, em novas investigações. Não haverá limite para o que se poderá aprender.

UMA PERSPECTIVA IMENSA E NEGLIGENCIADA: O DESENVOLVIMENTO DAS FACULDADES SENSORIAIS

Só agora é que começamos a compreender a que ponto a educação actual restringe o indivíduo e não desenvolve senão uma pequena parte das possibilidades humanas. Ao fragmentar a existência, a civilização ocidental isolou um dos seus aspectos — o intelectualismo — e desenvolveu-o sacrificando todo o resto.

Ora acontece que, através de nu-

merosos estudos, se chegou à conclusão da existência de uma correlação elevada entre o desenvolvimento físico e sensorial (actualmente bastante negligenciado) e a inteligência.

Para já, em certas classes experimentais, utiliza-se o magnetofone quando os alunos se dedicam à redacção, o que permite o desenvolvimento do sentido auditivo e equilíbrio do sentido do ritmo, durante muito tempo desprezado na linguagem. (...) Em 1989, aprender-se-á uma porção de coisas que, presentemente, são apenas uma designação.

Poder-se-á calcular o futuro? Não: o futuro surpreende-nos quando menos o esperamos. Mas as nossas tentativas para decifrar o futuro ajuda-nos a compreender o presente. E este presente oferece-nos, por vezes, relances do futuro: vemos crianças de sete anos sentadas diante de cérebros electrónicos, adquirindo, ao seu próprio ritmo, todas as técnicas de base — leitura, escrita, etc.; crianças de oito anos aprendendo, através de passatempos, o que nós designamos por Matemática e Lógica; crianças de nove anos reunidas em tendas de plástico na tentativa de reconstituição de um ambiente que, pela experiência usufruída, se assemelha à vida numa nave espacial, à existência durante a Idade da Pedra ou durante o século XIX; crianças de dez anos em convívio com garotos de cinco para apreensão dos mecanismos fundamentais (ainda desconhecidos actualmente) das relações humanas; etc.

De bastião isolado, a Universidade integrar-se-á na comunidade. E nela não se aprenderá um meio de ganhar a vida, e sim um meio de viver. Um dia, enfim, todos nós, passaremos a vida na nossa própria escola: o mundo da memória cibernética e da comunicação. O mundo cada vez mais perto da nossa inteligência e da nossa compreensão: o mundo a todos os instantes decifrado e enriquecedor da nossa personalidade...



Strindberg

Continuação da pág. 2

bém não queria, pelo seu lado, saber de nós; não mais esquecerei o enigmático sorriso de Strindberg quando Hermann chamava o rapaz: «Ele despreza-nos.» E neste sorriso, e nesta entoação vivia todo um mundo de recriminações, de coisas misteriosas e terríveis sobre as quais melhor será não nos determos mas que haveis de compreender bastante sem ser necessário eu referi-las. «Ele detesta-nos.»

Segundo me lembro, enquanto lidei com Strindberg só uma vez consentiu em ir à casa de Hermann. Tinha sempre razões excelentes para justificar a recusa, e a verdade é que sentia horror físico em ir a lugares que lhe não estavam nos hábitos, ao mesmo tempo que um alto conceito de si próprio lhe não permitia aventurar-se em passos que fossem capazes, talvez, de o diminuir. Um dia, porém, mais fortes circunstâncias se impuseram e Strindberg acompanhou-me ao sexto andar que o nosso amigo Hermann ocupava. Terrível escada em caracol, onde duas pessoas não podiam subir a par, visita feita a telas, a estampas. Dissertações e conversa aqui com um quarto amigo comum que também lá estava. Deu-se no entanto o caso de uma mulherzinha bastante decente, amante do nosso amigo Hermann, ter assistido àquele falatório durante uma hora. Sentada à frente de uma janela, de olhos perdidos num qualquer devaneio distante, não teve oportunidade de dizer uma palavra, sequer... Quando descemos, dei a saber a Strindberg o meu espanto e perguntei-lhe o que pensava da enigmática e emudecida mulher. Não respondeu. Mas porque insisti e declarei, entontecido, «que dava sei lá o quê para saber o que ela pensava», respondeu com um sorriso expressivo:

— Pois eu sei, não pensava em nada.

Desde aí não mais consentiu galgar aqueles seis andares. Não que estivesse zangado com Hermann. Julgo eu que Hermann foi o único homem que se deu com ele sem nunca se zangar.

Rompeu violentamente com o seu velho amigo Munch, invocando pretextos misteriosos e, ao que me parece, nitidamente delirantes.

Eu próprio tive ocasião de avaliar o comportamento deste amigo sueco.

Muitas vezes, quando eu lhe fazia as minhas visitas vesperais, me mostrou pequenos grãos de metal amarelado, no fundo de uma velha panela, e disse que eram ouro. Desagradavelmente impressionado com estas manifestações pueris, da parte de um homem como ele, sempre desviei a conversa e realmente consegui furtar-me através de complacentes generalidades e improvisadas piruetas.

Mas numa noite de sábado Strindberg voltou à carga com maior insistência do que era seu hábito. Estava convencido de que tinha realizado a Grande Obra; afirmava que as partículas metálicas que ali víamos eram ouro. Ouro? Porquê? Simplesmente porque estava convencido disso. Não efectuava nenhuma comprovação, nenhuma análise, e julgo mesmo que



o seu equipamento químico era rigorosamente nulo, para além de um mau bico de gás. No entanto, porque as suas afirmações tranquilas me não permitiram a escapadela do costume, e porque desenvolveu um tema que lhe era habitual ou seja, que ele, oficioso investigador num miserável quarto de hotel, acabava de fazer uma tão maravilhosa descoberta, mas que ninguém queria acreditar nela, nem alguma vez ele chegaria sequer a divulgá-la, acedi responder-lhe abertamente:

— Hoje é sábado mas prometo-lhe, se me quiser deixar tratar do caso, que na próxima semana o mundo inteiro, do pólo ao equador, saberá da sua descoberta.

Aquiesceu a tudo quanto lhe pedi. Não passava, aliás, de uma formalidade anódina. Eu conhecia um químico em condições de poder verificar aquela experiência e logo depois comunicá-la à Academia das Ciências; bastava que Strindberg consentisse em repeti-la à sua frente e lhe deixasse fazer todas as confirmações que fossem necessárias. Tudo isto lhe pareceu bastante natural e o encontro ficou marcado para a segunda-feira seguinte (pois não devia deixar-se esmorecer semelhante descoberta); e mudámos de assunto.

Nessa noite despachei-me mais cedo e fui à casa do meu amigo químico. Quis a má sorte que ele estivesse ausente de Paris e o encontro só pudesse realizar-se dali a dias.

Sem perder um instante, logo na manhã seguinte fui ao hotel de Strindberg, cerca das onze horas, para informar o alquimista deste lamentável contratempo.

— O Senhor Strindberg? — perguntei.

Nessa manhã tinha partido com todas as malas, para a Suécia. E só pelos jornais voltei a ouvir falar dele.

1 Paul Hermann, pintor americano de origem alemã, que fez um retrato de Strindberg, e surge em *Inferno* como personagem e alvo de extravagantes suspeitas do autor. (AF).

2 Não é exacto. Strindberg escreveu *Inferno* em Lund, na Suécia, e voltou a Paris durante oito meses para tratar da sua edição. Os factos referidos neste texto referem-se à primeira estada, quatro anos antes. (AF).

3 Factos esses relatados no Cap. X de *Inferno*. Edward Munch aparece no livro designado por «pintor dinamarquês», apesar de ser norueguês. (AF).

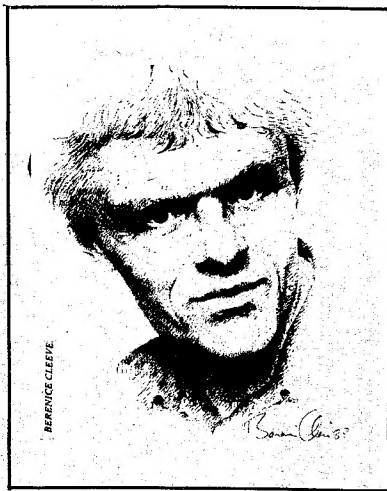
A graça solar de Bertrand Visage

REALISMO e graça: já era a aliança de *Tous les soleils*, o romance precedente de Bernard Visage, prémio Femina de 1984. O romancista afina, com este novo livro, a combinação de aspereza trágica e de alegria solar, de maldição terrestre e de evasão imaginária, incarnando a ambiguidade da Sicília no destino de uma jovem: *Angelica*.

Angelica consegue vencer as provações da sua adolescência — a partida da pequena ilha natal de Favignana, o exílio em Palermo, na ala vetusta e sem água de um antigo palácio, o casamento forçado com um oficial de diligências grosseiro e indiferente, graças à sua «malícia de selvagem, em perpétuo alerta». Para Bertrand Visage nada é seguro na Sicília, os sentimentos e as caras são aleatórias, os homens são submetidos a incessantes transplantações que os levam à decadência.

O pai de Angelica, Joaquim Ximenes, torna-se a sombra de si próprio quando, devido ao declínio da sua direcção, é obrigado a abandonar a pesca do atum que, no momento em que os peixes penetravam na «câmara da morte», tomava o aspecto de um ritual mítico. Abandonado pela «maestria» — era qualidade oculta que o ligava à aristocracia do trabalho, — deixa-se consumir pela terrível lentidão de Palermo, até sucumbir a «um grande coma solar».

Os seus companheiros de trabalho, em busca de uma pensão de invalidez sentida como «o salário da malícia», vivem tristes e desocupados ao longo das ma-



nhãs vazias da cidade siciliana. Os habitantes desalojados do palácio da Rua Abatellis são obrigados a regressar às escondidas para voltar a encontrar um pouco da sua existência passada, sentando-se alguns instantes no silêncio das «belas varandas mortuárias».

Porque Palermo — cujo fausto corrupto, cujo arruinado esplendor, são maravilhosamente descritos por Visage — estende-se como um corpo contaminado, das cores do abcesso e entregue às moscas que «sugam as feridas das telas». O marido de Angelica, Cesar Imposimato, incarna a permanência oprimida da cidade, o torpor dos seus sentimentos aniquilados. Obcecado pela graça furtiva de Angelica, de quem só vê um medalhão de pele branca quando lhe dá uma injeção, pede-a em casamento a fim de juntar os losangos do seu corpo, «ajustar o cetim da sua pele e o veludo dos seus olhos».

Nunca a possuirá verdadeiramente porque Angelica evade-se do «poço negro da sua existência» devido à sua faculdade de sonhar, à sua capacidade de desdobramento mágico. Quando «a avalanche» do desejo do marido se abate sobre ela, ela olha para o lagarto, preso no teto pelas suas patas rosadas, como para «uma parcela de eternidade». A sua vagabundagem mental, a sua facilidade de crer que está a comer um ouriço-do-mar no momento preciso de um abraço a que é obrigada, salvam-na e comunicam ao romance a sua poesia nómada. Mas é sobretudo o mar que faz de Angelica uma «miraculada» ao trazer-lhe um afogado magnífico com a sua «catedral de músculos». Quando pede às colegas que dispam o afogado, ela talvez tente reencontrar os gestos de um cerimonial lendário que data do nascimento da ilha. Ele acabará, no entanto, por se confundir com a areia cinzenta de uma praia.

Tal como Angelica, o leitor sente-se intrigado por esses «enigmas opacos» da natureza que já tinha desviado a rota dos atuns ao largo de Favignana. Enquanto que o seu livro toma o ar aéreo de um conto, Bertrand Visage deixa as interpretações crescer como ervas selvagens. Sob a prosa lisa, ele aventura-se para as profundidades turvas da alma siciliana. Ele consegue restituir-lhe a beleza complexa graças à sua arte do trágico sorridente, na sua maneira límpida e grave de jogar com a fábula.

Jean-Noel Pancrazi

* Angelica, de Bertrand Visage, Seuil, «Fiction et C.»

Apontamentos

Que é a palavra?

A o princípio era o verbo...

Ao princípio do homem, porém, não era sequer a palavra (que é, aliás, a palavra? — interrogar-se-ão muito mais tarde, os linguistas...). Ao princípio do homem — tem-se vindo a aceitar, quando mais não seja como mera hipótese de trabalho —, era apenas um acervo, informe porque inominado, sincrético, de condições, de forças que, desde logo e em muito, «explicariam» esta humana condição.

A palavra chegou o homem, pode dizer-se que a pulso. A pulso porque a foi forjando ao longo da sua aventura de milénios, idades densas de risco («noites de pedra» impostas pela necessidade cega de uma natureza adversa, reconhecidamente tão adversa que suscitará inclusivamente o protesto indignado de homens como Voltaire, decorria o «século das luzes»...), tempos prenhes de mistérios e povoados de deuses...

Plasmada pela necessidade — insofismável — da comunicação entre os homens, a palavra foi veiculando noções, conceitos, narrativas as mais diversas, promovendo, a bem dizer por todo o lado, o desa-

brochar e afirmar de uma, quase sempre vasta, literatura oral.

...Literatura oral a que se tem seguido — nos países que se assumem como civilizados, como tais se deixando prender nas teias da História, ou seja, na cruel irrevocabilidade do tempo assumido como histórico... —, a que se tem seguido uma, em alguns casos cada vez mais rica, literatura escrita.

Na base de tudo — e muito tem sido o que o homem, sedento sempre de imaginário, tem criado —, a palavra, a língua, este verbo inamoldável que, classificando e trabalhando a matéria, vai, incansavelmente, desbravando os caminhos do espírito.

Caminhos esses, que só a aturada vivência, a cruciante e multiforme experiência do homem permite divisar.

De Saussure a Barthes, passando por muitos outros nomes não menos ilustres, têm os linguistas tentado surpreender o signo em todo o seu alcance semiológico, na economia da sua inserção no tecido psicossocial do humano.

Não foi ainda possível à lingüis-

tica — o que se vai reconhecendo de forma cada vez mais consciente e assumida, neste render do século — penetrar, em toda a profundidade, no objecto do seu estudo, desse mergulho exaurindo as leis gerais que importa buscar.

Muito, porém, se tem feito já. O estudo científico das línguas, tanto do seu código oral como do seu código escrito, tem vindo a progredir de forma notável, sobretudo no que tange aos idiomas de maior implantação.

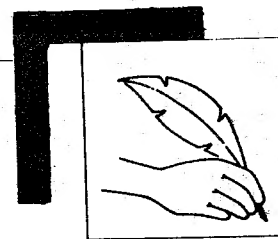
Por outro lado, *pari passu* com o desenvolvimento das ciências da linguagem e da pesquisa semiológica, avançam os estudos literários.

Começam, assim, a ser outros, e não só no que à literatura diz respeito, os ouvidos que ouvem, os olhos que lêem.

Outros — e mais exigentes. Como convém. A consolidação das culturas não pode deixar de passar, hoje, por uma mais profunda consciencialização das suas diversas vertentes, aspectos, elementos...

M.A.A.

Acabados de Chegar



Senilidade, Italo Svevo, Relógio d'Água

Italo Svevo foi um dos principais renovadores da moderna ficção italiana. Em **Senilidade**, dissecou ironicamente a alma de personagens arrancados a uma cidade de província. Não quebraremos o «suspense» se dissermos que um intelectual, confuso e tímido, se apaixona por uma bela mulher de família operária... O então jovem poeta Eugénio Montale escreveu sobre Svevo: «Os seus livros surpreendem pela modernidade. Parecem antecipar as mais exigentes preocupações da arte europeia contemporânea... Este desconhecido é um segundo Proust.» Como vê, leitor, **Senilidade** deve ser mesmo um livro para ler. — Tradução de Maria Luísa de Freitas e capa de Luís Miguel Castro sobre pintura de Renoir.

O Romance Possível, Marianela de Vasconcelos, Barca Nova

«De entre oitenta romances que tive de ler para o concurso «Círculo de Leitores», um dos que me chamaram a atenção foi **O Romance Possível**. Pela frescura, pelo humor, por uma certa e amorável simpatia humana que não exclui a agressividade irónica ante o mundo das velhas convenções. Há



uma constante vibração neste texto, onde o sujeito da enunciação está muito marcado, denunciando a personalidade forte, a ânsia de comunicação directa, a expressão da **imago mundi**. E, afinal, a história é simples: Maria casou e descasa e torna a amar, sempre contemplada apaixonadamente por João, o deslumbrado amigo, em cujo olhar ela se espelha em perfeição... — Estas são palavras de Urbano Tavares Rodrigues num incisivo prefácio a este livro, sobre o qual, oportunamente, nos iremos debruçar. — Capa de Luís Ruas, sobre um original de Carlos Canhão.

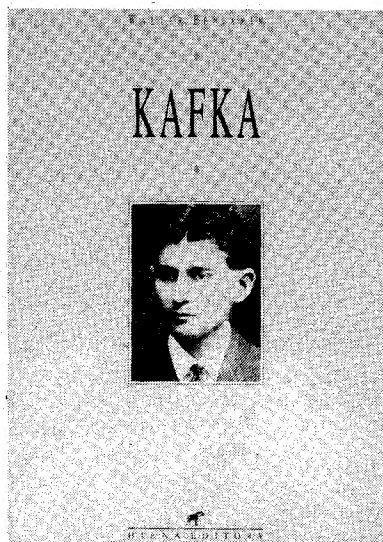


O Universo Aberto, Karl Popper, Dom Quixote

Quem se dá à Filosofia, sabe que as ideias de Popper constituem o mais importante desenvolvimento da Filosofia do século XX. **O Universo Aberto** é o segundo volume da trilogia de Karl Popper **Pós-Escrito à Lógica da Descoberta Científica**, que as Publicações Dom Quixote têm estado a editar na sua Biblioteca de Filosofia. Embora redigida desde há cerca de trinta anos, a presente trilogia só circulara entre grupos restritos sob a forma de manuscritos ou de provas tipográficas, apenas tendo de facto sido publicada em 1983.

O Universo Aberto apresenta-nos porventura aquela que constitui a tese central da presente trilogia. É o próprio autor quem decreta este volume como «uma espécie de prolegómeno à questão da liberdade e da criatividade humanas, fundamentando-a sísica e cosmologicamente de um modo que não depende de análises verbais».

Este segundo volume do **Pós-Escrito** evoca ainda uma diferente interpretação da história da Física dos últimos cinquenta anos, defendendo a ideia de que, ao contrário do que habitualmente se pensa, nem a física clássica nem a física quântica pressupõem ou implicam a adopção do determinismo. — Refira-se que o assessor editorial da Biblioteca de Filosofia da Dom Quixote é Manuel Maria Carrilho, do Departamento de Filosofia da Universidade Nova de Lisboa. Tradução de Nuno Ferreira da Fonseca e capa de Fernando Felgueiras.



Kafka, Walter Benjamin, Hiena Editora

Um livro, este, que exige lugar nas nossas estantes. A tradução é de Ernesto Sampaio, bem como a introdução, a qual, pela elegância de escrita e síntese de um momento crucial do nosso mundo contemporâneo, merece, sem dúvida, transcrição na íntegra, o que, em momento propício, será concretizado.

Que se repita: um livro que não pode



As Naus

— novo romance de Lobo Antunes

As Naus — este o novo romance de Lobo Antunes, hoje apresentado na Tágide aos órgãos de Comunicação Social por Francisco José Viegas. Quem (nos bastidores) já o leu, emite a opinião de que é a consagração daquele escritor. Outras vozes (entendidas na

escrita) dizem ainda de que se trata de um romance muito diferente dos outros que saíram da pena de António Lobo Antunes. Os leitores dirão. **As Naus**, pois, navegando na atenção de próxima leitura... Edição Publicações Dom Quixote

O eu nos outros

CORRENDO, correndo sempre, atirando com as pessoas para a direita e para a esquerda, o carteirista, com um polícia atrás, imiscuía-se pelas ruelas e escadinhas mais escondidas do bairro. O grito de «agarra, que é ladrão!» já não lhe chegava aos ouvidos — e só o tiro disparado para o ar lhe dava ainda aquela fúria de se escapar, de se esconder, de se sumir dos olhos da farda na sua peugada.

Com os pulmões na boca, meteu-se por um portal sem número, galgou umas escadas de tábuas

desprendidas, achou-se num pátio escuro, frente a uma porta fechada. Bateu, a porta abriu-se, uma mulher com uma vassoura na mão a recuar perante ele... O carteirista caiu de borco sobre uma cama desalinhada, disse «feche a porta, por Deus!», e ficou-se depois a respirar ruidosamente, o suor nos sovacos a alastrar pela camisa preta.

— Estão a bater à porta — ciciou a mulher, encostando a vassoura à parede. — Esconda-se debaixo da cama! Depressa! Eu tenho de abrir!

O carteirista deixou-se cair no soalho e gatinhou, lesto, para debaixo da cama. A mulher gritou «Já vou», agarrou na vassoura e abriu a porta.

Esfarrapando as palavras, o polícia perguntou, encostando-se à ombreira:

— Não... entrou... aqui... o filho... da mãe... de um...

A mulher só fez:

— Como...?

O polícia olhou o saguão, a cama ao longe, uma água a ferver no fogão, uma toalha com manchas de café. Arrepanhando o suor que

lhe cobria a cara, já mais seguro nas pernas, de novo perguntou se ali não entrara um malandrão que momentos antes deitara a mão a uma carteira.

— Não, senhor guarda — disse a mulher. — Aqui só estou eu. Ouvi um tiro, ouvi, mas...

Quando o polícia se retirou, a mulher foi-se à cama e disse para baixo:

— Saia daí, e ponha-se na alheita, que o tipo já se foi!

Só o silêncio, no entanto, lhe respondeu — e não tardou muito que ela se apercebesse, com um

grito, que o homem escondido estava morto, as mãos sobre o coração. Olhando-lhe a cara, viu que era um homem de meia idade, a barba por fazer, uma carteira a sair-lhe de um dos bolsos das calças... «Meu Deus!» — murmurou. Depois, a mão receosa, apossou-se da carteira, abriu-a, contou dez, vinte, trinta contos... Sentada no chão, as notas caídas no regaço, como quem nada vê, perdida como ninguém, ficou-se ali à espera... À espera... à espera de quê, à espera de quem...?

Pedro Alvim

As mãos inocentes